



INDISCRETO

charles dubow



Companhia
Editora Nacional

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

INDISCRETO

Charles Dubow

INDISCRETO

Tradução: Ivar Panazzolo Junior



Sumário

Capa

Página de Título

Direitos Autorais

Prólogo

VERÃO

1

2

3

4

5

6

7

OUTONO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

INVERNO

1

2

3

4

5

6

7

8

PRIMAVERA

1

2

3

4

5

6

7

8

9

Epílogo

Agradecimentos

Para Melinda

*E cosi desio me Mena.
(E assim o desejo me leva.)*

PETRARCA

Grandes amantes jazem no inferno...

JOHN CROWE RANSOM

Prólogo

O poeta A. E. Housman escreveu sobre “A Terra do Con-teúdo Perdido”, dizendo que nunca conseguirá voltar ao lugar onde foi tão feliz.

Quando eu era mais novo, admirava imensamente o sentimento do poema porque não era velho o bastante para perceber o quanto era banal. Os jovens invariavelmente acalentam sua juventude, incapazes de imaginar a vida depois dos trinta. Entretanto, a noção de que o pas-sado pode ser mais idílico é absurda. Nós nos lembramos da nossa inocência, braços e pernas fortes, desejo físico. Muitas pessoas estão acorrentadas pelo seu passado e são incapazes de olhar para a frente com qualquer grau de segurança, não só por não acreditarem no futuro — na realidade, não acreditam em si mesmas.

Mas isso não nos impede de lançar um brilho cor-de--rosa sobre nossas memórias. Algumas memórias queimam com mais intensidade, seja porque têm um significado mais forte, seja porque assumiram maior importância em nossa mente. Os feriados acabam por se mesclar e se misturar; nevascas, nadar no oceano, atos de amor, segurar nas mãos de nossos pais quando ainda somos bem pequenos, enormes tristezas. Mas há muitas coisas que esquecemos, também. Eu esqueci muitas coisas — nomes, rostos, diálo-gos brilhantes, dias, semanas, anos, coisas que jurei nunca esquecer, e, para preencher as lacunas, reúno acontecimentos do passado ou os recrio inteiramente. Tal situação aconteceu comigo ou outra pessoa? Fui eu quem quebrou a perna esquiando em Lech? Fugi dos carabinieri depois de uma noite de bebedeira em Veneza? Lugares e ações que parecem tão reais que podem ser inteiramente falsos, baseados apenas em impressões de uma história contada naquela época e depois, de algum modo, inconscientemente tecidas na trama de nossa vida.

Depois de algum tempo, a história se torna real.



VERÃO



1

ONZE DA MANHÃ. O quintal das casas passa ruidosamente por mim. Aqui e ali uma piscina elevada acima do solo, móveis para o terraço descartados, bicicletas enferrujando. Cachorros latindo, amarrados com cordas. Gramados secos. O céu é de um azul pálido, o calor do início do verão ainda começando a se desdobrar. A cada quinze minutos, mais ou menos, o trem para. Entram mais pessoas do que saem.

Os banhistas de fim de semana procuram por assentos vazios em meio ao trem lotado, barulhento e fortemente iluminado. Trazem sacolas estufadas com protetor solar, garrafas de água, sanduíches e revistas. As mulheres usam trajes de banho debaixo da roupa e explosões de cores fluorescentes ao redor de seu pescoço. Os homens, jovens, tatuados e musculosos, com os fones de seu iPod enfiado nas orelhas, usam bonés com a aba virada para trás, bermudas e chinelos, com toalhas jogadas ao redor de seu pescoço, prontos para um sábado na praia.

Claire está entrando com eles. Mas não está com eles. Também não estou lá. Ainda não nos encontramos, mas posso imaginá-la. Se fechar os olhos, ainda consigo me lembrar do som de sua voz, de seu jeito de andar. Ela é jovem, atraente e vai rapidamente em direção a um destino que vai mudar sua vida, e a minha, para sempre.

Ela se encolhe contra a janela, tentando se concentrar em seu livro, mas levanta os olhos das páginas de tempos em tempos para observar a paisagem que passa ao lado. O sacolejar do trem a deixa com sono. A viagem parece levar mais tempo do que realmente leva, e ela deseja já estar em seu destino. Silenciosamente, tenta fazer que o trem ande mais depressa. Sua mochila, a mesma que levou em suas viagens pela Europa, está no assento a seu lado, e ela espera que ninguém lhe peça que a tire dali. Ela sabe que é grande demais, e parece que está vindo para

passar uma semana ou um mês, não apenas uma noite. Sua colega de quarto levou a outra mala, aquela com rodinhas que as duas com-partilham, em uma viagem de negócios. Ela abre seu livro e tenta se concentrar nas palavras outra vez, mas não adianta. Não que seja um livro ruim. Teve vontade de lê-lo desde que chegou às livrarias. O autor é um de seus favoritos. Talvez ela o leia mais tarde, na praia, se tiver tempo.

O condutor passa para recolher o canhoto dos bilhetes. Ele tem um bigode farto, avermelhado, e está vestindo uma camisa envelhecida azul-clara, de mangas curtas e um quepe redondo, azul-escuro. Já fez esse trajeto centenas de vezes. — Speonk — ele entoa, com a voz anasalada, alongando a última sílaba. — Próxima estação, Spe-onnnnk.

Ela consulta o folheto que tem na mão. Faltam apenas algumas estações.

Em Westhampton, os banhistas começam a descer do trem em pequenos grupos. Alguns se encontram com amigos que têm carro. Cumprimentos, apertos de mão e risos. Outros ficam por ali e tentam se orientar no estacionamento banhado pelo sol, pressionando seu telefone celular contra a orelha. Suas aventuras já estão começando... Ela recoloca o folheto no bolso. Tem de esperar mais 38 minutos até chegar a seu destino.

Na estação, Clive está esperando. Vá para a esquerda quando sair, ele lhe disse. Estarei lá.

Ele é alto, loiro e inglês. A fralda da camisa cara que veste não está colocada por dentro da bermuda. Ela nunca o viu com esses trajes antes. Ele é bem bronzeado. Faz apenas uma semana desde que o viu pela última vez, mas ele lhe dá a impressão de que viveu aqui a vida inteira. Que os ternos sob medida que normalmente veste parecem pertencer a algum outro homem.

Ele se inclina para beijá-la no rosto e pega sua mala.

— Quanto tempo pretende ficar, exatamente? — ele pergunta, com um sorriso.

— Eu sabia que você ia dizer isso — ela responde, com um muxoxo. — Não precisa entrar em pânico. Dana levou a mala boa.

Ele ri tranquilamente e começa a caminhar, dizendo:

— Estacionei ali adiante. Imaginei que a levaria para casa e depois poderíamos sair todos juntos para almoçar.

Ela ouve a menção de outras pessoas e fica surpresa, mas tenta não demonstrar.

— Venha passar o fim de semana aqui — ele dissera, tocando-lhe o ombro com os lábios. — Quero que você venha. Vai ser bem tranquilo. Apenas nós. Você vai adorar.

Ele abre a porta de seu carro conversível, com espaço apenas para o motorista e o passageiro, e joga a mala por trás dos assentos. Ela não entende nada sobre carros, mas sabe dizer que esse é um belo modelo. A capota está baixada e o cheiro forte do couro está agradavelmente quente contra a pele nua da parte detrás de suas pernas.

Embora seja mais velho do que ela, ele tem a jovialidade comum dos homens que nunca se casaram. Mesmo se viajam com uma mulher, há um ar de despojamento a seu redor, como se nunca houvessem sentido o peso de nada que não fossem seus próprios desejos.

Quando ela o conheceu, em uma festa em um loft em Tribeca, e depois no restaurante e, posteriormente, na cama, ele parecia um garoto que voltou para a casa da sua família para passar o natal, e que tentava conseguir o máximo de prazer antes que tudo estivesse terminado.

— Então, quem mais está ficando com você? — ela não quer fazer que aquilo soe como uma acusação.

— Ah, apenas o restante do meu harém — ele diz, pis-cando o olho. Estendendo o braço, ele pousa a mão sobre a coxa dela. — Não se preocupe. Clientes. Se autoconvidaram no último instante, e eu não consegui dizer não. Desculpe.

Eles passam por cercas vivas altas, atrás das quais há vislumbres ocasionais de casas grandes. Trabalhadores mexicanos, ou talvez guatemaltecos, vão de um lado para o outro, empurrando cortadores de grama, podando galhos, limpando piscinas, organizando pilhas de cascalho, com suas velhas caminhonetes estacionadas inofensivamente à beira da estrada. Há outras pessoas nas estradas também. Homens e mulheres correndo,

alguns pedalando sua bicicleta, uma ou duas babás empurrando carrinhos de bebê. A luz do sol brilha por entre as folhas. O mundo inteiro parece ser um lugar bem cuidado, verdejante e privado.

Eles entram por uma rua de cascalhos ladeada por mudas recém-plantadas.

— Nem posso lhe dizer quanto tempo demorou para conseguir deixar esse lugar pronto — diz Clive. — Quase estrangulei meu empreiteiro quando ele me disse que não ficaria pronto antes do Memorial Day. Só conseguiram terminar a piscina na semana passada. Dá para imaginar? Eu a comprei há mais de um ano. Algumas pessoas não têm a menor noção de respeito.

Eles estacionam em frente à casa. O lugar é moderno e branco. Há vários carros estacionados logo à frente. Um Range Rover e dois Mercedes. Ela nunca viu um gramado tão verde em toda sua vida!

Levando a mochila de Claire, Clive a conduz pela porta até uma sala ampla, escura e com o pé-direito alto. Uma lareira domina uma das paredes, e uma pintura moderna cobre a outra. Ela reconhece o artista. Esteve em uma de suas exposições naquela primavera.

— Gosta dela? — ele pergunta. — Não é exatamente uma das minhas paixões. Não sei quase nada sobre arte. Mas meu decorador disse que eu precisava de uma pintura enorme nessa parede, e eu decidi comprá-la.

O teto deve estar a uns dez metros de altura. Quase não há mobília, apenas um longo sofá de couro branco e várias caixas de papelão empilhadas no canto.

— O restante deve chegar na semana que vem — diz ele. — Basicamente, estamos acampando agora. Vamos lá, deixe-me mostrar a casa.

Ele coloca a mochila dela no chão e a conduz pela casa, mostrando-lhe a sala de jantar, a cozinha, a sala de televisão e uma sala de jogos completa com mesas de bilhar, pebolim, pingue-pongue e uma máquina de fliperama. Em cada sala uma televisão grande de tela plana.

— É a típica casa de um homem — ela comenta, sabendo o que ele quer ouvir. — Nem se incomodou em mobiliar sua casa nova, mas já está com todos os brinquedos instalados.

Ele ri, sentindo-se lisonjeado.

— Vou lhe mostrar o quarto onde você vai ficar.

Eles voltam pelo caminho por onde vieram e ele leva a mala dela até um enorme quarto de casal, onde a cama está desarrumada, sapatos jogados pelo chão, roupas colocadas sobre o encosto de uma cadeira e um notebook sobre a escrivaninha, com o navegador aberto no site de notícias da Bloomberg. Revistas e telefones celulares estão espalhados por cima da mesinha de cabeceira. Sobre a cômoda há uma foto de Clive posando com esquis e outra com uma mulher jovem, no que parece ser um barco a vela. Sem olhar de perto, Claire percebe que ela está com os seios à mostra.

— Desculpe, está meio bagunçado. Não consegui arrumar o lugar. Espero que não se importe.

Como se não esperasse que ela respondesse, ele se vira e a beija. — Estou muito feliz por você ter vindo.

— Eu também — responde, retribuindo o beijo. Ela precisa ir ao banheiro. A viagem de trem foi longa, e ela sofre os efeitos do calor e do desconforto. Ele leva a mão até o seio dela, e ela deixa. Gosta da maneira como ele a toca e do cheiro que ele tem. Couro e areia. Do fato de ele ser britânico. É como ser violentada por um duque regente do século XVIII. Ela sente a mão entrar por baixo da sua camisa e os mamilos se enrijecerem. Não quer se afastar, e decide que pode esperar. Não vai demorar. Ele nem se preocupou em tirar sua camisa ou a dela. A calcinha ficou ao redor de um dos seus calcanhares, e ela está sentada na cama enquanto ele lava o rosto no banheiro.

— Acabamos de inaugurar o quarto — ele diz, ainda lá dentro.

Insatisfeita, ela olha para as suas pernas nuas e os pelos púbicos negros, sentindo-se um pouco tola.

Ele volta para o quarto.

— Bem, que tal irmos encontrar os outros?

— Só um momento.

Ela vai até o banheiro, levando sua roupa íntima e o short. A princípio, não parecia haver qualquer motivo para vesti-los. O banheiro é grande e revestido em mármore. As toalhas, decadentemente macias. Há duas pias, um bidê, um chuveiro com

vários esguichos de aço brilhante, que provavelmente custou o equivalente a um mês de seu salário. Há outro aparelho de televisão escondido atrás do espelho. Ela joga água no rosto e pensa que seria melhor ter trazido sua própria frásqueira com objetos de uso pessoal. Não trouxe sua escova de cabelos nem o batom.

— Então, vamos lá? — chama Clive. — Estou faminto. Ela sai do banheiro.

— Você está linda, querida — comenta ele, movendo os quadris. — Quer mais uma?

Ele pisca e lhe dá um leve beliscão na bochecha.

— Veja, achei que você poderia gostar disso — ele diz, entregando-lhe uma taça de champanhe como se fosse uma recompensa. Ele segura outra. — Não quero ficar para trás do resto do pessoal. Eles começaram cedo.

Na piscina há dois outros casais, as mulheres deitadas em espreguiçadeiras e os homens em uma mesa com um balde de champanhe. Faz muito calor agora, e o sol forte faz seus olhos piscarem. Ela é apresentada a Derek e a uma mulher loira que não faz qualquer menção de se levantar. Seu nome provavelmente é Irina, mas Claire não chega a ouvi-lo. Procura por uma aliança e vê que a mulher não tem nenhuma. A mulher tem um sotaque que Claire não consegue identificar, e parece ser bem alta. Está em ótima forma. Derek tem a barba por fazer, também é inglês e usa uma camiseta vermelha do Manchester United. Em seu pulso há um relógio grande, incrustado de diamantes. Estava no meio de uma história engraçada e, claramente, não gostou de ser interrompido.

As outras duas pessoas são casadas.

— Larry — diz um homem corpulento, calvo e de óculos. — E esta é a minha esposa, Jodie.

Jodie sorri para Claire, virando a cabeça apenas o bastante para inspecioná-la. Ela também está usando um relógio caro. E vários anéis que cintilam. Todos usam relógios caros. Claire não usa relógio...

Jodie tem cerca de quarenta anos e tem um abdômen forte e definido que se achata por trás do biquíni laranja. Seus seios

parecem bonitos demais para serem naturais.

— E então, como foi que vocês se conheceram? — pergunta ela, tomando um gole do champanhe. Claire percebe que as unhas de Jodie, tanto das mãos quanto dos pés, são pintadas num tom de ouro queimado. As veias em seus pés e antebraços estão aparentes por baixo da pele.

— Em uma festa em Nova York há algumas semanas — responde Claire. — Foi...

— Foi amor à primeira vista, não foi, querida? — diz Clive com uma risada, colocando o braço ao redor de sua cintura.

— Fale por si mesmo — responde Claire, em tom de brincadeira. — Hoje em dia, é fácil encontrar analistas financeiros ingleses e bonitos em qualquer esquina.

Jodie sorri. Ela já esteve aqui antes. Já conversou com as outras mulheres de Clive. Ele se envaidece.

— Certo, meus chapas — ele anuncia. — Não há nada para comer nessa casa, e, mesmo se houvesse, sou um péssimo cozinheiro. Assim, reservei uma mesa num restaurante para o nosso almoço. Vamos terminar as bebidas e ir até lá.

O almoço ocupa a maior parte da tarde. Há caviar seguido por lagosta grelhada e mais vinho. Clive está pagando a conta.

— Deixem que eu pago — disse ele quando o grupo se sentou. — Podem pedir os pratos mais caros do cardápio.

Embora esteja quente, eles se sentam em uma mesa instalada fora do restaurante, debaixo de guarda-sóis verdes com vista para um porto cheio de veleiros. Clive aponta na direção de Long Island Sound e, mais ao longe, Connecticut. O lugar era um velho porto de baleeiros, explica ele, e já foi o maior de toda a Costa Leste.

— Colonizado por um britânico, é claro — diz ele. — Um homem com um quê de mercenário chamado Lion Gardiner. A família ainda é dona de uma ilha inteira na região do Sound que foi dada a eles por Charles I. Deve ser por isso que me sinto tão atraído àquele lugar. Acho que o velho Lion e eu seríamos grandes amigos.

Gaivotas voam acima deles. Ocasionalmente, um pássaro particularmente corajoso pousa e é espantado por um garçom. Claire está sentada entre Clive e Larry, mas os homens

simplesmente falam diretamente um com o outro, e não parece haver muitos motivos para tentar participar da conversa, já que a maior parte do diálogo é sobre o mercado de derivativos ou sobre o campeonato de futebol inglês, do qual tanto Clive quanto Derek são fãs ardorosos.

Assim, Claire bebe mais vinho do que deve e começa a imaginar quando conseguirá pegar o primeiro trem que a levará de volta a Nova York. Será que Clive a levaria para a estação ou ela precisaria chamar um táxi? Ele ficaria aborrecido... Ela fica silenciosamente grata quando ele propõe um passeio até a praia. As outras duas mulheres fazem ruídos vagos sobre não gostar da areia e por que não podem simplesmente voltar para a piscina, mas suas vozes são sobrepujadas pelas de Clive e dos outros homens.

Depois de uma breve parada na casa para trocarem de roupa, Clive amontoa todos em seu Range Rover.

— Sou o único que tem um adesivo que permite estacionar na praia, e os malditos tiras não têm nada melhor a fazer do que distribuir multas de trânsito nos fins de semana de junho.

Claire senta-se no banco detrás, entre Jodie e Larry. Derek senta na frente com a alta Irina empoleirada comicamente em seu colo largo. Quando chegam à praia abarrotada, Clive, carregando uma caixa térmica, marcha até perto da água e para em uma pequena brecha de areia desocupada entre dois outros grupos.

— Ainda dá para conseguir um sinal decente no telefone celular aqui — ele diz, abrindo uma complicada cadeira de náilon dobrável. Claire está com as toalhas nas mãos, uma babá visitando a praia com seus empregadores. Os outros estão se arrastando logo atrás. Jodie está reclamando.

— Meu chapéu vai acabar voando com esse vento, diabos — ela diz. — Meu Deus, por que tivemos de vir até aqui?

Claire olha para a água azul reluzente e para as pequenas ondas cobertas por espumas que quebram tranquilamente contra a areia. Crianças estão brincando, rindo e mergulhando na arrebentação enquanto parentes e babás ficam de prontidão nas áreas mais rasas, observando tudo. O verão ainda está no começo e a água está fria demais para a maioria dos banhistas. O céu sem nuvens se

estende infinitamente para além da curva do mundo. Ela sente o desejo de estar neste lugar sozinha...

— Mais vinho? — Clive pergunta. Está enchendo o copo dos outros.

Ela balança a cabeça negativamente.

— Não, obrigada. Este lugar é lindo, não é?

— Há um motivo pelo qual essas casas são tão caras, meu bem. Está vendo aquela ali adiante? Foi vendida no verão passado por quarenta milhões. Há outra daquele lado que chegou a vinte milhões um ano antes. O novo proprietário a demoliu e construiu uma casa maior ainda.

— Eu não ia querer nunca uma casa dessas — disse Larry. — Sabe quanto custa a manutenção? Os danos causados pelo sal e a maresia, a erosão das dunas, furacões e os impostos? Só um idiota com mais dinheiro do que miolos compraria uma casa aqui.

— Foi por isso que comprei uma casa longe da praia, meu velho. Sou um idiota com dinheiro e miolos — acrescenta Clive com uma piscadela.

Jodie se aproxima.

— Temos mesmo de ficar aqui? Esse tempo está acabando com meu cabelo.

Clive tirou sua camisa. Seu tronco é tão bronzeado quanto suas pernas, com os músculos fortes e definidos. É um entusiasta da boa forma física, alguém que pratica ioga todos os dias, vai à academia regularmente e se enche de vitaminas. Claire percebe que as outras mulheres o admiram, invejando-a. Ela conhece aquele corpo, já o sentiu e provou. Mas nunca o viu fora do quarto. Sob a luz do sol. Ela desvia o olhar, consciente do desejo que sente. Seus próprios braços são pálidos. Nunca conseguiu se bronzear como Clive. Ela se enche de sardas.

— Ah, não se preocupe com seu cabelo, querida — diz Clive. — O visual despenteado é bem popular por aqui.

— Você não vale nada, Clive. Acabei de ir ao cabeleireiro para deixá-lo em ordem e não foi nada barato.

Uma brisa começa a soprar e arranca o chapéu que ela usa, fazendo-o voar para longe.

— Mas que merda! Larry!

Ela lança um olhar feroz para seu marido, que sai correndo em busca do chapéu.

— O que foi que lhe disse? — pergunta ela quando Larry volta.

— É tudo culpa dele. Ele é o homem. Deveria protegê-la.

— Larry diz e faz uma careta.

— Clive, pode nos levar de volta para a casa? Jodie realmente não quer ficar aqui.

Jodie está alguns passos atrás dele, vitoriosa, os braços cruzados na frente do corpo.

Irina, que estava deitada em uma toalha, diz.

— Quero ir embora também. Estou ficando coberta de areia.

— Tudo bem — diz Clive, erguendo as mãos em uma demonstração exagerada de que foi derrotado. — Desculpe, amor. O dia na praia acabou cedo.

Claire hesita.

— Posso ficar aqui?

— Como é?

— Eu gostaria de ficar aqui. Este lugar é muito bonito, e faz muito tempo que não vejo a praia. Você se importa? Posso pegar um táxi para voltar à sua casa se for incômodo demais. Tudo que eu quero é fazer uma caminhada e nadar um pouco.

— A água está fria demais para nadar — diz Clive, olhando para seu relógio e depois na direção do estacionamento, onde seus outros convidados esperam por ele.

— Olhe, não planejei passar o dia bancando o chofer, mas posso voltar aqui dentro de meia hora, mais ou menos, depois que deixar aquele pessoal em casa. Pode ser?

— Pode, obrigada.

Ela percebe que ele está surpreso. Provavelmente faz muito tempo que uma mulher não aceita seguir os planos dele. No mundo em que ele vive, não se espera que esse tipo de coisa aconteça. É um ponto negativo para ela. Ela percebe que ele já está pensando quem deve convidar para sair no próximo fim de semana. Os outros estão quase de volta ao estacionamento. Ele se vira e os segue,

carregando a caixa térmica e as cadeiras. Ela se sente mais leve agora.

Com um suspiro, ela olha na direção da praia e remove seu short e a camisa, até estar em pé na areia só com o biquíni. O sol e o vento causam uma sensação boa em sua pele exposta. Embora a praia esteja lotada de gente, ela percebe que, um pouco mais adiante, há menos gente. É lá que ela quer estar, e começa a caminhar. A areia range agradavelmente entre os dedos de seus pés. O sol da tarde está quente contra seu rosto. Uma onda maior que as outras quebra à sua esquerda, mandando espumas até lhe cobrir os pés. Involuntariamente ela solta um gritinho e salta de lado. Não imaginava que a água estaria tão fria, mas, depois de alguns momentos, acaba se acostumando.

Quando era criança, sua família ia à praia todos os verões. Lá a água também sempre era fria. Talvez até mesmo mais fria. Eles alugavam uma casa velha e com paredes finas em Wellfleet, na região de Cape Cod, por uma semana. Havia lagostas para comer, passeios de veleiro e areia nos lençóis. Seu pai jogava tênis com sua velha raquete de madeira e um cheiro de bolor que saturava a casa inteira sempre a fazia pensar no verão. Aquilo foi há muito tempo, antes do divórcio de seus pais.

Ela passa por vários surfistas boiando como focas em meio às ondas baixas e os observa por algum tempo. Um deles começa a remar com os braços e se ergue sobre a prancha, inseguro, conforme a onda começa a crescer. Ele consegue ficar em pé por alguns segundos antes de cair. Uma garota bonita com longos cabelos clareados pelo sol aplaude e assobia. Claire acha que seria ótimo saber surfar. Se apenas houvesse tempo... Ela pensa que poderia ser boa nisso. Ela é uma esquiadora experiente e costumava dançar no tempo do ensino médio. Sabe que seu equilíbrio é bom e que suas pernas são fortes.

Atravessando um ancoradouro de pedra coberto de algas que se projeta em direção ao oceano, ela chega até uma área da praia que está quase completamente deserto. Mais adiante, ao longe, há outro ancoradouro, e, logo depois, algo que parece ser uma lagoa extensa. Há placas colocadas nas cercas de proteção contra

furacões que avisam os banhistas para não incomodarem um tipo de pássaro chamado tarambola. Mansões imponentes ocupam as dunas atrás dela, mas, no momento, Claire sente que tem a praia inteira só para ela.

O sol está forte e ela decide se refrescar com um mergulho. Está frio demais para entrar na água aos poucos. Ela aguarda por um momento na beira da água, reunindo sua coragem. Percebendo sua chance, corre, ergue as pernas desajeitadamente sobre a água espumante e mergulha. O frio lhe causa um choque, mas ela bate as pernas com força e emerge depois da arrebentação. Conforme corta a água, sentindo o sal em seus lábios, sente que seu corpo está forte e quente. Começa a nadar com uma braçada, mas a corrente é mais forte e a empurra de volta, e ela percebe que não está conseguindo avançar muito. Por um momento chega a deixar a ansiedade tomar conta dela, preocupada com a possibilidade de não conseguir voltar à praia. Sabendo que lutar contra a correnteza traria o risco de exaustão, ela nada paralelamente à praia até conseguir escapar. Quando não sente mais a correnteza puxá-la, deixa seu corpo deslizar por entre as ondas até a praia, levantando-se da água e sentindo-se cansada.

— Você devia tomar cuidado na água.

Ela se vira para ver um homem em seus quarenta anos, a seu lado. Ele é bonito e está em forma, com cabelos loiros da cor da areia, que lentamente estão adquirindo tons grisalhos. Há algo reconhecível nele. É um rosto que ela já viu antes.

— A maré é forte ali — ele diz. — Comecei a observá-la quando você entrou na água, para o caso de ter problemas. Mas parece que você sabe se cuidar.

— Obrigada. Por um momento, não tive tanta certeza. Ela respira fundo e percebe que seu medo passou. Sorri para o homem. Ele é atraente.

— Não percebi que essa praia tinha salva-vidas. Vocês recebem salário ou comissões?

Ele ri.

— Trabalhamos exclusivamente em troca de gorjetas.

— Bem, isso é uma pena. Como pode ver, não tenho nenhum dinheiro comigo.

— Você ficaria chocada com a quantidade de vezes que nós, os salva-vidas, ouvimos isso. Acho que eu deveria procurar um trabalho mais lucrativo.

— Bem, que tal criar uma coleção de biquínis que tenham bolsos?

— É uma ótima ideia. Vou mencionar isso na próxima convenção dos salva-vidas.

— Você devia, mesmo. Detesto pensar em todos os salva-vidas famintos, salvando todas essas pessoas em troca de nada. Não me parece muito justo.

— Bem, não fazemos isso pelo dinheiro, mas pela glória. E pela gratidão das pessoas, é claro.

— Neste caso, obrigada novamente por quase me salvar.

Ele se curva levemente.

— Foi quase um prazer. Bem, até mais. Fique longe das marés vazantes.

Ele caminha pela praia na direção da lagoa. Ela o observa ficar cada vez menor e vê que ele se reúne a um grupo de pessoas ao redor de algumas canoas. Claire sente um calafrio. Ela estremece, desejando ter trazido uma toalha. De qualquer modo, precisa voltar. Está ficando tarde. Clive está esperando.



Naquela noite eles estão na cozinha, prontos para sair.

— Para onde vamos? — Claire pergunta. Ela está usando um vestido branco simples, com um decote que deixa uma boa parte de seus pequenos seios à mostra. Jodie parece estar serena. Perdoou Clive.

— Há uma festa. Um escritor que conheço. Tem uma esposa linda.

— Quero ir a uma balada — reclama Irina, passando batom enquanto olha-se no espelho de sua embalagem de pó compacto.

— Meu amigo diz que elas são ótimas aqui. Pode me levar até lá,

baby? — ela diz para Derek. Ela é bem mais alta do que ele, e acaricia seus cabelos ralos. Ele resmunga alguma coisa, concordando.

— Ei, que tal uma balada, então?

— As coisas só começam a ficar boas depois da meia--noite — responde Clive. — Teremos bastante tempo.

— O que ele escreveu? — pergunta Claire.

— Quem?

— Seu amigo, o escritor. O que foi que escreveu? Será que já ouvi falar nele?

— É possível. Ele escreveu algo que foi publicado no ano passado. Ganhou um belo prêmio, também, acho. Mas não cheguei a ler o que ele escreveu.

— Como ele se chama?

— Winslow. Harry Winslow. Já ouviu falar nele?

— Sim. Ele escreveu *The Death of a Privileged Ape*. O livro lhe rendeu o National Book Award. Adorei.

— Não gostei do livro — disse Jodie. — Lembra-se? — ela perguntou, virando-se para Larry. — Tentei lê-lo quando estávamos em Anguilla. Quase morri de tédio.

— Ah, entendo. Bem, meu gosto literário geralmente costuma se concentrar nos romances de Dick Francis e Jackie Collins, para falar a verdade.

Clive e a literatura de apelo popular vêm resgatá-la, mas Claire não desiste tão facilmente.

— De onde você o conhece?

— Harry? Ele é um ótimo amigo. Muito divertido. Tem uma esposa linda. Não tenho certeza de como os conheci. Simplesmente aconteceu... Conversamos em algumas festas, acho. Eles têm uma casa aqui. Pertence à família dela há vários anos, aparentemente, embora eu ache que esse tipo de coisa tem menos importância aqui do que na Inglaterra.

— E depois iremos pra balada, não é? — pergunta Irina.

— Com certeza! Depois da festa iremos para a balada, e você e Derick podem dançar até o dia raiar.



A casa é encantadora. Aconchegante e adorável. É pequena, com dois andares, as telhas escuras pela idade e os batentes das janelas e das portas são brancos. Vários carros estão estacionados em frente, e alguns chegam a estar sobre o gramado. Um garotinho, o filho da família, armado com uma lanterna, ajuda os motoristas a estacionarem. Por entre as árvores altas, é possível vislumbrar um campo aberto à luz do crepúsculo. O ar cheira a água salgada, e é possível discernir o som do oceano. Claire deseja poder voltar durante o dia. Ela sabe que seria maravilhoso.

Dentro há resquícios de várias gerações. Tesouros de família cobrem os lambris das paredes. É como se o conteúdo de várias casas maiores tivesse sido despejado em uma só. Velhos retratos e fotografias de homens com bigodes e jaquetas com o colarinho alto, mulheres com chapéus de palha de copa achatada e cabelos presos, capitães da indústria, primos esquecidos; pinturas de cavalos premiados, mortos há muito tempo; pôsteres; livros por todos os lados, em estantes e amontoados em pilhas sobre o chão; e também modelos de aviões, estatuetas de cães em porcelana chinesa, velhas revistas, varas de pescar, raquetes de tênis e guarda-sóis encostados nos cantos. Acima de tudo, uma luminária enorme com a cúpula abaulada lança um brilho suave sobre tudo. Brinquedos de criança, mesas arranhadas e cadeiras desgastadas e pilhas de tênis de lona, mocassins e botas para chuva. Todo o lugar cheira a anos de bolor, mar e fumaça de lenha.

Claire é a última a entrar. O ruído da festa vem também de outros cômodos. Clive coloca a mão nas costas dela e a apresenta a um homem com cabelos loiros, da cor da areia. Ele está cumprimentando os outros membros de seu grupo com apertos de mão.

— É o meu salva-vidas! — ele é mais alto do que ela se recorda. Está usando um velho blazer no qual falta um botão, e com os punhos desfiados. — Salvou alguém esta noite?

— Só um e outro... Eles estavam morrendo de sede. Claire solta uma risadinha.

— Clive, conheci este homem na praia hoje à tarde. Aparentemente, fui nadar em uma área onde não deveria estar, e poderia ter me afogado.

— Você não me contou.

— Foi a minha boa ação do dia, Clive — diz o homem.

— Foi sorte ela ser uma nadadora forte. Eu receava que teria de mergulhar para ir atrás dela. No ano passado, um garoto adolescente se afogou naquele lugar.

— Quer dizer que você é Harry Winslow? — ela pergunta. Agora ela sabe por que ele parecia tão familiar.

— Sou sim. E você, quem é? — Ele abre um sorriso amplo. Há uma velha cicatriz em seu queixo. Seus olhos são cinzentos. Um leve resquício de sardas. Ele estende a mão, com as unhas limpas, dedos esguios e pelos dourados e encaracolados ao redor do pulso espesso e bronzeado.

Sua mão recebe a de Claire quando ela se apresenta, um pouco menos autoconfiante agora. Fica surpresa com o fato de que a mão de Harry ser tão calejada. Não é mais o mesmo homem que ela conheceu na praia. Adquiriu mais importância aos olhos dela.

— Bem, Claire, seja bem-vinda. O que você gostaria de beber?

— Com licença — diz Clive. — Estou vendo um camarada ali adiante. Volto daqui a pouco — diz. Sem esperar que Claire responda, ele já desapareceu, sentindo o cheiro do dinheiro.

— Que tal aquela bebida, então?

Claire segue Harry para dentro de uma pequena sala de estar com uma velha lareira de tijolos pintada de branco. Ela percebe sofás grandes e com aparência de estarem desgastados e cadeiras de leitura confortáveis. Ele vai até uma mesa cheia de garrafas, copos e um balde de gelo. No chão, um tapete oriental desbotado. O resto da festa está na varanda e no gramado atrás da casa. Ela aceita uma taça de vinho branco. Ele está bebendo uísque com gelo em um copo de vidro grosso.

— Li seu livro.

— É mesmo? — ele pergunta. — Espero que tenha gostado. Ele está sendo modesto. Ela percebe que aquilo é uma resposta ensaiada. Algo que ele já repetiu com níveis variados de sinceridade. Já conversou sobre isso antes. Muitas pessoas leram seu livro. Ele ganhou prêmios. Milhares, talvez milhões de pessoas gostaram dele, ou até mesmo adoraram a obra. O sucesso para ele é um escudo, um dom. E lhe dá uma objetividade invejável.

— Gostei sim, bastante.

— Obrigado.

Ele sorri com sinceridade. É como um pai que ouve o relato das realizações de um filho esforçado. Não está mais sob seu controle. Já ganhou vida própria.

Ele olha ao redor. É o anfitrião. Há outras pessoas para conversar, outras bebidas para pegar, apresentações para fazer e histórias para compartilhar. Mas ela quer que ele fique... Tenta convencê-lo a ficar ali. Quer lhe fazer perguntas, saber mais a seu respeito. Como é ter seus talentos reconhecidos, ter sua fotografia na contracapa de um livro? Ser assediado por amigos e estranhos, ter seu rosto, suas mãos, seu corpo, sua vida? Mas ela não consegue encontrar as palavras, e ficaria constrangida se conseguisse.

— De onde você é? — pergunta ele, tomando um gole de sua bebida. Faz a pergunta da mesma forma que um tio perguntaria qual ano da escola sua sobrinha está cursando.

— Da região de Boston.

— Não, me referi a onde você mora agora.

— Ah — exclama ela, enrubescendo. — Em Nova York. Estou dividindo um apartamento com uma amiga do tempo da faculdade.

— Conhece Clive há muito tempo?

— Não, não muito. Nós nos conhecemos em uma festa em maio.

— Ah — ele diz. — Dizem que ele é muito bom no que faz. Preciso admitir que não sei nada sobre negócios. Não sei lidar com dinheiro. Sempre fui assim.

Outros convidados se aproximam. Um homem charmoso, acompanhado por uma bela mulher de aparência exótica e cabelos escuros presos num rabo de cavalo.

— Com licença — diz o homem. Eles o conhecem.

— Querido — ela diz, inclinando-se para lhe oferecer o rosto.

— A festa está ótima. Queríamos poder ficar. Mas a babá não vai ficar em casa a noite inteira — explica o homem. — Você sabe como é.

Eles riem com a intimidade de uma piada interna, do mesmo jeito que pessoas ricas reclamam sobre o quanto é difícil encontrar empregados decentes ou de como é caro viajar em um avião particular.

O casal vai embora.

— Com licença — Harry diz a ela. — Preciso ir pegar mais gelo. Aproveite a festa.

— Eu sempre faço o que o salva-vidas manda — diz ela, batendo continência, mas olhando-o fixamente nos olhos.

Ele se vira, mas, percebendo que irá deixá-la sozinha, diz.

— Espere. Você ainda não conheceu Maddy. Deixe-me apresentá-la. Venha comigo.

Satisfeita por poder passar mais alguns momentos com ele, ela o segue alegremente por entre as pessoas até a cozinha. Diferentemente da sala de estar, o lugar é bem iluminado. Panelas de cobre estão penduradas nas pare-des. Desenhos infantis decoram uma geladeira antiga. O piso é de linóleo quadriculado. Há um grupo de pessoas trabalhando aqui — alguns sentados em uma mesa longa e pesada, outros cortando ingredientes e lavando louças. Em uma mesa de cortar carnes bastante marcada há um enorme pernil. É uma cozinha antiga. Bastante usada e receptiva. Ela consegue imaginar jantares do dia de Ação de Graças ocorrendo aqui.

— Querida — ele diz. Uma mulher se ergue em frente ao forno, retirando algo que tem um cheiro delicioso.

Ela está usando um avental e esfrega suas mãos nele. É mais alta do que Claire e incrivelmente bonita. Longos cachos dourados e avermelhados ainda úmidos depois do banho e olhos azuis pálidos. Sem maquiagem. Um rosto nobre.

— Maddy, esta é a nova amiga de Clive — ele diz. Já esqueceu seu nome.

— Claire — ela diz, dando um passo à frente. — Obrigada por me receber.

Maddy a cumprimenta com um aperto de mão. Um aperto firme. Suas unhas são curtas e não têm esmalte. Claire percebe que ela está descalça.

— Olá, Claire. Meu nome é Madeleine. Que bom que você veio.

Ela é estonteante! Faz que Claire se lembre da Vênus de Botticelli.

— Ela gostou do meu livro — afirma ele. — Precisamos ser bons anfitriões para nossos melhores clientes.

— É claro, querido — ela concorda. E depois olha para Claire. — Gostaria de nos ajudar? Como sempre, uma das festinhas íntimas de meu marido se transformou em uma orgia. Precisamos alimentar essas pessoas, ou elas vão começar a quebrar as coisas — diz, balançando a cabeça de forma teatral e sorrindo para Harry.

— A melhor esposa do mundo — ele diz, com um suspiro extasiado.

— Adoraria — responde Claire.

— Ótimo. Precisamos de alguém para colocar os ovos recheados nas bandejas. Eles estão na geladeira e as bandejas estão na despensa. E não se incomode se deixar alguma coisa cair no chão. Não há nada que não possa ser substituído.

— Você daria um sargento excelente — afirma Harry, beijando sua esposa no rosto. — Preciso pegar gelo.

— Dê uma olhada no vinho, também — pede ela enquanto ele está saindo. — Já esvaziamos dois engrada-dos de vinho branco. E onde está aquele outro engradado de vodca? Achei que estivesse embaixo da escada.

Ela começa a organizar os canapés que tirou do forno em uma bandeja.

— Há alguma outra coisa que eu possa fazer? — pergunta Claire, trazendo os ovos recheados.

— Sim. Phil — ela diz, dirigindo-se ao homem com um pano de prato. — deixe Claire cuidar disso por enquanto. Pegue estas bandejas e leve-as para a mesa ao lado das bebidas — pede ela. Em seguida, olha para Claire. — É a primeira vez que vem aqui?

Claire confirma com um movimento de cabeça.

— É um lugar muito bonito.

— É muito maior agora do que quando eu era criança — conta ela, fatiando um pão escuro, usando o dorso da mão para afastar os cabelos que lhe cobrem o rosto. — Naquela época, a maior parte do que havia aqui em volta eram fazendas. Do outro lado da estrada havia uma fazenda de leite. Costumávamos ir até lá para ajudar na ordenha. Agora, é uma subdivisão para milionários. Me passe aquela bandeja, por favor.

— Você sempre morou aqui?

Ela assente.

— Vínhamos para cá no verão. Essa era a casa dos empregados. Minha família era dona da casa maior, que fica mais adiante.

— O que aconteceu?

— O que sempre acontece. Nós — meu irmão, Johnny e eu — tivemos de vendê-la para pagar os impostos sobre os imóveis, mas conseguimos manter este lugar. Não consegui suportar a ideia de me separar totalmente daqui. Não é verdade, Walter?

É neste ponto que eu entro. Toda história tem um narrador. Alguém que a coloca no papel depois que tudo terminou. Por que sou o narrador desta história? Sou o narrador porque esta é a história da minha vida — e das pessoas que eu mais amo. Tentei ser o mais íntegro que podia ao contá-la. Não tomei parte em tudo que aconteceu, mas, depois de saber o final, eu tive de preencher as lacunas com vislumbres que não significavam nada para mim naquela época, memórias que voltam a surgir com novos significados, velhos blocos de notas, frases rabiscadas em cadernos e no verso de fotografias antigas. Até mesmo Harry, embora ele não saiba. Não tive escolha além de tentar encontrar algum sentido nisso tudo. Mas encontrar sentido em algo nunca é fácil, especialmente nesta história.

Vou até onde elas estão, pegando um dos canapés e enfiando-o na boca. Bacon e mais alguma coisa. É delicioso.

— Claro, querida. Tudo que você quiser.

— Ah, fique quieto. Não se faça de bobo. Em seguida, ela se vira para Claire.

— Walter é meu advogado. Ele sabe tudo a respeito. Desculpe-me, Walter Gervais, esta é Claire. Claire, Walter. Walter também é meu amigo mais antigo.

É verdade... Nós nos conhecemos desde que éramos crianças. Moro na casa ao lado.

— Olá, Claire — digo eu. — Estou vendo que Maddy já a recrutou para trabalhar aqui no bar e lanchonete dos Wins-low. Eu me recuso a levantar um dedo, a menos que seja para juntá-lo com os outros quatro ao redor de um copo com gelo.

Gosto de parecer espirituoso e um pouco indolente. Mas, na realidade, não sou uma coisa nem outra. É um personagem, alguém que uso para poder me proteger. Na verdade, sou bastante entediante e solitário.

— Não me importo. Não conheço muitas pessoas aqui. Por isso, é bom poder ajudar — diz Claire.

— Você tem sorte — digo. — Conheço gente demais entre as pessoas que estão aqui. Provavelmente isso explica porquê estou escondido na cozinha.

— Walter não passa de um esnobe. Duvido que tenha conseguido fazer novos amigos desde que entrou na escola preparatória para a faculdade — diz Maddy.

— Sabe, acho que você tem razão. Eu já conhecia todas as pessoas que precisava conhecer naquela época.

— Claire veio com Clive.

— Isso mesmo, percebe? É assim que acontece. Acabei de encontrá-lo. Não gosto dele.

— Você não me conhece — afirma Claire.

— Você tem razão. Não conheço. Deveria?

É preciso dizer algo a respeito de Claire: na realidade, ela é muito bonita, mas há alguma coisa nela que faz que se destaque. Neste mundo, a beleza é algo tão comum quanto um cartão de crédito. Vou tentar identificar o que seria esse algo de especial.

— Depende de você... Mas nós não frequentamos a mesma escola, então, parece que não tenho algo que o interesse — diz ela. E sorri.

Retribuo o sorriso. Gosto dela. Não consigo evitar. Digo a Maddy para parar de trabalhar. Maddy está sempre trabalhando. Não consegue ficar parada.

— Tudo bem — diz ela, deixando a faca sobre a mesa.

— De qualquer maneira, essa é toda a comida que temos na casa. A única coisa que sobrou foi o atum no freezer.

— E o atum só fica bom se você mergulhá-lo no gim. Assim como eu.

Por que eu sempre tenho de bancar o idiota quando estou perto dela? Não poderia estar me exibindo. Não, é para Claire que eu estou me exibindo agora.

— Walter, pare de ficar aí falando besteiras e vá buscar uma bebida para Claire e para mim — pede Maddy. Ela se vira para Claire quando ainda posso ouvi-las. — Você nunca imaginaria, mas ele é um excelente advogado.

Eu poderia ter deixado isso passar, mas não deixei. O comentário massageia meu ego. Minha formação foi muito cara, e sou um bom advogado. Ganho muito dinheiro com isso também. Mesmo assim, não gosto muito do que faço. Os problemas das outras pessoas, pelo menos, me impedem de pensar muito sobre os meus.

Volto para a cozinha trazendo uma garrafa de vinho.

— Vamos até lá fora para sair do meio dessa multidão — digo a Claire. — Venha conosco também, Maddy.

Nós três saímos pela porta da cozinha. Andamos pela grama molhada. Claire tirou seus sapatos também. Madeleine acende um cigarro. Está tentando parar de fumar. A festa está bem agitada do outro lado da casa. Aqui está mais escuro. Uma árvore enorme com um balanço se ergue em meio à escuridão à nossa frente. A lua e milhões de estrelas enchem o céu noturno. Ao longe, podemos ver as luzes de uma casa muito maior.

— É a casa de seus pais? — pergunta Claire.

Madeleine confirma com um movimento de cabeça. — E, à esquerda, fica a casa dos pais de Walter. Sempre fomos vizinhos. Mas ele ainda é dono da casa onde cresceu.

Está escuro demais para ver a minha casa pelas brechas entre as árvores.

— O direito pode não ser tão glamoroso quanto escrever livros, mas a remuneração é mais consistente — digo.

— Não acredite no que ele diz — comenta Madeleine.

— Walter é podre de rico. Mesmo que não fosse advogado. Meu bisavô foi um dos fundadores da Texaco. Diferentemente de várias outras famílias, entretanto, conseguimos evitar perder todo o nosso dinheiro.

— Não saia por aí revelando todos os meus segredos, Maddy. Quero que Claire se apaixone por mim, não pelo meu dinheiro.

— É uma pena que o dinheiro seja a coisa mais amável que você tem.

Claire não diz nada. Percebo que está se divertindo. É como ficar ao lado de uma fogueira; ela se sente aquecida por nossa amizade e grata porque a estamos compartilhando com ela. Tem a impressão de que pode ficar aqui a noite inteira ouvindo nossas conversas íntimas, sem querer deixar tudo para trás e voltar ao mundo que existe fora desta casa.

Mas no que será que ela realmente está pensando? É sempre muito fácil saber o que se passa na mente de Maddy. Com esta outra, entretanto, é mais difícil. Ela é mais reservada.



Meia-noite. A multidão já diminuiu de tamanho. Um pequeno grupo se reuniu em frente a um grupo de móveis velhos de vime no canto da varanda. Harry está no centro. Com ele, o casal Ned e Cissy Truscott. Ned era colega de quarto de Harry quando os dois estudavam em Yale. Um homem grande, jogador de futebol americano. Agora, é banqueiro. Já ganhei muito dinheiro representando a empresa dele em várias ocasiões. Apesar disso, nos damos muito bem. Gosto muito de ambos. Claire está perto deles, escutando como se fosse uma espectadora, rindo alto, mostrando seus belos dentes. Ela tem um riso adorável... Faz que eu me lembre de sinos de prata. Harry está falando. Obviamente ele é um ótimo contador de histórias.

Clive se aproxima. Fica ao redor deles, talvez um pouco hesitante, esperando por uma oportunidade. Nesse momento, todo mundo já bebeu bastante.

— Olá, Clive! — grita Harry. — Venha sentar conosco. Agora Harry também está bêbado, mas lida bem com o álcool. Sempre foi assim. Amanhã, às seis horas, ele já estará acordado, assobiando na cozinha.

— Não, obrigado — responde Clive. — Obrigado pela festa. Claire, precisamos ir. Prometi a essas pessoas que sairíamos para dançar, lembra-se?

— Ah, não podemos ficar? Só mais alguns minutos. Estou me divertindo tanto...

— Vamos lá, tome mais uma bebida — diz Harry. — Por que vocês querem sair para dançar? Podem dançar aqui mesmo.

— Obrigado — responde Clive, com um sorriso forçado. — Tenho alguns hóspedes que estão passando o fim de semana na minha casa. Eles querem ver todos os lugares mais famosos na região dos Hamptons.

— Como quiser.

— Vamos lá, Claire.

Relutantemente, ela se levanta.

— Muito obrigada, Harry. Por favor, diga a Maddy o quanto gostei de conhecê-la.

Harry se levanta, também.

— É claro. Fico feliz por você ter vindo. E cuidado com as marés fortes.

Eles saem e Harry começa a contar outra história engraçada.

2

VÁRIAS SEMANAS SE PASSAM. É sábado de manhã. Claire alugou um carro. Está indo para a casa de Clive. Não o vê desde aquele fim de semana. Ele estava viajando, no Extremo Oriente, como lhe disse. Ou será que era na Europa Oriental? Para sua surpresa, ele a convidou para visitá-lo outra vez. Ela quase recusa o convite, mas ele lhe conta que eles foram convidados para um jantar na casa dos Winslow. Como sei disso? Também fui convidado... O interessante é perceber que acho que isso foi ideia minha.

— Você não precisa alugar um carro — protestou Clive. Era muito dinheiro para ela, mas Claire insistiu. Não lhe contou o motivo. Ela me disse, algum tempo depois, que detestava sentir que dependia dele. Queria poder ir aonde desejasse, no momento que desejasse.

Conforme se aproximou de Southampton e a Rota 27 ficou cada vez mais congestionada, ela começou a se arrepender da decisão de viajar de carro. O sol está alto sobre os esparsos pinheiros desfolhados que ladeiam a rodovia, e o brilho reflete no teto de um mar de carros que avançam para o leste, bloqueando seu caminho. Eles se movem lentamente, passando por postos de gasolina, hotéis de beira de estrada, concessionárias e quiosques que vendem produtos das fazendas da região. Nenhum fragmento do glamour é visível nesta estrada. Carros passam correndo na direção oposta, do outro lado do canteiro central. Claire está irritada e sentindo o calor afetá-la. Até mesmo o rádio a irrita.

Quando Clive lhe telefonou, Claire já havia quase parado de pensar nele e estava pronta para partir para o próximo relacionamento. Sua colega de quarto, Dana, disse que era loucura dispensar um cara rico, bonito e inglês com uma casa na região das Hamptons durante o verão. Ela deveria pelo menos esperar até que o outono chegasse.

Claire pergunta a si mesma, não pela primeira vez, por que está fazendo isso. Ela sabe que vai fazer sexo com Clive. Ele é um

amante animado e egoísta, mas ela não está mais interessada. Não significará nada. É um preço pequeno a pagar para voltar àquele mundo. Ela vai abrir suas pernas para ele e, depois que ele terminar, vai fechá-las novamente e dormir. Os dois conseguiram o que queriam. Posso imaginá-la. Ela vai gemer como deveria, deslizar suas unhas pelas costas dele, gritar adequadamente e suspirar em agradecimento. Ela não é o que parece...

Quem é ela, exatamente? A família de sua mãe é francesa, ela me contará mais tarde. Orgulha-se do fato. Isso a torna mais exótica. Seu pai era um oficial do Exército americano com sobrenome irlandês, formado em uma faculdade sem destaque, charmoso em seu uniforme e generoso com seu pequeno ordenado. Seus pais se conheceram quando ele estava de licença em Paris, depois de sair de sua base na Alemanha. Sua mãe era mais jovem, recém-saída da escola em um convento. Filha única de pais mais velhos, o pai era professor na École Normale Supérieure. Viviam em uma velha casa em Asnières-sur Seine, um subúrbio que talvez seja mais conhecido por ser o lar da família Louis Vuitton. Já estive ali. A atmosfera é surpreendentemente burguesa.

Sua mãe se casou com seu pai pouco antes de ele dar baixa do Exército. Foi uma pequena cerimônia celebrada na igreja católica local. Outro soldado foi convidado para ser o padrinho. Tudo foi feito às pressas, e a pequena protuberância que viria a se tornar Claire sequer era perceptível sob o vestido de sua mãe. Depois do casamento, os dois foram morar na cidade natal do pai, em Massachusetts, perto de Worcester. Não demorou muito e já havia outro bebê, o irmão mais novo de Claire. Mas sua mãe nunca foi capaz de se adaptar aos invernos cortantes ou aos habitantes reservados da Nova Inglaterra. A linguagem era difícil para ela. Seu sotaque era carregado demais, estrangeiro demais. Claire se lembra de ver sua mãe se fechando em seu quarto por horas, dias, quando os meses longos e escuros tomavam conta da cidade onde moravam. Ela só voltava a sorrir com a volta da primavera. Enquanto isso, o pai de Claire trabalhava duro. Empregou-se como vendedor e depois como corretor de ações. Compraram uma casa nova, ampla e em estilo vitoriano, em um bairro tristonho. Ele

prosperou, mas nunca chegaram realmente a ser ricos. Houve anos bons e anos ruins. Um Jaguar verde que enfeitava a frente da casa foi trocado por um Buick. Claire tinha seu próprio quarto, assim como seu irmão. Ela ia à escola, tirava notas altas, aprendeu a patinar no gelo e a beijar garotos. Sua mãe lhes ensinava o francês e, aos domingos, os levava à missa.

Todo ano a mãe de Claire voltava a Paris para visitar seus pais, levando Claire e seu irmão. Claire detestava aquelas viagens. Achava que seus avós eram velhos e distantes, relíquias de outro século, outra vida. Do que ela mais gostava eram os passeios pelas ruas e parques de Paris. Era um mundo inimaginável para seus colegas de escola, que praticamente nunca foram muito além das velhas fábricas que cercavam sua cidade e consideravam que Boston estava tão distante quanto a lua. Ela via garotos franceses com a mesma idade e fingia que viera para encontrá-los, que eles estavam esperando por ela. Deixariam que ela fumasse seus cigarros e subisse na garupa da lambreta deles, e ela apertaria as mãos firmemente ao redor das barrigas magras e rígidas daqueles rapazes. Em vez disso, ela, sua mãe e o irmão andavam obedientemente pelo Louvre e visitavam cafeterias onde invariavelmente pediram o cardápio econômico. Certa vez, em uma ocasião especial, seu pai veio visitá-los e viajaram até Nice, ficando na região costeira por uma semana. Nessa época, seu avô já era falecido e sua avó havia ficado ainda mais distante, sentada em uma velha cadeira ao lado da janela naquela sala familiar e opressiva, em meio a biscoitos velhos e o cheiro de podridão. Aquela foi a última viagem. Algum tempo depois, seus pais se divorciaram.

Seu pai voltou a se casar. Mudou-se para Belmont, e, em pouco tempo, sua esposa deu à luz uma menina. Estava recomeçando sua vida. Claire tinha dezesseis anos. Vivia com sua mãe em sua velha casa e comunicava-se com seu pai nos feriados e aniversários. Quando saiu de casa e foi para a faculdade, dois anos mais tarde, já havia aprendido que o amor não se entrega livremente. Que, se ela o quisesse, ele teria de ser dominado. A concha protetora que cresceu lentamente à sua volta havia finalmente se solidificado.

Não se ressentia de seu pai. Simplesmente sabia que os dois não tinham muito sobre o que conversar. Algumas semanas depois de se mudar para Nova York, ele lhe enviou um cheque com uma pequena quantia. Em um bilhete lacônico escreveu “Espero que isso a ajude a se estabelecer neste momento”, mas Claire guardou o cheque por vários meses, apesar do baixo salário que recebia. Até que, finalmente, o rasgou. Seu pai nunca fez qualquer comentário a respeito.

Quando Claire estava na faculdade, sua mãe se mudou para tomar conta de sua própria mãe. Depois que a velha senhora morreu, sua mãe herdou um pouco de dinheiro e o apartamento, o qual vendeu. Não voltou a se casar. Claire a visitou uma vez. Sua mãe estava vivendo nos arredores de Paris, na antiga cidade real de Senlis, em um pequeno apartamento perto da catedral. Parecia mais velha, embora mais serena. Ao redor do pescoço, trazia um pequeno crucifixo dourado. Eram mais como duas velhas amigas conversando do que mãe e filha. Quando Claire partiu, sua mãe a abraçou mas não disse nada.

Tudo isso aconteceu há vários anos. Agora Claire pertencia àquela tribo de mulheres independentes, trabalhando sem garantias ou orientação na cidade, esperando encontrar o amor e, se não fosse possível, pelo menos o sucesso ou algo do tipo. Não era promíscua, mas estava disponível, o que explica o caso com Clive e os homens que vieram antes dele — e os que, com certeza, viriam a seguir.

O trânsito estava pior do que Claire imaginara. Quando chega à casa de Clive eles já estão atrasados para o jantar.

— Demorou bastante para chegar aqui — ele diz, oferecendo-lhe um beijo que não passava de uma formalidade. Ele já está vestido para sair, com uma taça de champanhe na mão. Não oferece uma a ela.

— Desculpe, foi o trânsito — ela comenta, correndo para o banheiro para tomar um banho rápido e se trocar.

Cinco minutos depois ela está correndo pelos degraus na frente da casa, com os sapatos na mão, enquanto Clive espera em seu carro, com o motor já ligado.

— Tudo certo? — pergunta ele, mal esperando que ela feche a porta antes de acelerar em direção à rua, lançando pedriscos por cima da grama. Ela vai passar o batom nos lábios e escovar o cabelo no carro. — Eu lhe disse que era besteira vir até aqui de carro. Eu ficaria feliz em ir buscá-la na estação — ele diz. Ela ignora as grosserias de Clive. Não foi ele que Claire veio visitar...

Quando chegam à casa dos Winslow, ainda não escureceu. No oeste, o sol está adquirindo uma coloração espantosa, uma mistura de laranja e roxo. Harry os recebe na porta. Não está preocupado com o horário.

— Vamos entrar — ele convida, com o cabelo ainda úmido depois do banho. Sua camisa azul-claro adere ao corpo com a umidade. Seu nariz está queimado pelo sol.

— Olhem para esse pôr do sol — ele diz, apresentando-o como se fosse um presente.

Claire lhe oferece o rosto e sente os lábios tocarem levemente sua pele.

— Muito obrigada por nos receber — agradece ela. — Fiquei muito feliz quando Clive me contou.

— É um prazer — responde Harry. — Você causou uma ótima impressão em Maddy. Deixe-me buscar algo para vocês beberem.

A casa parece mais mágica a Claire do que antes. Não há mais a multidão de convidados da festa conversando, rindo e flertando. Esta noite ela voltou a ser o lugar quieto e privado, uma casa onde uma família mora, onde segredos são compartilhados e guardados. Na parede ela vê uma pequena pintura que não percebera antes. Uma paisagem litorânea. Em uma moldura trabalhada de madeira, desbotada, há uma pequena plaqueta de latão com o nome do artista: Winslow Homer. Ela fica surpresa e impressionada. Claire sente o desejo de inspecionar tudo, estudar as fotografias, aprender a linguagem.

Harry está no bar. Temos uma piada recorrente entre nós. Sempre que um de nós, ou, como aconteceu certa vez, todos nós estamos em Veneza, vamos até o renomado Harry's Bar, que fica logo ao lado da Piazza San Marco, e afanamos um cinzeiro ou portacopos para trazer até o bar desta casa. Na parede há uma

fotografia de Harry, em pé em frente às portas duplas de vidro translúcido, como se fosse o dono do lugar, e com um imenso sorriso. Maddy tirou aquela foto durante sua lua de mel.

— O dia foi maravilhoso hoje — ele diz. — Ned alugou um barco em Montauk e cada um de nós conseguiu pes-car um tubarão. Senhor do Céu, foi incrível. Ele abre uma garrafa de vinho, com um gemido. — Mas fez um corte horrível na minha mão — diz ele. Harry ergue a palma.

Claire e Clive percebem que ela está tingida de vermelho e com algumas feridas. Calma e gentilmente, Claire estende o braço para tocar a mão dele e a segura, deslizando os dedos sobre a pele maltratada.

— Deve estar doendo muito — ela comenta.

— Ah, parece pior do que realmente está — e sua mão escapa, indo na direção do copo. — A maior parte da vermelhidão é por causa do iodo.

— O que você fez com o tubarão? — pergunta Clive.

— Vou mandá-lo a um taxidermista, montá-lo em uma placa de madeira e pendurá-lo naquela parede ali. Vai ser um ótimo assunto para as conversas. Você sabe como as pessoas são aqui. Isso vai deixá-las loucas — ele acrescenta, rindo.

Eles vão até a varanda. No gramado, Ned está lançando uma bola de futebol americano para um garotinho loiro. Claire o reconhece. É o garoto que estava com a lanterna na noite da festa. Eles param quando os veem, e o garoto acena.

— Aquele é Johnny — diz Harry. — Johnny, venha até aqui e diga alô para os nossos convidados.

O garoto vai correndo até eles, com suas pernas bronzeadas e esguias e magro como um potro. Claire vê que ele tem os olhos azuis de sua mãe acima de um nariz cheio de sardas provocadas pelo sol.

— Como estão? — pergunta ele com uma voz suave, estendendo a mão da maneira que lhe ensinaram. Mas é um garoto tímido. Não os olha nos olhos.

— Como está, amigão? — pergunta Clive.

— Olá, Johnny, — diz Claire, agachando-se até que seus olhos estejam na mesma altura do rosto do garoto. — Meu nome é Claire. Quantos anos você tem?

Eu a estou observando atentamente. Ela tem talento para lidar com crianças. É óbvio. Imagino que deve ter trabalhado como babá durante a faculdade. Provavelmente seria a melhor amiga da criançada.

— Oito — ele responde, com a voz quase inaudível, mas, pelo menos, está olhando diretamente nos olhos de Claire. — Mas já tenho quase nove.

— Quase nove? Quer dizer então que você já é bem crescido. Eu tenho 26. O que você gosta de fazer? Eu gosto de passear em veleiros e ler livros.

— Meu pai escreve livros.

— Eu sei. Li o livro que ele escreveu. É maravilhoso. Johnny sorri. Harry leva a mão ao ombro de seu filho.

— Certo, companheiro. É hora de seu jantar. O que você deve dizer?

— Boa noite. Prazer em conhecê-los.

Ele entra na casa. Claire o acompanha com os olhos, já apaixonada. Ele é meu afilhado.

Ned se aproxima. Apesar de seu tamanho, é surpreendentemente ágil. Já o vi jogar tênis. Ainda consegue ganhar de homens que são mais jovens e mais leves.

— Olá, pessoal — ele diz. Depois, vira-se para Harry:

— Ele está ficando com os braços fortes. Se continuar assim, vai conseguir entrar para o time.

Harry sorri, distraidamente. Claire sente que ele está pensando em outra coisa.

— Jogadores de hóquei conseguem fazer tudo que os jogadores de futebol americano fazem, mas nós fazemos tudo isso no gelo, e patinando de costas — ele diz. Em seguida, para Claire e Clive: — Vocês têm de ver a jogada que Johnny consegue fazer flexionando o taco.

— Flexionar é coisa de garotas — afirma Ned, sorrindo. Eles falam com o linguajar que usavam em sua juventude. Os dois ex-

atletas. Membros da fraternidade DKE. Harry jogou no time de hóquei. No último ano da faculdade, era o capitão do time.

Lembro-me de noites longas e frias em Ingalls Rink, ao lado de Maddy sob um cobertor, dividindo com ela meu frasco de bourbon e observando Harry patinar. Ele era bom, muito bom. Ela não conseguia tirar os olhos dele. Os cabelos dele eram mais longos naquela época, e mais claros. Ele olhava para ela toda vez que marcava um gol, procurando por um sinal de aprovação, e sabendo, em seu coração, que já o tinha. Os dois já eram inseparáveis.

Madeleine Wakefield era a mulher mais bonita da escola. Era a mulher mais bonita em qualquer lugar que estivesse. Vivia rodeada de homens, mas se acostumara à atenção deles. Editores de revistas e fotógrafos pediam a ela que posasse, mas ela sempre dizia não. Para ela, a beleza era algo que não tinha um valor intrínseco. Era um fato, assim como ser canhoto, e não era nada em que ela costumasse pensar. Enquanto as outras meninas se vestiam para as festas, pegando roupas emprestadas de suas colegas de quarto, tirando brincos que a mãe delas lhes dera para uma noite especial do fundo de suas gavetas, Maddy nunca se esforçou. Seu traje mais comum era uma velha camisa que pertenceu a seu pai, um suéter folgado e jeans. Mesmo assim, aonde quer que fosse, os homens esqueciam as mulheres com que estavam e olhavam fixamente para ela, embora poucos fossem corajosos o suficiente para abordá-la, sentindo que havia algo realmente diferente em Maddy, incapazes de conhecer a verdadeira pessoa que havia por trás daquela beleza.

Eu a conhecia, é claro. Sempre falamos sobre estudar em Yale juntos, mas, depois de sua escola para garotas em Maryland e do meu curso preparatório em Massachusetts, a realidade foi ainda melhor do que o sonho. Maddy tinha um carro naquela época. Um MG conversível vermelho antigo que ganhou de presente de sua avó, com placas especiais: MWSMG. O primeiro ano foi um furacão de fins de semana em Manhattan, danceterias e corridas sonolentas pela I-95 para conseguir chegar, mesmo que de ressaca e rindo demais, às aulas da manhã nas segundas-feiras.

E então, quando estávamos no segundo ano, ela se apaixonou por Harry. Estávamos em dormitórios diferentes na faculdade. Ele estava em Davenport; eu e Maddy, em Jonathan Edwards. Nós tínhamos visto ele, é claro. No bar Mory's, onde ele geralmente ficava cercado por seus amigos, bebendo cerveja ou celebrando sua última vitória. Ele era popular, e, honestamente, é impossível imaginá-lo de outra forma. Maddy não gostou dele de cara, e eu deveria ter identificado aquele sinal.

— Ele é muito cheio de si — ela dizia nas noites em que estávamos a sós, o que, na verdade, acontecia sempre. Ela queria zombar dele e detestá-lo pelo que via em si mesma. Mas, em retrospecto, era como observar dois leões andando um ao redor do outro. O resultado seria uma morte dupla, ou uma vida inteira juntos.

Maddy e eu continuamos a ser amigos — como poderia ser diferente? Ela era minha companheira dos fins de noite desde que saiu pela janela de seu quarto, no andar de cima da casa onde morava, para que pudéssemos ir caçar vagalumes juntos. Quando éramos crianças, empurrávamos nossa bicicleta silenciosamente pelas ruas de cascalhos em escapadas noturnas até a praia, onde fazíamos fogueiras com pedaços de madeira trazidos pelo mar e escutávamos o som das ondas batendo na areia enquanto compartilhávamos nossos pensamentos e sonhos mais íntimos.

Mesmo assim, era preciso ter cuidado. Meus pais geralmente estavam viajando, e eu era deixado sozinho aos cuidados de Genevieve e Robert, o casal suíço sem filhos que tomava conta da propriedade. Genevieve era baixa, atarracada e letárgica, como se vivesse embriagada. Robert dirigia e cuidava do jardim. Os dois se deitavam às dez da noite e imaginavam que eu também. Eu era um filho único, gorducho e amante de livros, então eles dificilmente imaginariam que eu tinha meu próprio segredo: a existência noturna. O pai de Madeleine era mais problemático. Ele provavelmente a surraria se a descobrisse saindo de casa àquela hora. Não que isso pudesse impedi-la.

Certa vez estávamos jogando tênis e vi os vergões no alto de suas coxas quando ela se abaixou para pegar uma bola. Ele usou

um cinto. Eu queria fazer alguma coisa, mas Maddy jurou que não era nada e disse que devíamos jogar mais um set. Meu Deus, ela era corajosa. Ainda é.

O jantar está maravilhoso. Peixe-espada fresco, tomates e milho, pão quente e sorvete, apreciados com vinho branco gelado e forte. Maddy conhece um modo especial de grelhar o peixe usando ramos de pinheiro, o que lhe confere um sabor deliciosamente pungente. Nós nos sentamos sob luminárias de papel em uma pequena varanda ao lado da cozinha. Há mais homens do que mulheres, então me sento entre Clive e Cissy. Cissy é muito divertida. Pequena, loira, é capaz de falar por horas e horas. Ela vem das redondezas da Filadélfia, da região da Main Line. Ela e Ned estão tentando ter um bebê há vários anos, sem sucesso. Admiro sua força e a ausência de autopiedade.

Clive insiste em tentar fazer perguntas sobre meus clientes, mas faço o possível para evitar o assunto. Quando me canso de sua insistência, o ignoro completamente e escuto Harry contar uma de suas histórias, a qual, se bem me lembro, era sobre a época em que tinha dezessete anos e bateu o carro propositadamente contra uma árvore para receber o dinheiro do seguro. Ele chegou até mesmo a pegar os protetores de perna do goleiro do time de hóquei emprestados para se pro-teger. O carro era uma lata velha, e ele esperava ganhar cerca de quinhentos dólares. Imaginou que 45 quilômetros por hora seria uma velocidade adequada — não muito rápido nem tão devagar — mas o impacto o nocauteou.

— Quando dei por mim, percebi que havia um policial batendo seu cassetete contra o vidro da minha janela e se perguntando que diabos está acontecendo, e por que estou usando protetores de hóquei no meio do verão!

Nós praticamente uivamos de tanto rir. Claire, à direita de Harry, está imersa em paroxismos de alegria. Ela ajudou Maddy a preparar o jantar e foi a primeira a se oferecer para ajudar a limpar a mesa. Está se exibindo um pouco, mostrando--nos que é mais do que simplesmente a amante mais recente de Clive. Todos já passamos dos quarenta anos, e é impossível evitar a sensação de encanto ao perceber a combinação potente de juventude, beleza, paixão e

inteligência que ela representa. Diz que costuma fazer as palavras cruzadas do New York Times, uma das distrações favoritas de Harry. Ambos reclamam da influência cada vez maior da cultura pop nas pistas das soluções. Discutem uma resenha literária que leram há pouco tempo e compartilham a mesma paixão por Mark Twain. Será que essa é a melhor noite de sua vida? Creio que sim.

Clive não está participando disso. Ele detesta não ser a estrela da noite. Essas pessoas não se impressionam com seu Aston Martin, com seu relógio caro ou com a última vez que ele esteve em St. Bart's. Ele não combina realmente com este grupo. Claire também não combina com ele. Minha vontade é de que ele simplesmente vá embora.

Depois do jantar brincamos de Imagem e Ação, um jogo no qual Harry tem um desempenho excelente. Quando chega a meia-noite, todos já estão bêbados. Harry se levanta e diz: — Chegou a hora.

Sei o que ele quer dizer, é claro. Assim como Ned e Cissy. Maddy simplesmente revira os olhos.

— Hora de quê? — pergunta Claire, mas os outros já estão se movimentando.

— Hora de ir à praia — responde Cissy, por cima de seu ombro. — Sempre fazemos isso depois de um jantar entre amigos.

— Vocês terão de ir sem mim — declara Maddy, sem se levantar da cadeira. — Alguém tem de ficar aqui para cuidar de Johnny.

Eu podia me oferecer para ficar. Normalmente, é isso que faço. Mas não hoje.

— Vamos lá — diz Claire, puxando um Clive atarantado para que se levante e correndo pela porta em direção ao velho Jeep vermelho dos Winslow. No banco da frente, ao lado de Harry, Ned está levando uma garrafa de vinho. Já está arrastando um pouco suas palavras. Cissy está sentada em seu colo. Claire e Clive se amontoam a meu lado no banco traseiro. A casa não fica muito longe da praia, um percurso de cinco minutos. A esta hora da noite, a praia está deserta. A lua ilumina uma trilha sobre a água para nós. A areia está fria sob nossos pés.

Harry corre até a borda da água, arrancando sua camisa e livrando-se de suas calças, até que, nu, dispara em direção à água

escura. Ned e Cissy o seguem de perto, e ela solta um grito quando mergulha. Demoro um pouco mais, mas, subitamente, a meu lado, Claire já se despiu também. Não consigo evitar de notar seu corpo sob o brilho da lua, seus seios jovens e o contorno arredondado de seus quadris. Consigo vislumbrar rapidamente um triângulo de pelos púbicos escuros. Tudo aquilo acontece em um instante, é claro. Em um minuto ela está a meu lado, e no próximo já está dentro da água. Uma onda de desejo toma conta de mim enquanto a observo correr. Sobramos apenas Clive e eu agora. Tiro as calças.

— Ah, que inferno — ele resmunga, e tira a roupa também. Mergulhamos juntos.

À noite o oceano parece estar muito mais tranquilo. É como um grande lago, e as ondas são bem tranquilas. A água bate na altura da cintura. A maioria das mulheres estaria agachada na água, escondendo seu corpo. Mas não Claire. Está ficando claro para mim que ela não é como a maioria das mulheres. Harry e Ned estão jogando água um no outro, como dois meninos. Ela se aproxima deles, rindo e jogando água nos dois com força. É impossível não observá-la. Clive fica um pouco afastado, como se fosse um intruso, não o amante de Claire. Em seguida, Cissy sobe nos ombros de Ned e salta graciosamente para um mergulho.

— Quero tentar fazer isso também — diz Claire. Mas, em vez de subir nos ombros de Ned, ou mesmo no de Clive, ela nada por trás de Harry e agarra suas mãos. Ele se agacha obedientemente sob a água enquanto ela coloca seus pés em cada um de seus ombros. Ele a ergue facilmente. Ela se equilibra por um momento, solta as mãos, ergue os braços e inclina a cabeça antes de mergulhar com um movimento suave. Quando vem à tona, tira os cabelos molhados da frente do rosto e grita: — Quero fazer de novo!

Novamente, Harry se agacha, de costas para ela, e ela sobe em seus ombros, confiante. E, novamente, solta as mãos e se equilibra; entretanto, desta vez, ela hesita e cai na água desajeitadamente, espalhando água para todos os lados. Harry a ajuda a se erguer.

— Cuidado — ele diz, rindo.

— Meu salva-vidas favorito — ela declara com um riso, dando-lhe um beijo úmido no rosto e um rápido abraço, roçando os mamilos

no peito dele. — Mais uma vez você me salvou de morrer afogada.

Ela se afasta dele, como se quisesse dizer “Olhe para mim. Tudo isso pode ser seu”. Não me lembro se alguém chegou a perceber aquele momento. Tentei olhar para Ned ou para Cissy, mas os dois estavam no meio de outro mergulho.

Harry não diz nada e desvia o olhar quando Clive se aproxima.

— Deixe eu mostrar como se faz, meu chapa — ele diz. Claire se afasta dele, mas Clive se agacha, dizendo:

— Vamos lá.

Ela sobe nos ombros de Clive e salta para outro mergulho, direto e limpo. Quando emerge, diz: — Podemos ir embora? Estou ficando com frio.

O momento passou. Claire volta para a beira da praia com os ombros encurvados para a frente, um braço cobrindo seus seios e a outra mão na frente da virilha. Não olha para ninguém. Ninguém olha para ninguém conforme vestimos as roupas apressadamente sobre nosso corpo molhado. O clima entre nós é constrangedor, lúgubre.

Voltamos para casa em silêncio. Até mesmo Cissy está quieta. Quando saímos, Claire e Clive ficam para trás. É óbvio que eles vão brigar. O restante de nós entra na casa.

Bem, isso não é totalmente verdade. Fico fora do campo de visão deles e ouço pedaços da conversa deles. “Não toque em mim”, “Putá desgraçada” e “Por que simplesmente não vai foder com ele?”.

Ela entra, chorando, passando correndo por mim na cozinha. Procurando por Maddy.

— Está tudo bem? — pergunta Harry. Não digo nada. Clive está no corredor, com uma expressão irritada no rosto. Quer ir atrás dela, mas sabe que não deve fazê-lo; é um infiel dentro do templo.

Madeleine chega. — Clive, Claire parece estar bastante irritada. Sei que é tarde e todos bebemos bastante. Mas ela perguntou se poderia ficar aqui esta noite, e disse a ela que poderia.

Clive olha para ela, sem saber exatamente o que dizer, como reagir. As palavras que ele quer dizer ficam presas em sua garganta. Sua força de vontade não é tão intensa quanto a de Maddy.

Ela percebe a frustração no olhar dele e toca seu braço com a mão. — Ela vai lhe telefonar amanhã de manhã.

Quando ele sair da casa, vai conseguir encontrar suas palavras novamente. Vai ter um acesso de raiva, pensar em coisas ruins, e insultar todos eles. Mas não agora. Em pé, à sua frente, está Madeleine, como se fosse uma Madona. Atrás dela, Harry, Ned e eu. Clive não tem qualquer chance. Agora, tudo que ele diz é:

— Diga àquela puta que não quero vê-la novamente. De volta à casa, Maddy está com o braço ao redor de Claire, que está pedindo desculpas sem parar. Seu rosto está úmido pelas lágrimas. Maddy a consola. Todos o fazemos. Ou, pelo menos, tentamos.

— Veja, eu lhe disse que não gostava dele — eu disse, mas o único agradecimento que recebo é um olhar duro de Madeleine.

— Não se preocupe com isso — Harry diz a Claire. — Você é bem-vinda para ficar aqui o tempo que desejar. Se precisar que peguemos suas coisas na casa de Clive, posso ir até lá amanhã. Por hoje, podemos lhe emprestar qualquer coisa que você precise.

— Obrigada — ela diz, choramingando.

— Vamos ter de deixá-la no sofá da sala, se não houver problemas. Ned e Cissy já estão com o quarto de hóspedes. Vamos lhe trazer travesseiros e lençóis. Vai ficar bem confortável.

Estou prestes a sugerir que ela poderia passar a noite na minha casa, já que há muitos quartos vazios, mas mudo de ideia.

— Por favor, não se incomodem. Não me importo. Vocês estão sendo muito gentis. Simplesmente me sinto uma idiota.

— De maneira nenhuma. Já volto. — diz Harry. Ele vai ao andar de cima e volta alguns minutos depois com um travesseiro, lençóis, cobertores, uma toalha e uma camiseta cinza grande com as palavras YALE HOCKEY estampadas. — Achei que você gostaria de usar algo para dormir.

Cissy e Madeleine começam a montar a cama no sofá. Harry vai até a cozinha e começa a lavar os copos. Penso em tomar um último drinque, mas decido não fazê-lo. Já passa da uma hora da manhã. Em vez disso, despeço-me dos outros, dou um beijo de boa noite no rosto de Maddy, digo a Claire para dormir bem e que tudo vai ficar melhor pela manhã, e caminho pela trilha familiar que

passa por entre a faixa estreita de árvores que separa nossas casas.

Posso imaginar Claire, mais calma depois de alguns goles de conhaque, entrando sob as cobertas no sofá. Madeleine estará ali, certificando-se de que sua nova hóspede está confortável e bem cuidada. Ned, Cissy e Harry já terão ido dormir. Em seguida, Maddy irá se recolher também, apagando as luzes e deixando Claire sozinha em sua cama temporária, olhando para o teto, feliz como uma criança.

3

VÁRIAS SEMANAS SE PASSAM. O verão chega e se estabelece. As ruas de Manhattan assam sob a luz inclemente do sol. Para Claire, a brisa e a água salgada de Long Island são apenas uma lembrança. Ela foi banida para o mundo comum, habitado por colegas de trabalho, amigos da faculdade, entregadores de encomendas e estranhos no metrô. Assim como Eurídice, ela nunca voltará a caminhar pelos campos floridos.

Claire não visitou os Winslow. Não há razão para fazê-lo. Ela voltou para a cidade no dia seguinte à sua briga com Clive. Harry e Ned foram até a casa de Clive pegar sua mala e o carro que ela alugou, mas, quando chegaram ao lugar, não havia ninguém em casa, e seus pertences foram jogados no banco da frente.

Embora Harry e Madeleine tenham pedido que ficasse e se mostrado muito gentis, ela se sentia uma intrusa, uma estranha acolhida por falsos motivos. Ela acabaria por esquecê-los. A vida deles, que havia se cruzado temporariamente com a dela, continuaria agora por uma trilha diferente.

Pensei nela em algumas ocasiões durante os dias que se seguiram. A história dela estava inacabada, e eu queria saber mais a respeito. O que ela faria? O que aconteceria com sua vida? Até que ela pareceu desaparecer completamente.

Até que, certa noite, Harry anuncia para Maddy e para mim durante o jantar na cozinha: — Ah, preciso lhes contar uma coisa. Adivinhem quem vi hoje? — pergunta ele que esteve em Nova York para almoçar com seu agente e cuidar de alguns assuntos. — Claire.

— Como ela está?

— Parecia estar bem. Eu estava saindo do restaurante e conversando com Reuben, e, subitamente, quase a derrubei quando esbarrei nela. Qual é a chance de isso acontecer?

— Gostei dela — digo. — Era um desperdício deixar aquela pobre garota com Clive. O cara é um paspalho.

— Maddy gostou dela também, não foi, querida? Pelo menos, foi a impressão que tive. Ficamos ali conversando sobre vários assuntos, e ela perguntou carinhosamente sobre vocês dois, sobre Johnny, e também sobre Ned e Cissy. Parecia estar um pouco entristecida, também, então pensei, que diabos... e convidei-a para vir passar o fim de semana conosco. No começo ela disse que não poderia, mas insisti. Espero que não se importem. Ela precisa de alguém que a pegue pela mão e a ensine algumas coisas sobre a vida. Maddy, você é a pessoa certa para cuidar disso, também.

O amor sempre foi um projeto pessoal de Maddy. Mesmo quando era criança, ela sempre recolhia animais perdidos. Lembro-me de ficar sentado ao lado dela durante várias noites, ajudando-a a cuidar de um coelho ou de um esquilo agonizante que o gato das redondezas (o meu gato, embora ela nunca tenha me culpado por nada daquilo) havia eviscerado. Ela os mantinha aquecidos, usava um conta-gotas para lhes dar água e inevitavelmente os enterrava entre as árvores em uma das caixas de sapatos da minha mãe.

— Fico feliz que você a tenha convidado, querido — ela diz. — Mas não podemos deixá-la no sofá de novo. Onde ela vai dormir? Você não convidou Ned e Cissy para passar o fim de semana conosco também?

— Não se preocupem com isso — digo. — Eles podem ficar comigo. Tenho bastante espaço em casa.

— Ótimo — diz Harry. — Obrigado, Walter. Ned e Cissy podem trazê-la quando vierem.



Na sexta-feira eles chegam, bem tarde. O trânsito é especialmente infernal às sextas-feiras, particularmente durante o verão. O que seria um percurso de cerca de noventa minutos na época em que eu era criança agora pode se estender por três horas ou mais, especialmente para pessoas como eu, que conhecem as estradas secundárias. Quase todas as fazendas que existiam ao

longo das estradas desapareceram. Os velhos celeiros de batatas se transformaram em danceterias. As pequenas lojas típicas da região onde eu comprava revistas em quadrinhos e doces se transformaram em butikues de luxo, vendendo suéteres de caxemira e azeite de oliva extravirgem. No ano passado, uma filial da Hermès abriu na velha loja de bebidas. A praia e o pôr do sol são as únicas coisas que não mudaram.

Claire é recebida com abraços e beijos. Seu rosto parece brilhar com as boas-vindas. Está linda. — Trouxe isso para você — ela diz, entregando uma caixa enorme, embrulhada em papel de presente.

— É pesado — observa Madeleine. — O que é?

Ela abre a caixa e retira uma panela brilhante de cobre. — Ah, você não devia ter feito isso. Essas panelas são muito caras.

Deve ter custado uma pequena fortuna para alguém como Claire. Ela trabalha em uma revista como editora--assistente ou algo assim, um dos cargos mais baixos. A generosidade do presente, assim como sua conveniência, enche Madeleine de emoção, já que ela adora tudo que esteja relacionado à culinária. Ela dá outro abraço em Claire, mais demorado. — Adorei. Obrigada!

— E isso é para você — diz Claire para Harry. Ela lhe entrega uma sacola de papel. Harry retira dali uma camiseta vermelha e a desdobra, exibindo a estampa na parte da frente: SALVA-VIDAS, com uma cruz branca. Ele a veste por cima de sua camisa. Todos riem e aplaudem.

— Mais um sonho de infância realizado — ele diz, rindo. — Tudo de que preciso agora é de um apito e de uma prancheta.

Eles trazem vinho e enchem os copos. Harry corta o frango. Vem de uma das fazendas locais. Há também milho verde fresco e vagens crocantes com sal marinho. Todos estão felizes por estar aqui. Planos são traçados para o sábado. Uma excursão para a praia e um piquenique parecem ser a ordem do dia. Em seguida, Harry anuncia que, amanhã à noite, eles vão contratar uma babá e dar folga para Madeleine, que não terá de cozinhar para tanta gente. — Já era hora! — ela grita, e todos nós rimos. Amanhã jantaremos fora.

É um dos nossos restaurantes favoritos, um lugar com toalhas de mesa quadriculadas em vermelho e filés grossos assados na brasa, escorrendo com manteiga. Os proprietários são uma mulher grega de baixa estatura e seu irmão, que passa a maior parte das noites bebendo sozinho em um canto. Em algumas noites me sento com ele e escuto enquanto ele me conta suas estratégias para investir em imóveis. Certa vez, quando estava lá, uma família de índios da tribo de Shinnecock, que fica nas redondezas, entrou. Havia seis deles, os pais e quatro filhos. Eles pediram um único filé e o dividiram entre si. O fato de ter o mesmo prato só para mim fez que eu me sentisse absurdo e gordo.

— Além disso, o restaurante tem a pior carta de vinhos do mundo, mas isso é parte do encanto do lugar — diz Harry.

Esta noite, entretanto, todos estamos cansados. Não haverá mergulhos no mar à meia-noite. Madeleine diz que vai retirar os pratos e Claire se oferece para ajudá-la. Harry pede licença e sobe ao segundo andar para trabalhar. Levo Ned e Cissy por entre os arbustos até minha casa.

Já é tarde quando as duas mulheres vão para a cama. Posso imaginá-las na sala de estar conversando, com os pés enfiados por trás delas no sofá, terminando o vinho. Elas são muito diferentes, mas há um elo cada vez mais forte entre as duas. É difícil resistir ao fato de ser idolatrado.

Muitas coisas foram feitas por Harry, e, mesmo assim, Madeleine nunca protestou ou expressou qualquer res-sentimento. Ela se entregou completamente. Desde que se casaram nunca pensei que Madeleine viria a precisar ou querer qualquer coisa além de Harry, porque ela já tinha tudo. Ele era a peça que faltava, a peça que a completaria. Mas ela é humana, também, algo que a maioria de nós parece esquecer às vezes. Isso acontece porque Madeleine parece ser imune à mesquinharia, tendo uma serenidade que fica cada vez mais intensa quanto maiores são seus problemas. Ela sabia que tinha Harry e Johnny — e a mim, é claro — mas será que alguém pode culpá-la por querer mais? O importante é pensar que ela era a pessoa que tomou a decisão.

Como geralmente faço, fico sentado em meu quarto, olhando para a casa dela. Ao longe ouço o apito do trem da noite voltando a Nova York. A luz da casa de Maddy se apaga bem depois da meia-noite, e me deito na cama em que dormia quando era criança.

4

NA MANHÃ SEGUINTE, Claire desce depois de todos nós. Já são quase onze horas. Estamos ao redor da casa, sob o sol. Harry está acordado há horas. Diz que é o período em que consegue trabalhar melhor. Todos já nos ocupamos com a rotina normal dos fins de semana. Jornais. O cheiro de café e bacon. O canto dos grilos e o pio dos pássaros. Harry e Johnny estão praticando o lançamento dos anzóis no gramado para a pesca fly. Eles manejam e giram a linha longa com movimentos graciosos, deixando que a ponta da linha paire por um segundo antes de descer lentamente em direção à grama. Estão fazendo isso há quase 45 minutos. É algo hipnótico, como observar a água fluir e correr em um riacho. É uma habilidade que nunca consegui dominar. Johnny já é capaz de lançar sua linha como um profissional experiente. No ano passado Harry o levou ao Wyoming para passar uma semana no rio Bighorn. Certa vez, Harry me disse que, se não fosse escritor, teria se tornado um guia de pescadores.

Claire surge de dentro da casa, trazendo uma caneca na mão. Seus olhos estão um pouco inchados. Ela está usando a camiseta de hóquei de Yale de Harry. A camiseta cobre seu corpo até pouco abaixo do topo das coxas. Está descalça.

— Ah, então é aí que ela está — ele diz. — Andei procurando essa camiseta.

— Desculpe. Levei-a por engano. Eu a trouxe ontem à noite para devolver. Espero que não se importe. Ela é muito confortável.

— De maneira nenhuma. Sempre posso conseguir outra. Afinal de contas, você me deu uma camiseta nova ontem à noite.

— Obrigada.

Não consigo evitar de observá-la. Posso ver o contorno de seus seios sob a camisa, sua firmeza juvenil, e o contorno dos mamilos, que quase não são visíveis. Talvez ela sinta meus olhos sobre seu corpo e peça licença para voltar para dentro da casa. Já a vi nua no

escuro, mas, de algum modo, é diferente pela manhã. É claro, ela me viu nu, também, mas não é exatamente a mesma coisa. Não tenho mais os encantos e a beleza da juventude, se é que já tive.



Em um dia de verão, só há uma forma de ir passar um dia na praia — de canoa. A minha casa e a casa que antigamente pertenceu a Madeleine ficam lado a lado, com vista para uma lagoa salobra que deságua no oceano. Quando crianças desdenhávamos da noção de ir à praia de carro, ou mesmo de ir até lá de bicicleta. Enchíamos uma velha canoa Old Town com toalhas, caixas térmicas, cadeiras de praia e qualquer coisa de que precisássemos, e saíamos remando como os exploradores Lewis e Clark. A distância não chega a um quilômetro. Remávamos o percurso inteiro, e os ventos às vezes eram fortes, forçando-nos a ficar perto da orla, mas o esforço extra era sempre recompensado. Diferentemente das pessoas que vinham com seu carro e sentavam-se em grupos ao redor do estacionamento, tínhamos uma faixa enorme da praia quase inteiramente para nós.

Há duas canoas agora, e as guardamos sobre cavaletes na minha casa. Os remos e os coletes salva-vidas embolorados, que apenas Johnny usa nesses passeios, ficam pendurados em ganchos. Harry e eu erguemos uma das canoas e a levamos até o velho atracadouro, passando pelos juncos, e depois a colocamos na água, com os pés afundando na lama da margem. Ned levanta tranquilamente a outra canoa sozinho. O vime dos assentos já cedeu há muito tempo e foi substituído por tábuas toscas e menos confortáveis. Aranhas saem correndo de dentro dos rebordos das canoas e as espantamos com as mãos. Com a água na altura dos tornozelos, carregamos as canoas e assumimos nosso assento. Como de hábito, me sento na popa e Maddy na proa de uma delas; Harry e Ned se acomodam na outra. Johnny senta-se em frente a seu pai enquanto Cissy se reclina no meio, sobre uma espreguiçadeira, como Cleópatra fazendo um passeio pelo Nilo.

Claire embarca na canoa em que estamos e senta-se sobre uma caixa térmica.

— Sinto como se não estivesse fazendo nada de útil — ela diz. — Quer que eu desça e empurre a canoa?

— Bobagem — respondo. — Aproveite o passeio.

— Só se um de vocês me deixar remar de volta — ela pede. A outra canoa já está bem à nossa frente. O trajeto até a praia é sempre uma corrida. O peso extra de Cissy e Johnny, com a maioria das coisas que estão levando, acaba por equilibrar as coisas. Entretanto, agora que estamos com Claire, estamos perdendo terreno. Madeleine se concentra intensamente, estendendo o remo para cortar o máximo possível de água, mandando redemoinhos em miniatura em minha direção. Ela é muito forte. Remo com força também, focando mais na velocidade do que em manter o rumo.

— Ah, é tudo culpa minha — afirma Claire, ao perceber que estamos ficando muito para trás. Ela entendeu a urgência do momento, mas não pode fazer nada a respeito.

— Agora chega — ela diz, e tira sua camisa. Graciosamente, mergulha na água e passamos a avançar rapidamente.

— Eu não estava brincando quando falei sobre empurrar — ela diz, e sentimos que ela bate os pés na água por trás da canoa.

Madeleine grita:

— Estamos chegando perto.

É verdade. Realmente estamos. Meus braços estão ficando cansados, mas mantenho o mesmo ritmo de antes. Não vou desapontá-la. Madeleine é a pessoa mais competitiva que conheço.

— Arranjem um cavalo — grito para a outra canoa conforme nos aproximamos.

— Ei, isso é trapaça — grita Harry. — Não é permitido usar motor!

— Mais rápido, papai, mais rápido!

Sinto Claire parar de empurrar e vejo que a outra canoa está saindo de seu curso. Claire reapareceu ao lado do outro barco. Ela agarrou o leme e a está forçando a sair do rumo.

— Não é justo — afirma Harry, enquanto começa a se levantar.

Cissy grita:

— Nem pense nisso, Harry!

Rindo, ele tenta agarrar Claire, mas ela mergulha.

Segundos depois sua cabeça surge do outro lado, como uma foca. A canoa balança violentamente mas não vira. Ned está sentado na proa com o remo no ar, com uma expressão de admiração.

— Vou querer uma revanche — ele diz.

Madeleine continua a remar com força quando os passamos. Sinto que meus braços estão prestes a cair e minhas costas estão ardendo, mas continuamos a remar até chegarmos à praia. Não há como perder agora. Inclino-me para trás, exausto, enquanto a canoa desliza até parar. Maddy sai do barco e dança triunfante na água. Claire se aproxima e as duas se abraçam como campeãs de um torneio.

— Engula essa, Winslow! — grita Maddy. Estou cansado demais para me mover.

— Foi uma violação escandalosa. Vamos registrar um protesto oficial com os fiscais do iate clube — brinca Harry, em tom de piada, conforme se aproximam mansamente da praia. — Vamos fazer que eles a proibam de voltar a estas águas pelo resto de sua vida, senhora Winslow.

— Você não passa de um mau perdedor.

— Eu? Estávamos ganhando de maneira justa até vocês lançarem um torpedo contra nós.

— No amor e nas corridas de canoa, tudo é válido, meu bem — ela diz, antes de beijá-lo.

— Você vem na nossa canoa quando voltarmos — ele diz em voz alta para Claire, e todos riem.

Sei que a maioria das pessoas acha que a praia é um lugar para relaxar e se restaurar, mas algumas praias têm poderes especiais de cura. Para mim, a praia onde estamos é um desses lugares. É um lugar que exploro desde a minha infância, e sinto-me tão seguro aqui quanto em minha própria casa. Tolero os intrusos ocasionais assim como qualquer anfitrião, mas sempre fico secretamente feliz quando consigo ter o lugar só para mim outra vez. Se estiver em uma faixa de areia no Caribe ou no Maine, é certo que vou apreciar

o lugar, mas não é exatamente a mesma coisa. Em alguns lugares a água é fria demais, ou quente demais, ou verde demais. As conchas são estranhas para mim, os cheiros não são familiares. Mas este lugar é perfeito, e fico igualmente feliz vindo até aqui em janeiro ou agosto. Há alguns dias em que quero mais do que naquele primeiro dia de calor, dias em que me sinto corajoso e resoluto para enfrentar as temperaturas ainda geladas e as únicas outras criaturas na água são surfistas com suas roupas de neoprene e os peixes. Mergulho no frio, que entorpece e restaura ao mesmo tempo.

Meu pai fazia isso todos os anos, também. Ele e eu íamos até a praia com o velho carro da família e mergulhávamos na água. Não havia ninguém na praia naquela época do ano, e ele dizia: — É a hora do urso-polar, Walt.

— Hoje em dia, uma parte de mim faz isso por ele, e, se eu tivesse um filho, faria a mesma coisa com o garoto.

No meio do verão a água fica mais quente, e se torna mais fácil tomar banhos de mar, embora a temperatura raramente passe dos 21 graus. Não sou alguém que adora ficar sob o sol, uma pessoa que passa horas deitadas, tentando conseguir um bronzeado. Para mim a praia tem a ver com movimento, nadar, caminhar ou jogar, algo para comer e, finalmente, uma chance de dormir sob o sol e recarregar as baterias antes de remar de volta para casa.

Maddy abre os cobertores sobre a areia enquanto Harry e eu fixamos os guarda-sóis. Temos uma obsessão quase fanática em fazer que as varas estejam enfiadas o mais profundamente possível. Uma lufada súbita de vento pode arrancar um guarda-sol mal instalado e soprá-lo pela praia como se fosse um frango sem cabeça. É o típico sinal de um banhista inexperiente. Cavamos fundo, rodeando a base com areia molhada e fixando-o bem. Depois, jogamos futebol americano. Johnny, Claire e Harry em um time. Ned, Cissy e eu no outro. Claire é incrivelmente boa no jogo. Ela agarra vários lançamentos que Harry lhe faz e passa por mim duas vezes, correndo, fazendo que eu me sinta velho e gordo. Quando seu time vence, Claire pula de alegria, sorrindo

amplamente. Este é seu dia; ela está causando um impacto em nossa vida.

Todos estamos quentes e suados. Harry propõe um mergulho. — Vamos fazer uma corrida — propõe ele. Já estamos acostumados com suas corridas.

Cissy resmunga alguma coisa e diz a Harry que ele tem energia demais.

— Eu vou correr — diz Claire.

— Fantástico — retruca Harry, piscando os olhos. — E você, querida?

Já sabemos a resposta. Maddy não diz nada, mas sorri e remove sua velha saída de praia verde, aquela que comprou na Espanha há alguns anos. Ela pode já ter passado dos quarenta, mas ainda tem o mesmo corpo que tinha aos vinte. Um tronco alongado e formoso, seios surpreendentemente grandes, ombros fortes, barriga achatada, traseiro pequeno e pernas esguias, levemente arqueadas. É um corpo com o qual qualquer garoto adolescente sonharia.

— Você tem um corpo maravilhoso — comenta Claire enquanto observa Maddy se alongar. — Qual é seu segredo?

— Está brincando? Sou gorda — ela sempre diz isso. Detesta ser elogiada por sua aparência. Não é gorda.

— Estão vendo aquela boia branca? — pergunta Harry a Claire. — Vamos até lá, nadamos ao redor e voltamos, certo?

Os três pulam na água e atravessam a arrebentação. Claire nada com força, mas Harry e Madeleine rapidamente a deixam para trás. Madeleine corta a água com braçadas longas e poderosas. Sua velocidade é incrível. Ela já deu a volta na boia quando Harry a alcança. Claire está muito atrás de ambos. Maddy sai tranquilamente da água em primeiro lugar, e mal chega a estar respirando com dificuldade. Ela se vira e espera por Harry. Ele chega pouco depois, arfando. Ned, Cissy, Johnny e eu assobiamos e aplaudimos.

— Você é boa demais — ele diz. — Ainda vou ganhar de você algum dia.

— Talvez eu deixe você ganhar como presente de aniversário, querido — ela responde com um sorriso. É parte da velha rotina entre os dois. É como o mito grego em que o resultado é sempre o mesmo. Acho que, se por algum acidente de percurso Harry estivesse prestes a vencer, ele a deixaria passar. Um mundo no qual Maddy nem sempre vence suas competições de natação é um mundo no qual nenhum deles quer viver. Não tenho certeza se eu também iria querer.

Claire chega cambaleando. Parece estar exausta e surpresa por haver perdido.

— Alegre-se, Claire — diz Harry com uma gargalhada, dando-lhe um tapinha amistoso nas costas. — Acho que devia ter lhe contado que Maddy era uma nadadora de nível olímpico no tempo da escola. Ela venceu as etapas regionais de Maryland na época do ensino médio e era uma das reservas da equipe dos Estados Unidos. Nunca cheguei nem perto de ganhar dela.

É verdade. Maddy é uma atleta extraordinária. Você devia vê-la manejando um taco de golfe.

Com as mãos nos quadris, curvada levemente para a frente, Claire ainda respira com dificuldade. Ela recebe a informação sem dizer nada, mas percebo que ela observa Maddy. Ainda está incrédula. Com a arrogância da juventude, é difícil para ela acreditar que alguém com dez ou mais anos do que ela venceria. Ela está vendo em Madeleine algo que não percebera antes. Conheço a sensação.

Ela se aproxima de Maddy, que está secando os cabelos, e diz:

— Foi incrível. Não fazia ideia de que você nadava tão bem. Por que parou de nadar?

Maddy vira-se, com o sol iluminando-a. Parece um ser de uma espécie mais avançada.

— Não parei de nadar. Simplesmente encontrei outras coisas que eram mais importantes.

Posso ver que essa resposta deixou Claire confusa. Observo seu rosto. Para ela, o talento não é algo que possa ser ignorado. — Se eu fosse tão boa quanto você, não teria deixado a natação de lado.

Maddy sorri.

— Venha, me ajude com o almoço — ela pede.

Elas se ajoelham ao lado das caixas térmicas. Há garrafas de cerveja úmidas pelo gelo, coxas de frango que sobraram do jantar da noite anterior, sanduíches de salada de ovos e batatas fritas caseiras. Pasta de amendoim e geleia para Johnny. Nós nos acomodamos sobre os cobertores, comendo alegremente. Sentado em uma velha cadeira de praia, estou usando meu chapéu de palha surrado, com sua aba que já começa a se desprender, para proteger minha cabeça do sol. Tenho cada vez menos cabelos.

Claire se aproxima de mim e sussurra:

— O que aconteceu com Johnny?

Johnny está sem camisa. Há uma longa cicatriz esbranquiçada no centro de seu peito bronzeado.

— Problemas cardíacos — sussurro de volta. — Passou por várias cirurgias quando ainda era muito novo.

— Ele está bem agora?

Faço que sim com a cabeça. É um assunto sobre o qual prefiro não pensar muito.

Ela vai até onde ele está e senta-se a seu lado. Começam a brincar na areia. Os adultos estão discutindo política. Harry e Ned, como sempre, em lados opostos do espectro. Maddy está lendo, ignorando-os, como de costume. Cissy está deitada de bruços, com as alças da parte de cima do biquíni soltas. Penso em ler um pouco também, mas sinto que minhas pálpebras estão começando a pesar. Ao longe, vejo Johnny e Claire passeando juntos pela praia e procurando conchas. Não demora muito e adormeço.

5

O RESTAURANTE É UMA VELHA PROPRIEDADE RURAL, um pouco afastada da estrada principal. As lendas locais dizem que, em uma encarnação anterior, o lugar era um bar conhecido por vender bebidas alcoólicas ilegalmente no tempo da Lei Seca. Do outro lado da estrada fica uma das últimas fazendas que restaram na área, com campos de milho encobertos pelo crepúsculo. A proprietária, Anna, sequer tem um metro e meio de altura, com os cabelos ruivos cortados bem curtos e um nariz recurvo como um bico. Nunca se casou. Sua mãe, que morreu há alguns anos, era muito gorda, e todas as noites se sentava em uma cadeira na cozinha escaldante, esperando até que o último cliente fosse embora. Quando Anna nos vê, abraça Maddy, Harry e a mim, um sinal de respeito, que sabemos que tem a ver com o fato de Harry ser um escritor respeitado e também por sermos clientes fiéis há vários anos. Uma das paredes atrás do bar está coberta com capas de livros emolduradas e autografadas por clientes habituais. Vonnegut, Plimpton, Jones, Winslow.

— Vocês estão atrasados — ela nos repreende. Ficamos esperando em casa para observar o pôr do sol e já estamos um pouco bêbados. Harry serviu os martínis. — Quase cancelei a reserva de vocês. O restaurante está muito movimentado esta noite.

Clientes que esperam sua mesa estão amontoados ao redor do pequeno balcão do bar, onde Kosta serve os drinques. Ace-namos para ele e seguimos Anna até nossa mesa. A decoração não mudou desde que comecei a comer aqui na década de 1970 com meus pais, e provavelmente ainda é a mesma de quando o restaurante abriu as portas, na década de 1950. As paredes têm um leve tom castanho devido à idade.

— Vocês pediram uma mesa dentro da casa, certo?

Há uma varanda com mesas para o jantar durante o verão, mas é iluminada demais para nosso gosto. É onde os milionários se sentam. O salão interno é mais aconchegante, as mesas e as cadeiras são de madeira e bem sólidas, ao invés de serem feitas de plástico barato como as que estão do lado de fora. As toalhas quadriculadas em branco e vermelho estão remendadas e desgastadas. Pedimos mais martínis a uma das garotas vietnamitas que trabalha aqui. Há uma família inteira deles. Todos moram em um trailer atrás do restaurante.

— Espere até você experimentar a carne que eles servem aqui — diz Harry a Claire, inclinando-se sobre a mesa. — É o melhor filé assado do mundo. Ela olha para os preços no cardápio e sussurra para mim: — Walter, a comida aqui é muito cara.

Sim, o lugar é caro. Não é o tipo de lugar onde ela viria normalmente se não estivesse com um homem para pagar a conta. Percebo que ela está fazendo cálculos mentalmente. Lembro-me como é sair com um grupo grande e com gostos caros quando você tem apenas um punhado de dólares no banco.

Certa vez, durante a faculdade, acompanhei alguns colegas de sala quando foram a um restaurante na região do Upper East Side. Não eram mais do que alguns alunos passando um fim de semana na cidade. Meu primeiro cartão de crédito ficava escondido em minha carteira. Quando meu pai o deu para mim, disse: “Veja bem, Walt. Isto é para ser usado apenas em emergências”. Eu tinha cerca de cinquenta dólares em dinheiro vivo, também, o que, na época, era uma fortuna. Um dos membros de nosso grupo, filho de um importador de vinho que fora criado glamorosamente em Connecticut e na Inglaterra, casualmente nos informou que pediria o caviar. Vários outros, igualmente privilegiados, pediram a mesma coisa. Engoli em seco quando vi os preços. Ele também pediu vinho, champanhes e o Bordeaux.

Não era assim que eu normalmente vivia. Uma parte de mim ansiava pela experiência, enquanto a outra parte estava escandalizada pela extravagância. Ainda assim, minha família não era pobre. Mas uma vida inteira de mesadas controladas firmemente, colégios internos, clubes de campo e a faculdade me

mantiveram longe desse tipo de decadência. Deliberadamente, pedi a coisa mais barata no cardápio. Um prato com frango. Não importou, é claro. Quando a conta chegou, dividimos tudo igualmente. Fiquei horrorizado ao perceber que minha parte a pagar era de quase cem dólares. Eu nunca gastara tanto dinheiro assim em uma única refeição em minha vida. Se meus companheiros estavam igualmente escandalizados, esconderam bem. Como vim a descobrir mais tarde, esse era o código. Cavalheiros não se importam com a conta. Quando entreguei relutantemente o cartão de crédito, senti-me um tremendo idiota, especialmente ao pensar naqueles que haviam se empanturrado à minha custa.

Quando contei a meu pai sobre o que aconteceu, ele me garantiu que cuidaria da conta. Dessa vez.

— Espero que tenha aprendido uma lição — ele disse. — Da próxima vez, você ficará por sua própria conta.

Eu me viro para Claire e sussurro:

— Não se preocupe. É um presente nosso. Você é nossa convidada.

Ela não diz nada, agradecendo-me unicamente com seus olhos. São verdadeiramente lindos.

Pedimos nosso jantar. As bebidas chegam. Em seguida, pratos quentes de saganaki, que é basicamente um queijo grego derretido. Incrivelmente delicioso. Taramasalata, pão e azeitonas. Vinho. Estamos todos rindo muito. Harry está em pé contando uma história engraçada com um sotaque estranho e contorcendo-se em uma espécie de dança, o que nos leva às gargalhadas.

Finalmente os filés chegam. Imensos pedaços de carne assada, grossos, com crostas chamuscadas de sal, pimenta e gordura borbulhante escorrendo pelos lados. Nós os atacamos como uma matilha de cães.

— Ah, meu Deus, essa é a coisa mais deliciosa que já comi — geme Claire.

O restante de nós resmunga alguma coisa, concordando. Alegres demais para parar de mastigar.

Em meio a uma mordida, sinto que Claire fica tensa. Olho em sua direção, pensando que ela pode estar prestes a engasgar. Mas não é isso. Ela viu alguma coisa. Olho em volta, na mesma direção de seu olhar.

— Que ideia é essa, Winslow?

É Clive. Ele está em pé ao lado da mesa. Com uma expressão dura no rosto. Parece estar pálido.

— Clive — diz Claire. — O que você...?

— Cale a boca. Não estou falando com você.

Harry coloca a faca e o garfo sobre o prato. O resto de nós continua sentado, na expectativa. Ned empurra sua cadeira para trás. Os músculos se retesam ao redor de seu pescoço. Harry diz: — Clive, vou pedir para que não fale com Claire desse jeito.

— Falo com ela da maneira que eu bem entender. E então — ele diz, virando-se para Claire. — Já fodeu com ele? — e depois, virando-se para Harry, prossegue: — Ela é boa de cama, não é mesmo, `Arry?

Noto que ele está ignorando seus Hs, revelando suas verdadeiras origens. Sim, sei, sou um esnobe. Mas será que isso é pior do que fingir ser alguém que você não é?

— Saia daqui, Clive. Você está bêbado.

— E se eu estiver? — ele pergunta, fazendo uma careta para Maddy. — É melhor tomar cuidado com essa aí, ou ela vai dar para o `Arry assim que você virar as costas.

— Bem, agora chega.

Harry está de pé, indo na direção de Clive.

Por um minuto, penso que ele vai acertá-lo. Clive parece estar pensando a mesma coisa, porque involuntariamente se esquiva, esperando um golpe que nunca chega. E Harry é um homem poderoso. Talvez não seja tão forte quanto Ned, mas é forte o suficiente. É impossível jogar hóquei como Harry fazia e não ser bom com os punhos. Em vez de socá-lo, Harry o agarra com força pelos colarinhos.

— Clive, não sei do que você está falando, mas obviamente já bebeu demais — ele diz. — Quero que você se desculpe com a

minha esposa, com Claire e com Cissy. Depois, quero que você pague sua conta e saia daqui.

Clive parece estar nervoso, mas retruca:

— E se não me desculpar?

— Nesse caso, vou levá-lo para fora e lhe dar uma surra que você nunca mais vai esquecer.

Neste momento, Anna está em nossa mesa, e os clientes sentados ao nosso redor estão olhando em nossa direção.

— O que está acontecendo? Senhor Harry, o que o senhor está fazendo?

Harry solta a camisa de Clive.

— Nada, Anna. Um de seus clientes já estava de saída.

— Vá se foder, 'Arry — diz Clive, recuperando a com-postura enquanto sai do salão. E para Claire: — Foda-se você também, sua piranha.

Ned está a ponto de ir atrás dele, mas Harry o toca no ombro.

— Deixe-o ir. Não vale a pena — conclui. Para Anna, ele diz: — Minhas desculpas, Anna. Espero que isso não tenha estragado o apetite de seus outros clientes.

— Não gosto desse tipo de coisa aqui, senhor Harry — ela diz. — Não quero aquele homem aqui outra vez. Vocês são quase membros da família. Você, a senhora Winslow e o senhor Walter.

— Obrigado, Anna — ela diz. Em seguida, olha para Claire, coloca as mãos em seus ombros e pergunta: — Está tudo bem?

Ela faz que sim com a cabeça, com os olhos vermelhos. — Desculpe — ela soluça. — Desculpe.

— Alguns homens simplesmente não gostam de ser dispensados, hein? — alguém tenta fazer uma piada para quebrar a tensão. Acho que esse alguém sou eu.

— Harry — diz Maddy, levantando-se solenemente. — Vou levar Claire para o banheiro. Venha, Claire. Cissy, venha conosco também.

Quando voltam, Claire está em silêncio. Não olha para ninguém. Maddy apoia o rosto no ombro de Harry.

— É melhor irmos embora.

— É claro. Vou acertar a conta com a Anna.

O trajeto de volta para a casa é tomado por um silêncio desconfortável. Ned e Cissy estão em seu próprio carro, e o restante de nós no velho Jeep. Harry tenta tirar o peso da situação. Desta vez, seu charme natural não funciona. É impossível saber o que Maddy está pensando. Ela está guardando seus pensamentos para si mesma. Sobre o que os dois conversarão mais tarde, na privacidade de seu próprio quarto? Maddy ficará irritada? Assustada? E o que Harry vai dizer ou fazer? Chegarão a dizer alguma coisa? Não faço ideia. Esse é um território inexplorado. Eles estão casados há vinte anos, e são tão inseparáveis que ela o acompanha até mesmo nas viagens para promover seus livros.

É Madeleine quem consegue salvar aquele momento. Ela se vira em seu assento, olha para Claire, que está sentada no banco traseiro, a meu lado, e diz:

— Espero que você saiba que acho que o que Clive disse é uma besteira sem tamanho.

Claire choraminga, grata.

— Obrigada, Maddy.

— Não. Você não precisa me agradecer. Sinto nojo ao pensar que alguém como ele acha que tem o direito de jogar seu veneno na cabeça das pessoas simplesmente porque não está feliz. Ele é um homem idiota, e estava tentando magoar você e também a nós. Nós ofendemos sua vaidade, e ele precisava extravasar.

Acho que nunca senti tanto orgulho dela. Ela sempre teve talento para eliminar o que não tem importância e concentrar-se no essencial.

Harry está dirigindo, com os olhos firmes na estrada. Por um breve momento ele olha para Maddy e sorri, e ela retribui o sorriso. Os momentos desagradáveis foram esquecidos; a ordem e a confiança foram restaurados.

— Vocês viram o rosto dele quando Clive pensou que eu ia acertá-lo? — pergunta Harry.

Maddy ri.

— Eu sei! Achei que ele fosse começar a chorar. Por que não bateu nele, afinal? Deus sabe que ele merecia.

— As coisas não são mais como antigamente, querida. Até onde sei, ele poderia ter vindo jantar com uma mesa cheia de advogados, esperando que eu fizesse exatamente isso. É impossível bater em alguém sem ser processado hoje em dia. Aconteceu com um amigo meu há alguns anos. Arrancaram uma grana preta dele. Os advogados tiram a diversão de tudo que existe. Ah, desculpe, Walter. Não quis ofender.

— Não me ofendo por pouca coisa — respondo. Maddy volta a olhar para Claire.

— Por que ele fez isso? Ele sempre age assim? Meu Deus, que homem horrível.

Claire, chocada com a pergunta, responde:

— Na verdade não sei. No início ele era muito gentil.

Foi apenas quando saí de perto dele que percebi esse lado diferente nele. Em Nova York, ele era encantador, bonito e bem-sucedido...

— Um belo partido — comenta Maddy.

— Sim. Não. Acho que sim. Mas aqui ele parecia muito diferente, então, não sei... ele simplesmente não era...

— Não era o quê? — pergunta Harry.

— Ele não era... — ela começa, mas detém-se. — Não era genuíno. Sim, é isso. Ele parecia simplesmente uma falsificação. Entende o que quero dizer? De repente, aqui, neste belo lugar, ao lado de todos vocês, ele simplesmente parecia ser um cara fajuto. Da mesma forma que é possível identificar um diamante falso quando ele é colocado ao lado de um verdadeiro sob a luz correta.

Estacionamos na frente da casa deles. Algumas luzes estão acesas. A babá está acordada. Ned e Cissy, evidentemente, foram diretamente para a minha casa. Despeço-me e os sigo até lá, trilhando meu caminho como um monge cego em meio a um labirinto familiar.

6

É O DIA DO TRABALHO.* O último grito do verão. As noites já começam a cair mais cedo. O outono está à espera. As pessoas levam blusas e casacos quando saem à noite.

Claire está no carro comigo. Ela vem passando todos os fins de semana conosco. Já pertence à turma agora, parte de um núcleo que nunca muda, mesmo quando personagens menores surgem ou desaparecem em restaurantes, festas particulares, tardes preguiçosas na casa dos Winslow ou na praia, noites jogando Imagem & Ação, velejando em meu pequeno barco, o nono aniversário de Johnny, nadar nus no oceano ou sentar sob as estrelas ouvindo Verdi. Estamos todos bronzeados.

Insisti em sair na quinta à noite, dizendo a ela para ligar para a empresa onde trabalhava e dizer que estava doente. Ninguém vai trabalhar de qualquer maneira, disse a ela. Todos aproveitam para viajar. Saímos no início da noite. Jantaremos e conversaremos. Essa é a minha chance de conhecê-la melhor. Ela ficará hospedada na minha casa neste fim de semana. Assim como Ned e Cissy. Eles chegarão amanhã. Os Winslow receberão outros hóspedes em sua casa neste feriado.

Peço martínis para nós dois. Agora, ela já os adotou também. Nunca mais do que dois, eu lhe disse certa vez. Repito uma velha piada sobre por que martínis são como os seios de uma mulher: um não é o bastante, e três é demais. Palavras para nos guiar na vida.

Estamos em um restaurante italiano na cidade. Funciona desde 1947. Os assentos estão forrados com couro sintético vermelho, e o menu exhibe um desenho da torre inclinada de Pisa. É a última casa de comércio em Newton Lane que continua aberta desde que eu era criança. Até mesmo a loja de ferramentas foi substituída. Há duas coisas de que gosto neste lugar. Um é o fato de que ele é incrivelmente democrático. Já vi astros do cinema jantando em mesas ao lado de pescadores com a pele maltratada pelo tempo e

sua família. A outra coisa são as pizzas deliciosas de massa fina que eles preparam. Eu a interrogo. Quando foi que nasceu, onde viveu, em qual faculdade estudou, qual foi seu curso, por que está fazendo o que faz, quem ela é. Minha mão direita chega a coçar, sentindo a falta de um bloco de notas para anotar tudo, mas acho que vou me lembrar do suficiente.

Ela é uma testemunha disposta a colaborar, e o gim já soltou sua língua. E estou me comportando bem. Não sou agressivo, mas solícito, empático. Ela me fala sobre seu pai, sua mãe francesa e seu irmão mais novo que mora na Califórnia, onde trabalha em uma empresa de software. Mas também sei que as testemunhas têm suas próprias motivações. Elas mentirão ou distorcerão os fatos, se tive-rem de fazê-lo. Elas podem se ressentir ou se fechar em si mesmas, divulgando só as informações mais superficiais. Outras vão querer que goste delas, pensando que isso vai influenciar minha interpretação da lei.

E fica claro que Claire quer que eu goste dela. Não de maneira romântica, é claro. Não, ela está tranquila demais à minha volta para isso acontecer. Em vez disso, me trata como uma pessoa que está conversando com um possível futuro chefe. Quer que eu veja seus melhores aspectos, ganhar a minha aprovação. E é difícil resistir a ela. Ela ri das minhas piadas, me faz perguntas, faz que eu lhe conte histórias. Não há nada de que um homem goste mais do que o som de sua própria voz e uma plateia atenta, preferencialmente feminina.

O assunto da conversa passa a ser Harry e Madeleine.

— Conte-me mais a respeito deles — ela pede. — Sei que você conhece Maddy desde que era criança. Nunca conheci ninguém como eles. Eles realmente são tão felizes quanto aparentam?

Nós já quase terminamos o vinho. Crostas e algumas poucas fatias solitárias de azeitonas são tudo que resta na bandeja.

Dou de ombros.

— Quem pode dizer? Pelo que sei, a felicidade é uma quimera. A verdadeira pergunta é, será que a felicidade é maior do que os momentos ruins? Porque todo relacionamento tem ambos. Acho que é uma questão de ter mais de um do que do outro. E, no caso de

Maddy e Harry, eu diria que sim, há mais felicidade. Eu os conheço muito bem, e tenho de admitir que nunca vi um casal em que o marido e a mulher fossem feitos tão perfeitamente um para o outro. Eles sabem trabalhar juntos e se divertir juntos.

Não a culpo por ser curiosa. Alguns casais causam esse efeito. Eles têm uma aura dourada a seu redor, algo quase palpável que os faz brilhar mais do que o restante de nós. É como se passassem pela vida com um holofote permanentemente apontado para eles. Quando entram em uma sala, é impossível não notá-los.

Ela me faz falar. De certo modo, é um alívio poder compartilhar pequenos segredos. Já vi muitas coisas e sei muitas coisas sobre eles. Deve ser assim que um criado se sente, sussurrando sobre a mesa da cozinha. Íntimo, mas, ao mesmo tempo, distante.

— Ele a ama muito?

É uma pergunta que nunca fiz, e que nunca pensei em fazer. Para mim, a resposta é óbvia. Quem é que não ama Madeleine?

— É claro — respondo. — Harry e Madeleine são uma das maiores histórias de amor da nossa era.

Parece piegas, mas é o que realmente penso. Não de uma maneira trágica ou fatal, em que o amor é negado ou distorcido, como alguém pode ler em um romance literário. Eles não são Tristão e Isolda, ou Abelardo e Heloísa. Não consigo pensar em nenhum herói da literatura que se encaixaria no paradigma deles. É uma história que carece dos obstáculos à paixão. Eles se conheceram e se apaixonaram. É uma das coisas mais simples, e, ao mesmo tempo, mais difíceis de se fazer. O drama da vida deles é saberem como manter o amor vivo. E também o fato de não serem egoístas em relação a seu amor. Eles o compartilham com muitas pessoas. É o que atrai o restante de nós para eles. Não é por ele ser um escritor respeitado ou por ela ter uma beleza fora do comum, ou mesmo por morarem em uma bela casa perto da praia, ou qualquer outro de seus muitos atributos. É a força do elo que os une que nos atrai e nos inspira. Olhamos para eles e queremos ser como eles. Digo tudo isso a Claire. Provavelmente estou um pouco bêbado e levemente constrangido pela minha eloquência.

Mais tarde, no trajeto de volta à minha casa, tento me aproximar dela mais intimamente.

— Walter, por favor, não faça isso — ela pede. — Não vamos complicar as coisas.

Peço desculpas. A ideia de forçar-se contra a vontade de uma mulher é repelente. Senão pensasse assim, talvez tivesse beijado mais mulheres.

Depois de alguns momentos ela diz:

— Espero que não se importe.

— Não, de maneira nenhuma — respondo, resolutamente. — Achei que foi algo cortês, pelo menos o ato de tentar. Não queria que você se sentisse insegura.

Ela ri, pousando a mão sobre o meu joelho por um instante. — Obrigada, Walter. Você fez que eu me sentisse muito melhor.

Somos amigos outra vez.

Em casa, tudo em silêncio. Eu me dou conta de que ela nunca esteve aqui. O centro da ação sempre foi a casa de Maddy e Harry.

— Gostaria de conhecer a casa? Prometo que não vou pular em cima de você.

— Adoraria.

A casa foi construída pelo meu bisavô. Ele a chamou de Dunemere. Todas as casas tinham nomes naquela época, mas faz muito tempo desde que alguém a chamou assim pela última vez. Naquela época, as pessoas raramente construíam casas em frente à praia. Preferiam estar mais perto da cidade e das terras aráveis, e longe das tempestades que devastavam a orla marítima. Foi só no fim do século XIX que alguns ricos de Nova York começaram a comprar terrenos com vista para o mar, onde construíam enormes casas de verão, simplesmente para abandoná-las todo ano, pouco depois do Dia do Trabalho.

Na década de 1960 meu pai adaptou a casa para o inverno, especialmente para que pudéssemos passar o Natal aqui. Mandou colocar isolamento térmico nos vãos das paredes, que, antigamente, eram preenchidos apenas com jornais velhos e garrafas de cerveja deixados pelos operários que construíam o lugar. Ele também instalou uma fornalha no porão e aquecedores

nos quartos, mas foi só depois que meus pais morreram e herdei a casa que ela começou a ser usada o ano inteiro, embora eu a feche em janeiro e fevereiro e esvazie os canos para que não congelem.

Diferentemente de muitas das casas modernas construídas na região, o interior é escuro, e suas dimensões são modestas para uma casa deste tamanho. Não tenho uma sala de televisão. Nem uma cozinha em estilo familiar. Os agentes imobiliários aqui diriam que é uma casa que precisa de várias reformas, porque a nova geração de com-pradores de casas a acharia muito antiquada. O projeto é italiano; massa corrida cor de creme na fachada, algo que não pareceria estranho na região do lago Como ou em Antibes. Nas velhas fotografias em preto e branco há toldos listrados sobre as janelas. Dentro da casa, é possível entrar em um corredor central com o pé-direito alto revestido com o estuque escuro que, há um bom tempo, era algo muito elegante. O estuque mantém a casa fresca. As paredes têm retratos de família e uma grande tapeçaria Gobelins, já desbotada, que meu avô trouxe quando voltou da Primeira Guerra Mundial. Logo adiante, passando por uma porta grande, há um terraço amplo de tijolos, onde meus pais fizeram sua festa de casamento. Tem a mesma largura da casa inteira, com vista para um gramado em declive que termina na lagoa de água salobra que leva ao oceano. Ao lado da porta há dois retratos em tamanho natural de meus bisavós. Meu avô, um garotinho usando roupa de marinheiro, está ao lado de seu pai, que usa óculos e tem uma expressão sisuda. Do outro lado, minha tia-avó, vestida com uma saia rodada, exhibe cabelos longos e está encostada no colo de sua mãe.

Uma mesa longa toma conta da maior parte do lado esquerdo do salão, e, sobre ela, há um velho livro de visitas com capa de couro. O livro está quase cheio. A primeira entrada é quase tão velha quanto eu. Os livros mais anti-gos estão na biblioteca, cheios de assinaturas rebuscadas e nomes de pessoas mortas há muito tempo.

— Por favor, assine seu nome se quiser — sugiro.

Ela assina. Nunca tinha visto a caligrafia dela antes, e não fico surpreso ao perceber que é clara e elegante. A minha própria

caligrafia, como a da maioria dos advoga-dos, é horrível. Ela escreve seu nome, a data e, em seguida, “Você tem uma linda casa”.

À direita da mesa fica a porta que leva a uma ampla sala formal de jantar, o local escolhido para vários jantares infundáveis dos quais fui forçado a participar quando era criança e quando meus pais estavam presentes, tomando sopa e comendo refeições pesadas preparadas por Genevieve e servidas por Robert. As paredes estão cobertas por um papel de parede Zuber retratando o El Dorado. Adoro esse papel. É um portal para uma dimensão diferente, e, nas raras ocasiões em que ofereço um jantar formal, ainda sou capaz de me per-der nas suas selvas mágicas, remando pelo rio Amazonas ou combatendo índios com meu revólver de confiança.

Há oito quartos no segundo andar. O maior pertenceu a meus bisavós. É conhecido como o Quarto Vitoriano. Acho que vou colocar Claire para dormir ali. A cama com dossel é curta demais para mim, mas é onde sempre deixo os hóspedes que recebo pela primeira vez. Aqueles de que gosto, de qualquer forma. Ainda durmo no mesmo quarto que ocupava quando era criança, sobre a cozinha, no que costumava ser o berçário da casa.

Finalmente, há a sala de jogos no terceiro andar. É o maior cômodo da casa. Contém uma velha mesa de bilhar, estantes cheias com livros que foram populares durante a juventude de meus pais — Kipling, Buchan, Ouwida, Tom Swift e Robert Louis Stevenson — e cômodas cheias de roupas exóticas trazidas no decorrer dos anos por parentes e amigos, que costumávamos vestir para algumas festas à fantasia. Na parede está o remo que meu tio-avô usou nas regatas em Henley e poltronas sob a janela onde eu me sentava com um livro em dias chuvosos.

— Devíamos fazer um baile à fantasia — sugere Claire. Ela está revirando as gavetas. Encontra uma roupa de pierrô que vesti quando era criança. Serviria bem nela. Em seguida, um camisolão árabe que meu pai costumava usar, e que o deixava parecido com Rodolfo Valentino. Sempre admirei aquela peça, especialmente porque continha uma adaga de verdade. — Seria muito divertido —

digo. Faz muito tempo desde que fizemos nossa última festa à fantasia.

Por um segundo, quase tento me insinuar outra vez para ela, mas penso melhor antes de fazê-lo. Talvez ela dis-sesse sim desta vez. Imóveis caros podem ser um poderoso afrodisíaco.

Voltamos para o segundo andar e a levo para seu quarto. É amplo, e as janelas ficam de frente para a lagoa. Imagino que o quarto provavelmente é maior do que o apartamento inteiro onde ela mora. A cama fica logo à direita de quem entra; os lençóis de linho francês eram parte do enxoval de minha bisavó. Criados-mudos que combinam com a cama, uma mesa de vestir que ainda exhibe as escovas de cabelo com cabos de prata da Tiffany's que pertenceram à minha bisavó, uma lareira, uma escrivaninha e um par de poltronas no estilo Luís XV. Fotografias de família em molduras prateadas. Meu avô usando seu uniforme. Os três irmãos da minha avó. Cortinas pesadas num tom pálido de damasco. Um tapete grande, uma chaise longue e uma mesa com um telefone de parede antiquado, com um aparelho de rádio tão antigo quanto. Nenhum dos dois funciona há muito tempo, mas foram deixados ali porque é o lugar onde sempre estiveram.

— Que quarto maravilhoso.

— Pertenceu à minha bisavó. É incrível, não é? Você sabia? Naquele tempo, os casais raramente dormiam no mesmo quarto. Meu bisavô dormia no quarto ao lado — explico. Um quarto tão espartano quanto a cela de um monge.

— E onde você dorme?

— Do outro lado da casa. No berçário. Ora, não me olhe assim. Não é um lugar com pôsteres do Pato Donald nas paredes. Adaptei-o no decorrer dos anos. É apenas o lugar onde me sinto mais confortável.

— Mas você poderia dormir em qualquer quarto da casa.

— Exatamente. E poderia comer na sala de jantar todas as noites e promover festas à fantasia. Mas não o faço. Venho aqui para relaxar, dormir e trabalhar.

— Não se sente solitário?

— Nunca. Além disso, Madeleine e Harry moram na casa ao lado.

Nós nos despedimos e ando pelo carpete do quarto que pertenceu a meus pais, o quarto para os “bons” hóspedes, e volto para meu velho covil. Deitado na cama, naquela noite, fantasio com a possibilidade de Claire vir até meu quarto. Uma ou duas vezes chego mesmo a ir até o corredor, pensando ouvir o som de seus passos, mas, quando finalmente adormeço, pouco antes do amanhecer, ainda estou sozinho.

* Nos Estados Unidos, o Dia do Trabalho é comemorado na primeira segunda-feira de setembro. (N. T.)

7

DEPOIS DA FORMATURA, Harry foi convocado para o corpo de fuzileiros navais. Como havia concluído a faculdade, ele teve o direito automático de se tornar oficial, e entrou na escola de treinamento de aviadores. Madeleine o acompanhou. Eles se casaram no dia seguinte à formatura. Foi uma pequena cerimônia celebrada na capela de Battell, seguida por um almoço no iate clube. Ned foi o padrinho. O pai de Madeleine e seu irmão, Johnny, foram à cerimônia, assim como sua madrasta na época. O senhor e a senhora Winslow. Eu não os conhecia. O pai de Harry era professor de inglês em uma escola preparatória. Elegante, bem articulado, um pouco corcunda, e com os mesmos ombros largos. Harry cresceu no meio de professores em Connecticut, uma vida de privilégios emprestados. Era o mascote dos veteranos quando criança, e convidado nas viagens que seus colegas de classe faziam para esqui e em outros feriados quando era estudante. Diferentemente da maioria deles, Harry trabalhava durante o verão. Em um ano trabalhou como balconista de uma loja nos campos de petróleo em Oklahoma, e em outro ano conseguiu um emprego em um barco pesqueiro no Alasca.

Por que ele escolheu os fuzileiros? Para mim, a decisão foi estranha na época. Ninguém que conhecíamos estava se alistando nas Forças Armadas. Nossos pais foram criados quando o alistamento ainda era obrigatório, mas a maioria deles era de uma época que ficou entre as guerras da Coreia e do Vietnã. O pai de Maddy chegou a deixar seu curso em Princeton para se alistar na época da Guerra da Coreia, um ato que sempre achei difícil associar ao homem festeiro e decadente que se tornou mais tarde. Ou, talvez, aquilo servisse para explicar parcialmente o que ocorreu. Eu não saberia, já que nunca fui soldado e nunca ouvi um tiro disparado num momento de fúria.

Nunca ouvimos Harry falar a respeito de entrar para o Exército naqueles dias finais da faculdade. A maioria de nós estava obcecada em diminuir o impacto da formatura, tentando encontrar emprego em bancos de investimento, jornais ou instituições filantrópicas sérias, ou em continuar na faculdade em busca de diplomas de pós-graduação. Eu sabia há meses que entraria na faculdade de direito quando o outono chegasse. Assim, simplesmente deixei os dias de maio correrem sem qualquer ansiedade.

Eu percebia que Harry ecoava a minha calma aparente, mas raramente falava sobre o futuro. Quando revelou suas intenções durante um daqueles infundáveis jantares de despedida em uma mesa onde estavam Maddy, eu, Ned e alguns outros confidentes, percebi que não fui o único a ficar surpreso. Até mesmo Ned, que conseguiu um emprego em um dos programas de treinamento da Merrill Lynch e era o melhor amigo de Harry, arregalou os olhos.

— Você está brincando, não é? — ele perguntou.

— De jeito nenhum — respondeu Harry. — Eu não brincaria com uma coisa dessas. Sempre quis aprender a pilotar aviões. De qualquer modo, não sou bom o suficiente para me tornar jogador de hóquei profissional, e não tenho nenhum interesse em trabalhar em Wall Street. Realmente não sei o que quero fazer. Assim, imaginei que, enquanto estiver me decidindo, o mínimo que posso fazer é servir meu país.

Maddy, é claro, sabia. Além disso, ela obviamente aprovava aquela ideia. Se ele dissesse que iria se tornar domador de leões ou mergulhador à caça de navios afundados, ela o acompanharia com a mesma presteza e alegria.

Sendo casados, eles moraram na vila militar da Estação Aeronaval em Pensacola durante o primeiro ano. Harry pilotava caças. Eles tinham um cachorro na época, um vira-lata marrom chamado Dexter. Maddy dirigia o mesmo MG vermelho que tinha na época de Yale. Eles abriam um caminho glamoroso onde quer que fossem. Oficiais graduados estavam presentes nas festas que eles frequentemente ofereciam em sua casa. Seus novos amigos eram

lendas do futebol americano em Ole Miss e Georgia Tech, e agora estavam casados com ex-líderes de torcida.

Foi nessa época que Maddy descobriu seu talento para cozinhar. Inspirada pela culinária local e com tempo de sobra para gastar, começou com camarões recheados, molho tár-taro, frango frito e torta de pecãs. Depois, passou a estudar grandes cozinheiros como Julia Child, Paul Bocuse e James Beard. Não demorou muito e estava fazendo molhos bechamel, coq au vin, terrines de salmão, carne a bourguignon e suflês de queijo. Convites para jantar em sua casa eram tão disputados quanto recepções presidenciais.

Durante o dia, Harry voava em infindáveis missões de treinamento e simulações de combate, e frequentava a escola de pilotagem. Mas, por sorte, não houve nenhuma guerra. Nos fins de semana eles viajavam, dirigindo a noite toda para visitar amigos em Jupiter Island ou para pescar na região de Florida Keys. Visitei-os algumas vezes quando estava no último ano de direito em Yale. Eles também foram transferidos para vários lugares pela corporação. Bogue Field, na Carolina do Norte. Twenty-nine Palms na Califórnia. Um ano no Japão. Maddy diz que foi nessa época que Harry começou a escrever. Seus primeiros esforços não foram lidos por ninguém além dela, mas Maddy o estimulou a continuar. Ele produziu alguns contos e até mesmo um romance. Todas essas obras estão destruídas hoje.

Certa vez ela me disse: "Quando me apaixonei por Harry, nunca pensei que ele seria um escritor. Era simplesmente a pessoa mais autoconfiante que já conheci. Sempre determinado a ser o melhor. Era o melhor jogador de hóquei, e depois era o melhor piloto. Acho que faz sentido o fato de que ele fosse o melhor de todos os escritores. Se ele quisesse ser o melhor ladrão de joias, provavelmente conseguiria alcançar esse objetivo também.

Ele perseverou. Em um dado momento, começou a enviar contos para revistas e almanaques literários, em sua maioria obscuros. Finalmente conseguiu ter uma de suas histórias publicada, e depois outra. Quando seus seis anos regulamentares terminaram, pediu baixa dos fuzileiros para se dedicar integralmente à carreira de escritor. Alguns anos depois, seu primeiro livro, um romance com

elementos de realidade sobre um oficial da Força Aérea, recebeu algumas boas resenhas e teve vendas moderadas. Críticos diziam, entretanto, que ele precisava aperfeiçoar seu estilo.

Ele e Maddy se mudaram para Nova York, depois mora-ram nas redondezas de Bozeman por um ano, e, em seguida, foram para Paris, onde moraram sobre um restaurante senegalês, no 18º Arrondissement, uma região nada elegante. O fundo de pensão de Maddy os sustentou, permitindo que pagassem suas contas, mas sem extravagâncias. Johnny nasceu, e o segundo livro de Harry, que levou sete anos para ser concluído, ganhou o National Book Award. Chegaram até mesmo a falar em fazer um filme baseado na obra.

Mas ele ainda amava pilotar aviões. Quando seu segundo livro foi publicado, ele cumpriu uma promessa que fizera a si mesmo e comprou um velho avião, que consertou e agora deixa guardado no aeroporto, perto de sua casa. Em dias de tempo bom ele entra no avião e decola. Às vezes, convida outras pessoas para acompanhá-lo. Eles voam até Nantucket, dão a volta em Sankaty Head e retornam. Ou vão até Westerly. Às vezes ele pousa para o almoço, mas prefere permanecer no ar. Já voei com ele muitas vezes. É muito tranquilo. Madeleine raramente o acompanha. Aviões pequenos a deixam nervosa.



Sexta-feira de manhã. O aeródromo está diante deles, caminhões-tanque parados ao fundo. Os aviões da elite local estão parados, esperando o momento de entrar em ação como gandulas em um jogo de futebol. Ali estão ape-nas Harry e Claire. Ela e eu fomos cedo à casa dos Winslow.

— Vou sair para voar — anunciou ele quando entramos. — Alguém quer vir junto?

Recusei.

— Eu adoraria — respondeu Claire. — Você tem seu próprio avião?

— Sim. Um monomotor Cessna 182. É uma belezinha. Ficou parado para reparos por um tempo. Essa é a primeira vez que vou

poder voar nele em todo o verão.

— Preciso trocar de roupa?

— Não, pode ir assim mesmo.

No aeroporto, ele entrega seu plano de voo e faz a inspeção da aeronave. Hoje voarão sobre Block Island. O avião é velho, mas mesmo assim ele o ama. O céu está azul, sem nenhuma nuvem. Já está quente, o calor do fim do verão. A pequena cabine está abafada. Harry abre as janelas.

— Vai refrescar quando estivermos lá em cima — ele esclarece. Ele está usando uma velha camisa cáqui e um boné desbotado com o logotipo de Yale. Ao redor de seu pescoço, uma corrente de ouro. Ele diz a Claire que é uma medalha de são Cristóvão que usa para dar sorte. Maddy a comprou quando ele estava servindo no corpo de fuzileiros. Eles taxiam em direção à pista de decolagem. Só há um avião à frente deles.

Claire está animada. Sente-se como uma criança, praticamente pressionando o nariz contra o plástico da janela. O motor começa a girar e eles avançam pela pista para decolar. Harry empurra a alavanca do motor e aceleram. Em um segundo o trem de pouso está no chão, e, no momento seguinte, estão no ar, subindo, subindo. A terra se afasta por baixo deles, e, quando o avião se inclina em uma curva, Claire pode ver que já subiram centenas de pés. As pessoas no chão, as casas e as árvores rapidamente diminuem de tamanho abaixo dela.

Ao atingir a altitude de cruzeiro, Harry diz:

— A vista é linda, não é? — ele precisa gritar para suplantar o barulho do motor.

Ela faz um sinal afirmativo com a cabeça, inclinando-se para a frente em seu assento. Consegue ver a curvatura da terra e mais além, estendendo-se até o fim do horizonte, o azul do Atlântico. Está maravilhada com a velocidade que a aeronave alcança. O que levaria uma hora de carro agora demora alguns segundos.

— Nunca fiz isso antes — ela diz. — Digo, voar num avião pequeno. É incrível.

Ele aponta para a orelha direita. — Você vai ter de falar mais alto — grita ele.

— Tudo bem — ela grita de volta, sorrindo.

Ele sorri e faz um sinal com o polegar em riste, com os olhos ocultos pelos óculos de sol. Conforme voam, ele indica os lugares de destaque. Já deixaram o continente para trás e agora estão voando como os deuses por cima do oceano. Um barco de pesca, branco contra o azul-escuro do mar, balança ao sabor das ondas como se fosse um brinquedo. Block Island se ergue ao longe, e, subitamente, eles estão quase sobre ela. Ela vê as ondas quebrando sobre as rochas.

— Aquela é Bluffs Beach — ele grita. — Do outro lado fica Mohegan Bluffs e o farol do Sudeste. No meio do caminho fica Black Rock Beach. É uma praia de nudismo, mas acho que não vamos conseguir ver muita coisa daqui — ele diz, sorrindo.

Ela olha para ele. Harry está usando uma bermuda e sapatos sem meia. Suas pernas são fortes e bronzeadas, cobertas com pelos dourados. Ela quer tocá-las. Essa é a primeira vez em que os dois estão sozinhos juntos. É difícil falar. Ela não fazia ideia de que haveria tanto barulho.

As palavras se formam em sua boca, mas ela não emite nenhum som. Há muitas coisas que ela quer dizer, mas esse é o momento errado. Além do ruído do motor, ele está usando fones de ouvido, o que dificulta ainda mais a conversa.

— Você disse alguma coisa? — pergunta ele, levantando o fone da orelha direita para ouvi-la melhor.

Ela balança a cabeça negativamente. Aliviada, sente-se como alguém que cambaleava à beira de um precipício, mas que milagrosamente recuperou o equilíbrio. Seu coração está acelerado, as palmas estão suadas. Nada mudou.

— Quer tentar? — ele grita, indicando os controles à frente dela.

— O quê? Está me dizendo para pilotar o avião?

— Claro, é fácil — ele grita. — Coloque as mãos nos controles. Não é como um carro. O manche controla a altitude, e ele pode levá-la para cima, para baixo, para a direita e para a esquerda. Se você puxá-lo, o avião vai subir. Empurre, e o avião desce. Entendeu? O pedal à direita é o regulador da potência do motor. Está vendo esta coisa aqui? É o altímetro. Ele informa a altitude em

que você está. Mantenha-o em mil pés. Aquele é o indicador da velocidade do vento. Você está voando a cerca de 250 quilômetros por hora. Está vendo aquele pequeno instrumento que tem o formato de um avião? É o indicador do horizonte artificial. Mantenha-o nivelado, a menos que queira fazer uma curva.

— O que devo fazer?

— Não se preocupe. Estarei com as mãos nos controles o tempo todo. Basta relaxar e assumir os controles do seu lado. Eles não vão mordê-la.

Ela segura o manche com força, com muita força. As vibrações do motor a atingem. O avião se empina ligeiramente, e ela se assusta.

— Não com tanta força — ele diz. — Relaxe.

— Vou tentar.

Ela inspira e exala o ar rapidamente, várias vezes, e volta a segurar nos controles. Desta vez com menos força.

— Ótimo. Agora, mantenha a aeronave nivelada.

Ele solta o manche.

— Viu? Você está pilotando o avião agora.

— Ah, meu Deus. Isso é maravilhoso — ela diz. É uma sensação vertiginosa. Não consegue acreditar no quanto aquilo é fácil.

— Quer tentar uma curva?

Ela tem de se esforçar para ouvi-lo. Grita em resposta:

— Sim. O que devo fazer?

— Gire o manche levemente para a direita e depois volte-o para a posição central.

Ela segue as instruções, e o avião se vira, mas começa uma trajetória descendente.

— Puxe o manche um pouco, mas cuidado para não puxar demais.

Ela faz como ele diz e o avião volta a ficar nivelado.

— Muito bem. Agora, basta continuar neste curso. Está vendo ali adiante? É o nosso aeródromo. — Quando eles chegam mais perto, ele grita: — É melhor deixar que eu assumo o comando agora.

Ele entra em contato com a torre, diz que estão se aproximando e recebe permissão para aterrissar.

Ele estende a mão direita e aponta.

— Vamos passar por cima da nossa casa. Estamos sobre a rota de voo. Olhe para baixo.

Ela estica o pescoço. Mais abaixo está a casa, como um diorama em um museu, um microcosmo. Ela é um gigante. Ele começa a aterrissagem, baixando os flaps, reduzindo a velocidade do vento. A copa das árvores se erguem para recebê-los. Os objetos ficam maiores outra vez. Eles tocam o solo com um leve solavanco e um pequeno salto conforme a pressão do ar resiste às asas. Harry conduz a aeronave até seu local de estacionamento e desliga o motor.

— Nada mau — ele diz, olhando para seu relógio. — E ainda não é nem meio-dia.

— Muito obrigada. Foi uma das coisas mais maravilhosas que já fiz — ela diz.

Os olhos de Claire estão brilhando. Ao descer do cockpit, o resto do mundo parece achatado e comum. Ela deseja poder voltar às nuvens.

No caminho de volta, sentindo-se mais ousada, a ponto de poder assumir alguns riscos, como uma exploradora, Claire pergunta: — O que aconteceu com Johnny? Vi a cicatriz no peito dele. Walter disse que ele passou por uma cirurgia quando era menor.

— É verdade. Ele nasceu com um defeito cardíaco con-gênito. Um buraco no coração.

— Ah, meu Deus. O que vocês fizeram?

— Houve uma série de cirurgias. Nós o levamos para o Hospital Infantil de Boston. Na primeira vez, passamos vários meses lá. Ele poderia ter morrido.

— Quantos anos ele tinha?

— A primeira cirurgia ocorreu logo depois que ele nasceu. A última foi quando ele tinha quatro anos.

Lembro-me das noites insones no hospital, os sons monótonos dos monitores, cirurgiões preocupados com uniformes azuis, e aquela forma pequena, magra e inconsciente debaixo de um escudo transparente. Foi um inferno.

— Ele está bem agora?

Harry coça a testa. — Não sei. Acho que sim. Os médi-cos estão otimistas, acham que ele vai ficar bem. Faz muito tempo que não temos nenhum susto, graças a Deus.

— Ele não parece doente. Parece um garoto saudável como qualquer outro.

— Tem sido difícil. Ele se cansa facilmente. E Maddy o vigia como se fosse uma águia. Ela está sempre alerta para o caso de algo estar errado. Tivemos alguns alarmes falsos, mas não podemos nos descuidar. Mesmo que pareça um garoto saudável como qualquer outro, ele não é.

— Lamento.

— Não há motivos para lamentar. Nós lhe damos amor e carinho, e tentamos fazer que sua vida seja o mais normal possível. Talvez ele tenha mais seis anos, talvez mais sessenta. É impossível dizer. Mas as coisas são difíceis para ele na escola. Não pode praticar esportes. As outras crianças sabem ser cruéis.

— Deve ser muito difícil para você. Digo, para vocês dois.

— Às vezes é sim, mas ele é um garoto maravilhoso. Percebe o que acontece conosco e tenta fazer que nos sintamos melhores. Ele diz algumas coisas para Maddy, como “Está tudo bem, mamãe. Não me sinto mal. Não se preocupe comigo”. Mas é impossível evitar sentir-se tão frustrado às vezes, sabe?

— Lamento. Ele é um garoto lindo. É uma combinação maravilhosa do que você e Maddy têm de melhor.

Eles estacionam na frente da casa. O garoto vem correndo. — Papai, papai — ele grita, enquanto os pneus freiam sobre o cascalho, fazendo as pedras rangerem. Estou sentado ao lado da janela, lendo o jornal.

— Oi, amigão.

— Papai, alguém ligou para você. Era de Roma. A mamãe anotou o recado.

— Obrigado, chapa. Diga à mamãe que voltei.

O garoto trota de volta para dentro de casa. Para Claire, ele diz, saindo do carro:

— Bem, tenho de fazer uma ligação. Fico feliz por você ter vindo comigo.

— Não, eu é que agradeço por ter me levado. Quando poderemos voar de novo?

— Talvez não seja possível por algum tempo.

— Como assim?

Ele a observa, um pouco confuso.

— Achei que você soubesse. Esse é o motivo da ligação. Maddy, Johnny e eu iremos para Roma em uma semana. Recebi uma verba para escrever lá. Estarei trabalhando em meu novo livro.

— Não. Não, não estava sabendo — ela diz. Sente-se como se estivesse a ponto de vomitar. — Quanto tempo vocês vão ficar fora?

— Quase um ano. Voltaremos em junho do ano que vem. Para passar o verão.

— Ah, entendo — ela diz. Em seguida: Vocês devem estar ansiosos.

— Estamos sim. Um velho amigo encontrou um lugar para morarmos. Fica perto do Panteão.

— E Johnny? Onde ele irá estudar?

— Há uma escola americana lá. E temos o nome e endereço de bons médicos.

— Ah, que bom. Estou muito feliz por vocês todos — ela diz, tentando fazer as palavras soarem verdadeiras.

— Obrigado. Vai ser muito divertido. Sempre quis morar em Roma. Maddy também. Como você pode imaginar, ela está muito empolgada com a comida. Ela já se matriculou para ter aulas de culinária e de italiano.

— Vou sentir sua falta — ela diz, jogando os braços ao redor do pescoço de Harry e puxando-o para perto de si, tocando-lhe o rosto com a bochecha.

Ele dá alguns tapinhas carinhos nas costas e se desvencilha gentilmente, sorrindo para ela. — Ei, vamos sentir sua falta também.

— Mais uma vez, obrigada — ela diz, enquanto ele entra na casa. — Eu me diverti muito.

— Fico feliz que tenha gostado. Você foi muito corajosa. Nem todo mundo gosta de voar em aviões pequenos.

— Eu adorei.

Ele sorri e entra na casa. Ela não percebe a minha presença, e a observo ficar ali por um longo tempo depois que ele entrou. Finalmente, ela se vira e vai embora. Sinto pena da tristeza estampada em seu rosto.



Encontro-a várias horas depois. Ela está sentada na beira do meu ancoradouro, olhando para a lagoa, com os pés tocando a água. Uma família de cisnes passa por ali. Dois Beetle Cats, os pequenos veleiros que são populares entre os residentes que vivem perto da lagoa, passam ao longe. O lugar está muito tranquilo.

— Por onde esteve? — pergunto. — Estivemos procurando por você por toda parte. Vamos jogar tênis.

Sim, tenho uma quadra de tênis também. É uma quadra de saibro à moda antiga. Sei que muitas pessoas preferem pisos sintéticos hoje em dia, mas realmente gosto de usar um rolo para alisar a superfície da quadra. A preparação é tão importante quanto a partida.

Ela ergue o rosto. Surpresa no início e decepcionada logo em seguida, como se estivesse esperando por outra pessoa. Estou usando minhas velhas roupas brancas de tênis.

— Desculpe, Walter. Precisava ficar sozinha por algum tempo.

— Está tudo bem?

— Você sabia que Harry e Maddy vão para Roma? — É claro.

— Eu não sabia.

— E isso é tão terrível assim?

— Sim. Aliás, não. Não sei.

— Você tem alguma coisa contra os romanos? Algum centurião já roubou seu coração, ou você tropeçou e caiu na Escadaria Espanhola?

Estou tentando deixar o clima mais leve, mas percebo, tarde demais, que ela não está para brincadeiras.

Ela acena negativamente com a cabeça, em silêncio.

— Há algo que eu possa fazer?

Ela balança a cabeça negativamente outra vez.

— Certo. Bem, é melhor deixar você em paz.

— Obrigada, Walter. Estou com vontade de ficar sozinha. Talvez apareça mais tarde para ver como está o jogo.

— Espero que sim. Você me deve uma revanche — digo. Ela consegue abrir um sorriso. Na semana anterior ela ganhou a partida, com placares de 6-4, 6-4.

Não voltamos a vê-la até que a noite chega. Depois do jogo de tênis, vou na ponta dos pés até o quarto dela e vejo que sua porta está fechada. Às sete horas ela desce as escadas. Estou na cozinha, colocando bifés de hambúrguer em uma caixa térmica. Vamos fazer um piquenique na praia. É uma tradição do fim de semana do Dia do Trabalho. Cerca de cinquenta pessoas vão comparecer. Ned, Harry e eu fomos até a praia para montar uma fogueira, cavando um buraco na areia e enchendo-o com restos de madeira trazidos pelo mar.

— Desculpe por não ter ido até a quadra de tênis — ela diz, quando entra. — Eu iria estragar a diversão de vocês.

— Está se sentindo melhor?

— Sim, obrigada — responde. Está com uma aparência ótima. Um vestido cor-de-rosa decotado. Não está usando sutiã. A lateral de seus seios aparece por trás do tecido. Tento não olhar para eles.

— Você está linda, mas talvez seja melhor trazer um blusão ou algo do tipo — sugiro. — Pode fazer muito frio à noite na praia, especialmente nesta época do ano.

— Acho que estou precisando de um martíni, Walter. Você pode preparar um para mim?

— Será um prazer — respondo, lavando as mãos e indo até o bar. É uma forma de comunhão. Coloco os cubos de gelo em uma velha coqueteleira Cartier que pertenceu a meu avô. Acrescento gim Beefeater e um toque de vermute seco. Agito a mistura, exatamente vinte vezes, e a sirvo em uma taça de martíni gelada, também de prata, que enfeito com uma casca de limão.

— Espero que você não se importe de beber sozinha. Quero ir com calma hoje.

— Ah, você não muda nunca, Walter — ela diz, tomando um gole. — Está perfeito.

Ned e Cissy chegam. — Já estão começando a esquentar a noite? — pergunta Ned.

— Quer um também? — pergunto.

— Não, obrigado. Vai ter muita coisa para beber na praia.

— Uma pena que você não veio para o jogo de tênis hoje — comenta Cissy para Claire. — Está tudo bem?

Ela faz que sim com a cabeça. — Sim, obrigada. Só estou um pouco cansada. Você sabe como é.

— Imagino que sim. Você perdeu a oportunidade de ver meu marido perder de lavada de Harry.

— Harry estava com um serviço arrasador hoje — completo. — Ele não errava uma. Não se sinta tão mal, Ned. Nem mesmo Pete Sampras conseguiria derrotá-lo hoje.

— É, eu sei. Bem, sempre haverá uma próxima vez.

— Vocês vão ter de esperar até o verão do ano que vem, não é? — pergunta Claire. — A menos que vocês estejam planejando ir até Roma para jogar alguns sets.

Todos nós olhamos para Claire, surpresos com o tom de voz dela. Logo depois, ela diz:

— Veja pelo lado bom, Neddy. Pelo menos, você terá um ano inteiro para treinar.

Todos riem daquele comentário.

— Vamos lá, Claire, acabe de beber — diz Ned. Entramos em meu carro. Ned está no banco do passageiro a meu lado e as mulheres estão no banco de trás.

— Não vamos com Harry e Maddy? — pergunta Claire.

— Eles vão nos encontrar lá — responde Ned. — Vão levar os hóspedes que estão com eles.

Um casal holandês. Wouter e Magda. Ele trabalha no mercado editorial. Acabaram de deixar sua filha em um colégio interno e estão passando pela região no caminho de volta para Amsterdã. O inglês que falam é impecável.

O sol está quase tocando o oceano quando chegamos ao ponto. Uma faixa de laranja brilhante se estende de uma ponta à outra do horizonte, cobrindo quase toda a praia, até onde a vista alcança. Já há um bom número de pessoas. Reconheço vários rostos. Alguns do

clube, outros de Manhattan, e o restante são pessoas ligadas ao mundo literário, amigos de Harry e Maddy. A fogueira está enorme. Mesas foram montadas. Há lampiões acesos e caixas térmicas cheias de vinho e cerveja. Garrafas de bebida, cubos de gelo e misturadores para os drinques. Copos de plásticos. Vários sacos de lixo grandes. Há algumas crianças. Labradores. Sob o degrau do estacionamento, pilhas de sapatos.

— Pode me fazer outro martíni, Walter? — pede Claire. Percebo que, mesmo com meu conselho, ela não trouxe um blusão.

— É claro. Mas lembre-se da velha regra sobre os seios das mulheres.

— Você tem uma mente poluída demais — ela diz, piscando o olho. — Não se preocupe, Walter. Esta é a última grande festa do verão, não é? Relaxe. Vamos nos divertir.

Não há nenhuma coqueteleira por ali, mas preparo a bebida para ela.

— Já preparei martínis melhores, receio — digo.

— Você é um doce, Walter. Obrigada — ela diz, beliscando a minha bochecha gentilmente.

— Depois desse copo, é melhor você ficar com o vinho.

— Quando Harry e Maddy vão chegar?

— Não faço ideia. Não devem demorar, acho.

Peço licença para levar os bifos de hambúrguer para a churrasqueira. Quando olho ao redor, percebo que Claire se afastou. Está conversando com três rapazes. Têm a mesma idade que ela, bronzeados, e com quadris esguios como os que os jogadores de futebol têm. Filhos de homens ricos. Eu deveria saber. Eu era um deles, há várias eras. Ela está rindo. Percebo que ela os está encantando.

Harry, Maddy e Johnny chegam com Wouter e Magda.

— Desculpe o atraso — diz Harry quando o vejo. — Ainda estamos fazendo as malas. Um ano é tempo demais para ficar fora.

Já estou fazendo planos para passar o Natal com eles em Roma.

Por volta das nove da noite, a primeira fase da festa está chegando ao fim. Escurece muito rapidamente nesta época do ano. Pais levam filhos sonolentos para o carro. Mesas são dobradas.

Garrafas vazias de vinho tilintam em caixas de reciclagem. A fogueira continua alta, ainda atizada por aqueles que não estão prontos para ir embora. Para os mais jovens, a noite está apenas começando. As chamas se erguem em direção ao céu noturno. Rostos se iluminam com a luz do fogo. A areia começa a ficar fria sob nossos pés. Estou a ponto de vestir meu suéter, mas procuro por Claire, preocupado com a possibilidade de que ela possa estar passando frio.

Ela ainda está falando com um dos rapazes, segurando uma bebida em uma das mãos, esfregando um braço nu com sua mão. Vou até onde ela está.

— Desculpe interromper. Claire, você está com frio? Quer vestir meu suéter?

Claire olha para mim, com o rosto luminoso e os olhos vidrados. Está bêbada.

— Walt — ela diz. — Isso é tão meigo. Eu gostaria de apresentá-lo a Andrew. Os pais dele têm uma casa aqui. Ele vai estudar administração.

Apertamos as mãos. Andrew está pensando a meu respeito e imaginando onde eu me encaixo na história. Possivelmente sou velho demais para ser um namorado, mas jovem demais para ser um pai.

— Estou hospedada na casa de Walt. Os pais dele têm uma casa aqui também, mas estão mortos e agora Walt mora lá, sozinho.

Ignorando-a, repito a pergunta. — Está com frio?

— Não, estou bem. Sinto-me ótima.

— Então não precisa do meu suéter?

— Eu tenho um suéter se ela sentir frio — diz Andrew, enfático.

Ela o ignora e se dirige a mim: — Harry e Maddy já chegaram?

— Sim. Já faz algum tempo que estão aqui.

Ela olha ao redor e os vê. Está com uma expressão séria no rosto. — Ah, sim, ali estão eles — ela diz. Olha para Andrew. — Tenho de ir dizer oi para algumas pessoas. Já volto.

Claire se aproxima deles e abraça Maddy. — Eu não sabia que vocês iam se mudar. Harry me contou hoje pela manhã. Sei que deveria estar feliz por vocês, mas fiquei triste com a notícia.

— Não se preocupe. Estaremos de volta antes que você perceba. De qualquer maneira, o verão já terminou.

— Bem, esse é o problema. Não quero que o verão termine. Saber que vocês não estarão mais por aqui faz que esse fim seja muito mais forte.

Maddy aperta a mão dela.

— Eu sei. Também não gosto de ver o verão chegar ao fim.

— Foi uma surpresa muito forte.

— Desculpe por não termos lhe contado. Acertamos tudo durante o inverno, e não nos ocorreu que você não sabia.

— Não precisa se desculpar. Vocês foram maravilhosos comigo. Adoro vocês — ela diz, dando outro abraço em Maddy.

— Vamos sentir sua falta, também.

Claire se vira e vai na direção de Andrew, que lhe entrega outro copo de vinho. Não sei se isso é uma boa ideia, mas não estou em uma posição em que posso dizer alguma coisa.

— Está tudo bem? — pergunta Harry, mastigando um hambúrguer. Ele e eu estávamos um pouco afastados enquanto as duas mulheres conversavam, e agora voltamos a nos aproximar de Maddy. — Está preocupado com alguma coisa?

— Não tenho certeza — digo. — Claire parece estar bebendo demais.

Harry ri da situação.

— Estou vendo. Bem, ela não será a única a fazer isso nesta festa.

Maddy olha para ele.

— Acho que ela não recebeu bem a notícia de nossa viagem. Por que outro motivo ela estaria se embebedando? Passamos várias noites com ela, e ela nunca agiu assim. O que ela disse quando você lhe deu a notícia, hoje pela manhã?

— Bem, percebi que ela ficou surpresa. Eu me senti um idiota, porque ela obviamente não fazia ideia do que eu estava falando.

— Eu a vi sentada à beira da lagoa antes do jogo de tênis — acrescento. — Parecia estar bem tristonha.

— Bem, acho que entendo o que está acontecendo — diz Maddy. — Nós praticamente a adotamos, e agora a estamos abandonando.

— Ah, ela acabaria se cansando de nós com o passar do tempo — diz Harry. — Afinal de contas, ela precisa passar mais tempo com pessoas da sua própria idade. Somos apenas uma turma de velhos de meia-idade, com cabelos cada vez mais raros e cinturas cada vez maiores.

— Fale por si mesmo, seu balofo — diz Maddy, dando-lhe um leve soco em tom de brincadeira. Na verdade, os dois têm uma aparência ótima apesar da idade. Quanto a mim, pareço ter exatamente meus 42 anos.

Vemos Claire do outro lado da fogueira e observamos quando ela tropeça e quase cai no chão. Andrew a ajuda e ela se apoia em seu braço, rindo. Já disse que ela tem belos dentes?

— Ela parece estar bem embriagada — observa Harry. — Acha que devemos fazer alguma coisa?

— Vou até lá falar com ela — diz Maddy. — Vocês dois, fiquem aqui.

Do outro lado da fogueira vejo Maddy conversando com ela. O rapaz se afasta um pouco, timidamente. Maddy está com uma mão no ombro de Claire. Claire balança a cabeça negativamente, tentando se afastar. Mas é muito difícil dizer não para Maddy.

Elas voltam.

— Harry, você se importa em levar Claire de volta à casa de Walter?

— Por favor — protesta Claire. — Estou bem. Por favor. Não quero que Harry me leve de volta.

— Ei, o que está havendo aí? — pergunta Andrew.

Eu me interponho e digo, na minha voz típica de advogado, que ele provavelmente deveria cair fora daqui.

— Não me force a fazer isso — grita Claire. — Maddy, posso ir com você, então?

— Está tudo bem — responde Maddy. — Precisamos ajudar a limpar e a organizar este lugar.

Maddy detesta dirigir à noite. Seus olhos não são tão bons quanto costumavam ser, e ela não gosta de usar óculos.

— Vamos lá, Claire — diz Harry, gentilmente. Ele a toca no braço. Ela se esquivava. — Me deixe em paz.

Ela começa a andar a passos hesitantes em direção ao estacionamento. Harry a segue.

— Volto logo — ele diz.

Ao lado do carro, Claire está vomitando.

— Ah, meu Deus — ela diz. — Desculpe. Sou uma idiota. Harry diz a ela para não se preocupar. Todos já passamos por isso. Ele oferece seu lenço, e insiste que ela vista seu blusão quando percebe que ela está tremendo de frio.

— Você está bem, ou acha que vai vomitar de novo?

Ela balança a cabeça negativamente.

— Não, já estou bem — ela responde, com a voz fraca. No caminho de volta, ela está chorando em silêncio, constrangida e ansiosa. Harry pergunta se ela está bem. Por que está tão irritada? Claire diz que não quer falar sobre o assunto. Ele diz que está tudo bem, que eles são amigos. Se houver algo em que ele possa ajudar, ele ficará contente em fazê-lo.

— Estou apaixonada por você — ela diz, abruptamente. — Pronto, disse. Desculpe.

Ele ri e diz a ela que é o álcool falando.

— Não ria de mim — ela pede.

Ele tenta dizer que não há problema. Que não está rindo dela.

— Pare o carro — ela pede, calmamente. — Acho que tenho de vomitar de novo.

Ele para o carro, com os faróis iluminando a estrada à frente. As casas estão com as luzes todas apagadas. Ela salta do veículo e, em vez de vomitar, começa a correr por um campo no escuro. Harry deixa escapar um palavrão, sai do carro e corre atrás dela, gritando para que pare. Ela está descalça e ele a alcança facilmente. Em pânico, como um animal capturado, ela tenta escapar, contorcendo seu corpo e batendo nele com seus punhos pequenos. Ele a agarra pelos pulsos. Ela está lutando para respirar, chorando e dizendo o quanto é estúpida, e que ele deveria ir embora. Ele tenta apaziguá-la, dizendo-lhe que se acalme, explicando o quanto ela é uma garota bonita e maravilhosa. Ela o abraça com força, ainda soluçando. Ele acaricia seus cabelos. Ela levanta o rosto para olhar para ele, e ele a olha nos olhos.

O rosto de Claire se ergue na direção de Harry, os lábios dela tocando os dele, sua língua na boca dele.

— Faça amor comigo — ela implora, levando a mão de Harry a seu seio. Imediatamente, ela sente que ele fica excitado. — Eu amo você. Preciso de você. Agora. Aqui mesmo.

Mas ele não cede.

— Não posso — ele diz. — Sou casado. Amo minha esposa. Não faça isso.

— Mas... e em relação a mim? — ela pergunta. — Você me ama?

— Você é uma garota linda — ele responde. — Você não deveria estar fazendo isso. Sou casado.

— Não consigo me controlar — ela diz. — Preciso de você. Por favor.

— Claire, pelo amor de Deus. Não deixe as coisas mais difíceis do que já estão. É melhor irmos embora. Venha comigo. Por favor.

Ele estende a mão, mas ela recusa. Vai até o carro dele sozinha.

Eles rodam em silêncio pela estrada. Não há nada para dizer. Ele sai do carro para abrir a porta do outro lado, mas ela já saiu e está indo na direção da porta da minha casa. A chave está debaixo do capacho. Ela não diz nada.

— Você vai ficar bem? — ele pergunta. Na entrada, ela para e olha para Harry antes de desaparecer pela porta.

O lacre de cera de uma carta secreta foi quebrado. Nada pode restaurá-lo outra vez.

Quando Harry volta à praia, todos perguntam a respeito de Claire. Ele ri e diz que está feliz porque não vai vê-la de ressaca na manhã seguinte.



No dia seguinte eles vão partir. É hora de um último mergulho no mar e de fazer as últimas malas. Pela manhã, encontro um bilhete de Claire na minha cozinha. Ela pegou o primeiro trem de volta à Nova York, e agradece pela nossa gentileza. O suéter de Harry foi deixado sobre o balcão, cuidadosamente dobrado.

Nossa vida nunca mais será a mesma.



OUTONO



1

O POETA LAMARTINE ESCREVEU que há uma mulher no início de todas as coisas grandiosas. O fato é indiscutível. Afinal de contas, as mulheres nos dão à luz, então estão sempre no início. Entretanto, querendo ou não, também estão presentes no início de coisas horríveis.

Os Winslow mudam-se para Roma. Os últimos em uma longa sequência de escritores expatriados. Keats, é claro, que morreu lá. Sem querer estabelecer uma ordem específica, há também Byron, Goethe, os Browning, James e Pound.

Harry e Maddy vivem na versão eclesiástica da rua Jermyn. Em Roma, até mesmo os padres andam de acordo com a moda. Durante o dia as ruas ficam cheias de arcebispos e cardeais de todos os formatos, tamanhos e cores, de Soweto a Ottawa, de Kuala Lumpur a Caracas, observando as lojas para comprar batinas, casulas, solidéus e estolas. Vestes vermelhas, douradas, brancas e roxas enchem a vitrine das lojas. Estátuas de madeira pintada representando santos e a Virgem. Dizem que a melhor de todas é a Gammarelli's.

Eles moram em um belo apartamento. O *piano nobile*. Os proprietários estão em seu ano sabático. O pé-direito do apartamento é alto, a mobília, elegante, e retratos de nobres com perucas, couraças e longo nariz decoram as paredes. Todos os canais na televisão parecem mostrar mulheres com os seios descobertos, e, assim, decidem esconder o aparelho em um armário por causa de Johnny. Há uma mulher velha, Angela, que veio com o apartamento e não fala inglês. Maddy tenta conversar com ela em um italiano rudimentar, acrescentando um francês do tempo em que estava na escola mas não se recorda de uma palavra. Não importa. Elas gostam uma da outra.

Johnny é incapaz de fazer qualquer coisa errada aos olhos da mulher. "Ma che bello", ela exclama, beliscando-lhe a bochecha. Ela

cozinha e limpa. Para sua alegria. Harry descobre que ela até mesmo passa suas cuecas a ferro.

Roma no início do outono. O Tibre rebrilha. As pessoas ainda comem nas áreas abertas dos restaurantes. Há uma cafeteria perto da Piazza della Rotonda onde Harry, Maddy e Johnny vão pela manhã para um caffè latte e bolinhos doces. Johnny toma suco de cenoura fresca. Eles leem a edição do International Herald Tribune e se esforçam para compreender o Corriere della Sera, com um dicionário entre os cotovelos.

Maddy me manda e-mails descrevendo tudo. Como sempre, invejo a vida que têm. Eles passam as primeiras semanas passeando e comendo, andando por museus e igrejas, maravilhando-se com a basílica de São Pedro. Cada rua é uma aula de história. Seguem os passos de santos e vândalos, poetas e turistas. Há nomes de contatos, amigos de amigos. Bettina e Michaeli, romanos que moram em um determinado andar de um palazzo na Piazza dei Santi Apostoli. Um dos ancestrais de Bettina foi um papa, o que é uma fonte de grande orgulho e diversão para a família. Eles têm um enorme retrato na sala de jantar do pontífice em questão. Michaeli trabalha na Cinecittà. Outros amigos. Mitzi Colloredo. Os Ruspoli. Os Robilant. Banqueiros ingleses. Um Habsburgo e sua esposa.

Não demora muito até que estejam frequentando festas e fazendo ainda mais amigos.

— Basta conhecer uma pessoa em Roma — diz Bettina. — Aí, você conhece todo mundo.

O livro de Harry foi traduzido para o italiano e já teve três tiragens. Em uma ocasião ele participa de uma noite de autógrafos em uma livraria perto da Piazza di Spagna, e a loja fica abarrotada.

Há fins de semana ao longo do litoral em Ansedonia, com os Barker. Um colega de classe do tempo de Yale que se casou com uma italiana, uma condessa. Maddy me diz que é a região das Hamptons de Roma. Harry compra uma vespa.

Eles descobrem as trattorias. Nino, Della Pace, Dal Bolognese na Piazza Del Popolo para observar as pessoas, não para a comida; a Byron em Parioli; mas sua favorita fica na Piazza S. Ignazio,

localizada em um quarteirão escondido, não muito longe de seu apartamento. Fui até lá com eles quando os visitei, pouco depois da mudança. É um dos poucos, bons e velhos restaurantes de Roma onde, no fim da refeição, o garçom traz à mesa garrafas de digestivos como Sambuca, Cynar, amaro e grappa caseira com figos ou frutas na garrafa. Na parede, fotografias de celebridades italianas com as quais eles não estão familiarizados.

O aspecto mais notável do restaurante são seus funcionários, que, de maneira surpreendentemente adequada, parecem ter saído de um filme de Fellini. Cada um dos garçons tem algo de errado. Um deles é manco. Outro tem algum problema de fala. O terceiro, um tumor que se pro-jeta como um chifre quebrado no topo de sua testa. Todos são ótimas pessoas e adoram os Winslow, que vêm para jantar pelo menos uma vez por semana.

— Nem nos incomodamos mais em olhar o cardápio — diz Harry.
— Eles simplesmente nos trazem o especial do dia, e é sempre ótimo.

Em algum ponto na vida de todas as pessoas, seja num restaurante, assistindo ao filho de alguém jogar futebol ou caminhando pelas ruas sozinho, a pergunta é: do que mais você precisa? É uma pergunta que, uma vez enunciada, é quase impossível de ser respondida. Você pode não exigir nada mais naquele exato momento para comer ou beber, ou pode estar contente com a cama onde dorme, com uma pol-trona favorita, com as necessidades e os pertences imediatos da vida. Em seguida, há as coisas intangíveis como o amor, a amizade, a paixão, a fé e a realização pessoal. Mas você pensa naquela pergunta sem parar, porque poucos entre nós têm do que precisam — ou poucos de nós pensam que têm, e isso é quase a mesma coisa. A pergunta pode se transformar na batida de um tambor. O que mais há para se ter? Será que fiz o bastante? Preciso de mais alguma coisa? Estou satisfeito?

Há uma cobiça inata que faz parte da condição humana. Essa cobiça levou Eva a comer a maçã; encorajou Bonaparte a invadir a Rússia e fez que Scott morresse na imensidão gelada da Antártida. Temos nomes diferentes para ela. O que é a curiosidade senão a

cobiça pela experiência, pelo reconhecimento, pela glória? Por atividades que nos distraiam de nós mesmos? Detestamos a ideia de que chegamos tão longe e de que não conseguiremos mais avançar. E não estamos contentes com o que temos ou com o progresso que fizemos. Queremos mais, seja comida, conhecimento, respeito, poder ou amor. E essa falta de contentamento nos empurra para experimentar coisas novas, desbravar o desconhecido, alterar nossa vida e nos arriscarmos a perder tudo que já temos.



Harry frequentemente inventava histórias para Johnny dormir. Uma das minhas favoritas era sobre o Rei Pinguim. Johnny era louco por pinguins. Conhecia tudo sobre as diferentes espécies. O imperador, o Adélia, o saltador-das-rochas. Onde viviam, o que comiam. Em várias noites, quando chegava a hora de Johnny dormir, eu ficava ao pé da cama com Maddy enquanto Harry contava a história. Toda vez a história era diferente, mas sempre começava do mesmo jeito.

— Era uma vez um Rei Pinguim que vivia no Polo Sul com sua família, Rainha Pinguina e todos os seus príncipes e princesas. Os príncipes e as princesas eram muito bonitos. O Rei Pinguim era o maior e o mais forte dos pinguins, e até mesmo os leões-marinhos tinham medo dele. Mas o Rei Pinguim estava triste.

— Por que ele estava triste, papai?

— Ele estava triste porque estava cansado do gelo, da neve e dos leões-marinhos. Ele estava cansado de nadar. Estava cansado até mesmo da Rainha Pinguina, dos príncipes e das princesas.

— Ah, não. Isso é horrível. O que ele fez?

— Um dia, ele disse à Rainha Pinguina, aos príncipes, às princesas e a todos os outros pinguins do Polo Sul que ele queria conhecer o resto do mundo. Queria viajar à cidade de Nova York, à França, a Pequim, ver desertos, arranha-céus e árvores. Todos os pinguins começaram a chorar: — Não vá embora, não vá embora.

Você é nosso rei — eles diziam. — Quem nos protegerá dos leões-marinhos? Quem nos dará de comer? — perguntavam os príncipes.

— Quem manterá nossos pés aquecidos? — perguntavam as princesas.

— Já tomei minha decisão — anunciou ele. — Preciso conhecer o mundo.

Todos choraram enquanto o viam nadar para longe. Ele nadou para ainda mais longe do que antes. Nadou por dois dias inteiros. Chegou ao oceano e viu um navio enorme. — Perfeito — disse ele. — É exatamente do que preciso para ver o resto do mundo.

— Não, não vá até o navio — interrompia Johnny.

— Bem, é uma pena que você não estivesse lá para avisá-lo, porque foi exatamente o que ele fez. O Rei Pinguim foi até o navio e ordenou aos homens que o levassem a bordo. Eles eram muito altos, mas fizeram o que ele lhes disse. Eles o levaram para o navio e lhe deram muitos peixes para comer.

Algum tempo depois, ele não sabia exatamente o quanto, o navio parou. Para sua surpresa, ele foi posto em uma caixa e levado para fora do navio. Quando a caixa foi aberta outra vez, ele estava cercado por outros pinguins. Havia um cheiro estranho. Como o cheiro de peixe podre.

— Onde estou? — ele perguntou. — Você está no zoológico — disseram-lhe os outros pinguins.

— O que é um zoológico? — ele perguntou.

— É uma prisão — responderam. — Ninguém nunca sai daqui.

— Mas eu sou o Rei Pinguim — ele disse.

— Não, aqui você não é. Neste lugar, você é simplesmente outro pinguim.

— O que foi que eu fiz? — perguntou o Rei Pinguim.

— Eu nunca deveria ter abandonado a minha família e o meu reino. Como pude ser tão idiota?

Ele se sentou e chorou. Sentia saudades da Rainha Pin-guina, dos príncipes e das princesas. Nunca mais os veria novamente. Nunca mais os protegeria dos leões-marinhos, ou nadaria no oceano profundo ou aqueceria os pés de seus filhos.

— Se eu pudesse simplesmente voltar pra casa, nunca mais sairia de lá — ele disse.

— E o que acontece depois, papai?

— O que você acha que deveria acontecer?

— Acho que a Rainha Pinguina e todos os príncipes e princesas pinguins se transformam em ninjas, encontram um barco e vão salvá-lo!

Harry ri.

— Ótima ideia. Certo, então... certa noite, quando estava sonhando com a neve, ele ouviu alguém bater de leve em sua jaula. Ele abriu os olhos. Era a Rainha Pin-guina, com os príncipes e as princesas. Todos os seus filhos estavam ali, até mesmo a mais nova, que havia crescido e perdido as penas cinzentas de quando era filhote. Todos estavam usando roupas pretas. Do lado de fora, os guardas haviam sido amarrados.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou o Rei Pinguim.
— Fugam, senão eles vão prendê-los no zoológico também — ele disse. Não conseguia suportar a ideia de que sua família iria sofrer como ele havia sofrido.

— Não, eles não farão isso — respondeu a Rainha Pin-guina. Ela nunca esteve tão bonita. — Viajamos durante meses para encontrar você, e ninguém sabe que estamos aqui. Venha conosco rapidamente, e todos poderemos ir embora.

Assim, o Rei Pinguim seguiu sua bela esposa e seus filhos até o rio, e todos saltaram para dentro da água. Ele ficou muito feliz por poder nadar novamente, e deu os abraços mais fortes do mundo em sua esposa e em seus filhos.

— Tenho muita sorte por ter uma família tão maravilhosa. Não consigo acreditar que não valorizava vocês. Prometo que nunca mais vou deixá-los — declarou ele. E então, todos nadaram de volta para casa, e viveram felizes para sempre. Fim.

Johnny quase sempre queria um final feliz. Mas, certa noite, depois que Johnny estava na cama, Harry confessou que pensava que a história deveria ter um final diferente.

— Como você acha que a história deveria terminar, querido? — perguntou.

— O Rei Pinguim fica para sempre no zoológico até apodrecer. E é um destino merecido, se você quer minha opinião.

2

NO INÍCIO DE NOVEMBRO, Harry recebe um telefonema de seu editor em Nova York. Ele quer discutir o novo livro. Será que Harry pode viajar até lá por um dia ou dois? O dire-tor da editora estará lá. Outros executivos também. Eles pagarão a viagem. Classe executiva, é claro. É um gesto de confiança, algo que reflete a expectativa que têm. O apartamento dos Winslow em Nova York, de dois andares de um prédio em estilo brownstone perto de Lexington, está alugado para um inquilino. Não será problema hospedá-lo em um hotel. Quando ele pode vir?

Ele não quer fazer a viagem, mas diz que irá. Maddy tem de ficar em Roma, entretanto, porque Johnny está em período letivo. Em Nova York eles tinham babás que poderiam cuidar dele, mas não em Roma. Não é a mesma coisa.

— E se alguma coisa acontecer? Preciso estar por aqui — diz ela. Harry só ficará fora por duas noites. Três, no máximo. Será a primeira vez que eles dormirão separados desde que ele deixou os fuzileiros.

Uma semana depois ele aterrissa no aeroporto Kennedy. Um chofer o aguarda na área de desembarque, após a alfândega, com o seu nome exposto em uma placa. Depois das velhas pedras de Roma, Nova York parece ridiculamente moderna. É chocante, embora acolhedor, estar cercado pelo som do inglês falado, anúncios publicitários de produtos conhecidos, bonés do New York Yankees e carros grandes.

O dia passa de reunião em reunião. O tempo aqui está mais frio do que em Roma. Ele está usando um novo casaco de caxemira que Maddy lhe comprou na Brioni. Ele cum-primenta os proprietários e funcionários de alto escalão, muitos dos quais colaboraram no desenvolvimento de seu último livro. É saudado como um herói que volta da guerra. Uma mulher jovem lhes traz xícaras de café expresso. — Quer mais alguma coisa, Harry? — pergunta Norm, o

proprietário da editora. O almoço é servido. Sanduíches e salada de macarrão. Há uma apresentação em PowerPoint. Tabelas, gráficos, projeções de vendas. Hollywood está interessada. Mais tarde, no hotel, ele tira uma soneca. Reuben, seu agente, vai levá-lo para jantar. Depois, há várias festas onde podem ir.

Eles jantam em um restaurante que é popular entre executivos do mercado editorial. O maître cumprimenta Harry com um aperto de mão efusivo, dizendo que é ótimo tê-lo de volta e que todos estão ansiosos para ler seu novo livro. Quando ele será publicado? Muitas pessoas param ao lado de sua mesa. Algumas se sentam para tomar uma bebida ou para conversar a respeito das fofocas do mercado. Harry está cansado. Está bebendo para se manter acordado. Tenta se esquivar, mas Reuben insiste que eles devem ir a pelo menos uma das festas. Fica em Chelsea, perto do rio. Outro cliente de Reuben. Ele garante que será divertido. Faz parte da geração mais jovem. Não é como nós. Você vai aprender algo. Harry concorda, mas apanha--se bocejando e olhando para seu relógio dentro do carro. Está muito tarde para ligar para Maddy.

Como sei de tudo isso? Harry anotou tudo, e li a respeito mais tarde. Cada momento da viagem e muito mais. Não é isso que os escritores fazem? Não é real até surgir em uma página. Embora eu não conhecesse muitos dos detalhes até vários anos depois.

A festa ocorre num loft cavernoso. Reuben apresenta Harry a seu outro cliente. É muito mais jovem do que Harry era quando seu primeiro livro foi publicado. Harry tem quase certeza de que ele e Reuben são duas das pessoas mais velhas na festa. O jovem autor é amistoso e diz a Harry o quanto admirou seu livro. Ele é magro, com cabelos escuros e encaracolados e olhos castanhos intensos. Parece ter doze anos. Tem o rosto de uma raposa. Harry não consegue nem se lembrar do nome do rapaz. Sabe que nunca ouviu falar do livro que ele escreveu, muito menos chegou a lê-lo.

— Estou morando em Roma, ele diz, justificando-se. Reuben me disse que o livro é maravilhoso.

Há certa meritocracia entre os escritores. Mesmo que Harry seja mais velho e tenha conquistado um prêmio, ele sabe que não está muito adiante desse rapaz. Não tem um corpus de romances

publicados que o respalde. Sua carreira ainda pode tomar qualquer rumo. É o próximo livro que provará se ele realmente tem talento, ou se apenas teve sorte.

E é nesse momento que acontece. Inescapável, inevitavelmente, como lançar ossos de tartaruga para prever o futuro, como a maré que leva as águas para longe da praia.

Por trás dele uma voz de mulher.

— Harry. O que você está fazendo aqui? Ele se vira. Claire.

— Que bom ver você — ele diz tranquilamente, cumprimentando-a com um beijo em cada face. Sua pele está morna, macia. — É assim que fazem na Itália — ele diz, rindo. — É um ótimo costume.

Os dias desaparecem entre eles. Por um momento, ela fica agitada.

— Pensei que você estivesse em Roma. Já está de volta?

— Não. Meu editor pediu que eu viesse para passar alguns dias aqui. Cheguei esta manhã.

— Como está Maddy? E Johnny? Eles estão aqui?

— Os dois estão muito bem. Ficaram em Roma. Como você está?

— Estou bem — ela responde. — Muito bem. Olhe, eu queria me desculpar pelo que aconteceu. Entre nós, naquela noite. Espero que você me perdoe.

— Não há nada para perdoar — ele diz. — Na verdade, acho que eu deveria me sentir lisonjeado. Vamos dizer que águas passadas não voltam mais certo?

Eles pegam uma bebida. O cansaço que Harry sentia o abandonou. Eles falam sobre Roma. Ela nunca esteve lá. É um lugar mágico, ele diz. Todo mundo deveria morar lá pelo menos uma vez na vida.

— Você parece estar muito bem — ele diz. Há algo diferente com ela. Conseguiu um novo emprego. Um cargo editorial em uma revista. Mais dinheiro, mais respeito. Está subindo na vida. Há algo mais, também. Ela cortou os cabelos. Durante o verão, seus cabelos estavam mais longos. Agora estão mais curtos, com um estilo diferente. Serve para lhe dar uma aparência mais velha, mais sofisticada.

Também a vi. Tomamos um drinque pouco depois que os Winslow partiram para Roma. Nunca a vi calçando saltos altos antes.

— Bem, você sabe como são as coisas — ela diz. — O que você está fazendo aqui?

— Eu vim com Reuben. Ele é meu agente. Lembra-se? Você o encontrou na rua naquele dia. Ele acha que eu deveria conhecer o pessoal da geração mais jovem.

— Ele representa Josh também?

— Esse é o nome dele?

— Sim. A festa é para ele.

— Amigo seu?

— Namoramos por algum tempo.

— Você não imagina o quanto estou feliz em vê-la. Não conheço ninguém nessa festa, com exceção de Reuben.

— Deixe-me apresentá-lo a algumas pessoas — ela diz. Logo há uma pequena multidão ao redor deles, todos querendo conhecer o famoso Harry Winslow. Os homens são magros e com a aparência cuidadosamente desgrenhada, vestidos com roupas pretas. As mulheres com uma aparência maltratada, várias delas bebendo cerveja diretamente no gargalo. Ele está sentado em um sofá. É o centro das atenções. Um mercador de histórias abrindo sua bolsa. Ele tira uma, depois outra. Claire lhe traz um uísque com gelo. Já perdeu a conta de quantos bebeu. Mas sabe precisamente quando ela se afasta e quando ela volta. Está se apresentando para ela.

A sala é um borrão, mas ele está se divertindo. Homens e mulheres jovens querem saber de seu novo livro, suas opiniões sobre a literatura moderna, o terrorismo, o Oriente Médio. É verdade que ele é um piloto de combate? Um rapaz pergunta se ele já chegou a derrubar um avião inimigo.

— Não. Fui piloto em tempos de paz — ele esclarece. Em seguida, conta uma história sobre a época em que foi forçado a abandonar um avião no norte da África durante um voo de treinamento e teve de passar a noite em um prostíbulo marroquino. Todos riem.

Claire está empoleirada atrás dele, sobre o braço do sofá. São como ímãs que se atraem mutuamente. Ele faz sucesso, como ela sabia que aconteceria. O sucesso de Harry também é dela. Eu não sabia que você conhecia Harry Winslow, as pessoas lhe dizem. Ah, sim. Somos velhos amigos.

Já passa da meia-noite. Os garçons estão guardando as coisas. A festa está chegando ao fim.

— Vamos a um bar — ela diz. — Quer vir conosco? Harry olha ao redor. Nenhum sinal de Reuben.

— Claro, por que não? — responde. Em Roma, o dia já raiou.

Fora do prédio, eles chamam um táxi. Claire dá o endereço ao motorista. Ele está carregando o notebook de Claire e a bolsa com as roupas que ela usa na academia.

— Para onde estamos indo? — ele pergunta.

— Temos de dar uma parada na minha casa primeiro. Quero deixar minhas coisas lá antes. Não vai levar um minuto. O bar fica praticamente na esquina seguinte. Você se importa?

— Não, está tudo bem.

Ela mora na região de East Village. É um novo apartamento para ela, alugado no início de setembro. O prédio é modesto; antigamente, foi um cortiço. Não há porteiro. Escadas de incêndio enferrujadas pendem sobre a calçada. Uma chave para entrar, um interfone com o nome dos inquilinos em alto-relevo, muitos cobertos pelo nome dos moradores mais recentes, alguns escritos à mão. Depois, uma segunda porta mais pesada, com vidro à prova de balas.

— Moro no terceiro andar — ela diz. — Não tem elevador. Teremos de andar — acrescenta. Harry leva as bolsas de Claire.

As escadas de mármore estão arredondadas pelos anos de uso. Essa era a primeira parada para várias gerações de nova-iorquinos. A diferença agora é que o bairro é elegante e os aluguéis são caros. Pisos com azulejos desgastados. Corrimãos de ferro fundido. Paredes com manchas de infiltração. Cardápios de restaurantes chineses com entrega a domicílio enfiados por baixo das portas.

— Aqui estamos — ela diz. Mais chaves para entrar. Um ferrolho. — Não é tão perigoso — avisa. — Estas trancas são um resquício da

década de oitenta.

O apartamento é pequeno, com a impressão de que ainda não foi completamente decorado. Ela poderia estar aqui há uma semana ou há um ano. Uma estante de livros contra uma das paredes. Um pequeno rack com fogão e pia na outra. Um sofá, uma pequena mesa de jantar coberta com papéis espalhados, um par de sapatos, uma taça de vinho vazia com sedimentos ressecados no fundo. Pratos na pia. Caixas empilhadas no canto. A desorganização típica da vida de solteira. Um quarto à esquerda. Ele percebe que a geladeira é do tipo que estaria vazia, exceto, talvez, por uma velha caixa de leite, um limão que passou muito tempo ali e cuja casca ficou marrom, vinho, comida chinesa apodrecida e potes de mostarda.

— Não é muito, mas não preciso dividi-lo com ninguém — ela diz. — Quer algo para beber? Não vou demorar.

Ela encontra uma garrafa quase vazia de uísque e despeja o que resta em uma caneca de café.

— Desculpe — ela diz. — Não é sempre que recebo convidados.

— Não, não. Está ótimo. Esta é você?

Há fotografias expostas no topo da estante de livros. Uma garotinha em uma rua de Paris. Um garoto menor, obviamente seu irmão, está a seu lado. As cores desbota-ram. É o rosto de uma criança decepcionada.

— Sim. Eu tinha uns oito anos quando tiraram essa foto.

— E esta aqui?

— É minha mãe.

É uma pequena história de família. Essas são fotografias expostas para lembrar o que alguém deixa para trás. Há uma dela com suas amigas no que parece ser um jogo de futebol americano na faculdade. Outra com uma amiga, uma festa em um jardim. As duas estão usando vestidos brancos. Nas estantes, os livros de sempre. *A redoma de vidro*. *As flores do mal*. T. S. Eliot. Vonnegut. Tolstói. Gibran. Alguns títulos mais recentes. Os dois livros de Harry. O primeiro recebeu recentemente uma nova edição. Ele sorri, orgulhoso, e desliza o polegar pelas lombadas.

— Se você não se importa, acho que o mínimo que posso fazer é autografá-los para você — ele diz, pegando sua caneta.

— De modo nenhum, adoraria.

Com um floreio, ele escreve: Para Claire, que tem um gosto excelente em literatura. Harry Winslow.

Ele os entrega para ela. Ela lê as dedicatórias.

— Obrigada — ela diz, inclinando-se para beijá-lo rapidamente no rosto.

— Algum dia, eles valerão mais ou menos o mesmo valor que você pagou por eles — diz Harry com um sorriso.

Ela retribui o sorriso.

— Eu volto já — ela diz.

Harry desaba na poltrona. Está cansado. Bebeu demais. É hora de ir embora.

Há um ruído no outro quarto. O som de um copo se quebrando.

— Puta que pariu, isso dói.

— Você está bem?

O quarto ao lado está escuro.

— Claire?

— Estou aqui — ela responde. — Cortei meu pé.

Ele atravessa o pequeno quarto a caminho do banheiro. A luz está acesa. Na parede, um pôster de um festival cine-matográfico francês. Ela está sentada no vaso sanitário. Há sangue na sola de seu pé. Estilhaços de vidro no chão.

— Desculpe — ela diz. — Deixei cair. Sou uma desastrada.

Harry examina o corte que ela tem no pé. — Posso fazer um curativo. Não parece tão ruim.

Ele vai até o armário de remédios e o revira em busca de um antisséptico. — Você tem água oxigenada ou algo parecido?

— Acho que não.

— Deixe-me fazer uma coisa antes.

Ele pega seu lenço, umedece-o com água e sabonete e limpa o ferimento. Em seguida, aplica um Band-Aid. A sola do pé dela é rosada, as unhas estão pintadas de vermelho. Ela tem pés bonitos e tornozelos delicados. É preciso se agachar em uma posição

desajeitada naquele banheiro minúsculo. Ele tem a paciência de um pai de família.

— Não vamos precisar amputar — ele diz, com um sorriso. — Acha que consegue andar?

— Posso tentar.

Ele coloca seus braços ao redor dela e a ergue, surpreso por ela ser tão leve. Ele tem de se virar de lado para passar pela porta.

— Na cama — ela diz.

Ele a coloca na cama, e, de repente, os braços de Claire estão ao redor do pescoço de Harry, puxando-o para si. Seus lábios pressionados contra os dele. Suas mãos no corpo e nos braços dele. Dessa vez ele não resiste. Não con-segue. Em seguida ela sobe em cima dele, montando-o. Ela arranca seu vestido e o joga descuidadamente no canto. O bico escuro de seus seios se destaca contra seu corpo pálido no brilho azulado do quarto. Seus braços o envolvem, seu cheiro, a suavidade de sua pele, seu calor. Sua língua busca a boca de Harry, quente e viva. Sua mão na mão dele, guiando-a primeiro para seu seio intumescido, depois para o espaço entre suas pernas, esfregando-lhe os dedos contra a seda fina, sentindo a umidade, antes de trazê-los de volta. Em seguida ele se vira por cima dela. As pernas de Claire ao redor de sua cintura, trazendo-lhe o corpo contra o seu. Com as mãos, ela lhe desafivela o cinto, toca os músculos nas laterais de seu corpo e enfia as unhas por dentro da cueca boxer que ele usa. Ainda engalfinhados, ela desabotoa a camisa de Harry, tira suas alças e desliza as mãos sobre os pelos que lhe cobrem o peito. Ela estende a mão e o toca, sentindo a rigidez, o sangue pulsando, o coração acelerado. Abraçando-o carinhosamente, ela sussurra em seu ouvido:

— Amo você. Sou sua.

Ela se ajoelha sobre ele na cama. Sua língua agora se enfia no ouvido de Harry, acaricia-lhe um mamilo, seu umbigo e desce lentamente até acolhê-lo na boca; devagar a princípio, e posteriormente mais forte, mais profundamente, até que ele não consegue mais aguentar.

— Não posso fazer isso — ele diz. — Não posso. Desculpe. Tenho de ir embora.

Mas ele está indefeso. Seus músculos, sua força, tudo lhe falta. A cortina foi rasgada, a fronteira foi atravessada; agora há só o outro lado. Ele está caindo. É algo que ele desejava secretamente. Ela o puxa de volta para a cama, acariciando-o, enlaçando-o com as pernas ao redor da cintura, o calor de seu corpo queimando-o, com os pés no ar, ritmicamente para frente e para trás, a respiração sôfrega, empurrando e puxando, úmidos pelo suor, sua boca procurando pela dele, a boca de Harry em seu seio, sua clavícula, seu pescoço, dedos arranhando-lhe as costas, gemendo, respirando com dificuldade, ela gritando, ele rugindo, até que os dois desabam um sobre o outro, juntos.

— Fique dentro de mim — ela sussurra. Seus braços ao redor dele, prendendo-o com força.

Deitado ali, respirando. Sua cabeça sobre o travesseiro dela, olhos nos olhos, dedos e mãos entrelaçados, sua respiração se mesclando, corpos derretidos um contra o outro. Ele não consegue se lembrar da última vez que sentiu tanta paz.

— Acho que eu a amo também — ele diz. Será verdade? Talvez ele só esteja pensando naquilo e esteja confuso com os pensamentos. Talvez as palavras tenham um significado diferente para ele em relação ao que as outras pessoas pensam.

Ela suspira e o beija. Ele já está adormecido, exausto pela diferença entre os fusos horários, pelo uísque e pelo sexo.

3

PELA MANHÃ, ELE DESPERTA quando ela volta para a cama, mancando levemente pelo corte no pé. A luz do sol da manhã é filtrada pelas cortinas.

— Achei que você iria gostar disso — ela diz, beijando-o na boca. O hálito de Claire está azedo. Ela coloca duas canecas de chá sobre a mesinha de cabeceira. Ele se senta, recostando-se contra os travesseiros. Ela está nua. Sua pele é branca, agradável ao toque, firme. Uma verruga na parte detrás da coxa. Os pelos entre suas pernas densos e negros. Ela se move como alguém que poderia passar a vida inteira nua. Ele gostaria de ver isso acontecer.

— Bom dia — ele diz. — Venha aqui.

Apoiando-se sobre as mãos e os joelhos ela avança em sua direção, como um animal, com os olhos fixos nos dela. Ela o beija, faminta. Ele a vira, deixando-a com as costas sobre o colchão e enterra o rosto entre suas pernas. Ela já está úmida. Geme, agarrando a parte detrás da cabeça de Harry conforme a língua dele se movia rapidamente, entrando e saindo.

— Ah, meu Deus... isso, não pare.

A intimidade de fazer amor à luz do dia. Não há nenhum lugar onde se esconder. Todas as outras pessoas estão indo trabalhar. Ele a penetra. Seus olhos se olham silenciosamente, os dela são castanhos, os dele são cinzentos, uma comunhão estabelecida sem que seja necessário trocar qualquer palavra. E então as pálpebras de Claire se fecham, ela inclina a cabeça para trás, a boca aberta, os quadris se movendo, em movimentos longos, curtos, longos, curtos, como um código Morse entre amantes, e eles vão cada vez mais rápido, mais rápido, mais rápido, olhos fixos um no outro, ela gritando, "Sim, sim, sim".



— Tenho vontade de acordar a seu lado desde que nos encontramos pela primeira vez na praia — ela diz, logo depois. Eles estão deitados na cama, exaustos, como se fossem atletas. — Mas nunca achei que fosse acontecer.

— Bem, aconteceu. Foi tudo como você esperava?

— Melhor — ela responde, beijando-o.

— Que horas são?

— Quase oito. Não quero, mas preciso ir trabalhar. O que você vai fazer hoje?

— Tenho mais reuniões. Um almoço. Bebidas. Um jantar.

— Quero encontrá-lo de novo. Pode escapar do jantar?

— Era o que eu estava planejando fazer. Preferiria estar com você.

Ela abre um sorriso radiante.

— A que horas podemos nos encontrar? Posso tentar sair do escritório mais cedo.

— Que tal sete e meia?

— Perfeito.

No chuveiro, ele ensaboa os cabelos e os seios de Claire, sentindo a fenda entre as nádegas dela contra seu corpo, excitando-o outra vez. Lentamente, silenciosamente, ela deixa as pernas entreabertas, inclinando-se para a frente, de costas para ele, os braços apoiados contra os azulejos. Ele flexiona as pernas para compensar a diferença de altura. Observa-se enquanto a penetra. Desta vez é rápido. A água escorre pelo corpo deles encharcando o chão. Ela tem costas lindas.

— Nunca quero parar de foder com você — ela diz.

— Não sei se vai ser possível — ele diz, com um sorriso. — Não sei se consigo manter este ritmo. Não tenho mais dezessete anos.

— Então vamos ter de lhe dar montes de ostras para comer.

Na rua, despedem-se com um beijo. Ela lhe dá o número de seu celular.

— Ligo para você mais tarde — ele diz. Ele a observa se afastar em meio à manhã fria e cinzenta, as lembranças do calor do corpo de Claire ainda o preenchendo.

Depois de tomar um táxi na direção oposta, ele entra em seu hotel. É seu favorito em Nova York. Tranquilo, discreto, a um quarteirão do parque. Pisos de mármore branco e negro. O bar faz o melhor bullshot em Manhattan.

— Bom dia, senhor Winslow — diz o porteiro. O pai de Maddy morou aqui durante os últimos dois anos de sua vida, destruídos pelo álcool.

Em seu quarto, há uma luz vermelha piscando no telefone. É uma mensagem de Maddy. “Oi, sou eu. Acho que você teve uma reunião logo cedo. Johnny está dizendo que o ama. Estamos com saudades!”

Há também uma mensagem de Reuben, uma de Norm e outra que eu lhe deixei. Ele liga para o serviço de quarto e pede que lhe mandem um bule de café, ovos mexidos e bacon. Em seguida, remove suas roupas e entra no banheiro, onde fica debaixo de uma ducha escaldante por vários minutos antes de se barbear. O café da manhã chega. Ele assina o recibo e entrega a gorjeta em dinheiro.

Ele ligará para Maddy mais tarde.

Às três horas ele telefona para Claire.

— Passei o dia inteiro esperando para falar com você — ela diz.
— Não consigo parar de pensar em você.

— Desculpe, essa é a primeira oportunidade que tenho. Nosso jantar desta noite ainda está de pé?

— Se você ainda quiser.

— É claro que quero. Vou tomar uns drinques com Walter em seu clube às seis. Posso encontrá-la depois.

Ela ri. — Ah, meu Deus. Você vai até lá?

— Sim. Não posso fugir disso. Além disso, gosto de Walter.

— Também gosto de Walter, mas parece uma coincidência incrível. Você acha que ele vai suspeitar de alguma coisa?

— E por que suspeitaria? Ele não sabe que a encontrei.

— Então, onde vamos nos encontrar?

— Não me importo. Desde que haja muitas ostras.

Ela ri.

— Conheço um lugar ótimo na rua Spring. Serve ostras maravilhosas — ela diz, dando-lhe o nome e o endereço do

restaurante. Depois de desligar, ele fica surpreso com a empolgação que sente.

Harry e eu nos encontramos às seis. Como de costume, ele se esqueceu de usar uma gravata, mas meu clube man-tém um pequeno estoque à mão, precisamente para pessoas como ele.

Ele parece estar bem, embora um pouco cansado. É de esperar, dada a diferença entre os fusos horários. Estamos sentados no balcão do bar. Vários outros membros do clube estão jogando gamão.

— Como foram as reuniões?

— Bem — responde ele, dando de ombros. — Todo o mercado está incrivelmente nervoso hoje em dia, e eles querem verificar o progresso do meu livro. Afinal, fizeram um investimento muito alto em mim. Mesmo assim, não consigo imaginar Hemingway escrevendo dessa forma. Provavelmente ele lhes diria para irem se fornicar em algum canto.

Falamos sobre Roma, sobre os planos para o Natal, sobre Maddy e sobre a saúde de Johnny. E sobre o novo livro.

— Como está progredindo? Ele toma um gole.

— Lentamente.

— Por quê?

— Não sei. Pensei que a mudança para Roma seria uma inspiração, mas tem sido estimulante demais. Eu me sento, mas não consigo me concentrar. Em vez de escrever, me pego caminhando por horas a fio.

— E isso ajuda?

— Não muito. O livro ainda está custando a engrenar. Mesmo assim, Maddy adora poder estar lá. Ela está estudando culinária e tendo aulas de italiano. E Johnny está se divertindo muito. Um dos seus melhores amigos é o filho do embaixador australiano. Ele está ensinando Johnny a jogar críquete.

Ele está demonstrando seus encantos habituais. Conta uma história engraçada sobre perder-se no caminho quando foram à Villa d'Este. Mas há algo diferente, tam-bém. Como se ele não estivesse à vontade. Mais tarde, percebo que essa é uma das

únicas vezes em que o vi sem Maddy. Às dez para as sete ele pede licença, dizendo:

— Desculpe, Walt. Preciso ir.

Nós nos despedimos com um aperto de mão e ele sai apressadamente. Não me importo. Não combinamos nada além de uma bebida. Peço mais uma dose para mim e espero para ver quem vai entrar pela porta. Se tiver sorte, outro membro do clube também estará desacompanhado, e poderemos jantar juntos. Mais tarde, ao sair do clube, sou informado de que Harry se esqueceu de devolver a gravata.

4

ELA JÁ ESTÁ LÁ QUANDO ELE ENTRA NO RESTAURANTE.

Do lado de fora, já escureceu. Ela se levanta da mesa, bela, ansiosa, e sussurra em seu ouvido:

— As ostras podem esperar, mas eu não posso. Venha comigo.

Ele a segue quando Claire desce por um lance de escadas. Os banheiros são grandes. Há uma tranca na porta. Ela o abraça como se quisesse recuperar o tempo perdido, puxando-o para si com uma mão, e, com a outra, tentando abrir-lhe o zíper da calça.

— Não estou usando nada por baixo — ela sussurra, ao erguer o vestido. Já está úmida. Ele a ergue, pressionando-a contra a parede, as mãos agarrando os ombros de Harry, as mãos dele por baixo do corpo dela, estocando, a respiração de Claire saindo em meio a gemidos curtos e entrecortados, olhos fechados, cobrindo a boca para não gritar.

Eles voltam à mesa com o rosto corado, compartilhando segredos dentro de um segredo. O garçom chega para anotar o pedido das bebidas.

Ela se inclina para a frente e pergunta, em tom conspiratório:

— Você acha que ele sabe?

Harry se recosta em sua cadeira e lentamente, melodramaticamente, começa a observar as pessoas na sala, com uma sobancelha erguida. Ela ri.

— Sim, com certeza — ele responde. — Todo mundo sabe. Pode ver no rosto deles. Eles estão tentando ser dis-cretos, é claro.

— É claro.

— É por isso que ninguém está olhando para nós, e o garçom está nos tratando como quaisquer outros clientes, mas dá para perceber.

Ela confirma com um movimento de cabeça, sufocando o riso.

— Você está certo. Estou percebendo.

— Podíamos até mesmo ter um letreiro em néon sobre a nossa mesa, dizendo “Acabaram de Transar no Banheiro”.

— Muito constrangedor. Como vamos lidar com isso?

— Mostrando a eles que somos melhores do que isso. Sem deixar que nos atinja.

— Ou talvez... podemos fazer tudo de novo — ela sugere, com um olhar malicioso.

O garçom volta com as bebidas. Os dois estão tomando martinis.

— Meu Deus, você é insaciável. Posso tomar um drinque antes, pelo menos?

— Você fez por merecer — ela diz. Sua mão está por baixo da mesa, acariciando a coxa de Harry.

Eles consultam o cardápio. — O que vai querer? — ela pergunta.

— Sei que vou querer ostras para começar. — É melhor mesmo.

— Quantas você acha que eu deveria pedir?

— Há algum tipo de fórmula matemática? Afinal, será que um determinado número de ostras é consumido por um determinado número de orgasmos? Seria uma dúzia de ostras para cada orgasmo? Se você comesse cinco dúzias de ostras, será que acabaria tendo cinco orgasmos?

— Sabe, não faço a menor ideia. Não sei se conseguiria comer cinco dúzias de ostras, também.

— Realmente, parece ser muito. Você tem de comer todas de uma vez ou pode ir comendo aos poucos no decorrer de uma noite? Você sabe. Comer uma dúzia, foder. Comer mais uma dúzia, foder outra vez.

— É uma excelente pergunta.

— Bem, certamente parece mais prático do que se empanturrar com cinquenta e poucas ostras de uma vez só. E se você só tiver um orgasmo enorme? Cinquenta ostras e bum, o efeito de todas acontece de uma só vez.

— E se fosse o maior orgasmo da história do mundo? Cinquenta ostras devem ser o bastante para algo muito intenso. Não seria melhor ter um orgasmo que fosse inacreditável, explosivo, arrasador ao invés de um monte de orgasmos menores?

— Deixe-me pensar a respeito. Sabe, acho que preferiria uma série de orgasmos menores. Porque, mesmo depois de ter o orgasmo mais incrível da minha vida, levaria apenas alguns minutos até eu querer senti-lo outra vez, mas já estaria exausta demais. Ou, pelo menos, você estaria.

— Boa observação. Mulheres não precisam de ostras.

— Talvez devêssemos consultar um médico para encontrar a proporção certa.

— Ou um pescador de ostras.

— Ou ainda melhor: a esposa de um pescador de ostras.

Cai uma chuva leve quando eles saem do restaurante. O outono está mais adiantado aqui do que em Roma. A maioria das folhas já caiu. Ela coloca um braço ao redor dele e o puxa com força para si. Ele diminui a velocidade para acomodar o passo mais curto de Claire. É uma nova cidade para ambos. As luzes estão brilhando só para eles.

Eles param para tomar uma bebida em um bar perto do apartamento de Claire, mas, depois de fazerem o pedido, ela diz:

— Acho que não quero essa bebida realmente. Pensei que queria porque você queria. Mas o que eu realmente quero é você. Importa-se se simplesmente formos embora?

— Vamos cair fora daqui então — ele responde, deixando algumas notas no balcão do bar ao lado das bebidas intocadas.

No quarto dela, à meia-luz, ele está em pé por trás dela.

— Quero que você tire a minha roupa — ela diz. Lentamente ele abre o zíper da parte de trás do vestido e tira a alça de cima de um dos ombros, e depois do outro, até que a peça cai ao chão. Ela está usando um sutiã de um tom pálido de rosa, o qual ele abre gentilmente. Em seguida, vagarosamente, como se suplicasse, ele anda ao redor dela, tocando o nariz em sua barriga. Ele a vira para sentar na cama e tira seus sapatos. Nua, ela se levanta, de frente para ele agora.

— Toque-me em todos os lugares — sussurra.

Ele faz como ela pede, acariciando-lhe os seios, as costas, os braços e entre as pernas.

— Beije-me.

— Agora, você tira as minhas roupas.

Ela tira a gravata que ele pegou emprestado, fazendo-a deslizar pelo seu pescoço e, segurando-a com as duas mãos, esfrega-a no próprio corpo, para cima e para baixo. Em seguida ela usa a gravata para enlaçá-lo ao redor do corpo e puxá-lo em sua direção. Erguendo-se na ponta dos pés, ela o beija suavemente na boca antes de deixar a gravata de lado com uma risadinha. Ela desabotoa a camisa de Harry, deslizando a mão por entre os pelos de seu peito, beijando e lambendo até chegar a seu umbigo. Dá a volta ao redor dele, removendo primeiro um braço da camisa, depois o outro, até que ela está atrás dele, com as mãos ao redor de sua cintura para lhe desafivelar o cinto.

— Não se mova — ela pede. — Deixe que eu cuido disso. Ela abaixa as calças dele, beijando e lambendo a parte detrás de suas coxas, e depois enfia a mão por dentro da cueca boxer para sentir que ele já está rígido, estufando o tecido. Ela o massageia lentamente com a mão, para a frente e para trás, e finalmente lhe tira a cueca.

— Ah, meu Deus — ele diz.

Ainda por trás de Harry, ela retira um sapato, depois o outro, o que lhe permite tirar as calças dele. Ela se vira de frente para ele e o recebe em sua boca, devagar, devagar, ao longo do mastro e depois voltando, provocando, olhando-o nos olhos.

Como se esperasse a deixa, ele dá um passo para trás e a vira de costas, fazendo que fique de frente para a cama. Ela avança uns poucos centímetros e apoia seu peso em seus ante-braços e nas panturrilhas. Ele a penetra por trás, e, quando está completamente dentro, ela estremece e geme alto. Ele observa a si mesmo entrar e sair dela, fascinado por esse movimento primevo. Observa a planície das costas de Claire e põe as mãos em seus quadris. Ela geme, tensionando o corpo como se fosse um punho fechado. Ele quer estar em todas as partes dela ao mesmo tempo, sentir o que ela sente, saber o que ela sabe. Esse é o mais próximo que podemos verdadeiramente estar junto de outra pessoa, e, ainda assim, não é o suficiente. Ele a move para baixo de modo que Claire fique de lado, e põe a mão direita por trás de sua cabeça e a

esquerda em seu seio. Estão lado a lado. Iguais, agora. Sem querer, ele desliza para fora dela e, com um riso carinhoso, ela o traz de volta para dentro.

— Adoro sentir você dentro de mim — ela diz.

Ela se vira de bruços, e ele a penetra profundamente, arqueando as costas, indo cada vez mais fundo, mais fundo, mais fundo. Os olhos de Claire se arregalam quando ela agarra as cobertas, repetindo, meu Deus, meu Deus, meu Deus, até sua voz se dissolver em um ah ah ah ah ah ah ah conforme ele vai cada vez mais rápido, mais rápido, e ela respira com dificuldade, o rosto pressionado contra a cama até que os dois gemem alto, como se estivessem sentindo dor ao invés de prazer.

Em seguida, ela vai usar o banheiro. Quando volta, pergunta:

— Você realmente precisa ir embora amanhã?

— Sim. A passagem já está comprada.

— Não quero que você vá — ela diz, segurando-lhe a mão. — Agora que o encontrei, não quero que você me deixe. Não há nada que possa fazer que você fique aqui por mais alguns dias?

— Não sei. Não é tão fácil. Maddy... — é a primeira vez que ele menciona o nome da esposa. — Ela está à minha espera.

Claire suspira.

— Eu sei.

Nenhum dos dois tem algo a dizer.

— Quando você pode voltar?

— Não sei.

— E se você dissesse que precisa verificar alguma coisa na casa?

— Temos um caseiro. Ele ligaria se houvesse algum problema.

Ela lhe dá as costas.

— Então, você está indo embora. E não posso fazer nada para que você fique, não é?

— Não é que eu não queira — ele diz, levando a mão às costas dela.

— O que vamos fazer? — ela pergunta, com a voz hesitante. — Vai terminar assim? Fico com você por alguns dias e depois as coisas voltam a ser como eram antes?

— Não sei.

Ela volta a ficar de frente para ele.

— Sei que você não sabe — ela comenta. — Nem você e nem eu sabemos. Mas as coisas são diferentes agora. Você sabe e eu sei. Não estou tentando destruir seu casamento. Eu amo Maddy... mas você, eu amo mais. E não consigo suportar a ideia de não vê-lo, de não poder tocá-lo.

— Que motivo eu daria? Preciso de um motivo.

— Precisa de mais motivo do que uma garota que quer foder com você até sua cabeça explodir? — ela pergunta, rindo.

— Essa é uma ótima razão — ele diz, sorrindo e beijando-a gentilmente no ombro.

— Vai fazer isso, então?

— Vou ver. Preciso conversar com as pessoas responsáveis pela viagem.

— E direi à minha empresa que estou doente.

— O que faremos?

— Eu gostaria de ir à praia. Nunca estive lá nesta época do ano.

— É um lugar bonito. Muito mais tranquilo. Não há ninguém por perto. Especialmente durante a semana.

— Podemos fazer um piquenique.

— Mesmo assim, não podemos ficar na casa. A água está desligada. A casa está toda trancada.

— Não precisamos. Podemos ficar em uma pousada. Ou simplesmente pegar o carro e voltar para a cidade. Será uma aventura.

Na manhã seguinte, em seu quarto de hotel, ele telefona para Maddy.

— Houve um imprevisto — ele diz. — Preciso ficar aqui mais um dia. Você se importa?

A voz de Madeleine demonstra certo tom de decepção.

— Não, claro que não. Johnny estava ansioso pela sua volta. Ele fez um cartaz para você na escola. Está em italiano.

— Ele ainda vai poder entregá-lo. Voltarei no sábado. Não é tanto tempo assim.

Depois de desligar, ele se senta ao lado do telefone, olhando para o aparelho. Por um momento, ele pensa em voltar a ligar e

dizer que, afinal de contas, vai voltar no dia marcado. Que não vai ficar. Que sente saudades e mal pode esperar para vê-los. Tudo isso não passa de um grande erro. Uma grande piada. Mas, ao invés disso, o telefone toca, e, assustado, ele atende.

— Senhor Winslow — diz a voz. — Aqui é da recepção. Sua assistente me pediu para dizer que já chegou. Ela o está esperando no carro.

— Ah, claro — ele diz. — Obrigado. Já vou descer.

Harry fecha a porta atrás de si. Se havia alguma chance de voltar atrás, ela acabou de desaparecer.

5

NÃO HÁ TRÂNSITO NA ESTRADA. As saídas passam rapidamente. Claire está usando uma blusa cor de aveia com gola alta e plissada, com a qual ela brinca o tempo todo. Está sentada no banco do passageiro do carro alugado, alerta, sem querer perder nenhum detalhe, uma criança durante uma excursão escolar. Conforme dirige, ele lhe conta his-tórias engraçadas, e ela ri o mesmo riso que foi uma das primeiras coisas que notei a seu respeito. Sinos de prata. Um riso que você espera que nunca se acabe.

Eles chegam à cidade bem antes da hora do almoço, que agora não apresenta mais sua plumagem de verão. É como visitar um dos primeiros ensaios de um espetáculo teatral, em que o elenco ainda usa as roupas do dia a dia e os assentos estão vazios. Novamente, a cidade é o lar das pessoas que moram ali. Caminhonetes estão paradas na rua principal. Placas publicitárias anunciam um jantar à base de espaguete no quartel dos bombeiros. O time de futebol americano da escola local treina sob um céu da cor do barro.

— Essa é a minha época favorita do ano neste lugar — ele diz. — É muito tranquilo. É fácil perceber por que tantos artistas e escritores foram atraídos para cá. Mas vários dos velhos lugares acabaram fechando suas portas. Os aluguéis ficam mais caros e as pessoas daqui não têm condições de pagá-los. A maioria dos artistas não tem dinheiro suficiente para viver aqui, também. Está vendo aquele lugar? — pergunta ele, apontando para a fachada de uma loja que vende banheiras caras e luxuosas. — Era um bar chamado Big Al's. Jackson Pollock bebia ali.

Alguns prédios mais adiante, ele vira e estaciona em frente à estação de trem.

— Espero que este lugar nunca feche as portas — ele comenta. — A comida é boa demais.

Eles entram. À direita fica um balcão refrigerado com salsichas, queijos, pimentas, presuntos e azeitonas. Na parede oposta há

várias fileiras de massas, molhos caseiros, sopas, bebidas e sorvetes. O cheiro de azeite de oliva e pão recém--assado. No meio do lugar há uma fila de homens, a maioria deles empreiteiros, trabalhadores braçais, alguns brancos, outros hispânicos, pedindo sanduíches. Nas paredes há fotografias e cartões-postais enviados por clientes fiéis.

— Este lugar é quase tão bom quanto Roma — sussurra ele no ouvido de Claire.

— Ei, Harry! — diz um dos homens atrás do balcão. — Como você está? Por onde andou? Faz algum tempo que não o vejo.

Eles apertam as mãos.

— Oi, Rudy. Estive viajando. Trabalhando em um novo livro.

— E como ele está indo?

— Bem. Bem.

— Como está a senhora Winslow? — ele está olhando para Claire.

— Ela está bem, Rudy. Obrigado por perguntar. Esta é Claire. É uma amiga. Eu disse a ela que você vende o melhor prosciutto deste lado de Parma.

Rudy ergue as mãos em deferência, aceitando o elogio.

— E então, o que posso fazer por vocês? — ele pergunta.

Eles fazem o pedido. Pão, queijo, carne. A comida dos trabalhadores, dos camponeses italianos. Alimentos para serem comidos com as mãos.

— Não creio que Rudy tenha gostado de nos ver juntos — diz Claire quando saem do restaurante. Ela está ten-tando aliviar a situação.

Ele coloca o saco com a comida no banco detrás.

— Realmente, foi meio estranho — ele admite.

— Talvez fosse melhor não termos vindo até aqui.

— Bobagem — ele diz com um sorriso. — Agora, entre no carro. Ainda precisamos comprar vinho.

A praia está deserta. As ondas cinzentas quebram agressivamente contra a areia. Está frio demais para ir descalço. Ele traz um cobertor e a comida.

— A água parece estar muito diferente nesta época do ano — ela observa. — Quase como se estivesse furiosa.

Ele se ajoelha na areia, estendendo o cobertor. De dentro do bolso, retira um saca-rolhas.

— Você é o típico escoteiro — ela diz, sorrindo.

— Esteja sempre preparado, esse é o meu lema. Espero que não se importe de beber direto no gargalo.

— Como se isso tivesse alguma importância.

Depois do almoço eles se deitam sobre o cobertor, e ela apoia a cabeça sobre a barriga de Harry, olhando para o sol. Faz menos frio perto do chão. Uma gaivota solitária está por perto, esperando por uma oportunidade.

— Caia fora — diz Harry, atirando um pedaço de madeira trazido pelo mar na direção da ave, que bate as asas e se ergue, pousando novamente a alguns metros de distância.

— O coitado está com fome — ela diz.

— Com certeza ele está com fome. Mas, se lhe dermos comida, todos os seus amigos vão querer entrar na festa. E lá se vai o nosso piquenique tranquilo.

Eles caminham pela praia, passando pelos ancoradouros de pedra e pelas casas vazias dos milionários. — Eu tinha outro motivo para querer vir até aqui — ela diz, sorrindo. — Foi neste lugar que nos conhecemos.

Ela se vira de frente para ele, pousando o rosto no casaco que ele veste. Harry coloca os braços ao redor de Claire, que está com os cabelos embaraçados por causa do vento. Ainda não se acostumou com a baixa estatura dela.

— Como poderia esquecer?

— Você é o meu salva-vidas — ela diz com uma voz suave, erguendo a boca para beijá-lo. — Eu podia ter me afogado, e você me salvaria.

— Mas você não precisava ser salva.

— Precisava, sim. E ainda preciso.

Ele não diz nada.

— Quero colocar o relógio para funcionar outra vez. Ir para todos os lugares onde fomos no verão passado, mas, desta vez, seremos

só nós. Quero ir aos mesmos restaurantes, às mesmas lojas, voar outra vez em seu avião.

— Tudo bem.

— E quero ir até a casa.

— Mas ela está fechada. Não há nada ali.

— Não me importo. Quero vê-la. Por favor.

Ele concorda. Sempre me perguntei por que ele fez isso. Conheço o motivo pelo qual Claire queria ir até lá. Mas por que ele a levaria? Essa era sua casa com Maddy, com Johnny. Um lugar especial para eles. Para todos nós. Por que ele o macularia? Mas creio que um homem em sua posição já está gastando o dinheiro que não tem. Que problema há em gastar um pouco mais?

Eles dirigem pelas ruas que já são familiares e estacionam. Não é tão grande quanto Claire se lembra. De fora, a casa parece estar inanimada, apenas uma casca vazia. As folhas caíram das árvores. Seus passos fazem o cascalho ranger. Harry tira a chave que está debaixo do vaso de flores. Dentro, a casa está cinzenta, o ar está parado. É como entrar em uma tumba. Claire está surpresa ao ver que o lugar está muito organizado. Os sapatos foram guardados, as raquetes de tênis foram empilhadas em algum lugar fora da vista. As portas e as janelas estão fechadas.

— Brrrr, está frio — ele diz.

Ela está no meio da sala de estar. O lugar é familiar e estranho ao mesmo tempo. Os fantasmas do verão enchem a sala. Conversas lembradas pela metade, o “chac” das bolas de croquet no gramado, o zumbido dos insetos por entre as portas cobertas com tela, o cheiro dos filés assando na churrasqueira, risos.

— Imagino se ela está feliz por estarmos aqui — diz Claire. — Refiro-me à casa.

— Vou acender a lareira — ele diz, passando por ela.

Ele abre a tampa da chaminé. A madeira está seca, os jornais chegaram em agosto passado. Em poucos momentos as chamas estão crepitando na lareira.

— Já que estamos aqui, vamos dar uma olhada — ele diz. — Há alguns anos um guaxinim roeu o telhado e abriu um buraco, e

encontramos uma família inteira deles vivendo no guarda-roupa de Johnny. Acho que você consegue imaginar o estrago.

Eles começam pelo sótão. Harry passa por ali como se fosse um garoto. O lugar está mofado, cheirando a naftalina, abarrotado com baús empoeirados, malas abandonadas, bolsas de roupas, brinquedos que não têm mais uso, cadeiras e ventiladores quebrados, camas sem colchões, revistas velhas, caixas com velhos enfeites de Natal, botas de cavalgada com rachaduras no couro que nunca mais serão colocadas em estribos.

— Parece não haver nenhuma criatura estranha aqui — ele diz.

— Há muitas coisas aqui. Eu podia passar dias aqui dentro, explorando.

— Sim, nossas coisas, mas também coisas que pertencem à família de Maddy. Em algum lugar aqui há um cabideiro enorme com vestidos formais para tomar chá que pertenceu à bisavó dela. Não faço ideia do motivo pelo qual os guardamos. Pode acreditar, eles nunca voltarão à moda.

— O que é isso?

— Meu velho baú que ficava ao pé da cama.

— O que há dentro?

— Ah, um monte de coisas do tempo dos fuzileiros.

— Posso ver?

Ele o abre. Sobre as outras peças, seu jaquetão de gala.

— Vamos ver se ainda serve — ele diz, pegando o casaco e vestindo-o. — Ficou um pouco justo — ele constata, com um sorriso.

— Muito charmoso.

No segundo andar inspecionam os quartos. Primeiro o quarto de Johnny, depois o quarto de hóspedes. Finalmente, o quarto de Harry e Maddy. É a primeira vez que Claire entra ali. Ela não se atreveria a ir até aquele lugar antes. É um quarto simples, confortável. As paredes e o piso de madeira estão pintados de branco. Pelas janelas, ela observa a vista que eles têm em sua privacidade, além dos troncos desfolhados das árvores e os campos que há além. Sobre a cama, uma colcha de retalhos. Chinelos embaixo. Livros sobre a mesa de cabeceira. Sobre a penteadeira, há fotografias,

escovas de cabelo, perfumes, abotoaduras e moedas em uma pequena vasilha. A vida secreta das famílias.

Claire sente um calafrio. — Não parece certo eu estar aqui — ela diz. — É melhor descermos.

Ele a encontra no sofá, em frente à lareira, com o queixo apoiado nas mãos. — Não sei se foi uma boa ideia vir até aqui — ela comenta, olhando para os tocos de madeira queimando.

— Por que você diz isso?

— Porque este lugar é seu. Seu e de Maddy. Achei que poderia fazer que fosse meu, mas estava errada. Pensei que poderíamos fazer amor em sua cama. Sei que isso parece horrível. Desculpe. Eu queria provar algo, mas, quando percebi que realmente estava em seu quarto, não consegui levar a ideia adiante. É a primeira vez que sinto que estou fazendo algo errado. Antes disso, achava que éramos apenas nós, sabe? Que, se nós dois estivéssemos juntos, tudo mudaria e tudo ficaria bem. Mas, agora, não tenho tanta certeza.

Ele estende o braço e segura a mão de Claire.

— Quer voltar para Nova York?

Ela concorda com um gesto de cabeça.

— Quero — ela responde. — Desculpe-me.

Durante a maior parte do trajeto de volta, eles ficam em silêncio. O rádio substitui as conversas. Quando passam pela antiga área onde ocorreu a Feira Mundial, ele diz:

— Quer que eu fique com você esta noite?

— Sim. Mas... você quer?

— Quero.

O dia está terminando quando estacionam perto do apartamento de Claire. O resto do mundo ainda está trabalhando. Eles sobem as escadas, parando apenas para pegar a correspondência.

— Sobre o que aconteceu antes — ela diz. Estão sentados no sofá. — Foi excessivo, entende?

— Eu sei. Nunca fiz isso antes.

— Nunca?

— Não.

— Nunca teve um caso?

- Não.
- Já desejou ter um antes?
- Não. Até conhecê-la.

Sem mais uma palavra, ela se levanta e o leva pela mão até o quarto.



Depois de algum tempo, eles estão deitados na cama. O corpo deles está drenado, os lençóis embaraçados a seus pés.

- Com quantas mulheres você já se deitou?
- Não muitas. Algumas garotas no tempo do ensino médio. Uma ou duas na faculdade, no meu primeiro ano. Mas, desde que conheci Maddy, não houve mais ninguém.
- Então, por que se envolveu comigo? Não acredito que não havia outras mulheres que quisessem estar com você.
- Houve algumas.
- E...?
- E não fiz nada.
- Por quê?
- Elas não eram importantes.
- Então, por que sou importante?
- Porque você é você. Porque tem a ver conosco.
- Quer dizer que há um "nós"?
- Agora, há sim.
- Isso o deixa feliz?
- Não sei se isso me deixa feliz, mas sei que estaria infeliz se as coisas não fossem assim.
- Por quê?

Ele leva algum tempo para responder.

— É uma boa pergunta — ele observa. — Não sei. Pode ser porque não consigo parar de pensar em você. Desde o primeiro momento em que você entrou em nossa vida havia algo especial em relação a você. Quando a conheci na praia, achei que você era bonita, mas não estava pensando nisso. Foi só quando você veio à nossa casa naquela noite, à nossa festa, que percebi que estava

irritado por você estar namorando aquele idiota do Clive. Eu sabia que você merecia algo melhor. Eu queria que você tivesse algo melhor.

— E você é melhor? — ela pergunta, rindo.

— Não sei. Só sei que você importava para mim. Soube disso quase imediatamente.

— Eu nem imaginava.

— Pois é. E eu também não queria que você soubesse. Você era nossa convidada. Nossa hóspede. O projeto de verão de Maddy.

— É isso que vocês pensavam a meu respeito?

— Sim. Não. Bem, acho que é isso que eu queria pensar. Não conseguiria me olhar no espelho se me permitisse pensar de outra maneira.

— E quando Clive disse aquelas coisas no restaurante?

— Exatamente. Acho que fiquei furioso porque, de alguma forma, sabia que uma parte do que ele estava dizendo era verdade. Mas acho que ainda não sabia, verdadeiramente. Naquela época você estava sob nossa proteção, se entende o que quero dizer. Nunca cheguei a pensar que isso poderia acontecer.

Ela se aproxima dele.

— Desculpe-me.

— Não. Não se desculpe.

— Será que cometemos um erro terrível?

— Acho que não. Espero que não.

— Mas você é casado. Você tem uma vida com Maddy. E com Johnny.

— Eu sei.

— Não quero magoá-la. Gostaria que houvesse um modo de criar um pequeno universo paralelo onde eu e você pudéssemos ficar juntos, e onde você ainda pudesse estar com ela, e nenhum de nós sairia ferido.

Ele a beija na testa, assim como faria com uma criança que tivesse o desejo de que um rio fosse feito de chocolate ou que o Natal acontecesse todos os dias. Ainda assim, uma parte dele também quer acreditar.

— Tudo que sei — ele diz — é que passo muito tempo andando pelas ruas de Roma pensando em você. Imaginando como você está. Como foi seu dia. Quem são seus amigos. Se alguém a estava abraçando.

— É mesmo?

— É. Mas não imaginava que voltaria a vê-la. Era uma fantasia. Acho que estou na idade em que isso acontece. Alguns homens compram carros esportivos. Eu sonhava com uma bela garota a milhares de quilômetros de distância.

— E agora é real — ela murmura, brincando com os pelos que ele tem no peito.

— Sim, agora é real.

— E então, o que vamos fazer?

— Não sei. Sei que vou voltar a Roma amanhã. Sei que tenho de trabalhar no meu livro.

— Seu livro. Você não falou sobre ele, e eu não queria perguntar. Como está indo o trabalho?

— Ah — ele diz. — Não tão bem quanto eu gostaria.

— Por quê?

— Eu estava dizendo a Walter, quando o encontrei, que isso acontecia porque eu estava distraído com os pontos turísticos e com os sons de Roma. Até certo ponto, isso é verdade, creio. É fácil se distrair em Roma. Mas é fácil se distrair em Nova York também, e isso nunca me impediu antes.

— Então, qual é o problema?

— Eu tinha um amigo nos fuzileiros que era um excelente piloto. Ele era do Texas, um garoto muito bom. Queixo quadrado, corajoso, ótimos reflexos. Certo dia, o avião dele caiu. Não foi culpa dele. Houve um problema técnico. Mas foi o fim de sua carreira de aviador. Ele teve a oportunidade de voar novamente, mas não conseguiu. Não tinha mais vontade de entrar no cockpit. Depois, ele simplesmente pediu baixa do Exército. Nunca mais o vi.

— E então?

— Bem, agora sei como ele se sentia.

— Mas você não teve um acidente com seu avião. Seu livro foi um sucesso. Milhares de pessoas ao redor do mundo já o leram.

Você ganhou o National Book Award, pelo amor de Deus.

— O que estou querendo dizer é que sinto medo. Tenho medo de voltar ao cockpit porque não tenho certeza de que conseguirei fazer isso outra vez. E se meu próximo livro for um fiasco?

— Você não pode pensar assim.

— Eu sei. Mas toda vez que me sento para escrever, sinto uma incerteza que nunca senti antes. Tento escrever, mas não demora muito tempo até sentir a necessidade de sair, de começar a caminhar.

— O quanto você já escreveu?

— Bem, esse é o problema. Já escrevi centenas de páginas, mas joguei a maior parte delas fora.

— Por quê?

— A direção da história continua mudando. O ponto no qual estou trabalhando agora é quase totalmente diferente daquele por onde comecei. Luto com as vozes, com os personagens. Eu me sento e escrevo algo de que gosto, mas quando volto a essas páginas e as releio alguns dias depois, detesto-as.

— Posso fazer algo para ajudar? Digo... sei que parece algo idiota, mas se você precisar discutir a questão com alguém, ou para trocar algumas ideias, você sempre pode contar comigo.

— Obrigado, mas o que realmente preciso fazer é voltar para Roma, me entocar por algumas semanas e me concentrar só no livro. Se tudo der certo, conseguirei descobrir algumas coisas até o fim do período.

— Tudo bem. Mas estou falando sério — ela diz. Claire se levanta e vai até a sala de estar para trocar a música. Sua bunda é branca, arredondada, e suas pernas são um pouco curtas demais para seu corpo. Ele gosta de observá-la quando ela anda.

— Quer sair para jantar? — ele pergunta. — Ainda está cedo.

Eles se vestem e saem para a rua. Seus horários são diferentes do restante do mundo. Há um pequeno restaurante francês perto do apartamento de Claire. Eles andam até lá, de mãos dadas.

— Estou faminto — ele diz.

— Eu também.

— Vou esbanjar e pedir uma garrafa de vinho realmente boa — ele diz.

O vinho custa várias centenas de dólares. Ele pensa que aquele será o vinho mais caro que ela já bebeu. É um presente que ele quer dar a ela, um entre muitos. O dinheiro não tem importância. Tudo que ele quer é a felicidade dela.

O garçom decanta a bebida. Quando está pronta, ele serve o vinho.

— É maravilhoso — ela diz, tomando um gole.

— Sempre foi um dos meus favoritos. É um Pauillac. Da quinta classificação geral. Não tão caro quanto um premier cru, mas, em minha opinião, tão bom quanto. A safra de 1982 foi particularmente excelente.

— Você está falando como Walter — ela observa, rindo.

Ele ri também.

— Acho que sim. Provavelmente porque ele me ensinou muito do que sei. Yale e o corpo de fuzileiros são ótimos para aprender sobre várias coisas. Mesmo assim, o vinho francês não está entre os assuntos ensinados nesses lugares.

Durante o jantar eles falam sobre Claire, sua família, seu emprego. Ainda estão se conhecendo. Preenchendo as lacunas. Ele aprende que as frutas favoritas de Claire são as peras, que não gosta de Renoir mas adora Degas, que sabe sapatear e que usava óculos durante o ensino médio até substituí-los por lentes de contato. A vida de Harry é conhecida, ele vive sob os olhos do público. A vida de Claire ainda está por ser descoberta. Mas, como na brincadeira infantil de ligar os pontos, quanto mais ligações ele faz, mais ela se torna a pessoa que, no coração de Harry, ele já conhece.

— O que você faria se vissemos alguém que você conhece — ela pergunta. — Por exemplo, se eles nos vissem aqui, juntos?

— Não sei. Pensei nessa possibilidade, com certeza. Acho que depende de quem fosse... e do que estivéssemos fazendo. Afinal, não há nada de errado em estarmos jantando, não é? Somos amigos. Você passou muito tempo conosco durante o verão. Que mal há nisso?

— Algumas pessoas podem interpretar a situação de maneira errada, mas não teriam como saber com certeza.

— Mas elas teriam razão. É difícil disfarçar a língua-gem corporal, especialmente quando você está dormindo com outra pessoa. Dois amantes emanam um tipo de calor, mesmo que estejam em lados opostos da sala. Algo que queima através das roupas.

Ele estende o braço e pega na mão dela, entrelaçando seus dedos por entre os de Claire.

— Eu adoraria poder viajar com você — ele diz.

— Para onde iríamos?

— Para a França. Eu gostaria de visitar Paris com você, e o sul da França. Depois, ir para Marrocos, Tânger, Zanzibar.

— Vou levar minha escova de dentes.

— Não estou brincando. Poderíamos encontrar um lugar barato e passar um ano vivendo na praia. Você pode fazer topless e seus seios vão ficar da cor de caramelo. Mas, primeiro, quero levar você para a cama no Ritz. Pedir o serviço de quarto. Sei que você esteve em Paris com seu pai quando era criança. Quando foi a última vez que esteve lá?

— Durante a faculdade. Viajei por alguns lugares com uma mochila nas costas depois do terceiro ano.

— Mas você nunca ficou no Ritz.

— Estava um pouco acima das nossas possibilidades.

— Quais outros lugares você visitou?

— Bem, além de Paris, também fui a Madri e a Barcelona. Depois, a Florença e a Veneza. Finalmente, duas semanas na Grécia. Sofri bastante com as queimaduras de sol.

— Você viajou sozinha?

— Fui com meu namorado. O nome dele era Greg. Terminamos o namoro pouco tempo depois. Não é sempre assim que as coisas acontecem? Você viaja com alguém, e é fácil ficar enfadado quando está perto dessa pessoa. Seus hábitos começam a lhe dar nos nervos.

— Sabe o que dizem sobre Veneza?

— O quê?

— Se você viajar até lá com alguém com quem não seja casada, você nunca se casará com essa pessoa.

— Não há problema. Você já é casado.

Ele deixa aquele comentário passar, mas, por um momento, ela imagina como ele vai reagir. A resposta saiu sem qualquer motivo.

— Quer dizer, então, que você não se importaria de viajar comigo? E se eu começar a lhe dar nos nervos, tam-bém? — ele pergunta, sorrindo.

— O oposto também é verdadeiro. Se você for capaz de viajar com alguém e ainda gostar dessa pessoa ao fim da viagem, então você saberá que está com a pessoa certa.

Beberam o vinho e jantaram. Ele paga e eles saem. É a última noite de Harry em Nova York. Amanhã à noite ele viajará de volta para Roma. Eles passam o dia seguinte inteiro na cama. Dormindo, fazendo amor. A última vez dura quase uma hora, lentamente, cuidadosamente, como caçadores de pérolas enchendo os pulmões com oxigênio. Do outro lado da cidade, suas malas ainda estão em seu hotel, um quarto no qual ele mal chegou a ficar. Às quatro da tarde ele tem de partir.

— Queria não ter de ir embora — ele diz.

Ela está sentada na cama, com um robe preto atado frouxamente ao redor de seu corpo, os braços cruzados de forma protetora. O quarto está iluminado apenas pelo sol poente, um horário entre o dia e a noite. Ela está se distanciando, esperando pelo golpe.

Ele quer dizer algo para fazer que Claire se sinta melhor. Mas não consegue encontrar as palavras.

— Acabou? — ela pergunta, sem olhá-lo nos olhos, a voz se erguendo a milhas de distância dentro dela.

Ele quer dizer não, mas não quer mentir. Ele nem mesmo tem noção do que é verdade.

Já vestiu seu casaco. Está pronto para voltar à sua outra vida.

— Sei que não posso pedir que fique — ela diz. — Sei que você tem de voltar para Maddy e Johnny.

— Realmente.

— E não vou pedir que faça promessas.

— Eu sei que não vai. E lamento por não poder fazê-las.

— Mas prometi a mim mesma que não iria ficar de mau humor ou fazer que você se sentisse culpado. E não vou — ela diz. As bordas de seus olhos estão úmidas. Sua voz parece estar estrangulada.

Ele se aproxima e lhe toma a mão, com os dedos limpos e brancos, suaves e relaxados. São mãos bonitas, sem adornos, sem anéis ou esmalte. São as mãos de uma aristocrata, uma gueixa.

— Não quero perder você — ele diz. — Vou voltar. Não sei como, mas vou descobrir um jeito.

— Estarei esperando.

— Talvez você possa vir à Europa. Farei uma turnê no mês que vem. Poderíamos nos encontrar em algum lugar.

— E Maddy? Ela não irá acompanhá-lo?

— Não. Ela não vai querer. Vai preferir ficar com Johnny. E não vai ser por tanto tempo. Só uns dois ou três dias.

— Aceito a oferta — ela responde, com um sorriso.

— Ótimo. Gostaria apenas que pudesse ser por mais tempo.

— Eu também.

Ela se levanta e vai até onde ele está. O robe se abre e ela o toca com a pele nua.

— Agora, é melhor você ir embora daqui — ela diz, com os lábios roçando contra os dele — antes que eu comece a seduzi-lo outra vez.

Ele afasta a cabeça e ri.

— Vou sentir saudades de você — ele diz. Não consegue se lembrar de quando a quis mais.

— Amo você, Harry — ela diz.

— E eu amo você.

Desta vez ele disse a frase. Não resta dúvida.

Um último abraço e depois a porta, o corredor solitário e as velhas escadas que levam à rua. Os passos de Harry ecoando suavemente conforme ele desce. Nos outros andares há o cheiro do jantar sendo preparado, o barulho das televisões. Vidas normais. Ele não para até chegar ao saguão, e sabe que ela não o está observando. Na rua, ele se vira e olha para cima, contando os

andares para encontrar o apartamento de Claire. Ela não aparece na janela, e, depois de um momento, ele se apressa pela rua, procurando um táxi. O cheiro dela ficou em seus dedos.

6

SEMANAS SE PASSAM. As ondulações da pedra jogada contra a água ainda não se fizeram sentir. A vida continua como antes. Tarefas mundanas, levar Johnny à escola, pagar contas, caminhar até a salumeria. Ainda há festas, passeios pelo campo, visitas a igrejas para admirar os afrescos. Ainda há gentilezas, piadas compartilhadas, demonstrações de amor. Uma noite, Harry volta para casa depois de um de seus passeios com um enorme buquê de flores. Por fora, nada mudou.

Mas Harry não está dormindo, e ele sempre dormiu bem. Ele tem a capacidade de todo bom soldado de dormir onde quer que seja.

Em sua cama emprestada, ele está deitado, olhando para o teto. Está esperando.

— O que houve? — sussurra Maddy, surpreendendo-o. Ele pensava que ela já havia adormecido. Estão no meio da noite.

— Nada. Não consigo dormir. Só isso.

— Isso está acontecendo muito ultimamente.

Ele achou que ela não havia percebido. Vinha tentando ficar em silêncio.

— É por causa do livro?

— O quê? Sim.

— Posso ajudar?

— Não, não. Obrigado. Só preciso resolver algumas coisas na minha cabeça. Acho que vou trabalhar um pouco. Desculpe-me por acordá-la. Pode voltar a dormir agora.

— Boa sorte, querido — ela diz, aconchegando-se novamente em seu travesseiro, o sono já retornando, confiante em seu amor. Ele a beija gentilmente na testa e fecha a porta discretamente atrás dela quando sai.

Em seu computador, ele começa sua traição noturna. Há mensagens de Claire, cheias de paixão, declarações de amor, descrições vívidas do que ele gostaria de fazer com ela. A máscara

que ele usa durante o dia cai, e, excitado, ele responde no mesmo tom, comungando com ela através do éter.

“Mal posso esperar até estarmos em Paris”, digita ele. Há uma velha canção espanhola em que a mulher diz “Faça amor comigo, para fazer que os guizos nos meus tornozelos se agitem em meus ouvidos. Vou fazer seus guizos gemerem. Vou até mesmo levar os guizos”.

Do lado de fora, o vento faz os galhos das árvores bate-rem contra a janela. A sua é a única luz acesa. Até mesmo os gatos da cidade estão dormindo.

Ele fica surpreso com a facilidade de tudo isso. Com sua naturalidade para enganar. E, ainda assim, nem tudo é mentira. Ele ama sua esposa, seu filho. São tudo para ele. Mas ele descobriu que há algo mais, algo que ele nunca soubera antes, uma nova dimensão onde o tempo e o espaço existem em um plano diferente. Como um explorador que descobriu um paraíso terreno, ele perdeu o gosto pelo mundo além daquelas fronteiras e tudo no que ele pensa agora é cruzar a ponte nevada que o levará de volta a Shangri-La.

O dia de Ação de Graças chega. Maddy prepara um banquete. Ela encontrou um açougue em Trastevere e encomendou dois perus inteiros, uma ave que raramente aparece na culinária local. Os outros ingredientes são mais fáceis de obter. Batatas, é claro. Recheio. Cebolas com creme. Envio a ela várias latas de Ocean Spray pelo correio, algo impossível de encontrar fora dos Estados Unidos. Sempre preferimos essa marca ao invés dos ingredientes gourmet. Ela está preparando tortas de maçã e até mesmo de abóbora. Um grande grupo de americanos chega para o jantar, amigos de amigos, crianças. São diplomatas locais, artistas, um ou dois jornalistas, pessoas que não podem ou não terão condições de voltar para casa para desfrutar de um feriado tão curto. Há mais de vinte pessoas. Os convidados trazem vinho, champanhe. Sentam-se em todas as cadeiras disponíveis pela casa. O convite dizia que as bebidas seriam servidas às duas horas e o jantar às três. Eles cantam “We Gather Together” e Harry faz a prece de graças. A única coisa que falta é o jogo de futebol americano na televisão.

Johnny senta-se entre seus pais. A esposa de um arquiteto está à esquerda de Harry. Ele discute seus monumentos romanos favoritos, mas logo percebe que ela não compartilha do mesmo entusiasmo do marido. É como falar com a esposa de um jogador de beisebol sobre o esporte, e descobrir que ela não tem o menor interesse pelo assunto.

Depois do prato principal, mas antes da sobremesa, todos saem para um passeio enquanto as tortas esfriam. Eles se dirigem em massa para a Piazza Navona, onde admiram a fonte de Bernini. Para os romanos, é apenas mais uma quinta-feira. Parece decadente estar comendo e bebendo no meio do dia enquanto todas as outras pessoas estão trabalhando. É como cabular aula.

Eles continuam até o rio Tibre e voltam pelo mesmo caminho. Já está escurecendo. Os funcionários dos escritórios estão a caminho de casa. Algumas pessoas começaram a encher as cafeterias e garotos adolescentes andam pelas ruas procurando por garotas. As lojas estão fechando.

— Adoro o dia de Ação de Graças — diz Maddy quando todos já foram embora. Eles estão na cozinha. Ela está lavando os copos, ele os enxuga. “La forza del destino” está tocando ao fundo.

— Tenho de ir a Paris — ele anuncia. — Acabei de saber. Não quis dizer nada antes para não estragar o dia. Desculpe.

Ela o observa.

— Você vai ter de viajar de novo? Ugh. Por que eles não deixam você em paz para escrever o livro?

Ele dá de ombros.

— Fui convidado para conversar com os editores franceses. E eles querem que eu dê uma palestra. Aparentemente, sou bastante popular na França.

— Os franceses também acham que Jerry Lewis é um gênio da comédia — ela diz, com um sorriso. — E então, quando você precisa ir?

— Na próxima semana. Na segunda-feira. Ficarei fora por uns três dias.

Ela afasta o cabelo da frente dos olhos com as costas da mão, com cuidado para não deixar que o detergente a toque.

— Não poderei ir com você. Johnny tem de ir para a escola.

— Eu sei — ele diz, inspecionando o copo em sua mão. — Vou sentir saudades de vocês.

— Queria poder ir junto. Faz muito tempo desde que estivemos em Paris pela última vez.

— Talvez na próxima viagem. De qualquer forma, seria entediante para você. Vou passar o dia inteiro ocupado com reuniões, e haverá jantares de negócios à noite. Todos vão querer tirar um pedaço de mim. Você detesta esse tipo de coisa.

— Meu Deus, realmente detesto.

— Talvez eu lhe traga algum presente, um vestido de brocado — ele diz, em tom de piada. — Talvez uma nova bolsa? Algo que esteja na moda?

Ela o olha com uma expressão seca.

— Arrã. Você sabe perfeitamente bem que a última coisa que quero é um vestido cafona que nunca vou usar.

— Bonita, ótima cozinheira, mãe maravilhosa e odeia sair para comprar roupas. Você realmente é a mulher mais perfeita do mundo — ele diz, dando-lhe um beijo carinhoso no rosto. Por dentro, ele está radiante. Um marinheiro que ganhou uma licença de três dias.

Naquela noite, ele conta outra vez a Johnny a história do Rei Pinguim. Depois, ele e Maddy fazem amor. No início ela resiste, dizendo que está cansada e que comeu demais. No decorrer dos anos, eles fizeram amor com uma frequência cada vez menor. Descubro isso ao conversar com Maddy mais tarde. O relacionamento entre os dois se tornou algo utilitário, e deixara há muito tempo de ser apaixonado. Eles eram uma equipe, ela me explicou. Depois de vinte anos, algumas coisas mudam.

Seria simplista demais dizer que essa foi a razão pela qual Harry fez o que fez, mas é possível que tenha influenciado os acontecimentos, de alguma forma. Minha vida sexual nunca foi algo que alguém chamaria de satisfatória, mas creio que, assim como um músculo ou uma língua estrangeira, pode acabar se enfraquecendo se não for praticada regularmente. Eu tinha poucas expectativas em relação ao sexo; assim, não era tão exigente

nesse aspecto e encontrava outros prazeres da carne, especialmente na comida e na bebida. E, assim como a comida, uma pessoa fica menos propensa a se tornar cliente de outro restaurante se aquele que visita o tempo todo continua a estimular seu apetite.

Sempre pensei em Maddy nessa época de sua vida. O quanto ela confiava em Harry. O quanto ignorava. Ela fez um voto e se manteve fiel a ele. Nunca houve qualquer dúvida a esse respeito. Mas, apesar de sua beleza, ela não era uma pessoa muito sexual. Não que fosse indiferente ao sexo, mas encarava a atividade da mesma forma que outra pessoa pensaria em chocolate ou em exercícios físicos. Tinha seus benefícios, até mesmo seus prazeres, mas não se comparava ao que realmente era importante para ela: o amor e a família.

Como as pessoas que nascem sem dinheiro, aqueles que nascem sem amor o desejam com muito mais intensidade. Ele se torna a grande solução, a resposta para todos os problemas. Quando Madeleine tinha apenas seis meses de idade, sua mãe abandonou a família. Antes do casamento, sua mãe era muito bonita, trabalhando como modelo fotográfica que cobrava altos cachês e que veio de uma família humilde, mas não largou a família para fugir com outro homem. Foi expulsa por sua sogra, uma mulher rica e poderosa que não aprovava a esposa que seu filho escolheu. E ele não lutou contra a decisão da mãe. Para ele, as coisas se resumiam a escolher o amor ou o dinheiro, uma decisão que não foi tão difícil para ele. Honestamente, duvido que ele já tenha amado alguém na vida. Ele também nunca contou a verdade a Maddy, dizendo, em vez disso, que sua mãe era uma louca, viciada em drogas.

Não foi difícil engendrar aquilo. As pessoas eram capazes de fazer coisas como essa naquela época. Havia uma regra para os ricos e outra para o resto das pessoas. Um telefonema para um advogado era a única coisa necessária. Ameaças foram feitas, documentos foram assinados. Maddy morou com sua avó durante vários anos seguintes, até que seu pai se casasse outra vez — desta vez, com uma mulher considerada mais adequada. Seu irmão mais velho, Johnny, permaneceu com o pai, e juntos deixaram o

país por alguns anos, vivendo em St. Croix. Mas sua mãe, derrotada por um sistema que nunca conseguiu realmente compreender, desapareceu da vida deles. Houve uma ou duas tentativas de entrar em contato por telefone, geralmente no aniversário de Maddy ou no Natal, mas as ligações sempre foram interceptadas pelo seu pai, que simplesmente desligava o telefone.

Certa vez, quando Maddy tinha sete ou oito anos, ainda usando seu vestido de festas, ela entrou na sala no momento em que seu pai estava recolocando o fone no gancho.

— Quem era, papai? — ela perguntou. — Foi engano — ele respondeu. Ela ainda não havia aprendido que não devia confiar nele.

Foi só quando estava no primeiro ano da faculdade que Maddy viu sua mãe outra vez. Ela estava morando na região de Boston, perto de onde havia passado a infância. Durante vários dias Maddy debateu consigo mesma se deveria entrar em contato com a mulher, se aquela conversa lhe faria bem, mas sabendo em seu coração que a história completa nunca lhe fora contada.

Finalmente, Maddy telefonou para sua mãe e combinou um encontro, sem saber o que esperar. Que espécie de mulher deixa de lutar por sua própria filha? Naquela época, Maddy estava em uma idade em que ainda esperava encontrar respostas.

Sua mãe vivia em um bairro pobre em uma velha cidade industrial. Casas que abrigavam várias famílias com lonas nas janelas, crianças brincando nas ruas, lojas fechadas, calçadas com rachaduras, pit bulls latindo por trás de cercas de alambrado. Ainda não sei como Maddy conseguiu encontrá-la. Ela não mente, mas, às vezes, é bastante seletiva com o que decide revelar.

Ao chegar, sua mãe a recebeu. O apartamento tinha pouca mobília. A tinta nas paredes estava descascando e o lugar cheirava a gatos. Tenho certeza de que Maddy nunca esteve em uma casa como aquela antes. Ela vive em um mundo completamente diferente. Um homem estava sentado em uma das únicas cadeiras da sala, vendo televisão. Ele nem chegou a levantar o rosto. Ao fundo, uma garotinha bonita com longos cabelos loiros espiava timidamente, escondendo-se atrás da porta da cozinha.

Assim como formamos uma imagem de um persona-gem em um livro, Madeleine sempre teve a imagem de sua mãe em mente. Ela era jovem demais para se lembrar da mãe, e seu pai destruíra todas as fotografias dela. Será que a mãe que ela imaginava surgiu a partir de uma lembrança vaga e distante, uma recordação fugaz de um rosto acima dela, levantando-a do berço, segurando-a contra o seio? Será que ver sua mãe seria como se olhar no espelho e ver uma versão mais velha de si mesma?

A mulher que estava sob o vão da porta certamente não correspondia à imagem mental que Madeleine formara há tanto tempo, e restava pouco da beleza que ela supostamente tivera. Era um rosto desgastado pela pobreza. Por um momento, Maddy perguntou a si mesma se estava na casa certa.

— Eu sou Madeleine — disse. Não beijou sua mãe. Não sabia nem mesmo como devia se dirigir a ela. “Mãe” parecia um termo errado. Fazia muito tempo. As duas eram desconhecidas.

— Olá, querida — sua mãe respondeu, com o típico sotaque de Boston. — Entre.

Há dois lados em cada história. As duas mulheres se sentaram na cozinha, tomando o café que Maddy trouxe em copos de papel. Não houve acusações, remorso ou lágrimas. De ambos os lados. Mas ficou óbvio para Maddy que sua mãe sofrera durante aquele tempo. Desajeitadamente, conversaram sobre o que Maddy estava estudando; sobre seu irmão, Johnny; e até mesmo, delicadamente, sobre seu pai.

— Ele era um homem tão bonito — sua mãe disse. — Ninguém conseguia resistir a ele.

Por que ela foi embora?

— Não foi minha culpa — a mãe respondeu. — Eles estavam com todas as cartas na mão. O que eu podia fazer? — A velha sorriu sem qualquer humor. O sorriso de um prisioneiro condenado à prisão perpétua. Foi há muito tempo, ela disse.

Aquilo era demais. Depois de uma hora, Maddy deu uma desculpa para ir embora. Quando se despediram, as duas mulheres se abraçaram. Não falaram sobre um encontro futuro.

Quando Maddy voltou a seu quarto naquela noite, perguntei-lhe o que esperava encontrar. Imaginava que seria uma reunião cheia de lágrimas? Esperava que se jogassem nos braços uma da outra depois de passarem dezenove anos separadas?

— Foi horrível — ela disse. — Você mal pode imaginar.

— Lamento.

— Não é por ela ser tão pobre. Foi porque, durante toda a minha vida, eu sentia muita pena de mim mesma. Achava que ela devia ser algum tipo de monstro para não me querer. Mas não é assim que as coisas são.

— Como assim?

— Ela não chegou a dizer, mas percebi que ela era a verdadeira vítima dessa história, não eu. Eu me dei conta do quanto foi horrível pensar essas coisas sobre ela durante todos esses anos. Sempre a odiei por me abandonar, por me tornar a menina que não tinha mãe. Mas foram eles que a forçaram a ir embora. Eles a ameaçaram. Que escolha ela tinha? Eles tinham o dinheiro, os advogados, até mesmo a polícia, se fosse necessário. Ela não tinha nada. Nós destruimos sua vida.

— Nós? Você não teve nada a ver com isso.

Ela pensou por um momento.

— Não tive, mas, ao mesmo tempo, tive. Tudo aconteceu por minha causa. Minha avó não queria que eu fosse criada por ela. Minha mãe veio do lugar errado. Disseram-me que ela era louca. Que teve de ser internada em um hospício. Que essa foi a razão pela qual ela partiu. Mas não era verdade. Disseram-lhe que ela seria presa se tentasse me encontrar. Eles acabariam com a vida de seus irmãos. Mentiram para ela. Mentiram para mim.

Ela estava se esvaindo em lágrimas agora. Raramente a vi chorar. Era enervante. Eu me lembrava da avó de Madeleine. Uma viúva formidável que me aterrorizava quando eu era criança, mas que sempre morreu de amores por Maddy. O pai, encantador e monstruoso, um atleta incrível que quebrou quase todos os recordes de seu clube, ainda estava vivo naquela época, depois de se divorciar de sua terceira esposa. Foi o único pai que ela teve. Não escutava nada de ruim que diziam a seu respeito, mesmo

quando ele estava em seus piores dias, querendo acreditar nele, sentindo que ter um falso deus seria melhor do que não ter nenhum.

Pouco tempo depois, ela conheceu Harry e nunca mais olhou para trás. Ele era sua família agora. Tudo ficaria melhor. Eles esperaram para conceber Johnny. Ela não estava pronta para dividir Harry com ninguém. Depois de algum tempo, sentiu-se pronta. Eu estava a seu lado no dia em que Johnny nasceu. Em relação ao que ela conhecia, tudo mudou para algo melhor, algo positivo. Tive, e tenho, muito orgulho dela.

Por que estou recordando tudo isso? Não é óbvio? Durante vários anos as pessoas pensavam que eu era um ser assexuado, ou gay. Nenhuma dessas respostas é verdadeira. Nunca me casei porque já estava apaixonado, é claro. Maddy foi a primeira e a única mulher que eu amei. Tentei outras, mas nenhuma tinha sua bondade, seu senso de honra, sua força. Desde criança, eu estava arruinado. Mas você tem de entender que não foi um amor egoísta. Quando ela conheceu Harry, compreendi. Eles eram perfeitos quando estavam juntos. Eu já estava velho o bastante naquela época e ciente das minhas próprias desvantagens para saber que ela precisava de alguém como ele. Alguém forte. Alguém sincero. Alguém que pudesse levantá-la em seus braços e protegê-la. Eu era um confidente, um companheiro, e resignei-me a esse papel porque era o melhor para ela.

Houve uma vez em que tentei me aproximar. Éramos adolescentes, talvez com quinze anos de idade, e, certa noite, em um de nossos passeios noturnos, tentei beijá-la. Mas ela riu.

— O que você está fazendo? — perguntou.

— Eu amo você — respondi, a epítome da angústia adolescente. Estávamos na praia. Havíamos escapado de casa para um dos nossos passeios ao luar. Eu levava marshmallows e uma garrafa de vinho que roubara da adega de meus pais. Passei a semana inteira reunindo a coragem. Não, a minha vida inteira.

Ela ficou em silêncio. Pareceu durar séculos. Em seguida, ela disse que eu era seu melhor amigo, e, de maneira geral, seu único amigo. Ela não queria um namorado. Queria um amigo. Naquela

época, seus seios já haviam crescido. Eles eram — como posso dizer isso de um modo delicado? — deliciosamente grandes. Surpreendentes, também. O desejo de tocá-los me consumia. Mas ela os detestava.

— Sinto-me como se eu fosse uma aberração — ela dizia. Ela já era incrivelmente bonita, e eu não era o único que pensava assim.

Mesmo que eu fosse a pessoa com quem ela decidia passar seu tempo, outros homens se tornavam parte de sua vida. Era impossível impedi-los. Eles a cercavam, mas ela não queria muita coisa com eles. Havia um rapaz espanhol que ela conheceu na Suíça, mas acho que aquilo não passou de um experimento. Para ver como seria. Não durou muito. Nunca falamos muito a respeito. Sou grato por isso. Eu o odiava, embora nunca o tenha encontrado. Gonzalo ou Felipe. Não consigo nem me lembrar do nome dele, mas ele se tornou meu inimigo assim que ela me falou sobre ele. E não consegui perceber o que a atraiu naquele rapaz.

Mas eu entendia Harry. Ele era o tipo de homem pelo qual ela deveria ter se apaixonado, e ela o fez. Ele era bonito, confiante, talentoso, gentil e carinhoso. Ele era o que ela precisava, e eu, o eterno eunuco, o amigo fiel, ao menos sabia que ela estava feliz. E, embora aquilo fosse um pequeno conforto, era o suficiente.

7

EU OS VEJO EM SEU QUARTO DE HOTEL. Harry e Claire. Não estou lá, mas posso imaginá-los. As cortinas pesadas foram fechadas. O quarto está tingido de roxo em meio à escuridão, mas é possível identificar o contorno dos objetos. Acima deles, um teto entalhado, talvez a seis metros de altura. Rainhas e estrelas de cinema já dormiram aqui. Do lado de fora é o meio da tarde, e o tempo está horrível. Carros circulam ao redor da place. Mensageiros montados em motocicletas disparam de um lado para o outro. Táxis aguardam com o motor ligado, esperando por passageiros. Colares de diamante brilham por trás de vidraças à prova de balas nas vitrines que cercam o corredor, e banqueiros bem alimentados voltam do almoço.

Eles estão na cama, fodendo. Urgentemente, desesperadamente, como pessoas famintas em um banquete. Ela ainda está com os sapatos nos pés e com sua blusa. As malas estão onde o carregador as deixou. A garrafa de champanhe, cortesia do hotel, está intocada, brilhando com a umidade no balde de gelo. Os únicos sons são gemidos primais. O choque de pele contra pele, os grunhidos do esforço, o gemido de prazer. Duas metades unidas. Um amuleto, a chave de um reino. Não há nada além deles no mundo.

Depois, ela lhe diz que foi a melhor de todas. Ela o abraça, com as mãos frias envolvendo sua pele macia.

— Foi — ele sorri, exausto. — Por Deus, foi sim.

Ele a deixa dormir, cansada de seu longo voo e da mudança do fuso horário. Para ele, o horário é o mesmo. Ele se veste e sai do quarto, fechando discretamente a porta atrás de si. Em vez de tomar o elevador, ele desce pela escada acarpetada. Cumprimenta, com um meneio de cabeça, os balconistas e o concierge no balcão da recepção os quais sorriem educadamente para ele. Para essas pessoas, Harry é um desconhecido. Faz anos que não vem até aqui.

Ainda precisa causar uma impressão mais forte. Eles observam seu casaco e seus sapatos. Será que dá boas gorjetas? Eles o conhecerão pelo nome, lhe concederão o benefício de seus conhecimentos, sua rede de contatos e portas irão se abrir. Se as gorjetas forem magras, o monsieur vai descobrir que é difícil conseguir mesas, e os ingressos, infelizmente, estão esgotados. É um relacionamento simples, o mais simples de todos.

Para Harry, o anonimato é uma emoção que ele usa como se fosse um véu protetor. Na rua, ele entra pela rua de Castiglione em direção a Rivoli, passando por baixo das marquises, das cafeterias e das lojas com produtos para turistas. Do outro lado, as árvores das Tulherias estão desfolhadas, a grama está marrom e os bancos estão vazios. Ele atravessa cuidadosamente a Place de La Concorde, dirigindo-se para o rio Sena. Esta não é a verdadeira Paris, a Paris dos estudantes, dos argelinos magros como lâminas, das mulheres velhas que alimentam gatos de rua. Das lojas baratas, dos sindicatos trabalhistas e das ruas cujo nome celebra vitórias há muito esquecidas. A França dos trabalhadores, de almoçar em casa, do dia de feira e sapatos ruins. Esta é a Paris dos visitantes, dos ricos, dos diplomatas e daqueles que têm produtos ou serviços a oferecer para essas pessoas. É uma fachada, mas, mesmo assim, uma fachada agradável.

Há alguns anos ele conheceu um comte homossexual que morava em um apartamento nas proximidades. Era um apartamento fabuloso, no grand étage, decorado como se fosse uma danceteria egípcia. Harry e Maddy passaram a noite toda bebendo com ele e foram a todos os lugares importantes. Ledoyen, Castel's, Le Baron, e, finalmente, quando os pássaros começaram a cantar, voltaram para a casa do comte para tomar a saideira. Já estava amanhecendo naquele momento. O comte, que já tinha meia-idade e era rechonchudo, disse a Maddy que Harry tinha sorte por ter sua esposa a seu lado. Harry, que era mais jovem e mais forte que o comte, sorriu, sem se sentir ameaçado, divertindo-se com a decadência proustiana que permeava todo o ambiente.

Esta noite há uma garoa fina, gotículas que umedecem seus cabelos. Ele não trouxe um chapéu ou guarda-chuva, mas não se

importa. É um andarilho. Nova York, Londres, Roma, Paris. Não importa. É por essa razão que ele não sente apreço por Los Angeles e pela maioria das cidades americanas. Não há calçadas em número suficiente.

Ele caminha ao longo do rio e depois na direção da Place des Vosges, a mais antiga de Paris, antes de dar meia-volta. Percebe que está na região de Saint-Honoré. Passa por lojas famosas, Hermès, Longchamp, Gucci. As mercadorias elegantes evocam vidas bonitas, viagens a estações de esqui, ilhas mediterrâneas, homens ricos e bronzeados, mulheres aristocráticas. Ele para em frente a uma das maiores e, por impulso, entra pela porta, sem ter certeza do que está procurando. As jovens e elegantes vendedoras o observam. Não está acostumado a frequentar lojas como esta. Diferentemente de muitos maridos, ele não foi arrasado para as compras, aguardando entediado do lado de fora de um provador, observando a dança elaborada entre a cliente e a vendedora.

Sentindo-se constrangido, ele observa as estantes e os cabideiros, inspecionando as etiquetas, tentando não demonstrar espanto. Há um vestido preto elegante que atrai seus olhos. Custa alguns milhares de dólares. Maddy nunca comprou algo tão caro em toda sua vida.

Mas o preço não é importante. Ele precisa, ele quer comprar algo para Claire. Tem a generosidade do início do amor.

Ele chama uma das vendedoras que, menos desinteressada agora que percebe qual peça ele está examinando, se aproxima. Ele se esforça para lembrar das palavras em francês e não confundilas com o seu italiano, ainda mais rudimentar. Diferente de Maddy, ele nunca teve facilidade para aprender idiomas.

— *Je veux acheter cette robe.*

— *Mais oui, monsieur. Savez-vous la taille?* — e, com as mãos, traça o contorno do corpo de uma mulher no ar.

Ele a observa, confuso. Percebe que não faz ideia do tamanho que Claire veste.

— Não sei — diz ele, sentindo-se tolo.

A vendedora leva as mãos aos quadris.

— Como eu? — pergunta ela, em inglês. — *Comme ça?* Ele esqueceu a palavra. — Não, menor. *Petite?*

— *Ah, pas de problème* — ela responde. Encontra o mesmo vestido um tamanho menor.

— Se não servir, posso trazê-lo de volta?

— *Oui, monsieur.* É claro.

Já está escurecendo agora. Ele volta ao hotel com a sacola de compras, o vestido encasulado em sua caixa, protegido por várias camadas de papel de embrulho. Essa pessoa não é ele. É um outro homem. Alguém que se hospeda em hotéis caros, que frequenta lojas de roupas caras e que está se encontrando com uma mulher que não é sua esposa. É um papel que ele está interpretando, um sonho. Nada é real. Se alguém o beliscasse, ele acordaria. Mas ele não quer acordar.

Ele vai até o quarto. Está escuro, assim como o deixou. Nua sob os lençóis, ela está se espreguiçando. Seu corpo está quente, os cabelos estão embaraçados, o hálito amargo.

Ela sorri, com os olhos semicerrados.

— Fez um bom passeio? — ela pergunta, sonolenta, cobrindo a boca para disfarçar um bocejo.

— Fiz. Adoro andar a pé em Paris. Com certeza, foi o passeio mais caro que já fiz — ele diz, mostrando-lhe a sacola de compras com um sorriso. — Comprei um presente para você.

Ela abre um sorriso e se senta na cama.

— Não acredito! Ah, meu Deus, adoro essa loja!

Ela pega a sacola das mãos dele e abre a caixa. O lençol caiu agora, revelando seus seios. Os mamilos macios e rosados. Ele pensa no que ainda está debaixo das cobertas.

Com o vestido nas mãos, ela chora.

— É lindo. Não acredito que você fez isso.

Ela salta da cama e o abraça.

— É o melhor presente que já ganhei — ela diz, beijando-o. Muito obrigada.

— Experimente. Veja se ele serve. Eu não sabia qual era o tamanho que você vestia. A garota da loja disse que eu poderia devolvê-lo se quiséssemos.

— Eu já volto — ela diz, correndo para o banheiro. A luz se acende. A porta pesada se fecha com um clique . Ele se senta na cama, esperando pela resposta de Claire.

— Está perfeito! — ela grita ali dentro.

— Deixe-me ver.

— Não. Quero que seja uma surpresa.

Ela sai do banheiro, provocantemente nua. Vai até onde ele está e, curvando-se, deixa os seios balançarem em seu rosto como duas peras maduras, roçando levemente seus lábios contra o rosto de Harry.

— Deixe-me mostrar o quanto gostei do meu presente.

Naquela noite ela usa o vestido para o jantar. Cabelos negros, vestido negro, pele pálida. Ela é toda juventude, toda vitalidade, toda sexualidade. É a mulher mais bela no salão. Os outros clientes do restaurante levantam os olhos de sua refeição e a observam quando ela entra. É como se Claire não estivesse vestindo roupa nenhuma. Segui-la com os olhos é uma sensação vertiginosa. O maître orgulhosamente os conduz até sua mesa.

Harry fica maravilhado com a transformação de Claire. Da jovem mulher com poucos atrativos a esta figura vestida na última moda. Como sua vida seria se ela não o houvesse conhecido na praia? Se não viesse àquela fatídica festa onde tudo mudou?

— Não acredito que estamos em Paris — ela comenta, animadamente. Esta noite eles estão jantando no hotel. É um restaurante de duas estrelas. Um templo da Belle Époque para Escoffier. Amanhã eles jantarão fora.

Eles discutem os planos. Essa é uma cidade que ela conheceu em sua infância, algumas partes eternamente associadas a domingos melancólicos e quartos com cheiro de mofo no ar. Ele quer lhe mostrar o outro lado de Paris.

O garçom entrega os cardápios. Eles pedem as bebidas. O francês de Claire é impecável. O garçom tenta não demonstrar sua surpresa. Imaginava que ela fosse americana.

— Não sabia que você falava tão bem — diz Harry. — Meu francês é limitado ao que sei pedir em um cardápio ou em uma carta de vinhos.

— Já faz muito tempo — ela diz. — Estive praticando para a viagem, mas ainda estou um pouco enferrujada. Esqueci muitas coisas. Minha mãe sempre disse que eu tinha um bom sotaque. Dizem que você nunca o perde — ela afirma, fazendo uma pausa. — Tive um passaporte francês durante vários anos. Eu tinha dupla nacionalidade até ter de me decidir por uma delas. Ainda tenho o documento. Está em uma gaveta na minha casa. Eu o guardei porque ele me faz lembrar que, afinal de contas, metade de mim é francesa.

— Já teve vontade de passar mais tempo aqui? Por exemplo, morar neste lugar?

— Não quando eu era criança. Era horrível vir até aqui. Imagino que tive sorte. Enquanto a maioria das crianças da minha idade viajava para a Disneylândia, eu ia para Paris. Mas era uma Paris sem alegria, sem diversão, beleza, artes ou qualquer outra coisa pela qual as pessoas vêm até aqui. Meus avós nem mesmo tinham uma TV. Meu irmão e eu passávamos horas e horas sentados em um sofá duro na sala de estar enquanto minha mãe conversava com eles, tomando chá e mordiscando biscoitos. Era agonizante. Eu podia ver o céu do lado de fora e imaginava as outras crianças, as verdadeiras crianças francesas, brincando no parque ou indo ao zoológico. Quando meus avós morreram, fiquei aliviada. Sei que isso parece horrível, mas é a verdade.

— Pelo menos você viu a verdadeira França. Eu estive na França... bem, não sei, talvez umas vinte vezes ou mais, às vezes por mais tempo, às vezes por menos tempo, às vezes passando por Paris, outras vezes não, mas nunca vi o que você via. Só vi a versão para Hollywood, a versão que a França quer que vejamos. Você viveu por trás da cortina.

— Acho que sim, mas gosto mais desta versão. A comida não é tão boa por trás da cortina — ela diz. Claire ri. Seu rosto se ilumina. Seus dentes estão brancos. Ele pode ver o rosado de suas gengivas.

Ela pede bisque de lagosta recheada com pistaches, seguida por linguado com trufas. Ele pede o mesmo prato.

Harry chama o sommelier. Decidem pedir um Montrachet.

— Estou faminta — ela diz.

— Não precisa se preocupar por comer demais. Eles têm um belo spa com uma piscina. Pamela Harriman morreu quando praticava natação nessa piscina.

— Quem?

— Uma cortesã famosa — explica ele. Em seguida, acrescenta: Na verdade, ela era a embaixatriz americana na França. Casou-se com muitos homens ricos e teve casos com muitos outros.

Depois do jantar eles andam por um longo corredor em direção à parte detrás do hotel. A semana está no meio e a recepção está se esvaziando. Empresários estão trocando cartões. Eles vão até o pequeno bar, depois de descerem alguns degraus. O cheiro de charutos caros perfuma o ar.

— Este é o meu bar favorito em todo o mundo — ele diz a Claire. Ele vem aqui até mesmo quando não tinha condições de ficar hospedado no hotel.

Eles entram. Claire está surpresa com o tamanho diminuto do lugar. Já está cheio de pessoas. Nuvens de fumaça no ar. Todas as mesas estão ocupadas, mas há duas banquetas vazias em frente ao balcão do bar. George, o bartender, está preparando bebidas.

— Senhor Winslow — cumprimenta George, com um sotaque britânico. — Que bom tê-lo novamente conosco, senhor.

Ele é um pouco mais alto que a média, apresenta sinais de calvície e usa um paletó branco, executando os movimentos com precisão. Harry já havia lhe enviado um bilhete dizendo que não estaria acompanhado por Maddy.

Os dois homens se cumprimentam com um aperto de mão. — É bom vê-lo novamente, George. Esta é Claire.

— Seja bem-vinda — George diz. — Vocês acabaram de jantar, creio. Posso sugerir um digestivo?

Harry olha para Claire. — Seja lá o que George sugerir, aceite. Ele está para a coqueteleira assim como Picasso estava para o pincel.

— Certo, George. Neste caso, eu gostaria muito de um digestivo.

— Que maravilha. Bem, posso perguntar se você gosta de Armagnac?

Ela faz que sim com a cabeça. Atrás do bar ele manipula as ferramentas de seu ofício. Suas mãos erguem, cortam, misturam e servem com destreza. Finalmente, uma pétala de flor para decorar o copo.

— Voilà.

Ela toma um gole. — Delicioso — comenta.

Contente com o elogio, George se permite um sorriso. — Achei que gostaria.

— O que é? — Harry pergunta.

— É chamado Hôtel de France. Duas partes de Armagnac. Uma parte de creme de cassis. Sete partes de champanhe gelado. Uma dose de licor de pera. Eu mesmo preparo o licor. E para você, senhor Winslow?

— Surpreenda-me.

Novamente, as mãos voam sobre o balcão do bar. É como tentar acompanhar um homem que trapaceia num jogo de cartas.

— E voilà novamente.

— Excelente — diz Harry. — O que é?

— É uma variação do clássico French 75. Antes do jantar, uso o gim de Londres. Depois do jantar, é melhor usar um conhaque. Em seguida, é claro, açúcar, limão e champanhe.

— Incrível.

— Foi um prazer. Com licença.

Outro cliente está chamando. George começa a conversar com ele em espanhol. Outras pessoas se aproximam, ele responde em francês. É como um financista brilhante ou alguém que tem informações privilegiadas nas corridas de cavalos; todos o querem por perto.

— Que homem fascinante — Claire diz. — Nunca conheci um bartender que reverenciasse tanto seu trabalho.

— Você está certa. Para ele, esta é a montanha sagrada. Para cada profissão, é preciso ter seu mestre supremo. O melhor advogado, o melhor sapateiro, o melhor padeiro. Ele é o melhor bartender. Devotou sua vida inteira a isso. Sabia que ele acorda todas as manhãs e lê jornais em cinco idiomas diferentes para

poder conversar com seus clientes sobre qualquer tópico que seja de seu interesse?

— Ele sabe falar chinês?

— Ainda não.

— Pois deveria.

— Talvez, mas os chineses ainda não frequentam este lugar. Pelo menos, não muitos.

Ela toma um gole da sua bebida.

— Espere para ver.

Como acontece na maioria das noites, George facilita as apresentações. Harry e Claire conhecem um casal espanhol que veio de Madri. Em seguida, alguns alemães. Finalmente, duas garotas americanas que estão financiando a viagem com o dinheiro de seus pais. Claire conversa com elas. Harry está fumando um charuto. Um corona gordo de Cuba.

— Está se divertindo? — ele pergunta quando ela volta a olhar em sua direção.

Claire aperta sua mão. — Estou sim — ela responde. — E você? Está feliz por estar aqui? Comigo?

— Não há nenhum outro lugar no mundo onde eu preferia estar. E com ninguém além de você. Já lhe disse o quanto você está bonita?

— Ainda não falou muitas vezes.

— Você está linda.

— Obrigada. Por isso, e por tudo.

Mais tarde, no quarto, ele está por trás dela, observando-a escovar os cabelos. A água flui de uma torneira que lembra um cisne dourado. Ela é bastante detalhista. Enquanto Harry escova os dentes ela usa o vaso sanitário, deixando a porta aberta. Ele enxerga o branco de seus joelhos. Ouve o barulho do rolo de papel conforme ela puxa uma quantidade. Sente-se maravilhado com aquela intimidade, espiando-a sem ser visto, a calcinha ao redor dos tornozelos, os joelhos unidos, os seios nus. Fica sob o batente da porta, observando-a. Ela leva a mão até entre as pernas. Surpresa, ela levanta os olhos.

— Desculpe — ele diz. — Eu queria observá-la.

— Tudo bem.

— Nunca fiz isso antes.

Ela aciona a descarga e se levanta, deixando a calcinha no chão.

— Eu entendo — ela diz, beijando-o. — São experiências novas.

Ela está esperando na cama quando ele se aproxima. Harry vê que a luz de uma mensagem está piscando, vermelha, no telefone. Ele a ignora enquanto se deixa envolver pelos braços de Claire.

8

ELES PASSAM O DIA JUNTOS como os amantes o fazem. Pela manhã, o desjejum é levado até o quarto. Claire se esconde, rindo, sob as cobertas, enquanto Harry, vestindo só um roupão atalhado, assina o recibo. O garçom mantém uma atitude de indiferença estoica. Ele já viu tudo isso antes.

Há café quente, croissants, ovos amanteigados e bacon crocante. A toalha está engomada e branca como uma folha de papel.

— Experimente este café — entregando uma xícara e um pires para ela. — É o melhor do mundo.

— Você diz isso sobre tudo que há neste hotel. Ah, meu Deus, você tem razão. É muito bom.

— E precisa ser mesmo! Tudo aqui é caríssimo.

— E estes ovos? São incríveis. Não consigo imaginar que sentiria fome novamente depois do jantar de ontem, mas estou faminto.

Depois do café da manhã eles saem para passear. O céu reflete o cinza das pedras do calçamento do local. Motoristas usando terno e óculos escuros estão em frente às Mercedes estacionadas ao lado da entrada, falando no telefone celular e esperando por passageiros.

Entram na rue de La Paix, indo em direção ao Opéra.

— Para onde vamos? — ela pergunta, com o braço enfiado por baixo do dele. Está usando luvas de lã e um cachecol. Nunca uso chapéus, ela lhe disse.

— Para onde você quiser.

— Não tenho vontade de ir a um museu. Sei que deveria, mas é como acordar no domingo e ir à igreja. Tenho a sensação de que é um dever, e não uma diversão.

— Bem, creio que isso exclui as igrejas do passeio, não é? — ele pergunta, com um sorriso.

— Ah. Bem, acho que sim. Digo... eu já estive em Notre Dame. É um lugar bonito e majestoso, mas não temos muito tempo. Prefiro

não passar esse tempo em uma igreja embolorada.

— Aonde gostaria de ir?

— Além de voltar para a cama no hotel, você quer dizer? — ela pergunta, com um sorriso. — Vou ficar feliz simplesmente caminhando pela cidade até que nós dois estejamos com fome, e, depois, parar em algum lugar qualquer para almoçar. O que acha?

— Perfeito.

Eles vão para o norte. Na mente de Harry, estão indo vagamente na direção de Montmartre, mas ele está disposto a escolher outra direção se algo diferente surgir.

Eles caminham em um silêncio satisfeito, às vezes apontando para algo interessante ou estranho. A sensação de sua mão contra a dele parece totalmente natural.

— Todos os carros aqui são muito pequenos — ela comenta. — Parece como se uma raça de anões os dirigisse.

Na parte baixa de Montmartre, tomam o bondinho que os leva ao topo da colina. Ao chegarem, rumam em direção à basílica de Sacré-Coeur, o ponto mais alto de Paris.

— Nunca estive aqui antes — ela diz. Eles observam a vista da cidade, o Sena serpenteando como uma cobra preguiçosa e prateada sob a luz do sol.

— Algumas pessoas acham que a torre Eiffel é o melhor lugar para observar Paris, mas eu acho que o melhor lugar é este — ele diz. — Sabia que a torre é mais antiga que a basílica?

— É mesmo?

— É. A basílica foi concluída apenas após a Primeira Guerra Mundial. A torre Eiffel foi inaugurada em 1889. Mas as pessoas já vinham até este lugar há séculos. Dizem que os druidas vinham fazer rituais neste lugar.

— Fique aí — ela diz. De sua bolsa puxa uma câmera. Por trás dele, Paris se estende até o horizonte. — Sorria — ela pede. Ele sorri. — Agora, você me fotografa.

Eles pedem a outro turista para tirar uma foto de ambos juntos. Já vi essa foto. Parecem-se como vários outros turistas em Paris. Imagino se é assim que se sentem.

Eles param para almoçar em um pequeno restaurante cheio de turistas holandeses. Depois, caminham entre Montmartre e Pigalle, passando pelo Moulin Rouge, o Bateau-Lavoir. Seus dias de glória, quando Lautrec, Picasso e Utrillo viviam na região, já estão perdidos no passado. Eles entram no Boulevard de Clichy e veem um anúncio para o Museu do Erotismo.

— Isso parece interessante — ela diz.

— Achei que você não quisesse ir a um museu.

— Este é diferente. Vamos lá.

— Tem certeza?

— Você nunca sabe. Podemos aprender algo novo. Harry paga o ingresso e eles entram. O museu é bastante popular entre os turistas. Nas paredes há imagens pornográficas do mundo inteiro. Imagens entalhadas da Índia, fotografias contemporâneas de mulheres nuas com roupas e acessórios de couro, cartuns, falos de dimensões exageradas, um pavimento inteiro dedicado aos cabarés parisienses, as *maisons closes* do século XIX. Eles quase explodem em risos diante de várias das imagens.

Quando estão saindo, há uma loja de presentes que vende livros, pôsteres e cartões-postais eróticos.

— Espere aqui — ela diz.

Alguns minutos depois, ela volta com uma sacola de papel pardo.

— Encontrei.

— O quê?

— Veja.

Ela lhe entrega a sacola. Dentro, há a tradução em francês do Kama Sutra.

— Diz aqui que há 64 posições diferentes — ela comenta. — Mal posso esperar para começar.



De volta ao hotel, eles estão sentados de frente um para o outro sobre a cama. Ela traduz: — Os tipos de união sexual de acordo com as dimensões, a força do desejo ou da paixão e o tempo.

— Diz aqui que o homem é dividido em três partes: o homem-lebre, o homem-touro e o homem-cavalo.

— Que lisonjeiro.

— Shhh, fique quieto. Depende do tamanho de seu lingam.

— Está se referindo ao...

— Exatamente. E que as mulheres são divididas em três classes, de acordo com o tamanho de sua yoni: corça, égua ou elefante fêmea.

— Uma elefante fêmea? Deus do céu.

— Pare com isso.

— Por que não há um elefante macho? Não parece ser justo.

— Para quem?

— Para todo mundo. Veja a pobre elefante fêmea, por exemplo. Não há um elefante macho para satisfazê-la. E veja meu caso. Afinal, quem diria que não sou um elefante macho? Sempre pensei em mim mesmo como alguém bastante elephantino.

— Você é, querido. Agora, fique quieto. O livro fala sobre três uniões iguais, baseadas em dimensões correspondentes. Veja, há um diagrama. Diz aqui que um homem-lebre e uma mulher-elefante são uma união desigual.

— Isso faz todo sentido. É como a velha piada sobre o elefante e a formiguinha.

— Você quer que eu continue lendo ou não?

— É claro — ele responde, acariciando-lhe a coxa branca. — Prossiga.

— Diz aqui que, quando o homem excede a mulher no quesito de tamanho, essa é a maior de todas as uniões.

— E então, o que nós somos?

— Eu sou a corça e você é o cavalo.

— Prefiro ser o elefante.

— Cale a boca.

Os cabelos de Claire continuam a lhe cair sobre o rosto, e ela continua a afastá-lo com o dorso de uma das mãos. Não é longo o bastante para se acomodar atrás de sua orelha.

Subitamente, como uma sirene de alarme, o telefone na mesa de cabeceira toca, um toque baixo e longo, estraçalhando o

silêncio.

— Merda — diz Harry, rolando de lado com a velocidade de uma consciência culpada.

— Querida — ele exclama, um pouco alto demais. — Desculpe por não ter ligado antes. Esses últimos dias foram uma loucura.

Ele está sentado na beirada da cama, com as costas nuas voltadas para Claire. Uma faixa estreita feita com um lençol branco os separa, uma fronteira intransponível.

— Não, não — ele diz. — Estava só tirando uma soneca. Como você está? E como está Johnny? Conte-me todas as novidades.

Claire está sentada, paralisada, aterrorizada demais para se mover no início. Mal consegue respirar. É quase como se Maddy estivesse do outro lado da porta. Mas ele não se vira nem mesmo para levar um dedo aos lábios ou pedir silêncio de outra maneira. Ou mesmo para indicar que sabe que Claire está ali. É como se ela não existisse. Eles não estão mais no mesmo quarto, na mesma cama, no mesmo mundo. Não são mais amantes às portas do sexo. Ou, talvez, como a mulher de Ló, ele não quer olhar para trás e ser transformado em uma coluna de sal.

Ela continua observando as costas de Harry, sem saber o que fazer. Por um momento, considera emitir algum tipo de ruído para provocar uma reação nele, mesmo que seja de horror. Seria muito fácil. Uma palavra. Um som. Uma porta batida. Tudo poderia se desfazer. Seria muito fácil. Mas ela não o faz.

Em vez disso, ela continua deitada, escutando-o falar sobre suas intimidades domésticas, as costas apoiadas contra o travesseiro, decidindo se deve puxar o lençol para se cobrir ou não. Olha fixamente para os dedos de seus pés, para o relógio na parede e o livro, agora esquecido, que prometia tantas coisas até pouco tempo.

— Estarei de volta na sexta — ele diz. — Sim, sim. Também amo você. E estou com saudades. Dê um beijo em Johnny por mim. *Ciao, bellissima* — ele diz. Uma piada que os dois compartilham.

Ele recoloca o telefone no gancho mas continua sentado imóvel, olhando para a parede.

Ela não pode mais esperar. Uma barreira foi atravessada, um momento foi destruído. Ela não diz nada e se levanta rapidamente da cama, indo até o banheiro e fechando a porta atrás de si. Alguns momentos depois ela emerge, vestida, com o cabelo escovado às pressas. Ela se detém, como se quisesse dizer alguma coisa, mas mantém--se em silêncio. Seu coração está acelerado.

Finalmente ele se vira. — O que você está fazendo? — Harry pergunta.

— Preciso de um pouco de ar fresco. Voltarei mais tarde — ela responde. Ela pega seu casaco e sai correndo do quarto. As portas grandes e pesadas são muito bem pro-jetadas para bater com força.

— Espere! Volte aqui! — ele grita, mas é tarde demais. Ela não houve o resto da frase, se é que ele disse alguma coisa. Será que ele a seguirá? Ela o imagina lutando para vestir as calças, procurando pelas meias. Anda mais depressa.

Ela passa pelo saguão do hotel e em seguida está na rua, misturando-se à cultura local. Há algo familiar, até mesmo confortável, na placa das vitrines, as palavras nos jornais e os fragmentos das conversas dos pedestres. Aquilo não lhe é estranho. Como uma sereia, ela é capaz de sobreviver tanto no mar quanto em terra.

Uma chuva suave cai. Já está escurecendo. A chuva se mistura com suas lágrimas. Está furiosa com Harry. Furiosa com o fato de ele ter atendido o telefone quando estavam prestes a fazer amor, furioso por ele ignorá-la tão completamente, furiosa por ele falar com um tom de voz tão tranquilo e natural com Maddy, furiosa consigo mesma por trair sua amiga Maddy e furiosa com a posição na qual se encontra agora.

Ela anda por entre o trânsito até as Tulherias. Os ban-cos estão vazios. O cascalho range sob seus pés. O mundo inteiro está voltando para casa. Sob a luz do crepúsculo, ao longe, a imponência elegante do Louvre, luzes queimando pela miríade de janelas. Sou uma imbecil, pensa ela. Este é um carro que está indo em direção a um penhasco. Devo saltar dele agora ou continuar?

Depois de uma hora ela regressa, com o cabelo ensopado. O porteiro a cumprimenta com um sorriso.

— Mademoiselle — diz o recepcionista.

— Sim?

— Monsieur Winslow deixou-lhe uma mensagem, caso voltasse antes dele.

Ele lhe entrega um envelope de papel grosso com o brasão do hotel impresso no verso, e ela o abre. A nota contém a seguinte mensagem: “Saí para procurar você. Se voltar antes de mim, espere no quarto. Desculpe-me. Beijinhos, Harry.”

Ela volta para o quarto. Como a cena de um assassinato, está exatamente como o deixou, os lençóis amarrotados, os travesseiros achatados. O Kama Sutra continua onde ela o deixou cair.

Cerca de quinze minutos depois, Harry volta.

— Graças a Deus — ele diz, indo em sua direção e a envolvendo nos braços. Seus braços e seu rosto ainda estão úmidos pela chuva.

— Eu estava preocupado. Por que diabos você fez isso?

— Desculpe. A ligação de Maddy me deixou em pânico.

— Bem, também fiquei em pânico — ele retruca com uma risada, tirando seu casaco.

Ela deixa escapar um meio sorriso.

— Não pensei nisso. É claro que essa ligação o deixaria aborrecido. É que nós dois estávamos simplesmente tendo um momento especial, e, de repente, você se transformou. Você estava conversando com Maddy e parecia que havia esquecido completamente de mim. Nunca me senti tão sozinha em toda a minha vida.

— Eu entendo. Mas Maddy é a minha esposa. Eu realmente a amo.

Ela baixa os olhos. — Eu sei.

— E seria muito estranho se eu soubesse para viajar e não conversasse com ela. Não queremos que ela desconfie. Isso arruinaria tudo.

Ela assente com um movimento de cabeça. — Eu sei.

Ele a beija e ela permite. Sua raiva passou, mas não o medo. — Suas mãos estão geladas — ele diz. Quer que eu peça chá?

Ela sorri, olhando-o nos olhos. Ela nunca quis ou precisou mais dele do que agora. — Não, tenho uma ideia melhor — ela diz, puxando-o em direção à cama. — E, desta vez, não atenda o telefone.



Naquela noite, por volta das oito horas, eles estão em um táxi que se dirige ao Marais, deixando as luzes brilhantes e as ruas privilegiadas do 10 Arrondissement. É um bairro pouco elegante, com ruas estreitas. Esta é a Paris dos hotéis baratos e pôsteres que se descolam das pare-des. O táxi para em frente a um restaurante sem muitos atrativos. É uma fachada simples recoberta com painéis de madeira escura e o interior está oculto por cortinas de tecido xadrez em vermelho e branco. Na vidraça, as palavras: RESTAURANT A LA CARTE FOIE GRAS A LA MODE DES LANDES.

— Não se deixe enganar pela aparência do lugar — ele diz, segurando a porta para ela sair.

Eles entram. O salão é bem iluminado, mas sujo e malcuidado. Há só cerca de vinte mesas, mas todas estão ocupadas. Em um dos cantos, Claire imagina haver reconhecido um famoso astro do cinema. Ela olha com mais cuidado e percebe que estava certa.

Eles se sentam. O garçom lhes apresenta os cardápios. — É praticamente impossível conseguir uma reserva aqui — diz Harry. Ele pede champanhe.

— Que lugar é esse? — ela sussurra.

— O melhor restaurante de Paris. Provavelmente, do mundo inteiro.

— Está brincando.

— Não.

— Por que você sempre busca tudo que há de melhor? Ele toma um gole do champanhe.

— Como Oscar Wilde disse, tenho o gosto mais simples entre todos. Sempre fico satisfeito com o melhor. Bem, na verdade, acho que este é o melhor, assim como pensam várias outras pessoas. Da mesma forma, várias outras pessoas ficam horrorizadas com o

lugar. Com certeza você não vai encontrar este lugar entre os restaurantes recomendados pelo Guia Michelin. Como você pode ver, eles não investem muito na decoração. Mas a comida é maravilhosa.

— O que a torna tão boa?

— O segredo é a gordura, se você quer saber a verdade.

E os ingredientes.

— Como assim?

— Hoje em dia, a maioria dos restaurantes em Paris sabe que sua clientela se preocupa com o peso. Não este lugar. Este lugar é um ataque cardíaco prestes a acontecer.

— E isso é bom?

— É neste lugar que você realmente sente o gosto da comida. Há vários tipos diferentes de culinária na França. Algumas são baseadas no azeite, outras, na manteiga, e este lugar baseia sua culinária na gordura. Aqui eles fazem o melhor frango assado do mundo, e, por falar nisso, é o prato que vamos pedir. A pele é coberta por gordura borbulhante. O frango é um *Coucou de Rennes*, que é o melhor do mundo. Eles também servem o melhor foie gras que já comi. Vem direto da Aquitânia. Não sei se você percebeu, mas, na vidraça, está escrito “foie gras des Landes”.

— Acho que vi.

— Bem, de qualquer forma, “des Landes” significa que ele vem de Landes, na Aquitânia. O que quer dizer, é o melhor. É impossível encontrar qualquer outro foie gras em Paris com o qual se possa compará-lo. Assim, como eu dizia, os ingredientes são importantes.

— Vamos pedir foie gras então?

— Pode apostar que sim.

O garçom volta. Eles pedem o foie gras e frango assado, com uma *galette* de batatas. Da carta de vinhos, Harry escolhe um Gevrey-Chambertin.

— Prepare-se para um banquete — ele diz. — As batatas são supérfluas, mas são tão boas que não consigo deixar de pedi-las.

Eles tomam o champanhe. O foie gras chega. Três fatias grossas besuntadas com gordura. Três pedaços de baguete tostado. Um bloco de manteiga sem sal.

— Você vai me transformar em uma leitoa gorda — ela comenta, espalhando um pedaço do foie gras e da manteiga na torrada quente, observando-os derreter e misturando-os. Ela suspira. — Acho que isso é a coisa mais deliciosa que já comi.

— Não é mesmo? — ele diz, sorrindo com o prazer compartilhado. — Os americanos nunca conseguem um foie gras muito bom. Os produtos que eles enviam para os Estados Unidos estão cheios de conservantes. Este é o foie gras verdadeiro.

Eles terminam de comer o foie gras. Avidamente, ela usa o último pedaço de pão para limpar o resto do prato.

— Guarde um pouco de espaço — ele diz.

— Desculpe. Não consigo evitar.

O frango chega. Dourado e brilhando, com a gordura escorrendo pela pele. A seu lado, as batatas, fatiadas e empilhadas em camadas, cozidas no vapor e fritas antes de serem assadas com gordura de pato e ornamentadas com alho.

— Isso é insanamente delicioso — ela comenta, mordendo um pedaço.

— Eu sei. Mas seria impossível jantar aqui todas as noites.

— Agora entendo por que as pessoas engordam. Elas precisam. Uma pessoa pequena não conseguiria comer toda essa comida, mesmo que quisesse. Se eu fosse gorda, teria mais espaço para me empanturrar.

— Esqueci o quanto os frangos desse lugar são grandes.

— Eu sei. É o bastante para alimentar uma família de quatro pessoas.

— Acho que não vou conseguir comer tudo.

— De maneira nenhuma. Acho que também não vou conseguir. Se comer mais um pedaço, vou explodir.

— Bem, vou pedir para embrulharem. Sei que isso é considerado um sinal de falta de classe, mas não posso deixar tudo isso para trás. É gostoso demais.

Eles saem do restaurante de mãos dadas. A rua está fria, o vento soprando pedaços de papel pelo ar. As vitrines estão cobertas por cortinas pelo lado de dentro. Eles pas-sam por uma cafeteria quase vazia. Alguns carros passam pela rua, uma motocicleta. Não há

táxis. Eles caminham para o oeste, na direção do hotel. O ruído das televisões ruge por trás das cortinas das janelas.

— Fica longe demais para ir a pé — ele diz. — Não se preocupe. Logo encontraremos um táxi.

— Ah, não me importo. Preciso mesmo andar um pouco para compensar o jantar. Por falar nisso... obrigada.

— Por quê?

— Por isso, por tudo. Pelos melhores dias da minha vida e o melhor jantar. Meu Deus, por sua causa, agora estou usando essa palavra.

Outros casais passam por eles na calçada. Um táxi passa na rua. Harry quase não o vê. Ele assobia e grita, e o veículo para abruptamente. Eles entram e dão o endereço do hotel. As luzes de Paris estão brilhando só para os dois. Não há outra realidade. Eles estão aqui, agora. Amantes em Paris. São como deuses vivendo em segredo entre os mortais. São os únicos que têm importância. O mundo exterior não existe. O mundo para eles é esta França, esta Paris, este quarto, esta cama.

9

É O ÚLTIMO DIA JUNTOS. Os boulevards estão encharcados pela chuva. Usando apenas uma calcinha, ela está sentada na cama lendo o jornal e comendo uma laranja. Empilhando as cascas em uma pilha organizada. Ele está na escrivaninha, digitando.

O quarto está tranquilo. Um simulacro de um ambiente doméstico. Na mesa, uma bandeja com xícaras vazias de café. As sobras do café da manhã. O avião dela parte este tarde. O dele, só à noite.

Ela suspira.

— Você está bem?

— Simplesmente não quero que isso acabe. Sabe como é? Voltar à realidade. Não estou falando sobre ficar no Ritz. Refiro-me a estarmos juntos. Não sei quando vou vê-lo outra vez.

— Eu sei — ele diz, indo até a cama e sentando-se ao lado dela. Ela tira um pedaço da laranja e o coloca na boca de Harry. — Isso não tem de acabar — ele diz, pousando a mão sobre a coxa dela.

— Você pode fazer uma promessa dessas? — ela pergunta, com os olhos arregalados, procurando pelos dele. — Quero acreditar em você.

— Sim, eu posso.

Ela faz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Seria pedir demais.

— Será que não podemos simplesmente experimentar isso durante mais algum tempo? E se você se cansar de mim? E se conhecer alguém mais novo? Não estou em uma posição em que possa reclamar.

— Não quero mais ninguém.

— Você diz isso agora. Quando meus cabelos e dentes começarem a cair, você pode se arrepender — ele diz, com uma risada. — Sou bem mais velho do que você. Você não vai querer trocar a minha bolsa de colostomia durante um jantar dançante.

— Bobagem. Você vai ser um daqueles homens mais velhos que arrasam corações.

— Você tem razão. Eu poderia desenvolver incontinência urinária. Isso arrasaria qualquer pessoa.

— Pare com isso — ela diz, acertando-o com o travesseiro. — Você está me fazendo rir outra vez, e não estou com vontade de rir.

— Isso é ridículo. Como você pode não estar com vontade de rir? Lembre-se, o riso é o melhor remédio. Já estive em um funeral? Não há nada que as pessoas gostem mais do que ouvir um velho amigo do falecido contando histórias totalmente inapropriadas.

Os dois são como crianças em um cruzeiro marítimo. Em algum lugar além do horizonte está o porto onde eles terão de desembarcar. Por enquanto, estão apenas fingindo.

Sempre me perguntei o que estaria passando pela cabeça de Harry durante aqueles dias. Será que ele sentia culpa ou remorso? Era como se ele não tivesse uma esposa ou um filho. Esquecera-se dos anos que passaram juntos, dos risos compartilhados, das dores compartilhadas, das pessoas cuja vida eles haviam tocado, cuja vida ele e Claire poderiam arruinar? Qual era a direção que ele pretendia tomar? Será que pensava que conseguiria manter o caso sem que Maddy soubesse? Será que queria fazer isso?



O que acho muito confuso sobre o comportamento de Harry é a naturalidade que ele demonstrava em relação a tudo aquilo. Era como se ele fosse um adúltero desde o momento em que nasceu. É possível que esse tipo de coisa ocorra mais facilmente para alguns homens, especialmente escritores, atores ou espiões, pessoas que se acostumam tanto a habitar outras personas, outras vidas, que perdem a noção da vida que realmente é importante.

Alguns homens, imagino, sentiriam pontadas de culpa, ou, pelo menos, um pouco de ansiedade. Teriam medo de serem descobertos. Suas mentiras expostas, sua vida íntima escancarada para os outros.

Mas era fácil para Harry. Talvez ele não achasse que a vida tivesse dores verdadeiras ou testes verdadeiros. As coisas simplesmente vinham para ele. Suponho que ele estivesse lutando para terminar o novo livro, mas, afinal de contas, isso não faz parte do processo criativo? Não se espera que os artistas sofram? De certo modo, não parecia ser justo. Durante um longo tempo em sua vida, ele tinha apenas que estender a mão e tudo que queria surgiria ali. É verdade que ele nunca teve muito dinheiro, mas isso nunca pareceu ter importância. Ele tinha algo mais importante, a capacidade de inspirar o amor. Seria tão surpreendente o fato de haver inspirado Claire? Afinal de contas, quem não o amava? Cães, colegas de escola e faculdade, leitores, estranhos em bares. Ele juntou amor da mesma maneira que um carro aumenta sua quilometragem. A surpresa foi que, depois de inspirar o amor, ele o queria de volta.

Mesmo durante a faculdade ele era o herói, o bem--amado, e, mesmo assim, foi a Madeleine que ele se apegou. Ela foi a pessoa que mais precisou dele, e ele se dedicou totalmente àquela confiança sagrada. Talvez tenha pres-sentido que houvesse algo despedaçado dentro de Maddy, algo que só ele teria condições de reparar, e, sabendo disso, permitiu a si mesmo entregar-se completamente a ela. Não estou dizendo que ele não a amava. Acredito que ele realmente tinha esse sentimento por ela. Sei que tinha. Mas ela precisava dele, ou de alguém como ele. E não acho que ele realmente precisasse de alguém, pelo menos não da mesma forma. Ele sempre foi uma unidade autônoma, alguém que confiava tanto em suas próprias capacidades que nunca chegou a questioná-las uma única vez. Isso ajuda a dificultar o jogo de Harry, um jogo que a maioria de nós nunca teria condições de jogar, e sobre o qual nunca poderíamos fingir a respeito.

Será que sentiu algo em Claire que ele poderia reparar, uma necessidade que apenas ele poderia atender? Ou foi por um motivo mais egoísta? Seria ela a pessoa que poderia pertencer só a ele? Depois de anos sendo alguém que todas as pessoas pensavam que ele fosse, ou que deveria ser, estaria se permitindo agora tomar

para si aquilo que queria, mesmo que isso significasse destruir todo o resto?

Claro, as coisas nunca são tão abstratas. Sua traição foi tão natural quanto uma doença, um câncer que cresce silenciosamente no corpo e explode subitamente quando não há mais nada que possa mantê-lo em segredo. E, quando isso finalmente aconteceu, ele se deixou consumir.

E Claire? Nunca a responsabilizei pelo que houve, mesmo que algumas pessoas acreditassem que eu deveria fazê-lo. Ela era uma mulher jovem, bonita, sensível e impressionável. Rica. Experimentando a vida plenamente, das folhas às raízes. Carente de amor, ou de atenção, ou de direção. Ou de todos os três. Não sei ao certo qual.

Como Maddy poderia não se encantar com Harry? Ele era bonito, bem-sucedido, charmoso. Seria como pedir-lhe que não sentisse a grama sob seus pés ou o gosto do sal do mar. Seria como dizer a uma mariposa para resistir à vela, ou dizer a uma flor para não desabrochar. Não, a pessoa que eu culpo é Harry. Ele, o herói da escola, o ex-fuzileiro. Faltou-lhe coragem e dedicação. É fácil provocar a tentação, mas apenas os verdadeiramente fortes são capazes de resistir. Ele deveria ter sido capaz, mas, por mais heroico que ele fosse, era fraco.

Eu poderia descrever ainda mais como eles foderam, como ela chupou seu pau, quantos orgasmos ela teve, como eles caminhavam pelas ruas de mãos dadas como verdadeiros amantes. Como eles atiçavam a paixão que sentiam um pelo outro, a paixão pela vida, a paixão pelo amor, a paixão que queimava apenas por ser paixão. Afinal, isso é o conceito de egoísmo e cobiça: querer mais do que é suficiente. E eles devoravam, exultavam isso.

Quem poderia culpá-los? Há poucas coisas mais poderosas ou mais inebriantes do que saber que há alguém que deseja você com tanta intensidade. E se for ilícito, secreto, proibido, isso tudo só deixa a situação ainda mais atraente. Nesse momento, quem se importa com as outras pessoas? Os outros não têm importância quando só estão vocês dois em seu pequeno bote salva-vidas. O desejo é tudo. A vergonha não tem lugar.

Ela o queria, e ele a queria. A beleza o encanta, o sexo o define, as coisas mais simples se tornam objetos de inveja para outros. Quando alguém está em chamas, alguém queima. É impossível não queimar. É física elementar. Até mesmo uma criança seria capaz de compreender. É muito simples.

Mas o fogo não tem pudores. Ele queima tudo, insensível ao que estiver em seu caminho.



INVERNO



1

VICTOR HUGO ESCREVEU QUE A FELICIDADE suprema da vida é a convicção de que somos amados, mas essa convicção está baseada na presunção de que tal amor existe. Se somos desmentidos, o vazio que resta frequentemente é preenchido pelo ressentimento e pela raiva. Hugo também poderia ter escrito que a infelicidade suprema da vida é descobrir que não somos amados. Uma coisa é descobrir que já suspeitamos da ausência de amor em nossa vida, mas o que realmente nos destrói é descobrir que o amor de que tanto gostávamos era uma mentira.

Chego a Roma uma semana antes do Natal. Vindo de Nova York, fico surpreso ao perceber que o inverno está mais brando em meu destino. Embora os romanos este-jam encapotados com casacos e cachecóis — ninguém sabe usar um cachecol como os italianos — eles ainda se sentam na calçada das cafeterias, exceto nos dias mais frios. Viajo com pouca bagagem, sabendo que, se precisar de alguma coisa, posso comprá-la por ali.

Na minha primeira noite todos vamos ver o presépio montado em frente à basílica de São Pedro. A imensa praça está abarrotada de pessoas, entre romanos e turistas, freiras que vieram da África, empresários, famílias, atendentes de lojas que voltam do trabalho para casa, todos vêm admirar este que é o mais grandioso entre todos os berçários. Harry está levando Johnny sobre os ombros. A fachada iluminada e os camelôs que vendem fotos do papa dão um toque carnavalesco àquela cena. Depois, vamos jantar no restaurante em S. Ignazio. Apesar das ruas fortemente iluminadas e dos grupos felizes que caminham, conversando entre si em italiano, o nosso pequeno grupo é discreto. Maddy está distante, Harry está preocupado. Nenhum deles parece ter muito apetite. Depois que terminamos de falar sobre os amigos que temos em comum em Nova York, o diálogo se aquieta. Johnny já está dormindo, com a cabeça apoiada sobre o colo da sua mãe.

Ao voltar ao apartamento, pergunto a Maddy:

— Qual é o problema?

Johnny foi colocado na cama, e Harry também nos desejou boa noite. Somos apenas nós. A lareira está acesa. O jet lag já não me afeta mais. Uma garrafa de vinho tinto apareceu. Duas taças.

— O que você quer dizer?

— Está tudo bem?

— Claro que está. Por que a pergunta?

— Bem, perguntei porque as coisas parecem estar um pouco tensas. Não sei o que está acontecendo, mas nunca vi Harry nem você tão distraídos.

— Estamos bem. Às vezes, é difícil nos ajustarmos a uma nova cidade. Você sabe como é. A linguagem. Os costumes. Além disso, Harry às vezes sofre mudanças de humor quando está escrevendo. É muito trabalho, e ele está tendo dificuldade para dormir. E tem viajado demais, tam-bém. Isso não ajuda muito.

— É apenas isso?

— Apenas isso.

Mas não é. Conheço Maddy suficientemente bem para saber quando ela está evitando alguma coisa.

— Tudo bem — sorrio. — Se não quiser falar a respeito, não há problema. Ficarei aqui por uma semana. Teremos tempo de sobra.

— Ah, fique quieto, Walter — ela diz, em tom de brincadeira. — Se eu tivesse de conversar sobre alguma coisa, eu lhe contaria. Você sabe disso.

— Quando vi Harry em Nova York há alguns meses, ele disse que estava tendo dificuldades para prosseguir com o livro.

— Sim, é verdade, eu acho — ela comenta. E, em seguida: — Talvez vir a Roma não tenha sido uma ideia tão boa.

— Não podem voltar para casa?

— Poderíamos, mas assumimos um compromisso. Há as pessoas que deram o dinheiro a Harry, há os proprietários deste apartamento, as pessoas que alugaram nossa casa em Nova York e a escola de Johnny. E é preciso pensar em Harry, também. Sei que ele nunca admitiria que estar em Roma lhe causou problemas. Ele detesta a ideia de se deixar abalar assim.

— Naturalmente.



Você precisa se lembrar de que eu não fazia a menor ideia do que estava acontecendo. E, certamente, Maddy também não sabia. Se qualquer pessoa me perguntasse se acreditávamos que Harry seria capaz de ter um caso, daríamos risada na cara dessa pessoa. Seria como perguntar se ele estava construindo um reator termonuclear em seu porão. Era simplesmente inconcebível.

Mas, frequentemente, descobrimos que as pessoas em quem mais confiávamos são capazes de nos enganar. Os jornais estão cheios de relatos sobre banqueiros, políticos, padres e atletas que enganam seus clientes, têm casos extra-conjugais, abusam de coroinhas ou usam anabolizantes. A regularidade desses escândalos pode ter feito que elas percam o poder do impacto. Vivemos uma época em que não nos surpreendemos mais quando as pessoas nos enganam. A única surpresa é o fato de estarmos constantemente dispostos a nos deixar enganar.

Às vezes, somos traídos por amigos. Um dos meus avôs trabalhou na CIA. Ele serviu no Gabinete de Assuntos Estratégicos durante a Segunda Guerra Mundial, e, em seguida, em Washington. Fez amizade com um inglês, que também era espião. O inglês costumava frequentar a casa de meus avós em Georgetown. Eles iam pescar, trocavam segredos de sua profissão enquanto dividiam copos de bourbon, seguros por saber que estavam do mesmo lado, lutando contra um inimigo comum. Até que, como não podia deixar de ser, descobriram que o inglês era um agente soviético, recrutado em Cambridge antes da guerra, e que ele estava há várias décadas enviando segredos do Ocidente para os russos — alguns dos quais, com certeza, ele soube por intermédio de meu avô. É uma história famosa. A revelação não só pôs fim na carreira de meu avô, mas, além disso, transformou-o em uma pessoa abatida, paranoica e miserável. Como ele também era um espião, mentiras eram seu meio de vida, mas a dor foi ainda maior quando percebeu que fora enganado. Sua morte, alguns anos depois, foi uma bênção. O inglês

viveu até a velhice em um apartamento em Moscou, com todos os privilégios e condecorações de um coronel da KGB. Todos os jornais publicaram artigos a respeito.

Além disso, há as traições que preferimos ignorar. Próximo do fim de sua vida, o pai de Maddy teve uma namorada, Diana, com quem ele vinha se encontrando há cerca de uma década. Ela era bonita, uma viúva que trabalhava na Sotheby's. Eles nunca se casaram, mas viajavam constantemente, indo aos melhores restaurantes para jantar. Mesmo assim, ele estava levando uma vida dupla; havia outras mulheres também. Nunca descobri quantas eram. Havia um padrão. A cada tantos anos ele desapareceria por alguns dias ou semanas, mergulhado na bebida, surgindo no Waldorf ou no Plaza Athénée até que Maddy conseguisse encontrá-lo e levá-lo a um hospital. Lá, ele ficaria entre a vida e a morte por uma ou duas semanas antes de, invariavelmente e inevitavelmente, conseguir sobreviver outra vez. Seu corpo, que já fora bastante robusto, estava muito debilitado devido aos anos de abuso autoinfligido; seus pés, com as unhas compridas e descuidadas, surgiam por baixo do lençol, e mesmo assim, nos momentos de lucidez, era capaz de usar seus encantos para paquerar as enfermeiras. Nesses momentos, Diana desaparecia. Alguns podem dizer que ela tinha o direito de fazê-lo, que ela não queria encorajá-lo, que ele merecia ser punido. Mas acho que sua recusa em visitá-lo no hospital tinha mais a ver com autopreservação do que com um senso de justiça. Vê-lo no hospital a forçaria a confrontar a realidade da situação, e ela nunca conseguiria fazer isso, sabendo muito bem que, quando sua força retornasse, ele voltaria a fazer tudo aquilo outra vez.

Outro tipo de traição é aquela na qual nós mesmos somos os perpetradores. Uma coisa é ouvir uma mentira, mas dizer a mentira é algo completamente diferente. Mas, mesmo assim, a maioria de nós não encara a situação dessa maneira. Criamos nossas próprias racionalizações, justificando a traição, vestindo-a com trajes nobres. É fácil fingir e manter uma mentira é uma forma de proteger aqueles a quem podemos magoar, supremos na crença de que nunca seremos apanhados. Entre todas as mentiras, essa é a

mais comum e a mais tola — e aquela pela qual as pessoas nutrem a menor de todas as simpatias.

Durante o inverno, depois de minha visita no Natal, Maddy me enviava e-mails e dizia que Harry viajava frequentemente, passando vários dias fora. Tinha uma reunião com uma editora, dava uma palestra em Barcelona e voltava a Paris para uma conferência literária. Achei isso surpreendente, pois, antes de se mudarem para Roma, era impensável passarem uma noite em separado. Mas agora ele era um sucesso, e supus que tais coisas seriam as con-sequências da fama. Maddy não estava preocupada. Pelo menos, não com seu relacionamento. Não havia qualquer indício de insegurança, exceto pelo fato de que ela e Johnny sentiam saudades de Harry e, quando ele voltava de suas viagens, frequentemente se mostrava irritado, trancando--se em seu estúdio por horas a fio ou desaparecendo pela cidade em longas caminhadas, sem nunca pedir a ela que o acompanhasse.

Em fevereiro telefonei para Claire novamente, sentindo a falta de Maddy e procurando por alguém que compartilhasse a afeição que tenho por ela. Eu não via ou falava com Claire há meses, mas pensei que, se estivesse disponível, ela estaria disposta a me aguentar por uma noite — desde que eu pudesse lhe prometer uma refeição decente e uma conversa agradável em troca. Foi bom ouvir a voz dela depois de tanto tempo, e bolamos um plano. Mas, no dia seguinte, ela me ligou, pedindo para adiarmos a data.

— Walter — ela disse. — Desculpe por fazer isso, mas não poderei sair para jantar amanhã.

— Não há problema — respondi. — Está tudo bem?

— Sim, sim. Está tudo bem. Acabei de saber que terei de viajar a Paris amanhã a trabalho. Espero que não se importe.

— De maneira nenhuma — disse. — Entendo completamente.

Foi só mais tarde que me lembrei que Maddy mencionara o fato de que Harry faria uma viagem rápida a Paris também. A segunda desde dezembro. Em Nova York pensávamos que viajar a Paris seria uma façanha incrível, mas, na realidade, quando alguém mora em Roma, isso se compara a uma viagem a Long Island. Um voo direto leva apenas duas horas. E, atualmente, o preço é irrisório. Lembro-

me de ficar espantado com meus amigos ingleses que embarcavam rumo a Verbier ou Gstaad para passar um fim de semana esquiando. Para eles, os lugares eram praticamente vizinhos.

Quase liguei para Claire novamente para dizer a ela que Harry também estaria em Paris e que ela deveria procurá--lo. Mas pensei melhor no assunto. Eu tinha certeza de que ambos já tinham seus planos e a última coisa que queriam seria correr por Paris para tentar tomar um drinque juntos. Não há nada mais aborrecido do que tomar uma bebida puramente por obrigação, algo rápido, no início da noite, quando a outra pessoa não para de olhar para o relógio porque precisa correr para outro lugar.



Quando Harry volta de Paris, já é tarde da noite. Ele entra no apartamento com uma sensação de expectativa, esperando que todos já estejam dormindo. Uma única lâmpada está acesa na sala de estar, e ele vai até lá para apagá-la. Mas a sala não está vazia. Maddy está sentada lá, olhando em direção à noite negra que cobre Roma, o fantasma de seu rosto refletido na janela. Uma taça de vinho tinto está à sua frente.

— Achei que você já estaria na cama — ele diz.

— Como estava Paris? — Maddy pergunta. Não olha para ele. Seu rosto ainda está virado para a janela, a voz neutra e contida.

— Ótima. Você conhece o lugar. É menos divertido estar lá quando o trabalho toma conta de tudo. Nunca pensei que Paris me deixaria aborrecido, sabia?

Ela não responde. Ele está em pé no meio da sala, sem avançar na direção dela como normalmente faria, sentindo o perigo como se fosse um animal.

Finalmente, ela o encara. — Harry, o que está acontecendo?

— O que você quer dizer com isso? — ele pergunta, começando a andar em direção à esposa audaciosamente, o melhor ataque, sorrindo, com as mãos estendidas.

Ela se encolhe, e a mão de Harry para a poucos centímetros de seus ombros. — Não.

— Qual é o problema?

Ainda sentada, ela gira a cabeça para olhar para ele. Harry nunca a viu tão enfurecida. Não é uma raiva violenta, gritante. É pior. Algo frio, duro e desolador. Seus olhos são dois pedaços de cobalto.

— Você está tendo um caso?

— O quê? É claro que não — ele reage, tentando demonstrar surpresa, como se a própria noção fosse ridícula. — Por que...

— Não minta para mim — ela grita, levantando-se subitamente, interrompendo-o. Um dedo indicador em riste, apontado em sua direção como se fosse uma faca. — Estou lhe avisando. Nunca, nunca minta para mim.

— Será que você pode me explicar que diabos está acontecendo?

Ela o encara com uma expressão dura. — Nina Murray me mandou um e-mail. Disse que viu você em Paris ontem à noite, jantando com uma mulher mais nova.

Foi naquele pequeno bistrô perto do hotel. Eles foram até lá seguindo a recomendação do recepcionista. Harry pensou ter reconhecido um rosto familiar em um grupo de americanos do outro lado do restaurante, mas só teve certeza agora. Nina Murray e seu marido, Burt. Ela não era uma mulher particularmente atraente. Sua filha estudava na mesma sala de aula de Johnny. Ele mal os conhecia. Ela e Maddy tinham mais contato.

— É verdade — ele mente. — Jantei com Michelle, a chefe de marketing da minha editora na França.

Ela o examina cuidadosamente.

— Foi só um jantar? Você não está dormindo com ela?

— Não, não estou dormindo com ela — ele responde, sentando-se à frente de Maddy. — Eu amo você.

— Ama mesmo? — ela pergunta, suavizando o tom de voz, querendo acreditar no que ele diz. — Eu achava que sim. Mas, ultimamente, não tenho tanta certeza.

Ele toma as mãos de Maddy nas suas.

— Desculpe. Tenho sido muito egoísta. Estive viajando demais. Trabalhando muito em meu livro. Não pensei no quanto seria difícil para você e para Johnny.

Ela se recosta na cadeira e suspira, recolhendo as mãos. — Não sei o que pensar.

— Está tudo bem. Talvez vir a Roma não tenha sido uma ideia tão boa. Quando falamos a respeito no ano passado parecia ser ótimo, lembra-se? Mas o livro não está progredindo bem. E agora, todas essas viagens estão me afastando muito de você.

— Talvez. É que, desde que recebi o e-mail de Nina, estou sentada aqui, pensando que você estaria tendo um caso e pensando como todas as peças se encaixam. Você passa tanto tempo fora e, quando está em casa, fica irritado. Não é o que os homens fazem quando chegam à sua idade? A meia-idade chega, eles compram carros esportivos, levam garotas de vinte anos para a cama e abandonam sua esposa.

— Nem todos nós fazemos isso.

Ela parece estar a ponto de chorar.

— Talvez você tenha razão. Talvez Roma não tenha sido uma boa ideia. Não sei. Há alguma coisa que podemos fazer a respeito? Podemos voltar a Nova York? — Vou ver o que podemos fazer amanhã de manhã. Vamos, é tarde. Hora de ir para a cama.

Ele estende a mão e ela aceita, apoiando-se para ficar em pé. Ela é preciosa para ele neste momento.

Na cama, eles fazem amor. Silenciosa, docemente. Ela o beija apaixonadamente. Eles conhecem bem seus corpos. Quando terminam, ele se lava na pia. Pela primeira noite em vários meses eles deitam nos braços um do outro, a cabeça de Madeleine contra o peito nu de Harry. Ele está dormindo. Ela fecha os olhos, mas continua acordada por um bom tempo.

2

A VIDA É UMA SÉRIE DE IMPRESSÕES RECORDADAS. Um cheiro, um toque, um pôr do sol, anjos entalhados em madeira em uma catedral, a morte de um pai. Não podemos absorver tudo que vemos, então encontramos sentido no que podemos, usando esses fragmentos para compor um algo inteiro. Padrões emergem; às vezes, aleatoriamente. Às vezes eles confundem; outras vezes, revelam a verdade.

Nessa época, Madeleine me enviou um vídeo que ela gravou, mostrando Johnny e Harry patinando em Roma. Durante o inverno, um rink de patinação ao ar livre é montado aos pés do Castelo Sant'Angelo, o local onde imperadores foram enterrados. Harry e Johnny estão patinando tranquilamente ao redor do rink, em sentido horário, livres como pássaros. Toda vez que passam eles param e acenam, sorrindo para a câmera. O céu está branco por trás deles. Outros rostos ocasionalmente enchem a tela: crianças segurando-se contra a grade de proteção, garotas jovens, rostos puros emoldurados por toucas de lã, fragmentos de italiano saindo pela boca deles conforme passam por ali. No centro do gelo, um rapaz está se exibindo, girando e rodopiando. Uma neve suave cai. Todos parecem estar muito felizes.

Demorou várias semanas até que Harry e Maddy conseguissem sair de Roma. Foi preciso negociar, mas foi mais fácil do que imaginaram. Eles concordaram em pagar o restante do aluguel para os proprietários do apartamento. O comitê responsável pelo prêmio compreendeu a situação, lamentando que os Winslow tivessem de partir, mas não os penalizou. Outras famílias também tiveram de partir antes do prazo programado. Os artistas — disseram eles, dando de ombros — precisam estar onde possam trabalhar melhor. Os inquilinos em Nova York não ficaram muito felizes, mas uma cláusula no contrato dava aos Winslow a opção de revogar o aluguel antes do prazo estabelecido se os moradores fossem

avisados com um mês de antecedência. Até mesmo a velha escola de Johnny cooperou, permitindo-lhe que voltasse às aulas naquele ponto do ano letivo. Se ele precisasse de apoio para acompanhar as aulas, os Winslow teriam de contratar um professor particular. Harry parou de viajar.

Fiquei surpreso ao saber que eles voltariam em menos de um mês. Não parecia ser algo corriqueiro, mas também sabia o quanto a casa era importante para ambos. Maddy me enviou um e-mail dizendo que voltariam em março. Claro, senti uma felicidade imensa. Cheguei até a propor que ficassem comigo em meu pequeno apartamento (nunca precisei de nada além do que havia ali). Foi quando ela me disse que seus inquilinos iriam sair. Ela não fez qualquer menção ao que Nina Murray lhe dissera.

A imprudência é o arauto da tragédia. Eventos cataclísmicos frequentemente têm sua origem no que há de mais mundano. Viramos à esquerda quando queríamos virar à direita, e o mundo se transforma para sempre.

Acontece no fim de fevereiro. É apenas uma questão de dias para que eles saiam de Roma. Maddy correu até a macelleria perto de seu apartamento para comprar cos-teletas para o jantar. São quase cinco horas, e a loja está prestes a fechar. Harry saiu para um de seus passeios. Vai demorar algumas horas até ele voltar. Em meio à pressa, ela levou o cartão de crédito de Harry, que ele deixou sobre a mesa ao lado da porta da casa. Quando ela tenta pagar pelas compras, o açougueiro lhe diz que o cartão foi recusado. Ele pede desculpas. Tenta novamente, mas a resposta é a mesma. Constrangida, ela deixa a loja de mãos vazias, embora o açougueiro insistisse que ela poderia voltar e pagar amanhã. Afinal, ela sempre foi uma boa cliente. Coisas assim acontecem.

Mas não com ela. A cada trimestre, os administradores de seu fundo de investimentos depositam dinheiro em sua conta. E ela é boa para administrar dinheiro, nunca gastando demais, controlando suas retiradas, sempre sabendo o quanto tem disponível na conta, até os centavos. Durante anos ela e Harry viveram com a renda que ela recebia, e o salário de oficial dos fuzileiros servia para suplementar a receita, se fosse necessário.

Quando o livro de Harry se tornou um sucesso, ele conseguiu pagar por mais coisas por conta própria, mas eles sempre mantiveram contas bancárias separadas. Harry ficou orgulhoso quando finalmente chegou à independência financeira. Mas ela sabe que ele deixa o dinheiro escorrer pelos seus dedos como água. Ele é generoso, embora seja irresponsável. Essa é uma das razões pelas quais administram suas contas em separado.

Ela volta para casa, sentindo uma desconfiança ago-nizante estrangulá-la. Em uma gaveta na escrivaninha de Harry, enfiados no fundo, ela encontra os envelopes com as faturas enviados pela empresa de cartão de crédito. Nenhum deles foi aberto. Ela abre o mais recente e fica chocada ao ver o histórico das despesas. Há hotéis em Paris, restaurantes e passagens aéreas. Ela presumiu que a editora estivesse pagando todas as viagens que ele fez. Em seguida, ela percebe o nome de uma loja famosa na Faubourg Saint-Honoré. A data é da primeira via-gem que Harry fez a Paris. Uma compra no valor de vários milhares de dólares. Ela sabe que, seja lá o que ele comprou, não foi para ela. Depois, ela abre outro envelope da empresa de cartões de crédito. Contém uma nota exigindo o pagamento imediato da fatura; caso isso não aconteça, os privilégios do cliente serão suspensos ou revogados.

Maddy fecha os olhos. Ela não consegue pensar. Quase não consegue respirar. Ela coloca a mão sobre a mesa para não desabar no chão. A verdade a invade como uma onda. Com um grito, ela rasga os envelopes no meio e derruba a escrivaninha de Harry com um forte estrondo. Papéis voam por toda parte. O notebook se estilhaça no chão.

— Desgraçado! — ela grita. — Desgraçado!

O barulho faz que Johnny e a empregada cheguem correndo.

— Mamãe, você está bem? — pergunta Johnny. O garoto espia nervosamente por trás da porta.

— *Signora, stai bene?*

— *Sì, bene, bene* — Maddy responde, esforçando-se para recuperar a compostura.

— Johnny, querido, mamãe está bem.

— O que aconteceu com a mesa do papai?

Ela se ajoelha e abraça seu filho, para tranquilizá-lo e também para consolar a si mesma.

— Não foi nada, querido. Sabe aquelas ocasiões em que você fica furioso e simplesmente sente vontade de quebrar alguma coisa? Às vezes as mães ficam irritadas desse jeito, também.

— Você está chorando.

— Eu sei. Eu sei. Está tudo bem, querido.

Ela sabe o que tem de fazer. Para a empregada, ela diz:

— *Angela, per favore, impacchettare vai valigia di Johnny. Siamo in partenza sta-sera.* — Vamos partir esta noite, ela diz. — *E la sua medicina.* — E os remédios dele.

— Per quanto tempo?

— *Non lo so.*

A empregada não diz nada. E entende os sinais. Já foi casada, tem irmãos e tios. Homens romanos nem mesmo se esforçam para ser discretos. Levando Johnny, ela começa a arrumar as malas dele.

Maddy corre para o seu quarto e tira uma mala debaixo da cama. Ela atira algumas coisas importantes ali dentro — joias, roupas de baixo, blusas de frio — e retira o passaporte deles da gaveta onde ficam guardados. Seu telefone celular também. Dólares americanos. Não pode parar para pensar. Se o fizer, talvez não tenha coragem de prosseguir com o plano.

— Para onde vamos, mãe? — pergunta Johnny.

— Vamos para casa, querido. Para Nova York — ela responde.

— E o papai? Ele não vai conosco?

— Ele irá depois. Precisamos ir agora.

A velha não diz nada, mas pega a mala de Maddy e a leva até a rua pelas escadas.

— *Stronzo* — resmunga ela. Idiota.

Maddy leva a mala de Johnny e sua bolsa, dando uma última espiada no apartamento antes de fechar a porta. Não deixa um bilhete. Talvez envie um mais tarde. Harry vai descobrir sozinho o que aconteceu. Ou não. Neste exato momento, ela não se importa.

Na rua, ela vai até um caixa eletrônico e retira o limite diário. Entrega quinhentos euros a Angela.

— Depois eu lhe enviarei mais. *Io manderò più tardi.* — ela diz. Em seguida, abraça a mulher. — *Mi dispiace molto.* Obrigada por tudo. *Mille grazie.*

Angela já chamou um táxi e o motorista já colocou a bagagem no porta-malas. Ela beija Johnny, com os olhos cheios de lágrimas, apertando o corpo franzino do garoto contra si.

— *Addio bel ragazzo.*

É hora de partir. Maddy não quer começar a chorar outra vez.

— Aeroporto Leonardo da Vinci, *per favore* — ela pede. Eles comprarão as passagens quando chegarem lá. Johnny se aninha em seus braços no carro. — Quando o papai vai nos encontrar?

— Shhhh — ela diz — Logo, meu bem. Não se preocupe.

Os subúrbios industriais passam por eles como um sonho. Ela inspeciona coisas pequenas. A parte detrás do assento do motorista. As veias em sua mão. As mechas de cabelo na cabeça de seu filho. As fibras delicadas quase a hipnotizam. É igual a quando seu pai a surrava. Ela olhava fixamente para os sapatos dele, fascinada pelo padrão das costuras, as marcas, a textura do couro, tudo aquilo afastava a dor. Johnny cantarola em voz baixa uma canção italiana de ninar que aprendeu na escola: *Farfallina, bella e bianca, vola vola, mai si stanca, gira qua, e gira la poi si resta sopra un fiore, e poi si resta spora un fiore.* Ele agita as mãos como as asas de uma borboleta.

No aeroporto ela paga o motorista e eles entram nos amplos salões de embarque, um testamento à arquitetura pós-modernista. Ela vê os logotipos de várias companhias aéreas. Royal Air Maroc. Air China. Air Malta. TAP. As possibilidades são infinitas. A chance de recomeçar sua vida completamente, aleatoriamente. Escolha um lugar qualquer no mapa, de olhos vendados, e vá até lá. Mas isso é demais. Ela sabe o que quer, sabe para onde precisa ir. Vê a mesma empresa americana que a trouxe até aqui. Caminhando até o balcão, ela pergunta ao agente sobre o próximo voo para Nova York.

— Lamento, signora — responde ele, num inglês excelente. — Não há mais voos esta noite. O próximo voo é amanhã, às seis horas. Mas não temos nada até lá.

Maddy se esqueceu de que não há voos para os Estados Unidos a esta hora do dia. Não faria diferença.

— Grazie, signore — diz Maddy. Ela joga a mala de Johnny por sobre o ombro e agarra a alça da sua mala com rodinhas. — Vamos, querido. Precisamos tentar uma empresa diferente.

A resposta no balcão da British Airways é a mesma. Não há mais voos diretos a esta hora da noite. Eles ficariam felizes em reservar passagens para a signora no primeiro voo da manhã. A que horas ela gostaria de partir?

— Que tal Londres? — ela pergunta. — Há algum voo que vai para Londres esta noite?

— *Sì, signora*. Há um voo às 20h25, com chegada pre-vista para as 22h25.

— Coloque-nos nele — ela pede, entregando seu cartão American Express e os passaportes. — Pode me colocar também em uma conexão de Heathrow para o JFK amanhã? Todos os voos são só de ida.

— É claro. Que classe prefere?

— Executiva, por favor.

— *Bene*. Seu voo está confirmado para às 20h25 para Londres, Heathrow. Seu voo amanhã sai às 15h05 de Heathrow e chega em Nova York às 18h10, horário local. Quer despachar as bagagens?

— *Sì*. Obrigada.

Ela coloca sua mala sobre a balança primeiro, e depois a de Johnny. Sua mão treme quando ela escreve seu nome e o endereço de Nova York nas etiquetas das bagagens. Nunca tomaram um avião sem que Harry os estivesse acompanhando.

— Prego. Aqui estão seus bilhetes. Apresente-os no Executive Club da British Airways no segundo andar do Terminal C. Os agentes da companhia poderão facilitar sua passagem pela segurança.

No saguão, Maddy encontra uma área tranquila para Johnny se sentar entre os executivos bem-vestidos que conversam animadamente em várias línguas ou que observam atentamente a tela brilhante de seu notebook. Ela entrega o Game Boy de Johnny e diz a ele que voltará em um minuto.

— Preciso falar com o representante da empresa, querido.

Ela pede ao representante que reserve um quarto de hotel para eles em Londres naquela noite. A signora tem alguma preferência? Faz muito tempo desde que Maddy se hospedou em um hotel em Londres. Eles geralmente ficam na casa de amigos, mas ela não quer fazer isso neste momento. Ela se lembra de um hotel onde ficou hospedada certa vez, com sua avó. Era um lugar encantador, discreto, no fim de uma rua próximo de St. James. Não sabe se o lugar ainda existe. O representante afirma que o hotel não só continua funcionando, mas tem um quarto disponível para esta noite. Uma suíte king-size de luxo. A um custo de mais de setecentos dólares.

— Está bem — suspira Maddy. — Pode confirmar a reserva.

Voltando para onde Johnny está sentado, ela olha para seu telefone. Já o havia deixado no modo silencioso. Vê várias chamadas não atendidas de Harry. Não quer falar com ele. Não agora. Talvez nunca mais. Ela verifica seu e-mail. Há também vários e-mails que ele lhe enviou. Ela não os abre. “Onde você está?” diz o assunto de um deles. “Me ligue”, diz outro. Ela não consegue. Ela os ignora e enfia o telefone de volta no bolso. Mas ele não fica lá. Ela precisa pensar, planejar mais adiante. O que ela faz, então?

Envia um e-mail para mim, é claro.

Estou sentado em meu escritório quando sua mensagem chega à minha caixa de entrada. O assunto do e-mail é “Maddy”, e a mensagem que vem é: “Johnny e eu estamos voltando a NYC. Chegaremos num voo proveniente de Londres. Podemos ficar com você por alguns dias? Obrigada. Com amor, M.”

Imediatamente respondo. “*Mi casa es su casa*. Está tudo bem???”

“Explico qd chegar. Obg. Vc é um anjo.”

Meus dedos digitam: “Precisa de algo? Quer que a pegue no aeroporto?”

“Não precisa, vem a resposta. Chego às 6. Pego táxi.”

3

E O QUE DIZER DA TERCEIRA PESSOA NESTE DRAMA? Naturalmente, não me incluo nisso. Sou meramente o responsável pelo relato. O que estaria acontecendo com Claire?

Estou complementando com os detalhes que só vim a conhecer mais tarde. Quando ela não está com Harry, vive sua vida normalmente. Ele lhe disse que não poderia vê-la durante algumas semanas, e que ele e Maddy voltariam a Nova York mais cedo do que haviam planejado. Ela ficou empolgada, mas também nervosa. Como essa proximidade mudaria seu relacionamento? Ela poderia vê-lo mais vezes? Ou menos? Era uma questão que ela ignorava, como uma rachadura no teto, sabendo que, em algum momento, teria de encarar o problema. Assim, ela esperou.

Acordando cedo enquanto ainda estava escuro. Tomando banho, escolhendo seu traje, as roupas íntimas. Pegando o metrô para ir trabalhar. Perdida em pensamentos, em sua cama. Passando o dia em frente ao computador, participando de reuniões, dando telefonemas, almoçando em sua escrivania ou, talvez, com algum colega, escrevendo e-mails e artigos. À noite, geralmente, aulas de ioga ou jantares com amigos. Ela é popular como deveria ser. Garotas bonitas e rapazes irônicos em ternos justos. Restaurantes em Tribeca e Williamsburg. Festas e inaugurações.

Ela passa seus dias esperando que Harry lhe telefone e conte os planos para sua próxima aventura. Deixa uma mala pronta perto da porta. Está contente, envolvida em um segredo, sua outra vida que poucos conhecem. Esperando por algo que nenhum dos dois realmente quer. Aterrorizada pelas consequências, mas sem fazer nada para evitá-las.

Para todas as outras pessoas, ela é uma mulher solteira. Em uma festa no apartamento de alguém, certa noite, ela está sentada ao lado de um arquiteto. A anfitriã, uma velha amiga dos tempos da faculdade que agora está casada, lhe falou sobre ele. Tem quase

a mesma idade que ela e é bonito. Dentes brancos. Tem dedos sensíveis e um riso tranquilo. Acabou de voltar de Xangai. É a terceira via-gem que ele fez até lá. A cidade está crescendo como um formigueiro, ele diz. Sua empresa está com vários projetos. A riqueza incrível, o impulso para criar um novo futuro. Ele está estudando mandarim. Antes do fim do jantar, já fica subentendido que ele irá levá-la para casa. Na soleira da porta, ele a beija. Uma chuva leve cai. Posso subir com você?, ele pergunta. Ela morde o lábio, evitando olhá-lo nos olhos. Sua mão repousa levemente contra o peito dele.

— Eu gostaria, mas não posso fazer isso — ela responde.

— Você tem outra pessoa?

Ela faz um sinal afirmativo com a cabeça. — Desculpe.

— Entendo — ele diz. — De qualquer maneira, eu me diverti.

Ela o observa enquanto ele caminha pela noite, virando--se e acenando para ela na esquina. No táxi, ela decidira que iria dormir com ele, mas, algum tempo depois, mudou de ideia. Por um momento, ela quase o chama de volta.

Por que ela não o faz? Por que não aceita o prazer onde pode encontrá-lo? Por que ela se reprime? Será que pensa que ser fiel irá fazer a balança pender a seu favor, ou mesmo eximi-la? Um sacrifício para apaziguar os deuses? Que, de algum modo, milagrosamente, um pequeno ato de sua parte, como puxar as pétalas de uma margarida ou evitar as rachaduras na calçada fará que as coisas no fim deem certo? Não, ela sabe agora que não pode ser assim. É tarde demais. Seja lá o que aconteça, será terrível para pelo menos um deles, talvez para todos. Como um marinheiro em uma tempestade, ela reza para encontrar terra firme.

Ela está no trabalho quando o e-mail de Harry chega. O assunto da mensagem é "Maddy sabe". Um terror momentâneo toma conta de Claire. Ela cobre a boca com a mão, um grito silencioso. Ela olha para a tela, embasbacada. Sem acreditar nas palavras, lendo-as várias vezes. Ela abre o e-mail, temendo o que verá, mas não há mais nada. A falta de informação deixa a situação ainda pior.

O que Maddy "sabe"? O quanto ela sabe? Ela responde o e-mail. Tem certeza? O que aconteceu? Onde você está? Suas palavras

desaparecem no vazio, sem a certeza de que haverá uma resposta. Não há nenhuma. Ela espera. Cinco minutos. Dez. É torturante. Ela envia outro e-mail com uma única palavra na linha de assunto "Oi?" mas, como se estivesse puxando uma corda de resgate que foi cortada, não há nada do outro lado.

Ela não consegue ficar em sua mesa. Precisa sair dali, caminhar, escapar.

— Preciso sair — ela diz a seu editor. — Voltarei mais tarde.

Antes de sair do escritório, ela para no banheiro feminino e vomita.

Já é tarde quando ela volta para casa. Ela olha para seu reflexo no espelho. Seus olhos parecem estar assustados. Seu rosto está pálido. Ela passou a tarde inteira verificando seu telefone, esperando pelo toque familiar que indica que ela recebeu uma mensagem. O medo que ela sentia antes foi substituído pela raiva. Ela se sente ignorada, à deriva, abandonada. Por que ele não escreve ou telefona? Seria tão fácil. Apenas uma palavra ou duas para oferecer con-forto, informação, orientação, absolvição. A tela a observa, sem qualquer expressão. Os e-mails de sempre chegam de amigos e colegas do trabalho, mas ela os ignora. Não são importantes, um convite para jantar durante um terremoto. Servindo-se de um copo de vinho, ela liga o aparelho de som e senta-se no sofá. Olha para a fotografia onde os dois aparecem, tirada em Montmartre. Não há nada mais a fazer.

Quando a ligação chega, já passa das nove horas da noite. Três da madrugada em Roma.

— Sou eu — ela diz.

— Por que você não me ligou? Estou enlouquecendo.

— Eu também.

— Onde você está? O que aconteceu?

— Estou em Roma — ele responde, com a voz arrastada. Ela percebe que ele andou bebendo. — Maddy foi embora — ele diz. — Ela levou Johnny.

Ele fala sobre o que aconteceu quando voltou para casa. Encontrou sua mesa derrubada no chão, e Angela gritava com ele, insultando-o em uma língua que ele não falava. Ela estava

esperando para lhe dizer o que pensava dele. Não foi difícil entender o sentido geral do que ela dizia. *Sono partiti stronzo stupido. Non si poteva tenere il cazzo nei pantaloni.* Eles foram embora, seu desgraçado maldito. Você não conseguiu deixar o pau guardado dentro das suas calças. Ela cuspiu no chão e bateu a porta antes de sair.

Ele ligou para o celular de Maddy, mas ela não atendeu. Ele não fazia ideia do que havia acontecido. Examinou o apartamento em busca de pistas. Gavetas abertas, cabides vazios. Harry endireitou sua escrivaninha e começou a recolher os papéis quando percebeu a fatura amassada do cartão de crédito. Ele fechou os olhos, sentindo a enormidade de sua estupidez lhe trespassar.

— Liguei para hotéis e amigos — ele conta. — Não consigo encontrá-los.

— Tentou ligar para Walter?

— Ainda não. Ele é meu último recurso.

— Será que saíram de Roma? Eles voltariam a Nova York?

— Não sei. É tarde demais para voar para Nova York. Eles teriam de esperar até amanhã de manhã.

— O que você vai dizer quando encontrá-los? O que você vai dizer a Maddy?

— Não sei.

— Ela sabe sobre mim?

— Honestamente, não sei exatamente o que ela sabe. Ela não responde. Por um momento, a linha fica em silêncio.

— O que vai acontecer conosco? — ela pergunta, finalmente. É a única pergunta com a qual ela realmente se importa.

Ele suspira.

— Não sei. Preciso conversar com Maddy antes.

— É claro. Entendo — ela responde. Uma tela se ergueu entre eles. Não era a resposta que ela esperava ouvir.

— Desculpe-me — ele diz. — Isso é um desastre. Preciso dar um jeito nas coisas. Já está muito tarde aqui. Neste exato momento estou cansado, ansioso, amedrontado e um pouco bêbado. Ligo ou mando um e-mail quando souber mais, certo?

Ela desliga o telefone.

— Vai se foder, Harry — ela diz, e começa a chorar.

4

EU MAL CONSEGUI DORMIR NAQUELA NOITE, depois de Maddy dizer que estava vindo para cá. Em parte, estava animado em recebê-la. Cheguei até mesmo a tirar o restante do dia de folga e corri para casa depois de seu último e-mail e comecei a organizar o lugar, arrumar as camas, ir até o supermercado e procurar comidas que um garoto de nove anos gostaria de comer. Comprei biscoitos, cereal, suco de frutas e pipoca. O que mais? Poderíamos pedir uma pizza se ele quisesse, mas Johnny estava voltando de Roma. Talvez não achasse que a comida italiana fosse tão apetitosa quanto antigamente.

Mas também fiquei preocupado. Na caixa de entrada de meu e-mail, na manhã seguinte, havia várias mensagens ansiosas que Harry enviou, tarde da noite. Maddy entrara em contato comigo? Sabia onde ela estava? Onde Johnny estava? Eu olhava para a tela, sentindo um vazio em minhas entranhas. Ficou claro que algo terrível havia acontecido. Mas eu não sabia o quê. Hesitei, ponderando se devia responder ou não, preocupado com a possibilidade de que, se o fizesse, estaria traíndo a confiança de Maddy. Finalmente, escrevi: "Maddy e Johnny estão vindo para Nova York. Ela me mandou um e-mail ontem à noite. Que diabos está acontecendo?"

Não houve resposta. Pelo menos, nada que chegasse imediatamente. Comecei a imaginar o pior.

É desnecessário dizer que ignorei o pedido de Maddy e chamei uma limusine para me levar ao aeroporto, de modo a recebê-la. Cheguei cedo, é claro, não querendo correr o risco de perdê-los. Eu os vi antes que eles percebessem que eu estava ali. Maddy parecia estar esgotada, embora ainda estivesse bonita, com os cabelos loiros emoldurando-lhe o rosto como uma auréola. Johnny estava junto dela como um refugiado de nove anos de idade.

— Você não existe — ela diz, abraçando-me. — Achei que tivesse pedido para você não se preocupar.

— Eu sei que você pediu. Desde quando ouço o que você diz? — comentei. E, depois, olhando para Johnny: — Ei, campeão. Como você está?

— Estou bem, tio Walt. Você conversou com meu pai? Maddy me olhou com uma expressão dura.

— Ora, não conversei, não — respondo. Passo a mão pelos seus cabelos e digo: — É ótimo ver você outra vez, amigão. Aposto que está cansado.

Ele faz que sim com a cabeça, sem dizer nada.

— Vocês dois devem estar cansados. Deixe-me ajudá-los com isso — digo, pegando as malas. Maddy está exausta demais para discutir, como normalmente faria. — Tenho um carro à espera na saída do aeroporto.

— Legal — Johnny diz ao ver a limusine. Pedi uma em estilo clássico, com a carroceria longa. Eu as acho vulgares, mas tinha esperança de que o carro causasse esse tipo de reação. Johnny entra no veículo, senta-se no banco que corre ao longo da lateral da limusine e começa a mexer nos copos, nas garrafas e nos diferentes botões e mostradores.

— Já andou num carro desses antes? — pergunto.

— Não — ele responde.

— Meu Deus, depois de ir à Europa, esqueci que havia carros deste tamanho — diz Maddy, rindo. — Ele é enorme.

— Eu sei. Completamente ridículo, não é?

— Sinto-me como uma estrela de rock. Ou a rainha do baile de formatura — ela comenta. Com uma expressão séria, ela se vira para mim. — Obrigada, Walter — ela diz, tocando meu joelho com a mão.

— Cone de silêncio? — pergunto.

Ela faz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Por enquanto, se você não se importar. Vamos falar sobre outras coisas. Como você está? Alguma novidade?

Percebendo a deixa, entretenho-a com as fofocas da cidade, cuidadosamente evitando qualquer comentário sobre problemas

com casamentos. Quem perdeu dinheiro, quem está bêbado, quem saiu do armário, os filhos de quais pessoas entraram em Yale e os que não entraram. Entrevistei vários deles para dar as minhas impressões à instituição, como ex-aluno. Não sei o que me surpreendeu mais, o quanto eles pareciam ser jovens ou o quanto estavam se esforçando para entrar. E não apenas com as atividades escolares, mas também com o serviço comunitário, artes dramáticas, aulas de violino, trabalhos temporários durante o verão e esportes. Sei que nunca cheguei a ter aquela disciplina ou intensidade quando tinha a idade deles.

Um dos rapazes com quem conversei não entrou, conto a Maddy. Ele frequentou uma boa escola, tinha boas notas e parecia ser simpático. Eu o avalei positivamente, mas, por algum motivo, os poderes estabelecidos no departamento de admissões encontraram uma razão para rejeitá-lo. Conto a Maddy sobre o telefonema irritado que recebi do pai do garoto, um de nossos colegas de classe, exigindo saber o que havia acontecido e o que eu iria fazer a respeito. Digo a Maddy que o departamento de admissões provavelmente ficaria feliz em aceitar o rapaz se seu pai não estivesse incluído no pacote.

— Ele sempre foi um babaca pomposo — ela diz e ri, balançando a cabeça. Fico feliz por fazê-la sorrir. Estava com uma aparência sepulcral quando desceu do avião.

Chegamos a meu prédio. Moro perto da Park Avenue, na região das ruas numeradas a partir de 70, não muito longe do velho e vasto apartamento onde meus pais moravam. Ainda corto o cabelo na mesma barbearia que frequentava quando era menino. Vou à mesma igreja na qual fui batizado e crismado, sou cliente dos mesmos restaurantes. Minha vida é definida pela geografia da minha infância. Nas ruas há garotos da minha velha escola usando gravatas e paletós, que se parecem estranhamente como eu e meus amigos éramos há várias décadas. Não é estranho que eu não sinta realmente que já estou crescendo?

Um dos porteiros nos ajuda com as malas. Apresento Maddy e Johnny a ele, dizendo:

— Hector, estes são a senhora Winslow e seu filho. Eles vão ficar comigo por alguns dias.

O porteiro lhes dá as boas-vindas e diz que acrescentará o nome deles ao livro. Ele nunca conseguirá fazer o bastante para me agradar. São os benefícios de dar boas gorjetas no Natal.

Subimos até o apartamento. Ajudo Maddy e Johnny a levarem suas malas até seu quarto, que é o lugar onde leio ou assisto à televisão na maioria das noites. O sofá se estende para se tornar uma cama de casal. Também é a minha biblioteca. Adoro este quarto. Livros, em sua maioria sobre história ou biografias, cobrem as paredes vermelhas. Gravuras militares. Nas prateleiras há soldados em miniatura, pintados. Soldados mamelucos, hussardos. Um dos meus hobbies. Tenho um apreço todo especial pela Grande Armada de Napoleão. Uma espada que pertenceu a Murat, e pela qual alegremente paguei uma pequena fortuna, está exposta sobre a cornija. Há um pequeno banheiro e um armário onde guardo algumas bugigangas, esquis antigos, casacos para o inverno e malas. Tirei várias coisas dali para abrir espaço para a bagagem de Maddy.

— Espero que vocês se sintam bem aqui — digo. — É perfeito, Walter. Obrigada.

— Vou deixar vocês à vontade para desfazerem as malas. Há toalhas limpas no banheiro. Se precisarem de alguma outra coisa, é só dizer.

Naquela noite, pedimos para entregarem o jantar.

— Acho que mataria alguém por um hambúrguer — Maddy confessa. Depois do jantar, ela coloca Johnny na cama e vem sentar-se comigo na sala. Já acendi a lareira e abri uma garrafa de um bom Claret.

Sei que não devo bombardeá-la com perguntas. Ela vai me contar. Ou não.

— Sabe, na verdade, não disse toda a verdade no aeroporto — confesso, entregando-lhe uma taça. — Harry entrou em contato comigo. Ele me mandou vários e-mails perguntando se eu sabia onde vocês estavam. Não soube o que fazer. Assim, respondi dizendo que sim, que recebi notícias de vocês e que você e Johnny

ficariam hospedados aqui. Mas não sabia o que estava acontecendo. Espero que tudo esteja bem.

Ela concorda com um movimento de cabeça.

— Sim, acho que foi o melhor a fazer. Eu realmente saí de lá às pressas.

— Essa foi a impressão que eu tive. Um tipo de decisão tomada no calor do momento, não foi?

— Pode-se dizer que sim.

— Quer falar mais sobre isso?

— Eu sabia que não podia ficar lá.

— Não havia riscos à sua integridade física, não é? Ou à de Johnny?

— Não. Nada assim.

— Então, o que aconteceu?

Ela deixa o copo sobre a mesa.

— Ele está me traindo, Walter. Fiquei desconfiada há cerca de um mês, e perguntei a ele diretamente sobre o assunto. Ele jurou que não estava. Ontem, descobri que ele estava me traindo. Que isso está acontecendo há meses. Sabe, não é nem mesmo por eu me importar com o fato de que ele está tendo um caso. O que não consigo perdoar é a mentira. Simplesmente tive de vir embora. Não sei o que eu faria se não tivesse saído de lá.

Sentamos em silêncio, olhando para o fogo. Estou absorvendo a notícia. Obviamente, também é um choque para ela. Novamente, ela me surpreende. Se eu descobrisse que a pessoa com quem estou casado há vinte anos estava me traindo, eu provavelmente desmaiaria, consumido pela autopiedade.

— Você sabe com quem ele está tendo esse caso?

— Não. Mas ele tem viajado muito. Em sua maioria, Paris, mas também Londres. Barcelona. Ele me dizia que era a trabalho. Reuniões com editoras, palestras, entrevistas. Depois, há algumas semanas, uma mulher que conheci em Nova York me enviou um e-mail dizendo que o viu em um restaurante em Paris com uma mulher mais nova, de cabelos escuros. Quando mencionei o fato, ele me disse que era uma pessoa que trabalhava na editora

francesa que publica seus livros. Não duvidei dele. Nunca mentimos um para o outro. Pelo menos, achava que não.

— Então, como você sabe que ele estava tendo um caso? Você tem alguma prova?

Ela me fala sobre a fatura do cartão de crédito, os lugares onde estive, o que comprou. A banalidade da descoberta, o descuido. Seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Eu não conseguia acreditar, mas eu sabia. No fundo do meu coração, eu sabia.

— Lamento. Mas... é de Harry que estamos falando. O seu Harry. O nosso Harry, pelo amor de Deus. Não parece ser possível. Eu nunca imaginaria algo assim, nem mesmo em um milhão de anos.

— Foi o que pensei, também. Isso mostra o quanto podemos estar errados.

— Você quer descobrir quem é? Digo, a mulher com quem ele saiu?

— Não me importo com isso. Não vai mudar nada. Talvez eu queira, em uma semana ou duas. Não estou com ciúmes. Estou furiosa, magoada, decepcionada, chocada, e, francamente, muito cansada.

— E então, o que você vai fazer?

Ela suspira.

— Não sei. Neste exato momento, vou viver um dia de cada vez. Cuidar de Johnny. Voltar a morar no apartamento. Passos de bebê. Você se importa se ficarmos aqui até tudo estar resolvido? Só até o fim do mês.

— É claro. Você sabe que não precisa nem pedir.

— Eu sei. Mas você é um velho solteirão. Não está acostumado a ter pessoas com você. Especialmente garotos de nove anos e mulheres deprimidas de meia-idade.

Eu sorri. — De modo algum. Na verdade, acho que vou gostar. Será bom ter companhia. Mas e depois? O que você vai fazer em relação a Harry?

— Ainda não sei. Isso ainda é um enorme ponto de interrogação.

— Você vai conversar com ele?

— Honestamente, não sei o que há para conversar.

Ela não é o tipo de pessoa que faz as coisas pela metade.

— Está pensando em se divorciar?

Enrijecendo, ela diz:

— Não me pressione. Ainda não pensei tão à frente.

Tudo que sei é que, neste momento, não quero pensar sobre isso. Ou nele.

— Certo. Bem, em todo caso, mantenha-me informado. Especialmente se precisar de um bom advogado.

Ela revira os olhos.

— Cale a boca, Walter.

— Estou falando sério. Se chegar a esse ponto e você precisar de alguém, espero que me deixe ajudá-la. Ou, pelo menos, encontrar alguém que seja bom para você.

— Tudo bem, prometo.

5

NOS DIAS SEGUINTEs, ACABO ME DANDO várias horas de folga, por assim dizer. Entro no escritório no fim da manhã e depois venho direto para casa por volta das treze horas para ficar com Maddy e Johnny. Saímos para passear no Central Park, onde ainda há alguns trechos cobertos pela neve e a maior parte da grama está cercada. As alamedas sinuosas. As árvores desfolhadas. O chão sob os nossos pés está começando a descongelar. Johnny escala os rochedos. Comemos cachorros-quentes e passeamos no carrossel. Os mesmos palhaços entalhados em baixo-relevo que me aterrorizavam quando eu era criança ainda cobrem os muros. Uma noite vamos assistir a um espetáculo na Broadway. Algo pueril e divertido. Johnny adora. Devo admitir que, de certa forma, também me divirto bastante. Em outra noite fazemos um pequeno banquete na região de Chinatown. Maddy me diz que a comida chinesa em Roma é horrível.

Estamos de férias. O mundo real está esperando que voltemos a ele. Estou em meu escritório quando minha secretária me avisa que Harry está no telefone. Não é a primeira vez que ele liga, ela me lembra. Não posso deixá-lo esperando para sempre.

— Walt, graças a Deus.

Não tenho certeza de como devo proceder. Minhas emoções estão em conflito. Não nos comunicamos desde que Maddy chegou. Estou furioso com ele, furioso por causa de Maddy e furioso pela nossa amizade. Ele decepcionou a todos nós. Particularmente, não estou feliz em falar com ele, e deixo meu tom de voz demonstrar o que sinto.

— Harry.

— Como eles estão? Como está Maddy? Como está Johnny? Estou ficando louco.

— Eles estão bem, dadas as circunstâncias — respondo friamente. Nunca houve qualquer dúvida sobre qual lado eu

defenderia.

Ele não reage à minha ironia.

— Walt, você precisa dizer a Maddy para atender às minhas ligações. Preciso conversar com ela. Devo ter ligado umas cem vezes.

— Não posso forçá-la a fazer nada. Maddy conversará com você quando, e se, ela quiser.

— Estou indo para Nova York.

— Quando?

— Amanhã. Por favor, diga a ela que quero vê-la. E que eu a amo.

— Eu direi, mas não sei se isso fará algum bem. Posso ouvi-lo suspirar do outro lado da linha.

— Obrigado, Walt.

— Por nada.

Desligo o telefone. Se não estivesse tão irritado com ele, me sentiria um canalha.



Ter Maddy morando em meu apartamento permite que eu me deixe levar por mais do que algumas fantasias domésticas. E se tudo isso fosse meu? E se ela fosse minha esposa? E se Johnny fosse meu filho? Minha vida teria tomado um rumo muito diferente. Quando saímos à rua, cada um de nós segurando Johnny por uma das mãos, parecemos uma família de verdade. Chego até mesmo a acordar cedo pela manhã para fazer waffles para Johnny. Estão entre os seus pratos favoritos.

Amanhã, Harry virá a meu escritório. Ele me implorou. Não a ouvi nem mesmo sussurrar o nome dele.

— Quer conversar a respeito? — pergunto a Maddy depois do jantar. O nosso novo ritual envolve comer, ler uma história para Johnny antes de colocá-lo para dormir, e depois tomar uma taça de vinho na minha sala de estar. É o cômodo de que menos gosto em minha casa. Raramente me sento aqui, preferindo a biblioteca. O lugar tem os mesmos sofás e cadeiras de seda em tom rosa-

salmão, mesas de canto antigas, quadros com paisagens inglesas, carpetes e lâmpadas que, há algum tempo, estavam no apartamento de meus pais. Claro, esta sala é consideravelmente menor do que a sala de estar deles, então tive de enfiar aqui o que podia e contratar uma empresa para armazenar o restante da mobília.

Maddy voltou a fumar. Não a culpo. Eu até mesmo fumo um cigarro ou dois com ela, ocasionalmente.

— Não, não quero — ela responde. — Obrigado por recebê-lo, eu acho. Tenho certeza de que é reconfortante para ele. Mas não estou pronta para vê-lo ou para falar com ele.

— Entendo. O que você quer que eu diga a ele?

— Diga-lhe apenas isso. Que ainda estou em choque e não consigo decidir o que vou fazer. Preciso, antes de tudo, decidir o que é melhor para Johnny e para mim.

— Muito bem — digo, fazendo uma pausa. — Importa--se se eu fizer uma pergunta a ele?

— Qual pergunta?

— Bem, quem está falando é o advogado que existe em mim, mas, neste país, presumimos que as pessoas são inocentes até que se prove o contrário.

Ela me olha diretamente, estreitando os olhos.

— O que você quer dizer com isso? Eu vi a fatura do cartão de crédito. De quais outras provas você precisa?

Ergo as mãos.

— Concordo que isso é muito sério, mas não é conclusivo. O que estou propondo é perguntar diretamente a ele se ele teve ou não um caso.

— Por quê? Eu já sei a resposta.

— Você acha que sabe. Mas... e se estiver errada? E se houver uma explicação perfeitamente simples, e tudo que está acontecendo não passar de um grande mal-entendido?

Ela se senta em silêncio, pensando no que acabei de dizer.

— Já fiz essa mesma pergunta a mim mesma milha-res de vezes. E se eu estiver simplesmente exagerando na minha reação? Mas,

toda vez, a resposta é a mesma. Não sei como explicar como sei disso. Simplesmente sei. E Deus sabe o quanto desejo estar errada.

— Assim como eu.

— E o que vai impedi-lo de mentir para você? Ele mentiu para mim.

— Não sei. Talvez nada. Mas lembre-se, não sei que ele mentiu para você. Preciso de uma confissão. Ou alguma outra maneira de provar sua culpa ou inocência.

Ela faz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Então está tudo bem para você? Se não houver nenhum outro motivo, servirá apenas para apaziguar minha alma de advogado.

— Tudo bem. Faça como quiser — ela concorda, apagando o cigarro no cinzeiro que já está cheio. — Vou dormir.

Ela se levanta e se inclina sobre mim. Seu hálito tem um cheiro forte de tabaco, e ela dá um beijo fraterno em meu rosto.

— Sei que você tem boas intenções, Walter. Pergunte o que quiser a ele. Se ele disser algo que você acha que eu deveria ouvir, sei que vai me contar. Novamente, obrigada por falar com ele. Honestamente, não creio que eu conseguiria fazer isso.



Se dependesse de mim, ele seria forçado a viajar para Nova York arrastando-se sobre os joelhos ensanguentados como um peregrino mexicano, implorando pelo perdão divino durante todo o trajeto. Mesmo assim, não seria o bastante, mas seria um começo. Sei que isso parece cruel, mas não está muito longe da realidade. Harry deveria protegê-la, mas acabou por decepcioná-la. Agora, essa função é minha. Pelo menos, estou cumprindo meu dever. Uma parte de mim simplesmente deseja esmurrar o nariz dele.

É desnecessário dizer que, desta vez, não vou ao aeroporto. Ele queria vir a meu apartamento, mas eu disse que seria melhor vir a meu escritório. Fosse dos seus encantos ou, potencialmente, dos seus punhos, eu queria a proteção oferecida pela dignidade da minha posição e dos acessórios que remetem à lei, a escrivania impressionante, as prateleiras abarrotadas de livros jurídicos, a arte

moderna ridícula que decora as paredes dos corredores, a visão ampla e aérea do centro da cidade, as recepcionistas com seu corte de cabelo em forma de capacete. Minha secretária, Marybeth, é uma criatura formidável de cuja vida pessoal me esforço ao máximo para não saber nada a respeito. Também evito lhe demonstrar qualquer afeição, para que, assim como um leão privado do consumo de carne fresca, ela aja de modo particularmente feroz com os clientes.

Ela me liga quando Harry chega. Ele é pontual, mas digo a ela para fazê-lo esperar. Não tenho nada particularmente urgente para fazer, mas quero que ele sinta a pressão do olhar felino de Marybeth. Quinze minutos mais tarde, peço a ela que o deixe entrar. É um choque revê-lo. Parece estar maltratado, como se não dormisse ou tomasse banho há vários dias. Suas roupas estão amarrotadas. Seus movimentos, naturalmente graciosos, foram substituídos por um peso que nunca vi nele.

— Obrigado por me receber, Walt. Vim diretamente do aeroporto.

Não digo nada, mas giro discretamente, impacientemente em minha cadeira, unindo a ponta dos dedos. Não me levanto para apertar a mão que ele estende para mim.

Ele a retrai e olha para mim, desconfiado, percebendo minha hostilidade, mas sabendo que sou seu único interlocutor. Ele precisa se subordinar a mim. Indico a ele que pode se sentar e ele obedece.

— Como ela está, Walt? Como está Johnny?

Não tenho interesse nas amenidades. Ergo as sobrancelhas e, numa voz calculada, ataco.

— Você fez o que Maddy pensa que você fez? Você teve um caso?

Ele não consegue olhar em meus olhos. Com um esforço, ele admite.

— Tive.

Ele abaixa a imensa cabeça. Aproveito-me daquele momento. Sei que é quase covarde da minha parte, mas não consigo resistir.

— E você disse isso a Maddy?

— Não.

— Entendo.

— Não tive a oportunidade de fazê-lo. Ela não fala comigo.

— Ela não quer falar com você.

— Mas preciso conversar com ela.

— Por que, exatamente? Qual o motivo? Lamento, Harry, mas não tenho certeza de que isso possa fazer algum bem. Você acabou de admitir para mim que teve um caso extraconjugal. Maddy me disse que fez a mesma pergunta a você no mês passado, e você negou. Você mentiu para ela. Mentiu enquanto a olhava nos olhos. Você a conhece. Ela é muito inteligente e muito perspicaz. Ela provavelmente o perdoaria se você tivesse dito a verdade... naquele momento. Você sabe o quanto a honestidade é importante para ela. Você, mais do que qualquer pessoa, deveria saber disso depois de todos esses anos.

Observo minhas palavras apunhalando-o. Fico cons-trangido ao admitir que esperava que isso acontecesse.

— Sim, sim, sei de tudo isso. Mas... pelo amor de Deus, ela é minha esposa. Johnny é meu filho. Eu a amo. Eu o amo. Amo os dois.

— Bem, você devia ter pensado nisso antes de ter um caso — digo, permitindo-me um pouco de latitude emocional. — E com quem você teve o caso, se me permite a curiosidade? — pergunto, tentando sondá-lo.

Ele não diz nada, desviando o olhar. Não insisto. Com alguma francesa, sem dúvida. Se Maddy quiser saber, descobrirei mais tarde. Temos acesso a pessoas que podem fazer esse tipo de coisa. Não é importante agora.

Ele olha para mim, com os olhos queimando intensamente. Fala em voz baixa.

— Preciso falar com Maddy, Walter. Se você não parar com essa besteira, irei diretamente a seu apartamento e vou encontrá-la.

Suspiro, pacientemente.

— Olhe, Harry, sei que você sabe onde moro. Mas por que você acha que está falando comigo em vez de estar com ela? Se ela tivesse qualquer desejo de vê-lo, seria com ela que você estaria

conversando agora, não comigo. O fato é que ela simplesmente não quer vê-lo.

— Não acredito em você.

Na minha voz mais calma, retruco.

— Francamente, estou pouco me lixando para o que você pensa. Ela pediu que eu intermediasse o problema. Não de maneira oficial, é claro. Não sou especializado em divórcios. Mas sou o advogado dela, como você sabe, e também um amigo.

— Divórcio? Ela está pensando em divórcio?

— Não sei. Mas eu não excluiria essa possibilidade.

— O que você quer dizer com isso, exatamente?

— Quero dizer que você cometeu um erro enorme.

— Sei que cometi, Walt. É por isso que estou aqui. O que posso fazer? Preciso vê-la, preciso falar com ela.

— Estamos andando em círculos neste aspecto. Você admitiu para mim que teve um caso; logo, você mentiu para Maddy. Consequentemente, você quebrou os seus votos de casamento, e, o mais importante de tudo, traiu a confiança que ela tinha em você e despedaçou seu coração. *Allegans suam turpitudinem non est audiendus* — acrescento, pomposamente.

— O quê?

— A tradução é: "Alguém que alega sua própria infâmia não merece ser ouvido."

Sei que isso é excessivo, mas não consigo me conter. Ele olha para mim, com uma expressão que é metade surpresa, metade desprezo.

— Você está dizendo que não tenho direito de falar com minha esposa? — ele pergunta. Posso ver que os músculos dele estão se retesando por baixo de seu casaco, as mãos se fechando em punhos. Sei o que ele está pensando.

— Eu não disse isso.

Ele se levanta, violentamente.

— Isso é loucura.

Não me movo. Tudo que ele quer é um pretexto para me agredir. Em vez disso, pacifico a situação.

— Não é uma questão de loucura. Olhe, não há ninguém mais triste pelo que aconteceu do que eu — digo, de forma relativamente ingênua. — A última coisa que eu queria é que vocês dois estivessem em uma situação como esta. Mas vocês estão. E, francamente, você é o culpado por tudo. Assim, se houver qualquer questionamento em relação à sanidade, deixe-me lembrá-lo, de um modo estritamente empírico, de que “loucura” foi o que você fez.

Ele volta a se sentar, derrotado. O espírito de luta o abandonou.

— Eu sei — ele diz. Depois de algum tempo, ele levanta a cabeça e pergunta: — Bem, o que você sugere que eu faça?

Neste momento fico dividido. Eu poderia lhe dar conselhos, ou mesmo algum consolo. Ou não.

— Lamento. Não sei. Tudo que posso dizer é que, se Maddy mudar de ideia, ela irá procurá-lo.

Ele absorve o golpe.

— E Johnny? Será que não tenho o direito de vê-lo?

— Novamente, não sou eu quem decide sobre essa questão.

Ele não se move. Suas mãos enormes pendem entre os joelhos.

— Meu Deus... — sussurra ele.

— Olhe, Harry, desculpe-me por não poder ajudá-lo, mas tenho outro compromisso agora — minto.

Ele levanta o rosto e olha para mim, embasbacado.

— Ah, sim. É claro — ele diz. Harry se levanta e estende a mão. Sem pensar, eu a aperto. — Obrigado por me receber. Realmente o agradeço. Posso imaginar o quanto isso está sendo difícil para você.

— De maneira nenhuma — respondo, sorrindo. — Gostaria apenas de poder ajudar mais.

— Você vai dizer a Maddy que eu vim até aqui, não é? Vai dizer a ela que quero vê-la?

— É claro.

Ele se vira para ir embora.

— Só uma coisa, Harry. Se ela, ou eu, precisarmos entrar em contato com você, onde poderemos encontrá-lo?

Ele abre um meio sorriso.

— Não sei, Walt. Não pensei nisso ainda. Achei que eu estaria com Maddy e Johnny, mas, agora, não sei. Manterei contato.

Observo suas costas largas quando ele sai. Sempre o invejei muito. Agora não o invejo mais.

6

NAQUELA NOITE, MAIS UMA VEZ, espero até depois do jantar, depois que a segunda garrafa de vinho foi aberta e os pratos foram lavados e guardados. Pergunto a ela se quer saber como foi a conversa que tive com Harry. Deve ser assim que um médico se sente quando tem de dar más notícias a um paciente. A mancha detectada no raio X era o que ambos temiam. Estas são as suas opções. Nenhuma delas é particularmente agradável. O paciente, também, não quer saber a verdade. São palavras que vão mudar sua vida para sempre, causar danos irreparáveis e destruir famílias. Não é o que eles queriam. É algo que está sendo feito contra eles. Foram traídos por aquilo em que sempre confiaram. Houve até mesmo momentos de esperança de que, a despeito do que sentiam em seu coração, tudo aquilo não passava de um enorme engano. Uma falha humana. Os testes iniciais estariam errados e eles seriam poupados.

É necessário um tremendo ato de coragem para escutar, não tampar os ouvidos, não deixar a fúria explodir, e simplesmente aceitar e agir.

— Lamento — digo depois de confirmar o pior.

Ela está com os cotovelos apoiados sobre os joelhos. Está olhando para o outro lado, como se a notícia da culpa de Harry tivesse ocorrido com outra pessoa, e como se estivéssemos falando sobre duas pessoas cuja vida está em frangalhos.

— Obrigada, Walter — ela diz, finalmente. — Acho que isso acaba com qualquer dúvida.

Ela acende outro cigarro. — Gostaria que você me fizesse um favor.

— Tudo que você quiser.

— Pode dizer a Harry que agradeço por ele ter sido honesto com você? Tenho certeza de que não foi fácil para ele.

— É claro.

— Ainda assim, ainda não quero conversar com ele. Eu assinto.
— Bem, você sabe que não pode ficar se esquivando para sempre. O que vai fazer a respeito de Johnny? Ele não para de perguntar sobre o pai.

Ela suspira. — Eu sei. Mais alguns dias, apenas isso. É tudo que peço.



Apesar de meus esforços para fazer que fiquem em meu apartamento, ela e Johnny voltam para a casa deles no início do mês seguinte. O dia está frio, encharcado pela chuva. Suponho que é a coisa certa a fazer, mas o lugar fica horrivelmente solitário sem a presença deles. Na noite seguinte à mudança, insisto em ir até lá. Sei que ela precisa de mim.

É estranho voltar àquele lugar. O apartamento ocupa os dois pavimentos de um velho prédio de poucos andares. Eles têm um jardim, o qual, de várias maneiras, sempre me pareceu uma extravagância maravilhosa, mas lembro que Harry reclamava a respeito. Eles se mudaram para lá logo depois que Johnny nasceu e o jardim estava numa situação muito ruim. Maddy contratou serviços de paisagismo, instalando cadeiras de ferro e uma mesa de jantar, assim como brinquedos para o jardim e uma caixa de areia para Johnny. “Foi a pior ideia do mundo”, resmungava Harry. “É um convite para todos os gatos da vizinhança. Eu devia colocar uma placa dizendo ‘Bem-Vindos ao Fabuloso Banheiro Felino dos Winslow’ e cobrar 25 centavos toda que eles a usassem”. Não demorou muito e a caixa de areia foi coberta por tapumes.

Apesar disso, lembro-me de passar várias noites agradáveis tomando bebidas ali enquanto Maddy preparava filés na churrasqueira elétrica. Eles tinham até mesmo um aparelho que funcionava como luminária e aquecedor, o que nos permitia ficar naquele lugar quase todas as noites, exceto as mais frias. Às vezes, éramos apenas nós; outras, alguns amigos de Harry, em sua maioria pessoas ligadas ao meio literário, que vinham compartilhar da companhia. Harry sempre adorou festas.

A casa é simples. Tem o estilo clássico de Nova York. A entrada debaixo de um passadiço, logo depois de um pequeno canteiro. À direita da porta da frente há uma pequena área para o café da manhã, onde Johnny geralmente jantava. Há uma cozinha longa e aberta que se liga à sala, na qual há um jogo magnífico de cadeiras Queen Anne e uma mesa pesada com as pernas em formato de garra e bola que ela herdou de sua avó. Mais adiante, descendo alguns degraus, uma sala de estar rebaixada. Ao longo da parede à esquerda, uma tela enorme e muito bonita do período Edo retratando uma cena do Conto de Genji. Maddy comprou-a quando Harry foi transferido para o Japão. Da sala, é possível ver o jardim através de uma enorme vidraça emoldurada. O efeito é surpreendente, agradavelmente arejado e moderno.

Certa noite, durante uma festa particularmente animada, um ator com quem tinham amizade trombou com aquela janela, quebrando o nariz e, como ele mesmo disse mais tarde, custando-lhe o papel principal em um filme. Eu não acreditaria nisso se não tivesse visto com meus próprios olhos. O ator disse que não percebeu que era uma vidraça. Harry fez uma piada, dizendo que ele era tão vaidoso que simplesmente não conseguiu tirar os olhos do próprio reflexo.

No andar superior fica seu quarto, que tem as janelas voltadas para a rua, e dois outros quartos nos fundos com vista para o jardim. Um é o quarto de Johnny, o outro é o escritório de Harry. O porão, inacabado, tem uma velha mesa de pingue-pongue, uma lavadora de roupas, uma secadora, estantes de livros e a fornalha do aquecedor. Pergunto-me como Maddy se sente ao estar aqui, agora. As roupas de Harry no armário. Fotografias. Livros. Uma caneca de café favorita. É diferente de voltar para a casa em Long Island. Assim como a minha casa, o imóvel foi cons-truído pela família dela. Ninguém mais chegou a morar ali. Quaisquer fantasmas que existiam lá eram os seus fantas-mas. Mas não este lugar. Pertencia a ela e a Harry. Remova um deles da equação e a matemática não é mais tão exata.

Harry, Harry, Harry. Mesmo agora não consigo parar de fazer referências a ele. Ele preenchia tudo.

Agora Maddy me deixa entrar. Penduro minha capa de chuva molhada em um gancho. Ela parece estar cansada.

— Oi, Walter — ela cumprimenta. — Entre. A casa está estranhamente quieta, como uma igreja numa manhã de segunda-feira. Há algo diferente também, e não é a ausência de Harry. Não percebo o que é até Maddy dizer:

— Espero que não se importe se eu não cozinhar. Não sinto a menor vontade.

— De maneira nenhuma. Podemos pedir para entrega-rem o jantar.

E é neste momento que percebo. Não há cheiro de comida, não há atividade na cozinha. Uma visita à casa de Maddy sempre atíça os sentidos, os aromas que emanam das várias panelas seduzindo o convidado sortudo. Ela estava sempre circulando ao redor de um fogão, conversando alegremente enquanto cortava cenouras ou reduzia molhos. Mas desde que soube o que Harry fez, ela não chegou nem mesmo a esquentar uma xícara de café. Olho para a cozinha. Parece-se com um cachorro triste que espera seu dono voltar.

— Oi, tio Walt — diz Johnny, correndo pelas escadas logo depois de tomar banho e vestindo seu pijama, seguido por sua antiga babá.

— Você se lembra de Glória, não é, Walter?

— É claro — respondo, cumprimentando a mulher guatemalteca com um aperto de mão. Ela ajuda Maddy a cuidar de Johnny desde que ele era muito pequeno.

— Señor Walter — ela diz, corando. Seu inglês não é muito bom. Maddy fala espanhol quase fluentemente. Meu único outro idioma é o francês, o benefício de ter uma mademoiselle por vários anos quando eu era criança. Como resultado, minha relação com Glória consiste em pouco mais do que trocar sorrisos e meneios de cabeça.

— Tenho uma grande surpresa para você — digo a Johnny.

— O que é?

Estendo dois ingressos para um jogo dos New York Rangers na semana que vem.

— Você e eu, amigão. Uma semana depois da sexta-feira. Fileiras do meio. Os Rangers vão jogar contra os Pittsburgh Penguins — esclareço.

Ele pega os ingressos da minha mão e olha para eles. Seu rosto é a imagem da decepção. — Que legal, tio Walt — ele diz. Crianças não sabem mentir.

— O que se diz?

— Obrigado, tio Walt — ele diz, dando-me um abraço morno. Em seguida, pergunta à sua mãe: — Posso deitar agora?

— É claro, querido — responde Maddy. — Subirei daqui a pouco. Gloria segue Johnny pela escadaria.

— Foi bastante estúpido da minha parte — digo.

— Não. Sua intenção foi boa.

— Eu me lembrei de que Harry costumava levar Johnny para assistir aos jogos dos Rangers. Achei que seria divertido para ele.

— Você não é Harry, Walter — ela diz. O comentário não é tão mordaz quanto parece, mas, ainda assim, é um tapa.

Vou até o bar e me sirvo de uma bela dose de uísque.

— Eu sei. Não estou tentando ser. Estava só tentando fazê-lo sorrir. Afinal de contas, ele é meu afilhado.

— Sim. Gostaria apenas que você me informasse a respeito antes.

— Ele está sentindo falta do pai. Ela acena afirmativamente com a cabeça.

— É claro que sente. Você falou com ele?

— Ele me liga todo dia — respondo. — Que tal se eu deixá-lo levar Johnny ao jogo na semana que vem? Deus sabe que não tenho o menor interesse por hóquei. Pode fazer bem a ambos.

— Deixe-me pensar a respeito.

Eu havia conversado com Harry naquele dia. Ele estava desesperado para saber o estado mental de Maddy e queria descobrir quando poderia finalmente falar com ela e ver Johnny. Como de costume, continuei adiando o encontro, esquivando-me das perguntas mais urgentes e fazendo o possível para manter ambos tão informados e surpresos quanto possível.

— Quando vou poder vê-la?

— Em breve, espero. Acho que ela está percebendo que precisa conversar com você.

— Graças a Deus.

— Não estou certo de que isso será, necessariamente, uma coisa boa. Especialmente para você.

— Não me importo. Estou enlouquecendo. Por favor, você tem de dizer a ela o quanto estou arrependido. E que estou me sentindo horrível.

— Já fiz isso. Não acho que vá resolver alguma coisa. Silêncio. Em seguida: — Eu sei.

— Por falar nisso, já conseguiu encontrar um lugar para ficar?

— Estou hospedado com Ned e Cissy. Mas você pode ligar no meu celular a qualquer hora.

— Ótimo. Espero que, da próxima vez que conversarmos, eu tenha notícias melhores para você.

— Obrigado, Walt. Você tem sido um amigo de verdade. É verdade. Tenho agido exatamente assim. A ironia é que ele pensa que tenho sido um verdadeiro amigo para ele. Como um velho ídolo das matinês, sempre que ele ouve aplausos, imagina que são para ele.



Uma semana depois, durante um jantar composto de sushi que foi trazido de um restaurante, e cerveja na mesa da sala de jantar, Maddy anuncia para mim:

— Acho que estou pronta.

— Está pronta para o quê, exatamente?

— Para ver Harry.

— Sim, sei disso. O que quero saber é: o que exatamente você está pronta para fazer?

— Ainda não tenho certeza. Seria muito fácil empurrar tudo pela beira de um penhasco neste ponto, entende? Uma parte de mim quer fazer isso, assim como uma criança não consegue evitar de chutar um castelo de areia que passou horas construindo.

— E a outra parte?

— A outra parte de mim sabe que isso não é um castelo de areia.

— Certo. Como você quer que isso aconteça? Posso ajudar?

— Pode, sim. Estive pensando muito a respeito disso. Não posso recebê-lo aqui, e não quero me encontrar em um restaurante.

— Então, onde quer encontrá-lo?

— Preciso de um lugar neutro, mas que também seja reservado. Por isso que gostaria que você me deixasse usar a sala de reuniões de seu escritório.

— É claro. Quando você quer falar com ele?

— Não há motivo para continuar adiando isso. Gostaria que você ligasse para ele esta noite e lhe dissesse para vir amanhã.

— A que horas?

— Vamos fazer isso logo pela manhã. Pode agendar a sala de reuniões para dez horas?

Confirmo com um meneio de cabeça.

— Quer que eu esteja lá com você?

— Não. Preciso fazer isso sozinha.

— Tudo bem. Estarei por perto se você mudar de ideia. Na manhã seguinte, vou cedo ao escritório e preparo tudo para o encontro. Quando liguei para Harry depois do jantar, ele ficou aliviado ao saber que Maddy finalmente estava disposta a vê-lo.

— Como ela está? — perguntou. — Preciso insistir nas orações?

— Honestamente, não sei — respondi.

— Vou arriscar.

Ele chega alguns minutos mais cedo, e, desta vez, não o faço esperar. Parece estar melhor do que na última vez em que o vi. Seu cabelo foi cortado. Seu terno foi lavado e passado, os sapatos engraxados. Parece que veio para uma entrevista de emprego. Percebo que ele está nervoso, apesar de seu sorriso amplo e do aperto de mão firme.

— Onde ela está? — ele pergunta.

— Venha comigo.

Silenciosamente, conduzo-o até a sala de reuniões. Temos muitas salas de reuniões. Algumas são maiores, outras mais íntimas. Escolhi uma das últimas. É uma sala formal. A mobília e as

pinturas inglesas nas paredes, predominantemente mostrando cavalos. Há um tapete oriental no chão. É onde frequentemente lemos testamentos. As persianas foram fechadas para manter a luz da manhã afastada.

Entramos.

— Espere aqui — digo.

Às dez em ponto, volto com Maddy. Ela está vestida com um terno de lã vermelho e uma saia. É o velho Chanel que ela usa todos os anos quando sai para almoçar com seus gerentes de investimentos. Não está usando maquiagem e o cabelo está preso. Está linda, mas com uma aparência severa.

Harry se levanta quando ela entra.

— Maddy — ele exclama, movendo-se como de costume em sua direção, mas para quando percebe que ela não quer seu abraço. É a primeira vez que me encontro em uma sala com os dois e eles não são atraídos um pelo outro como dois ímãs. Ela nem olha para ele. Em vez disso, senta-se do lado oposto da mesa.

— Obrigada, Walter — ela diz. — Se precisarmos de alguma coisa, eu o chamo.

— Podem ficar aqui pelo tempo que quiserem — digo, fechando a porta atrás de mim.

Pouco mais de meia hora depois, meu telefone toca.

— Estamos prontos — ela diz. Vou rapidamente até lá, com toda a dignidade que consigo reunir, quase atropelando dois sócios minoritários do escritório. Bato na porta e entro. Harry está pálido.

— Obrigada, Walter — repete Maddy. Ela continua sentada enquanto Harry se levanta com dificuldade. Coloco minha mão nas costas dele para guiá-lo para fora.

Quando chegamos à recepção, Harry diz:

— Eu realmente acabei com tudo, não foi, Walt?

Não digo nada. Apenas confirmo com um meneio de cabeça. O que mais se pode fazer? Mesmo sabendo de sua culpa, ainda me sinto mal por ele.

— Ela pediu a separação.

Ergo as sobrancelhas.

— Lamento — digo. — Você está surpreso?

Ele nega com a cabeça.

— Não, acho que não. Você já sabia?

— Não. Ela não disse nada a respeito.

— Realmente, ela não faria isso — ele diz, suspirando.

— Estou com ela há vinte anos e ela ainda é um mistério para mim.

— Bem, você também agiu de maneira muito misteriosa. Ele percebe a deixa e sorri, envergonhado.

— É justo.

— Quais são seus planos?

— Francamente? Não sei. Não posso nem mesmo voltar a Roma. Mesmo que eu quisesse, e não quero. Nova York é onde Maddy e Johnny estão, e preciso estar perto deles, mesmo que Maddy não queira me ver. Acho que vou abusar da hospitalidade de Ned e Cissy mais um pouco, e, depois, acho que vou procurar algum lugar para morar. Ainda tenho um livro para terminar.

— Bem, boa sorte com ele.

— Obrigado. Mantereí contato. Maddy falou algo sobre um jogo de hóquei na sexta-feira. Imagino que tenho de agradecê-lo por isso. É muito gentil de sua parte. Você sabe o quanto Johnny e eu gostamos dos nossos jogos dos Rangers.

— Não foi nada.

— Ela disse que seria melhor se eu cuidasse dos preparativos com você, se não houver problemas.

— É claro — digo. Nós apertamos as mãos. Tenho condições de ser magnânimo agora.

Eu o observo abrir as portas pesadas de vidro, dirigir-se para o elevador e partir com um último aceno, com sua cabeça leonina destacando-se entre os advogados e clientes com ternos escuros que se amontoam à sua volta. Em seguida, volto rapidamente à sala de reuniões onde Maddy está aguardando.

— Harry me disse.

Ela assente.

— Era a única resposta que fazia sentido para mim.

— Mas você não pediu o divórcio?

— Não, ainda não. A separação nos dará tempo para esfriar a cabeça e pensar em tudo o que está acontecendo.

— Como ele recebeu a notícia?

— Não tão mal — ela respondeu. — Ele chorou e me disse que estava arrependido, que me amava e pediu que eu lhe desse outra chance. Eu lhe disse que imaginava que não poderia fazer isso. Expliquei os motivos e ele ouviu. Eu lhe disse que poderia ver Johnny, mas queria que tudo passasse pelas suas mãos, pelo menos por enquanto. Espero que não haja problemas.

— Harry me disse. Não há problema nenhum.

— Tive uma sensação muito esquisita ao revê-lo. Era como se estivesse vendo um estranho. Alguém que eu não conhecia ao invés de um homem com quem passei metade da minha vida.

— Não consigo nem imaginar.

— Eu também não conseguiria. Tudo que eu conseguia ver era uma enorme mentira. Não vi mãos, olhos ou cabelos. Vi só a mentira. Ele me causou asco. Eu mal consegui olhar para ele.

Sento-me ao lado dela.

— Maddy, o quanto você conhece sobre as leis de divórcio no estado de Nova York?

— Estive lendo a respeito na internet. Sei que cada um de nós precisa que um advogado prepare os documentos e envie-os à corte. Depois de um ano, qualquer um de nós pode pedir um divórcio consensual, se ainda quisermos.

— Está correto, em parte. Mas só se você entrar com um pedido formal de separação. É isso que você quer fazer?

— Sim. Você pode me representar?

— Você sabe que o farei, mesmo que essa não seja minha especialidade. Tudo vai depender das complicações da situação. Se houver problemas em relação à pensão, direitos de visita ao filho, distribuição de propriedades ou coisas assim, tudo pode ficar bastante complicado.

Ela concorda com a cabeça.

— Entendo. Não tenho intenção de negar a Harry o direito de ver Johnny. Isso acabaria matando a ambos. Em relação a propriedades

e pensão, discuti o assunto brevemente com Harry. Não quero nada dele. Tenho meu próprio dinheiro.

— E sobre as propriedades?

— Podemos decidir isso mais tarde. Harry disse que concordará com qualquer coisa que eu peça.

— Tenho certeza de que ele o fez. Pela minha experiência, entretanto, isso é muito comum. As pessoas podem agir de forma bastante complacente no começo, na esperança de que a outra parte mude de ideia. No decorrer do tempo, as atitudes podem mudar. Eles podem ficar irritados e causar todo tipo de problema. Por isso, é bom que os advoga-dos estabeleçam tudo clara e antecipadamente. As coisas podem ficar feias.

Ela fecha os olhos por um momento.

— Tudo bem, Walter. Faça o que tiver de fazer. Eu assinto.

— E agora?

— Agora? Agora vou para casa e tentarei descobrir o que vou fazer com o resto da minha vida. Fiquei sentada ontem à noite depois que você saiu, pensando que, além de você, eu praticamente não tenho mais amigos que sejam realmente meus. Praticamente todos que eu conheço são pessoas que conheci por intermédio de Harry. Isso fez que eu me sentisse muito sozinha e deprimida.

— Você vai encontrar novos amigos.

— Ah, não é esse o problema. A questão é que uma parte tão grande da minha vida estava envolvida com a dele que não me restou quase nada que fosse realmente meu.

— Isso dificulta um pouco as coisas.

— Será? Não sei. Certamente, é assim que parece para mim.

Ela se levanta.

— Mais uma vez, obrigada por tudo, Walter. Sei que não preciso lhe dizer o quanto sou grata a você por tudo isso, e, bem, por tudo que você fez. Eu não conseguiria chegar até aqui sem você.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela me abraça. Sinto seu rosto familiar contra o meu. O cheiro adocicado em seus cabelos.

— Quer que eu vá a seu apartamento esta noite?

Ela sorri e coloca a mão sobre o meu braço.

— Não, é melhor não. Preciso começar a pensar em viver sozinha. Não posso continuar abusando de você o tempo todo.

— Entendo. Há uma palestra no meu clube sobre arte bizantina que eu estava planejando assistir, de qualquer maneira — minto.

— Certo. Bem, preciso ir embora. Estou louca por um cigarro.

Outra vez a escolto até o elevador, e nos abraçamos.

— Falo com você amanhã — digo quando as portas se fecham. Ela vai embora, levando com ela, como sempre, um pedaço do meu coração.

7

— SEU CACHORRO, FILHO DA PUTA!

— Ora, Cissy. Vá com calma. Ele teve um dia horrível.

— Ele teve um dia horrível? E o que me diz do dia que Maddy teve? Ou do mês? Já chegou a pensar nisso?

— Ela tem razão, Ned — diz Harry. — Eu mereço tudo que Cissy diz.

— Ah, cale a boca, Harry — ela sibila.

A raiva de Cissy em relação a Harry estava borbulhando desde que ele chegou. Sempre que estavam no mesmo cômodo juntos, ela o olhava de maneira agressiva e lhe dava respostas cortantes, mas, ao ouvir que Maddy quer a separação, ela finalmente perde a compostura. E fica ainda mais furiosa pelo fato de Harry simplesmente ficar sentado, recebendo seus insultos.

— Eu queria apenas que vocês dois ficassem quietos — diz Ned, com a gravata afrouxada ao redor de seu pescoço grosso. Eles estão sentados à mesa da cozinha. — Cissy, querida, Harry sabe que agiu como um idiota. Você não precisa ficar esfregando na cara dele. Não faz bem a ninguém.

— Não quero nem saber. Estou muito brava com você, Harry.

— Estou bravo comigo mesmo, Cissy.

— Precisa de um advogado? — Ned pergunta antes que sua esposa possa responder.

— Sim. Normalmente eu pediria conselhos a Walt, mas ele obviamente está do lado de Maddy.

— Você o recrimina por isso? — interrompe Cissy.

— Não, claro que não. Eu ficaria espantado se ele agisse de outra maneira.

— Bem, você mereceu — ela diz, saindo pela porta.

— Talvez eu consiga encontrar alguém para você. Um dos rapazes da empresa onde trabalho passou por algo assim no ano passado. Disse que seu advogado não era um canalha completo.

— Obrigado.

No outro cômodo, Cissy chama o nome de Ned, irritada, e fecha a porta do quarto com força.

Ned olha para Harry, revirando os olhos.

— Ela está muito brava com você — ele diz, levantando-se.

— É melhor eu ir falar com ela.

— Não se preocupe. Um casamento problemático de cada vez, certo? — diz Harry com um sorriso fraco.

Harry continua na mesa da cozinha, manipulando os frascos de sal e pimenta. Ned volta algum tempo depois.

— Cissy está brava demais com você para cozinhar. Disse que, se quisermos comer, devemos cuidar da comida.

Eu disse a ela que ela estava sendo infantil, e agora ela está resmungando e dizendo que vai dormir. O que me diz de sairmos para jantar?



No restaurante, eles pedem bebidas.

— Sabe de uma coisa? — comenta Ned. — As mulheres podem perdoar quase tudo, exceto o que você fez. E elas ficam loucas quando algo assim acontece com outra pessoa, porque têm muito medo de que isso possa acontecer com elas. Desde que você apareceu, tudo que Cissy faz é falar mal de você. Além disso, ela não para de me perguntar se estou feliz com nosso casamento, e vive me dizendo o quanto me ama. Se há um lado bom nisso tudo, meu chapa, é que estou tendo o melhor sexo dos últimos tempos — ele diz, rindo, e Harry sorri. — E então, com quem foi? — pergunta Ned, casualmente, tomando seu uísque on the rocks.

Harry sabe o que ele quer dizer. Ele se mexe em sua cadeira, sentindo-se desconfortável.

— Prefiro não dizer.

Ned ergue as sobrancelhas e agita sua mão grande, como se estivesse desanuviando o ar.

— Ah, deixe para lá. Não é importante. Mas, veja, preciso falar com você sobre um certo assunto.

— O que é?

— Bem, obviamente, Cissy está muito irritada com você. Você é o meu melhor amigo, e, se dependesse de mim, poderia ficar conosco pelo tempo que precisasse. Mas ela é minha mulher, e disse que não quer você em casa. Era sobre isso que eu e ela estávamos falando antes de eu vir com você até aqui. Você pode ficar lá esta noite, mas ela não quer mais vê-lo em casa amanhã. Lamento, cara.

— Não, está tudo bem, compreendo. Vocês dois já foram muito gentis, deixando que eu ficasse por tanto tempo. Foi uma enorme ajuda.

— O que você vai fazer?

— Não sei. Acho que vou me hospedar em algum hotel barato e procurar um lugar para alugar.

— Precisa de dinheiro?

— Não, obrigado. Acho que vou ficar bem. Ainda estou recebendo cheques. E meu agente disse que há um estúdio pensando em comprar os direitos para transformar o livro em filme, o que pode render mais algum dinheiro.

— Quando você vai saber o resultado das negociações?

— Não tenho certeza. Aparentemente, essas coisas demoram uma eternidade para ser negociadas. Eles ainda têm de calcular várias coisas, porcentagens, verbas residuais, pontos e várias outras. Sabia que muitos estúdios compram os direitos para adaptar um livro por uma quantia enorme, e nunca chegam a produzir o filme? É loucura, mas, se eu tiver sorte, devo receber notícias a respeito na primavera.

— Isso quer dizer que você vai para Hollywood?

— Não sei. Talvez. Acho que sim. Para uma reunião ou duas. Faz anos que não vou lá. Quando estava morando na base de Twentynine Palms, Maddy e eu costumávamos ir até Los Angeles de tempos em tempos. É uma viagem de duas horas, mais ou menos. Ela tinha uma prima dis-tante que morava em Brentwood. Uma velha senhora meio maluca. O pai dela foi um diretor famoso nos velhos tempos. Trabalhou com caras como Errol Flynn e Humphrey Bogart. Ela era uma velha bêbada, mas muito divertida. Estava

morando em uma casa enorme, caindo aos pedaços, com um jogador profissional de golfe que era ainda mais jovem do que nós. Havia gatos e cachorros por toda parte, e até mesmo uma tartaruga muito velha. Costumávamos ir lá para ficar com ela, e ela nos levava a festas de arromba em lugares como Venice Beach e Santa Monica.

— Ela ainda está viva?

— Não, morreu há alguns anos. Mas era uma pessoa muito divertida.

— Entendo. Bem, boa sorte. Não esqueça de me convidar para o lançamento.

— Você vai ter ingressos para a primeira fila.

Mas Harry estava sendo otimista, como de costume, em relação à situação financeira. A verdade, como vim a saber mais tarde, era que ele havia gastado uma boa parte de seus ganhos. Ele viveu por tanto tempo com Maddy, sabendo que podia contar com a renda dela para sustentar a família, que não tinha mais responsabilidade financeira do que um adolescente que recebe uma mesada. Todo dinheiro que ele conseguiu economizar foi deixado aos cuidados dos gerentes financeiros de Maddy. Como muitos investidores, eles perderam dinheiro na recente crise do mercado, mas as vendas de seu livro ajuda-ram a equilibrar a maioria de suas outras perdas.

Seus gastos por impulso sempre prejudicaram muito sua fortuna geral. O Cessna fora comprado em uma dessas ocasiões. Lembro-me de quando Ned, que era banqueiro, lhe disse que seria melhor se ele investisse o dinheiro, mas Harry simplesmente dispensou o conselho.

— Preciso desse avião, Ned. É uma promessa que fiz a mim mesmo. Além disso, ele é uma beleza.

Na manhã seguinte, Ned já saiu de casa quando Harry entra na cozinha, com a mala arrumada. Cissy está em pé ao lado da pia, usando um longo roupão de banho e olhando pela janela, tomando uma xícara de café.

— Desculpe por incomodá-la, Cissy. Estou de saída. Ela não diz nada, mas ergue o queixo um pouco mais.

— Obrigado por me deixar ficar. Quando cheguei, eu realmente esperava que as coisas fossem acontecer de uma forma diferente. Acho que eu estava errado em relação a várias coisas. Eu só queria lhe dizer que, seja lá o que tenha havido, ainda amo Maddy e farei tudo que puder para consegui-la de volta.

Sem olhar para ele, ela comenta:

— Por que os homens agem assim? Por que eles têm de cagar na vida das outras pessoas simplesmente porque que-rem ir para a cama? — Em seguida, ela se vira para ele. — E então? Pode responder a isso? Foi o que você fez. Por quê?

— Eu... eu não sei — gagueja Harry.

— Como pode não saber? Seu casamento significava tão pouco para você, a ponto de cair na cama com alguma vagabunda sem qualquer motivo?

— Não. É mais complicado do que isso.

— Complicado? O quanto isso é complicado? Parece algo muito simples para mim. Você era casado. Com Maddy, entre todas as pessoas, pelo amor de Deus. Ela não era bonita o bastante? Não era gentil o bastante? Não era uma mãe suficientemente boa? Não era suficientemente rica? Diga, o que ela não fazia por você, para ter de procurar em outro lugar? Diga-me. Eu realmente quero saber.

— Não, Maddy fazia tudo por mim.

— Então, qual foi o motivo? Você queria mais? Não era suficiente ser um escritor de sucesso, um pai e ter amigos que o amavam? Com uma esposa que o idolatrava? Você pensou que era especial demais para viver segundo as mesmas regras que se aplicam às outras pessoas? Ou talvez você simplesmente não pensou no impacto que suas ações poderiam causar? Que seu egoísmo destruiria tudo? É assim que uma criança pensa, Harry. Não como um homem adulto pensa.

Ele não é capaz de dizer nada.

— Você me dá nojo. Por Deus, por que não vai logo embora? Ela tem lágrimas nos olhos.

Naquela tarde, Harry me telefona.

— Só queria lhe dizer que já saí do apartamento de Ned e Cissy — ele diz. E informa que encontrou um quarto em um hotel barato na região das East Twenties. Nunca ouvi falar do lugar. — Está cheio de famílias alemãs — ele diz.

— Sou o único hóspede que não calça sandálias Birkenstocks e carrega uma mochila.

— Caso eu precise encontrá-lo, quanto tempo você está planejando ficar aí?

— Não sei. Custa cerca de duzentos dólares por noite, então não é tão ruim. Vou começar a procurar um apartamento hoje mesmo.

— Lembre-se, precisa ter um quarto para o Johnny — digo a ele. — Caso contrário, o juiz não vai deixá-lo ficar com você.

Alguns dias depois ele me telefona novamente. Desta vez, dizendo que encontrou um apartamento de um quarto em Murray Hill, perto do túnel. O jogo de hóquei será na noite seguinte. Ele me pergunta o que deveria fazer. Seria melhor pegar Johnny em casa? Digo que vou perguntar a Maddy e que voltarei a ligar assim que souber.

Disco o número dela e espero até que a mensagem termine de tocar. Conheço Maddy. Ela odeia o telefone e nunca se incomoda em atendê-lo.

— Maddy — digo. — Maddy, sou eu. Se você estiver aí, por favor, atenda.

— Alô, Walter.

Como eu imaginava, ela estava esperando ao lado do telefone, decidindo se deveria ou não atender.

— O jogo de hóquei é amanhã à noite. Harry quer saber se pode ir buscar Johnny em casa. Se você não se sentir confortável com isso, posso levar Johnny ao Madison Square Garden.

Ela suspira.

— Não, está tudo bem. Você não precisa ser meu garoto de recados. Diga-lhe que ele pode vir.

— Tudo bem. Que tal se eu levá-la para jantar enquanto eles estiverem no jogo?

— Obrigada. Eu gostaria muito.

Na noite seguinte chego ao apartamento de Maddy às quinze para as sete. Harry vai chegar às sete em ponto.

— Entre — ela diz, oferecendo-me o rosto. Johnny me lança aquela expressão de decepção quando vê que, novamente, não sou seu pai. Está vestido com sua camisa oficial dos Rangers. Passo a mão pelos seus cabelos. — Divirta-se hoje, rapaz.

— Vá preparar um drinque, Walter — diz Maddy.

— Boa ideia. Quer que eu lhe traga alguma coisa?

— Não, obrigada.

Vou até o bar e preparo um martíni.

A campainha toca.

— Papai!

Johnny dispara em direção à porta e pula nos braços de seu pai.

— Papai, papai!

Harry abraça o filho com força, tirando-o do chão, enterrando o rosto em seu pescoço.

— Johnny — sussurra ele. — Senti muitas saudades.

— Senti saudades de você também, papai. Você vai ficar com a gente, não é?

Harry olha para Maddy e coloca Johnny no chão. Curvando-se de modo que seus olhos estejam no mesmo nível dos de seu filho, ele o pega pela mão e diz:

— Bem, não posso, amigão. Ainda tenho de terminar algumas coisas em Roma. Vim para cá só para ver você, e... tenho de voar de volta logo depois do jogo.

— Ah.

— Johnny, vá pegar seu casaco — diz Maddy, colocando uma das mãos no ombro do filho. — Você não vai querer se atrasar para o jogo.

O garoto corre para o andar de cima, dizendo:

— Já volto, papai.

— Você não disse a ele.

A voz dela é fria como o gelo.

— Não. Achei que seria melhor se partisse de você.

— De mim? — ele pergunta, desviando os olhos e depois focando-os em seus sapatos, reprimindo suas emoções, sabendo

que não tem direito de protestar. — Bem, se é isso que você quer.

— É, sim. Ele vai dizer que a culpa é minha se eu lhe contar que você não vai mais morar aqui. Eu não sou a vilã dessa história, e não pretendo ser. E, francamente, não estou a fim de agir como aqueles pais que fingem ter um casamento unido. Sempre parece algo muito desonesto.

— Entendo. Ah, por falar nisso, olá. Você está linda.

— Obrigada.

— Oi, Walt.

— Harry.

— E então, tem alguma ideia sobre o que quer que eu diga a ele? — sussurrou Harry.

— Você é o escritor. Tenho certeza de que vai conseguir pensar em alguma coisa.

Ele bufa, estendendo o lábio inferior e faz um movimento afirmativo com a cabeça.

— Tudo bem.

Johnny desce as escadas correndo, saltando antes de pisar nos dois últimos degraus e atingindo o chão com força. Poucas coisas parecem deixar garotinhos mais ale-gres do que o ato de fazer barulhos fortes.

— Tudo pronto!

— Certo, campeão. Vamos nessa.

— Tchau, mamãe. Tchau, tio Walt.

— Tchau, querido. Divirta-se no jogo.

A porta se fecha atrás deles. Maddy se vira para mim e diz:

— Você pode fazer aquele drinque para mim agora, Walter.

Estamos sentados na sala de estar, com o jardim às nos-sas costas. Maddy está fumando. Quando Johnny está em casa, ela geralmente vai até alguma área ao ar livre.

— Eu não sabia que seria tão difícil — ela comenta.

— Não sabia que havia alguma coisa que pudesse ser tão difícil assim.

Há lágrimas em seus olhos.

— Diabos — ela diz, enxugando-as com a palma da mão. — Não quero chorar.

— Não chorou nem uma vez?

Ela nega com a cabeça.

— Não. Não como sei que precisaria.

— Talvez você devesse.

— Eu estava tão furiosa que não sentia vontade de chorar. Mas quando vi Johnny com Harry, senti uma tristeza enorme. Tínhamos uma família, você entende? Éramos felizes. E agora, nada disso existe. Não é justo. Simplesmente não é. Como ele foi capaz de fazer isso?

Eu me levanto e ofereço meu lenço a ela. Ela assoa o nariz.

— Não sei, Maddy. Realmente não sei. Claro, esse tipo de coisa acontece o tempo todo. Simplesmente nunca imaginei que aconteceria entre você e Harry.

Ela inclina a cabeça para trás, por sobre o encosto da poltrona.

— Ah, que merda. Eu estava tentando ser forte. Forte por Johnny, forte por mim mesma, e, de certa maneira, forte por Harry também.

— Será que você foi forte demais?

— Não sei. Talvez. Afinal, o que alguém faz quando está em uma situação como esta? Meu pai se divorciou três vezes, mas nenhuma delas chegou realmente a ser um casamento. Eu era jovem demais para me lembrar da minha mãe. Sua segunda esposa... você se lembra dela? Nancy? Meu Deus, ela era uma bruxa. Não consegui esconder minha alegria quando ela saiu de casa. E a terceira esposa, Ingrid, chegou e saiu enquanto estávamos na faculdade. Eu mal cheguei a conversar com ela.

Eu me lembrava das duas últimas esposas. As duas eram bonitas, mas tão desregradas quanto o pai. A vida delas parecia um ciclo infinito de ingestão de bebida e comprimidos. A segunda esposa era famosa por dormir com outros. Maddy tinha até mesmo um apelido para ela: "Bicicleta", pois todo mundo conseguia lhe montar em cima.

— Não existe um guia passo a passo. Você tem de fazer o que acha ser o certo para você. E para Johnny. Você está irritada com Harry. Além disso, você não sente que pode voltar a confiar nele, e não sente que pode continuar casada com ele.

- Acho que sim.
- Você realmente se importa com o fato de que ele teve um caso, não é?
- É claro que sim.
- E por ele haver mentido a respeito?
- É claro que sim.
- Então, não seja tão dura consigo mesma. Não foi você que causou isso.
- Bem, é isso que fico perguntando a mim mesma. E se foi algo que eu fiz? Afinal, sei que não dormíamos jun-tos tanto quanto costumava acontecer, mas Harry nunca reclamou disso.
- E se o sexo fosse a única coisa que ele queria? Os homens passam pela crise da meia-idade. Poderia ser o caso dele.
- Sabe, acho que não me importaria se fosse só o sexo. Mas ele mentiu para mim, Walter. E, às vezes, parecia estar muito distante. Lembra-se quando você foi passar o Natal conosco em Roma? Você sentiu que havia algo errado, mas eu não estava preparada para admitir. Eu imaginava que aquilo tinha a ver com seu livro e com o fato de estar morando em Roma.
- Eu me lembro.
- O que realmente me irrita é a possibilidade de que ele tenha se apaixonado por outra pessoa.
- Não digo nada. É uma ideia inconcebível para mim. — É a única justificativa, não é? — ela prossegue. — Afinal, não foi um episódio isolado. Ele estava viajando o tempo todo e mentindo a respeito. Eu não me importaria tanto se fosse apenas um caso que aconteceu durante uma noite, ape-nas. Mas isso já vinha acontecendo há vários meses.
- Como você sabe que não era alguém que ele conheceu em Roma? Ninguém sabe quem era a mulher. Eu não bisbilhotei porque você não parecia estar muito interessada. Posso descobrir, se você quiser.
- Não, não é necessário, Walter. Eu mesma cuidarei disso quando sentir que estou pronta.
- E como você pretende fazer isso?

— Simplesmente perguntarei a Harry. Ele está se sentindo tão podre que acho que ele vai me contar qualquer coisa que eu queira saber.

— E como saberemos que ele ainda não está saindo com essa mulher? Se ele tivesse algum sentimento por ela, você acha que ele a dispensaria tão facilmente?

— O Harry que eu conheço é um romântico, e também um pouco idiota. Portanto, sim, é possível que ele ainda a esteja encontrando. Ele faria isso até mesmo por sentir um senso de obrigação. E o que poderia impedi-lo? Afinal, pedi a separação. Ele não precisa mais fazer nada às escondidas.

— Conversei com Ned há alguns dias. Ele estava hospede-dado lá, você sabe.

— Sim. Estive conversando com Cissy.

— Então você sabe que ela o botou para correr de lá.

— Não foi sugestão minha. Cheguei até mesmo a pedir a ela que o deixasse ficar, mas ela não conseguiu suportar a ideia. Acho que ela ficou mais irritada com ele do que eu.

— Imagino. Bem, Ned me disse que Harry está genuinamente arrasado. Ele nunca saiu da casa deles à noite, e mal colocou os pés para fora de lá durante o dia.

— E o que isso quer dizer?

— Isso quer dizer que ele não estava se comportando exatamente como um marinheiro de licença. Se ele estivesse apaixonado por alguém, estaria com essa pessoa, onde quer que ela estivesse, em vez de ficar enfurnado no apartamento de Ned e Cissy.

Ela apaga seu cigarro.

— Não sei. Talvez. Olhe, estou cansada de falar sobre isso. Achei que você houvesse dito que ia me levar para jantar.

Eu tive uma quantidade razoável de experiências românticas com mulheres no decorrer dos anos, mas, em sua maioria, elas passaram longe da minha vida, distantes como as estrelas. Isso acontecia mais quando eu era mais novo e quando as garotas da minha idade e classe social estavam à caça de companheiros adequados. Não tenho dúvida de que a mãe de algumas delas as

conveneu de que eu era um bom partido. Quase fiquei noivo de uma garota certa vez, chamada Ágatha, ou Aggie, como era conhecida. Tinha belas pernas e um belo sorriso, e acho que ela gostou da ideia de se tornar a sra. Walter Gervais. Ou, pelo menos, da parte que incluía uma casa grande na região das Hamptons, um nome proeminente, os clubes certos e muito dinheiro.

Ela não era gananciosa. Teve uma criação boa demais para ser assim, mas, naquela época, eu já tinha experiência suficiente com o direito empresarial para reconhecer uma aquisição potencialmente hostil quando via uma. Em vez de me ajoelhar a seus pés e pedir sua mão em casamento, como ela esperava que eu fizesse, viajei para longe — para visitar Maddy e Harry, na verdade — e, quando voltei, disse a ela que talvez fosse melhor se começássemos a sair com outras pessoas. Ela recebeu a notícia moderadamente bem. Percebi que ficou decepcionada, com todos aqueles belos desejos se transformando em nada, mas não chegou a ficar com o coração partido. Eu a vi vários anos depois. Estava morando em Darien, tinha três filhos e havia se casado com alguém que trabalhava em Wall Street. Seu cabelo estava mais loiro e ela parecia estar jogando golfe com bastante frequência. Ficou claro que ela conseguiu o que queria e não tinha ressentimentos em relação a mim.

— E você, Walt? — ela perguntou. — Como está? Ainda tem aquela bela casa?

Eu disse a ela que sim.

— E filhos?

— Não, infelizmente não. Ainda estou procurando a garota certa, suponho.

Ela me deu um pequeno sorriso condescendente. Era uma mistura de vitória e compaixão.

— Coitado de você. Bem, não posso dizer que estou surpresa. Você certamente não estava muito interessado em se casar.

Era verdade, é claro. Imagino que essa foi uma das principais razões por eu não ficar muito incomodado quando percebi que havia passado dos quarenta e ainda era solteiro. A ideia de me casar com outra pessoa era impensável. O que mais me

incomodava em namorar alguém era o fato de sempre ser capaz de ver o fim do relacionamento. Depois de algum tempo, não me parecia fazer qualquer sentido, e talvez fosse até mesmo um pouco cruel deixar alguém estabelecer laços que fatalmente seriam quebrados depois de algum tempo.

Nem todas as mulheres com as quais me relacionei receberam a notícia tão bem quanto Aggie. Era frequente haver lágrimas e recriminações. Os protestos. A raiva. Algumas garotas chegaram até mesmo a terminar o relacionamento comigo antes que eu o fizesse, mas raramente havia alguma objeção da minha parte além das boas maneiras. A razão, é claro, era o fato de que nenhuma daquelas garotas era Maddy. Seria esperar demais que alguma delas fosse. Assim, chegou um momento em que eu simplesmente parei de tentar encontrá-la em outras pessoas.

Como resultado, realmente não fazia ideia do significado envolvido em terminar o relacionamento com alguém que você ama. Maddy e eu nunca fomos um casal, então não havia o que terminar. Baseado na minha compreensão limitada, eu podia apenas imaginar a agonia que ela e Harry estavam atravessando. Mas Maddy e eu ainda éramos amigos, e era aquilo que mais importava para mim, atrás apenas da felicidade dela. Também não sabia o que passava pela cabeça de Harry quando ele pensava em Claire, embora, neste ponto, ainda não soubesse do seu envolvimento.

O que Harry iria fazer? Como conseguiria sair dessa situação? Será que queria sair dela? Conforme pensava nisso posteriormente, ele estava preso entre duas mulheres. Uma a quem havia traído e que agora o desprezava mas que, de acordo com a minha crença, ele ainda amava. A outra era sua amante. Ambas eram bonitas e ambas eram importantes para ele. Será que lutaria uma batalha desesperada para reconquistar sua esposa, ou aceitaria que a vida muda e assumiria o relacionamento com a outra? Os riscos eram grandes. Se escolhesse Maddy, poderia perder ambas. Se escolhesse Claire, perderia Maddy para sempre. Isso o deixaria feliz? Bem, sei qual escolha eu faria.

8

HARRY PERAMBULA PELAS RUAS. Parando em frente a algumas vitrines, entrando em alguns lugares para tomar café, às vezes uma bebida, olhando as estantes das livrarias. É um homem à deriva. Pela primeira vez em sua vida, Harry não sabe para onde ir. Sua falta de rumo, sua perda. Eu só consegui juntar as peças mais tarde.

Ele passa em frente ao prédio onde Claire mora. Não pela primeira vez. Vai até lá durante o dia. Sabe que ela não está lá. Não há chance de ela sair pela porta. Está trabalhando. É por isso que ele está aqui. Ele repete as palavras em sua cabeça. O que dirá a ela. Os diferentes cenários. Desculpe-me. Não posso mais viver assim. Você tinha razão. Vamos fugir. Para algum lugar no México onde não poderão nos encontrar. Panamá. Preciso ficar com meu filho. Eu amo minha esposa. Eu amo você. Não sei o que fazer. Nunca estive tão confuso em toda a minha vida. Perdoe-me. Uma de vocês. Vocês duas.

Ele vai até ali todos os dias, aliviado por sua presença não ter sido descoberta. A única pessoa que o reconhece é o homem na confeitaria. Olhos astecas, um dente de ouro. Dois torrões de açúcar, nada de leite. Em seguida, ele anda ao redor do quarteirão. Mais uma vez. Todas as vezes, olha para cima, na direção da janela de Claire. Lembrando-se do que aconteceu naquele quarto, naquela cama. Sacra-mentando os eventos em sua mente. Imaginando o rumo que sua vida tomou. Ainda está frio. As árvores estão nuas, os prédios, cinzentos. Montes endurecidos e enegrecidos de neve insistem em se acumular sobre a calçada. Todos os dias ele faz sua peregrinação. Não há ninguém agora. Ninguém o ama. Não tem ninguém que o abraça. Preciso de você. Preciso de alguém. Mas não de qualquer pessoa. Não, não pode ser assim, ele pensa. Ele precisa de carinho, amor, aceitação e perdão.

Certa vez, quando vai até lá, ele acha que a vê e entra em pânico, sem saber o que dizer ou fazer. Mas não é ela. Ele sabe que, se quiser vê-la, tudo que precisa fazer é vir até aqui mais cedo. Mas não é por isso que ele está aqui. De certa maneira, é suficiente observar o prédio. É como jogar um jogo de azar. Viro uma carta, mas quais são as chances de vencer? Ele está sendo covarde. Estou começando a detestá-lo.

Quando telefona para ela, a chamada é inesperada.

— Oi, sou eu.

Ela está trabalhando.

— Harry?

— Sim.

— Graças a Deus. Estive muito preocupada. Está tudo bem? Como você está? Onde você está?

Ele estava preparado para um acesso de fúria. A ausência o surpreende, o estimula.

— Estou bem — ele responde. — Estou em Nova York. Como você está?

— Posso vê-lo?

— Eu iria gostar muito.

— Hoje?

— Não posso vê-la hoje. É a noite em que vou sair com Johnny.

— Amanhã?

— Amanhã.

— Venha a meu apartamento às oito.

Na noite seguinte, ele está de volta àquela rua familiar. Ficou longe dali durante o dia. Já passam alguns minutos das oito horas. Desta vez, em vez de passar do outro lado da rua, ele vai até a pequena escadaria e aperta o inter-fone. Um momento depois ouve o ruído que abre a porta, e entra. Sobe pelos degraus familiares.

Ela está na porta. Como ele deve cumprimentá-la? Fazendo uma piada? Dando-lhe um beijo recatado? Tomando-a nos braços? Momentos como esses são cruciais. Eles revelam tudo. Se estivesse no lugar dele, escolheria o beijo recatado. Mas não estou lá. Nunca poderia ser assim.

É um momento de confusão. Nenhum dos dois sabe o que o outro está pensando. Em pé sob o batente da porta, metade para dentro, metade para fora. Lembranças do corpo dela. Respiração compartilhada. As mãos dele. Uma atração poderosa e irresistível.

Ele a abraça, sem dizer nada. Lembrando-se de seu aroma, do toque de seus cabelos. As batidas de seu coração. Ela o agarra com força, mergulhando nele. É impossível dizer se é uma recepção ou uma despedida.

A boca de Claire encontra a de Harry. Seus lábios se tocam. Novamente, ele é incapaz de resistir.

— Ah, meu Deus, senti tanto a sua falta — ela diz.

— Eu também.

Roupas são arrancadas, promessas são destruídas. É demais para ele, e Harry sucumbe. Ela, também, não tinha certeza de como iria reagir. Ficou irritada com ele, ferida pela sua ausência. Sentindo-se uma idiota. Pior, sentindo-se uma cadela. Descubro tudo isso muito depois, quando ela me conta.

Depois, eles estão na cama. Ele está falando. Descreve o que aconteceu com sua vida, com a vida de todos nós. A fúria de Maddy, sua fuga de Roma, sua decisão.

— O que você vai fazer? — ela pergunta.

— Não sei. Não tenho certeza de que exista algo que ela quer que eu faça. Não acho que ela quer que eu lute para tê-la de volta. Acho que ela me quer fora de sua vida.

— E o que você me diz sobre isso? Você quer sair da vida dela?

— Não. Há muitas coisas envolvidas. Muitos anos juntos. Johnny. Ela nunca estará fora da minha vida. Seria impossível.

— Você ainda a ama?

— É claro que sim. Nunca deixei de amá-la. Nunca deixarei.

Ela fecha os olhos.

— Você me ama?

— Sim. Amo vocês duas. Isso é errado?

— Maddy parece pensar que sim.

— E você, o que pensa?

— Eu nunca pedi a você que amasse só a mim. Nunca quis competir com Maddy. Eu o amava tanto que queria que você me

amasse também, mesmo que só um pouco.

Ele a puxa gentilmente em sua direção e beija sua testa.

— Eu a amo mais do que só um pouco — ele diz.

Pela manhã, ele acorda antes. É sábado. Do lado de fora, a neve cai, mansamente. Os flocos derretem no impacto. Claire dorme nua a seu lado, roncando suavemente, com as mãos sob a cabeça. Harry não quer incomodá-la, então fica deitado ali. Mais tarde eles sairão para tomar o café da manhã. Normalmente ele se levantaria e iria diretamente para a cozinha, faria o café e depois iria a seu escritório trabalhar. Mas não há mais nada normal. No período de algumas semanas, tudo ficou de cabeça para baixo. O escritório em Roma não existe mais, o escritório em Nova York também não. Sua antiga vida é um sonho. Ele é um exilado. Em seu apartamento alugado, cinco lances de escada acima do nível da rua, está seu notebook, praticamente intocado, deixado em cima da pequena mesa da cozinha. Dentro dele há um livro, no qual ele às vezes reluta em voltar a trabalhar. Muitas coisas mudaram, muitas das suas próprias circunstâncias mudaram.

Será que está surpreso por se encontrar nessa situação? A mulher a seu lado não é sua esposa, não é a mãe de seu filho. Mesmo assim... mesmo assim, há algo nesta garota que é tão importante para ele que Harry está disposto a jogar tudo fora. Será ela? Ou algo que ele quer ver nela? Sim, ela é linda, mas não tão linda quanto Maddy. Sim, ela é inteligente, mas Maddy tem sabedoria. Será que ela é tão generosa quanto Maddy? Tão gentil? Tão indômita? Sei que ela é mais jovem. Não conhece a familiaridade trazida depois de duas décadas de casamento. Não ouviu todas as piadas dele, não conhece todas as suas histórias ou humores. Para ela, Harry ainda é uma terra a desbravar, onde até mesmo as rotinas e os rituais mais corriqueiros parecem inacreditáveis.

E por que ela o escolheu? Ela pode ser jovem, mas não é uma criança. Ela é ambiciosa, isso é certo. Há inúmeros outros homens que aceitariam alegremente tomar o lugar de Harry na cama. Muito disso se deve à oportunidade. Quantos outros escritores premiados ela conheceu? Para ela esse foi o principal círculo, a mesa entre os

maiores do ramo. Não era suficiente estar com um homem rico. Clive lhe ensinou isso. Não, ela observou aquelas mercadorias e achou que não eram boas o bastante. Não queria simplesmente ser um apêndice. Tinha seus próprios sonhos.

E foi então que conheceu Harry. Ainda bonito. Vivaz. Bem-sucedido, altamente respeitado. Como poderia não se apaixonar por ele? Harry era tudo que ela queria. Haveria um breve escândalo se ele trocasse sua esposa por Claire, mas, nos círculos literários, essas trocas não chegam a causar alvoroço, e qualquer antipatia logo acabaria por se dissipar. Os jantares, as festas, as portas abertas. Talvez até mesmo escrever seu próprio livro? Eles seriam felizes juntos, ela conseguia prever. Começou até mesmo a imaginar o que as pessoas escreveriam a seu respeito quando a biografia de Harry fosse elaborada. Que papel a história lhe reservaria? Destruidora de lares, parceira, amante, salvadora, ou apenas uma nota de rodapé antes que ele se envolvesse com outra mulher.

Mas tudo isso ainda é apenas uma fantasia. Ela precisa que ele corte os laços. Essa não era sua intenção original, mas, agora, parece ser a única solução. Só assim ela e Harry poderão ser felizes.

Sentada de frente para Harry em uma mesa num restaurante próximo, ela pergunta:

- Maddy sabe sobre mim?
- Não. Ela não perguntou, e eu não contei.
- Você contaria?
- Você quer que eu conte?

Ela pensa naquilo por um momento. Será que essa seria sua vida? Sentada à sua frente todas as manhãs, observando-o tomar seu café e comer seus ovos? Ela se lembra de que Harry gosta de temperá-los com tabasco.

— Não sei — ela responde. — Não quero que você minta, se ela perguntar.

- Não, já houve mentiras demais.
 - Deixe-me contar a ela.
- Ele a observa fixamente.

— Você não pode estar falando sério.

— Estou sim. Não quero que ela o odeie mais do que já odeia. Eu mereço um pouco desse ódio também.

— Não. Tem de partir de mim.

— Escute o que estou dizendo. Faz sentido. Pode até mesmo fazer que as coisas melhorem. Se eu falar com ela e for honesta, ela pode se ressentir, mas vai respeitar a verdade.

Ele toma as mãos delas nas suas.

— Obrigado. Mas é impossível. Eu nunca lhe pediria para fazer tal coisa. E também não iria querer que isso acontecesse. Seria covarde. A responsabilidade é minha. Quando a hora chegar contarei a ela, mas não antes. Por favor, entenda.

Ela assente.

— Entendo.

Uma semana depois, ela está tocando a campainha da casa de Maddy. Está chovendo muito. É o tipo de chuva que faz que seja inútil usar um guarda-chuva. Ela sabe que Harry ficará irritado quando descobrir. Mas é tarde demais. Ela não voltou a tocar no assunto durante o fim de semana. Esperou para ver o que ele faria. Se ele mesmo tomaria uma atitude. Quando ficou claro que ele não faria nada, ela decidiu que chegara sua hora de agir.

Está nervosa. Seus passos ficaram vacilantes conforme se aproximou. Por um momento, quase virou as costas e fugiu. Seria fácil encontrar uma desculpa. Algum problema no trabalho. Vamos tentar algum outro dia?

A porta se abre.

— Claire — diz Maddy, beijando-a no rosto. — Entre.

Coitada, você está encharcada.

Claire entra.

— Venha — diz Maddy. — Deixe-me cuidar disso —, ajudando Claire a tirar seu casaco e pendurando-o em um gancho. — Não acredito que faz tanto tempo que nos vimos. Você está linda. Adorei seu cabelo.

Claire enrubesce e sorri.

— Obrigada. Esqueci que você ainda não havia visto.

— Fiquei muito feliz com seu telefonema.

— Obrigada por me deixar vir até aqui.
— Ora, não seja tola. É exatamente do que eu precisava. É maravilhoso vê-la novamente.

Maddy desaparece pela porta da cozinha.

— Posso lhe trazer um pouco de café? Ou você prefere chá?

— Chá seria ótimo.

— Não demoro. Fique à vontade. Claire continua em pé.

— Adoro sua casa.

— Obrigado. É uma pena que a chuva esteja tão forte.

Quando o tempo está bom, é ótimo poder ficar no jardim.

— Como está Johnny?

— Ele está muito bem. Parece feliz em estar em Nova York. Seu velho quarto, seus velhos amigos. Você sabe como as crianças são. Bem, aqui está.

Maddy surge com uma pequena bandeja de prata, na qual há uma chaleira de porcelana, duas xícaras que fazem parte do mesmo conjunto, um pote de creme e o açucareiro. Maddy tem vários jogos de porcelana chinesa que herdou de sua avó. Seria o conjunto Spode? Creio que sim.

— Espero que goste do chá de Lapsang. Parece adequado para uma tarde como esta.

Ela serve o chá e o aroma fumegante enche a sala. Claire fica feliz com aquela distração. Sua mão treme quando ela ergue a xícara delicada.

Elas estão na sala de estar rebaixada. Do lado de fora a chuva bate contra o vidro, tamborilando nas pedras do terraço. Claire fica novamente maravilhada pela beleza de Maddy, por sua postura. Sua decência. Faz que ela se sinta insignificante. E, agora, em dobro.

— Então, me fale sobre você — diz Maddy. — Como tem passado?

— Bem. Tudo está indo bem em meu trabalho. Fui pro-movida. O salário melhorou. Consegui alugar meu próprio apartamento.

— Ah, sim. Walter disse alguma coisa a respeito. Disse que vocês saíram para tomar um drinque no outono.

— Iríamos sair outra vez na primavera, mas houve um imprevisto. Como está Walter?

— Do mesmo jeito de sempre, que Deus o abençoe. E a vida amorosa? Algum progresso nessa área?

— A situação está complicada.

— Ah, acredito. Não é sempre assim? — Maddy ri. — Por falar nisso, não sei se você já ficou sabendo, mas Harry e eu estamos separados.

Claire faz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Sim, eu sei. Você não sabe o quanto fiquei triste com isso.

— Obrigada. As coisas não estão fáceis.

Claire respira fundo.

— Maddy, há algo que preciso lhe dizer. Foi por isso que quis vê-la hoje.

— O que é?

— Não sei como vou dizer isso, então simplesmente vou ser direta.

Os olhos de Maddy se estreitam. — Ser direta? Como assim?

— Ah, meu Deus — suspira Claire. — Eu lamento, lamento muito.

Os pelos na nuca de Maddy se eriçam. Ela sabe o que Claire vai dizer poucos instantes antes de ela falar, e fecha os olhos. Não quer ouvir. É dolorido demais.

— Maddy, Maddy. Sou eu — continua Claire. — Fui eu quem destruiu tudo. Sou eu quem está tendo um caso com Harry. Desculpe-me.

Ouvir aquelas palavras deixa as coisas ainda piores do que imaginá-las. O rosto de Maddy fica branco. Os músculos em seu queixo se retesam, e ela fica sentada, atordoada, em silêncio, sem mover um músculo. Claire se inclina para a frente, temerosa, ansiosa. Tentando diminuir de tamanho.

— O que foi que você disse? — pergunta Maddy, finalmente.

— Fui eu — ela responde, com uma voz quase inaudível.

— Foi para você que ele comprou o vestido em Paris? Claire confirma com um meneio de cabeça e funga.

— Sim.

— E todas aquelas outras viagens?

— Foi.

Maddy respira fundo, observando fixamente um ponto na parede. Como você reage a uma coisa assim? A audácia da traição, a sua imensidão. Isso vai contra todas as leis naturais. É o tipo de confissão que leva à fúria. Não, pior: a um assassinato. É uma mancha que permeia tudo. Mas Maddy não levanta a mão para bater em Claire. Ela não grita, não eleva a voz. Ela é uma mulher que sabe como passar por uma surra, que sabe que não deve dar ao agressor a satisfação aos seus golpes, não importa a força com que o cinto a acerte.

Com uma voz calculada, pergunta:

— Você o ama?

— Amo.

Mais uma vez, Claire assente, sem ousar olhar nos olhos de Maddy.

— Entendo. Ele a ama?

— Não sei. Acho que sim — ela responde. O amor, é claro, é ainda pior do que o sexo. Sexo é simplesmente uma traição do corpo. O amor é uma traição do coração.

Maddy levanta-se, vai até uma pequena mesa do outro lado da sala e retira um maço de cigarros de uma gaveta. Sua mão treme um pouco quando acende um deles. Ela dá algumas tragadas, de costas para Claire, olhando para o jardim, observando a chuva escorrer pelos galhos. Braços cruzados, ela se vira outra vez para encarar Claire e pergunta:

— Quando isso aconteceu?

Claire assoa o nariz em seu guardanapo, ainda evitando os olhos de Maddy.

— No outono. Quando Harry veio a Nova York. Nós estávamos na mesma festa. Eu o convidei para ir até meu apartamento para tomar um drinque. E então...

Maddy ergue a mão.

— Obrigada. Já chega. Realmente não acho que queira ouvir o resto. Só quero fazer mais uma pergunta. Por que você está me contando tudo isso?

— Porque eu queria que você soubesse o quanto eu lamento, e que Harry ainda a ama, mesmo que vocês estejam se divorciando.

Ele não sabe que vim até aqui. Ele ficaria furioso se soubesse.

— Você esteve com ele? — Maddy pergunta, exasperada. Se é possível sentir-se ainda mais chocada, é assim que ela está se sentindo.

— Estive.

— Quando?

— No fim de semana passado.

— Você dormiu com ele?

Claire vacila, e então confirma com um movimento de cabeça.

— Dormi.

Maddy fecha os olhos.

— Entendo.

Claire continua sentada, na expectativa. Esperando. Seu rosto está úmido com as lágrimas.

— Claire, obrigada por vir até aqui. Não posso dizer que estou feliz por ouvir o que você me disse, mas admiro sua coragem. Não sei o que você esperava de mim. E lamento desapontá-la se você achava que eu iria ficar histérica, começar a insultá-la ou fazer coisas piores com você.

— Não, eu...

— Por favor, deixe-me terminar. O que eu quero dizer é que estou muito triste por você trair nossa amizade desse jeito. Quando você entrou em nossa vida no verão passado, pensei que você fosse uma pessoa muito diferente de quem revelou ser realmente. Eu — nós — a aceitamos, e foi assim que você retribuiu nosso amor. Não sei como você consegue viver consigo mesma. Realmente não sei.

— Maddy...

— Acho que é melhor você ir embora. Deixei-me enganar pelas suas lágrimas uma vez. Por favor, não me insulte ainda mais pensando que isso aconteceria novamente.

Maddy vai até a porta da casa. Claire a segue.

— Maddy, eu... eu não sabia o que esperar do que aconteceria hoje, mas gostaria que você pelo menos tentasse perdoar Harry, e que não me odiasse.

— Não creio que eu possa prometer que qualquer uma dessas coisas irá acontecer. Agora, por favor, vá embora daqui.



Chego naquela noite. Maddy me telefonou, em meio a um acesso de fúria.

— Aquela vadia! — ela gritou ao telefone. — Aquela vadia! Ela já está bêbada quando chego. Vejo uma garrafa de vodca no balcão da cozinha. Poças de gelo derretido. É difícil saber quando ela começou. Provavelmente, não muito depois de Claire ter ido embora.

Agora ela está chorando. Falando sobre a conversa que tiveram. O conjunto de chá ainda sobre a mesa de vidro Mies van der Rohe que decora a sala de estar. Percebo que uma das xícaras foi jogada pela sala, com seus estilhaços jazendo em uma pilha de cacos caros no chão. Seu nariz está escorrendo, a boca está espumando, o rosto está molhado pelas lágrimas. Nunca a vi assim em todos esses anos, desde que a conheci. Ofereço meu lenço a ela, o qual ela aceita e mantém consigo.

— Vou dar uma espiada para ver se Johnny está na cama — digo. Subo as escadas. Glória está com Johnny, lendo para ele uma história antes de dormir. — Oi, amigo — digo. — Sua mãe pediu que eu lhe desse boa noite, e dissesse que ela o ama.

— O que aconteceu com a mamãe?

— Nada. Ela só está se sentindo um pouco cansada hoje.

— É por causa do papai?

— Não — respondo, com uma leve risada. — Como disse, ela só está cansada.

Inclino-me sobre ele e lhe dou um beijo na testa. Está claro que ele não acredita em mim. É assim que as crianças aprendem a desconfiar dos adultos. — Ela falará com você amanhã de manhã. Durma bem.

— Boa noite, tio Walt.

Despeço-me de Glória com um aceno de cabeça e fecho a porta.

No andar de baixo, Maddy está fumando. Volto a encher nosso copo.

— Espero que você não esteja pensando em comer — ela diz. — A comida só atrapalha o efeito do álcool. Foda-se a comida. Nunca mais vou cozinhar essa porra de comida. Moro em Nova York. Posso pedir que entreguem o que eu quiser aqui na minha casa, na hora que eu quiser. Quer que eu ligue para algum restaurante? Tailandês, talvez? Mexicano? Qualquer merda que você quiser. Tudo que preciso é de um telefone e de um cartão de crédito, e algum pobre coitado pedalando uma bicicleta traz a comida diretamente para sua porta. Cozinhar é para idiotas. Demorei anos para descobrir, mas finalmente entendi. Está vendo todas aquelas panelas? Vou vendê-las. Dar meus livros de receitas para quem os quiser. O que você tem a dizer, Walter? Quer uma porra de um livro de receitas? Pode escolher. Tenho um monte deles. Franceses, italianos, gregos, americanos, *nouvelle, haute cuisine*. O que você quiser, eu tenho. Só comecei a cozinhar por causa de Harry. Ele parecia gostar muito dessa merda.

— Não, obrigado — respondo.

— Boa noite, senhorita Maddy, senhor Walter — diz Glória, cerca de quinze minutos depois. Está vestindo seu casaco. Já são quase nove horas.

— Boa noite, Glória — responde Maddy, alegremente. — Até amanhã. Obrigada por tudo.

Quando Glória fecha a porta e gira a chave na fechadura, Maddy diz:

— O que não entendo é... por que com ela?

Sei a quem ela se refere. Foi o tópico constante das conversas durante toda a noite, conforme Maddy ataca a questão a partir de ângulos diferentes.

— A final, estávamos morando em Roma. Havia todas aquelas mulheres italianas maravilhosas com quem ele podia estar fodendo, mas, em vez disso, ele a escolheu. Onde está o sentido?

Não digo nada. Ela precisa colocar tudo para fora. É a dupla traição que mais lhe dói.

— Olhe para mim, Walter. Veja, não sou feia para uma mulher da minha idade, não é? Meus peitos não estão tão caídos. Minha bunda

ainda está firme, e não tenho asas de morcego ainda, graças a Deus.

— Você é linda, Maddy. Não deveria se preocupar com esse aspecto.

— Então com qual aspecto deveria me preocupar, hein?

— Pelo que sei, com nenhum deles.

Ela sorri e coloca sua mão sobre a minha.

— Obrigada, Walter. O doce Walter. Você sempre me apoia quando preciso.

— E sempre o farei.

Ela toca minha mão outra vez.

— Sabe, acho que estou um só um pouquinho bêbada.

— Só um pouco.

— Acho que vou para a cama.

— Boa ideia.

Ela começa a se levantar, mas perde o equilíbrio.

— Opa, quase caí — diz, com um enorme sorriso. — Sabe, acho que vou precisar de ajuda para subir as escadas.

Levanto-me e ela coloca o braço ao redor dos meus ombros. Sou apenas um pouco mais alto do que ela. Um metro e oitenta e dois se estiver calçando um bom par de sapatos.

— Está tudo bem?

— Estou ótima. Não vá a lugar nenhum, ou posso cair de cara no chão.

Eu a ajudo a subir a escada e a entrar no quarto. Durante todo o caminho, ela ri.

— Preciso mijar — ela diz, rindo. — Espere aqui.

Ajudo-a a ir até o banheiro, e ela surge um bom tempo depois, com o som da descarga do vaso sanitário.

— Que alívio — diz. — Estou pronta para nanar.

Puxo as cobertas e ela se atira na cama.

— Ajude-me a tirar os sapatos, por favor, Walter. Tiro os sapatos. Ela desabotoa as calças.

— Agora, a calça.

— Olhe, não acho que...

— Ah, não seja bobo. Coloque-me na cama direito. Mereço ser um pouco mimada, não é?

A intimidade do momento toma conta de mim. Desvio os olhos quando puxo suas calças, consciente de meus desejos. Mesmo assim, não consigo evitar um vislumbre de uma faixa da sua lingerie antes que ela coloque as pernas por baixo do lençol.

— Quer um copo d'água? — pergunto.

— Quero, por favor.

Vou até o banheiro e volto alguns momentos depois com um copo d'água.

— Parece que o quarto está girando — ela comenta. — Merda. Não sinto o quarto girar desde a época da faculdade.

— Deite-se de costas e coloque um pé no chão — digo a ela.

Ela faz o que digo.

— Assim é melhor. Merda, não, não é. Acho que vou vomitar.

Ela se levanta, me empurra para sair da cama e cambaleia até o banheiro, desviando por pouco do closet e batendo a porta com força. Espero alguns minutos e bato.

— Está tudo bem aí dentro?

Ouçõ o barulho da descarga e um gemido. Preocupado, abro a porta. Ela está enrodilhada ao redor da base do vaso sanitário.

— Acho que vou dormir aqui esta noite.

A ideia me causa nojo.

— Não vai não — digo. — Vamos.

— Não. Vou ficar aqui.

— Honestamente, você não vai ficar. Recuso-me a deixá-la desse jeito. Venha.

Agarro-a pelos ombros e tento erguê-la para que fique em pé, mas ela é pesada demais. Ou eu não sou forte o bastante. De qualquer maneira, ela continua deitada no chão.

— Maddy, não vou deixá-la deitada no chão.

— E o que vai fazer a respeito?

Lembro-me dos desafios que ela costumava fazer quando éramos crianças. Ela ficava em pé sobre o galho mais alto da árvore, ameaçando se jogar, e eu implorava a ela que não o fizesse. Certa vez ela pulou e quebrou a perna. Tive de correr para casa e

pedir ajuda. Robert teve de carregá-la de volta enquanto Genevieve telefonava para a ambulância.

— Isso é idiotice — digo. — Você não quer realmente dormir no chão do banheiro.

— Quero, sim. É muito confortável.

— Você não pode fazer isso.

— Claro que posso. Olhe para mim.

— Não vou permitir isso. O que Johnny vai pensar de você?

— Ah, quanto drama. Você está sendo chato agora. Pare de ser tão chato o tempo todo, Walter. Walter, Walter, sempre tão chato.

Isso dói. Ali está ela. Deitada, imóvel, bêbada no chão. Era um desafio. Ou, pelo menos, pensei que fosse. Era impossível para mim permitir que ela continuasse naquela posição. Afinal de contas, ela não estava sob minha responsabilidade?

Assim, outra vez, tento levantá-la.

— Ah, Walter — ela me provoca. — Você está sendo tão viril.

— Cale a boca — digo. — E coopere.

Para minha surpresa, ela permite que eu a levante. Ela não é gorda, mas é uma garota alta, uma ex-atleta, e pesa mais do que eu imaginava. Com um pouco de esforço, ergo-a até que esteja de pé. Ela ri enquanto a levo de volta para a cama.

— Tente apenas dormir — digo, apagando a luz. — Certo?

— Não — murmura ela.

— Posso fazer mais alguma coisa?

— Sim. Não vá embora — ela pede, procurando minha mão. Eu a deixo, e seguro na mão dela com firmeza.

— Tudo bem — digo, sentando na poltrona ao lado da cama. — Vou esperar até você dormir.

— Não, não aí. Venha aqui comigo — ela diz, indicando a cama, com o braço agitado, movido pela embriaguez.

— Bem, eu... — gaguejo.

— Por favor. Acho que preciso de um abraço.

— Tudo bem.

Sento-me na cama. No lado onde Harry dormia, sem dúvida. Tiro meus sapatos e me deito, ainda totalmente vestido. Ela se

aconchega a meu lado, enfiando a cabeça por baixo do meu braço e apoiando-a sobre meu peito.

— Assim é bem melhor — ela diz. — O quarto não está mais girando.

Fico chocado quando ela começa a me beijar. Não de maneira doce, nem mesmo gentil. Os beijos são bruscos, forçando a minha boca a se abrir com sua língua. Seu hálito cheirando a vômito. Suas mãos deslizando pelo meu corpo. Surpreso, correspondo ao beijo no início. Afinal, não é todo dia que aquilo com que um homem sonhou durante quase sua vida inteira realmente começa a acontecer. Durante quantas noites fantasiei este momento? Os lábios dela contra os meus, reunidos num êxtase mútuo?

Mas não é assim. Não foi com isso que sonhei. Não há nada de doce neste momento. Não só o hálito dela é desagradável, com tudo aquilo parece estar errado. Tento me levantar. Ela está bêbada. Isso não é romance. É só uma imitação barata. Eu queria dar a ela a sensação do coro de anjos e uma chuva de pétalas de rosas.

— É melhor eu ir embora — digo, débil, tentando me desvencilhar dos braços dela.

— Não. Não vá — ela sussurra, com o rosto contra o meu. Já sinto sua mão em meu cinto. — Quero que você faça amor comigo, Walter. Por favor. Se você não fizer, vou me sentir como se não fosse amada por ninguém. Por favor. Faça isso por mim.

Estou num dilema. Sinto-me como um herói clássico, dividido entre o que quero e o que é certo. Ela está em cima de mim. Sinto que estou ficando excitado, e ela também sente. Não consigo evitar.

— Eu sei que você quer ficar — ela diz quando me beija. E eu fico.



PRIMAVERA



1

SEMANAS SE PASSAM. As manhãs estão ficando mais quentes. Quanto mais claramente alguém vê o mundo, mais ele existe. Logo, a claridade do dia vai se estender até as primeiras horas da noite. A terra irá se renovar.

Na cidade, está chovendo. Pingos pesados, arautos de que há mais chuva por vir. Poças já se formaram nas ruas, já há lixo escorrendo pelas sarjetas. Pessoas passam correndo na calçada, agarrando seu guarda-chuva, segurando jornais contra a cabeça.

Claire está no mercado gourmet que fica perto de seu apartamento. Os corredores estão cheios de pessoas, o casaco delas gotejando devido à chuva. Há linguiças presas ao teto, dependuradas. O cheiro de café recém-moído. Nas prateleiras, garrafas com óleo de trufas, macarrão fresco, tomates caqui, chocolates da Bélgica. Grossos pedaços de carne de atum, vitela à milanesa, cortes de carne com a marmorização exposta. Homens e mulheres vestindo aventais brancos estão atrás do balcão, conversando sobre queijos e demonstrando sua experiência no assunto. Oferecendo provas, exaltando as virtudes do Bleu d'Auverne sobre o Roquefort.

Ela não vai ali com frequência porque as coisas são muito caras, mas gostaria de poder fazê-lo. Gostaria de ser uma dessas mulheres, elegantemente vestidas, como aquelas na fila do caixa com sua bolsa Prada e diamantes nos dedos. Parecem não pensar nada sobre parar neste lugar para um cappuccino ou uma salada de lagosta, pagando despreocupadamente por tudo com um cartão de crédito com selo "platinum". Ela sabe que, algum dia, estará ali fazendo exatamente isso. Mas ela é prudente. Nunca compra o que não tem condições de pagar, esforçando-se para fazer suas economias, obedientemente guardando uma parte de seu ordenado a cada duas semanas em um plano de aposentadoria. Tem a parcimônia de uma francesa.

Hoje será diferente. Hoje ela vai esbanjar. Sei que ela não costuma cozinhar. Ela me contou. Em seu escritório, durante o dia inteiro, pesquisou websites diferentes procurando por receitas. Decidiu-se pela culinária francesa, porque parecia ser o plano mais ambicioso e, também, o mais familiar. Sua mãe sabia cozinhar. Ela a apresentou aos escargots, aos pães doces e às codornas, e ensinou--lhe como comer ostras e o coração da alcachofra. Ela se lembra das panelas alaranjadas e fumegantes Le Creuset que, há tempos, cobriam as paredes de sua velha cozinha. Os ramos de ervas secas. Mas isso foi há muito tempo. Seu pai nunca gostou realmente da cozinha francesa, preferindo, em vez disso, os pratos mais tradicionais de sua Nova Inglaterra nativa. Assim, suas refeições tornaram-se cada vez mais simples, até que finalmente chegaram ao fim. Para Claire, cozinhar era como seguir os passos que deu durante a infância, lugares e cheiros cujas memórias estavam incompletas.

Ela queria fazer algo especial. Pensou até mesmo em se exhibir um pouco, mas agora não tem tanta certeza de que será capaz de fazê-lo. Seu fogão é muito pequeno, seus talheres são inadequados. Não tem assadeiras e muito pouco espaço para preparar os ingredientes. Nenhum de seus pratos é igual aos outros. Por um momento ela pensa em pedir o jantar para viagem em algum restaurante, mas rapidamente afasta a ideia de sua mente. Pega a lista de ingredientes e, domando a insegurança, enche seu carrinho. Acho que preparou alguma coisa com frango, mas isso realmente não tem importância. Poderia ser qualquer coisa. Escrevo "frango" porque é mais fácil. Um frango de bom tamanho, cebolas, cenouras baby orgânicas, manteiga francesa, batatas novas, dois tipos de queijo, vagens e frutas. Ela quer que seja um verdadeiro banquete para Harry. É a primeira vez que cozinha para ele. Mais uma primeira vez em meio a uma série de várias outras. A caminho de casa, para em uma loja de bebidas para comprar vinho. Ela diz ao vendedor o que vai fazer para o jantar e ele recomenda um Médoc.

Na rua ainda chove. É difícil levar suas sacolas e segurar o guarda-chuva ao mesmo tempo. Quinze minutos depois está em casa. Suas compras estão desempacotadas, e ela está atando os

cordões de um avental que quase nunca usa. Olha o relógio. Duas horas.

Harry chega alguns minutos depois das oito. Está trazendo um buquê de flores.

— Olá — ele cumprimenta, animadamente, beijando-a na porta do apartamento. Seu rosto está úmido e áspero com a barba por fazer. — Eu lhe trouxe estas flores — diz, tirando o casaco molhado e pendurando-o na porta do armário.

Ela sorri e pega as flores.

— Obrigada. Deixe-me colocá-las na água.

Ela tem um velho vaso. Enche-o rapidamente com água, coloca as flores dentro e leva-as até a mesa.

— São lindas — ela comenta.

— Também trouxe isto — ele diz, tirando uma garrafa de uísque de uma sacola plástica. — Achei que você poderia querer mais uma.

— Posso lhe servir um copo? — ela pergunta, pegando a garrafa.

— Que ideia excelente — ele responde, abrindo um sorriso. — Eu estava esperando que você dissesse isso. Você me acompanha com um copo também?

— Você acha que vou desperdiçar a chance?

Ela encontra dois copos e os enche com gelo.

— Desculpe — diz, entregando-lhe um copo. — Vai demorar um pouco até o jantar ficar pronto.

— Quer que ajude com alguma coisa?

— Não, obrigada. Neste ponto, estou só esperando as coisas terminarem de cozinhar.

— Tenho certeza de que vai ficar delicioso. Estou faminto. Um brinde.

— Um brinde.

Ela toma um gole, observando-o por cima do copo, sentindo o gosto adocicado e turfado do uísque no fundo de sua garganta, saboreando o momento. Eles estão atravessando outra fronteira. Um dia, talvez, isso não pareça nada de especial. Algo tão simples quanto compartilhar um jornal.

Ele está sentado na cadeira colocada mais perto da cozinha minúscula para poder observá-la. Ela fica feliz por ele se sentir

confortável ali. Ele conhece os livros nas estantes, as fotos de família sem precisar olhar para elas. Não há muito mais coisas. Ele preenche toda a sala.

— Como foi seu dia? — ela pergunta. O que ela realmente quer saber é: como está indo o trabalho com seu livro?

— Bem.

— Ainda tendo dificuldades?

Ele se agita, desconfortável.

— Prefiro não falar sobre isso se você não se importa. Dá azar.

— Entendo.

— E então, como foi seu dia?

— Tudo bem. Saí um pouco mais cedo para ir fazer compras. Faz tempo desde que realmente cozinhei alguma coisa. Não me importo em lhe dizer que muito nervosa.

— Bem, o cheiro está ótimo.

Ela abre a portinhola do forno e espalha o molho por cima do frango.

— É mesmo? Meu Deus, espero que sim.

Ele olha para a pequena mesa, que normalmente fica cheia de livros, correspondências e o computador de Claire. Agora, há uma vela e dois copos. Uma velha toalha de mesa que era de sua mãe. Guardanapos de papel. Facas e garfos. A garrafa de vinho, ainda arrolhada. As flores que ele trouxe. — É lindo.

— Obrigada. Quis fazer alguma coisa que lhe agradasse. Ele está por trás dela agora, tocando-lhe o pescoço com a boca e o nariz, cheirando seus cabelos. Ela fecha os olhos. O toque de Harry ainda a deixa eletrizada.

— Você faz muitas coisas boas para mim.

Ela ri e se contorce para se desvencilhar.

— Pare com isso. Não me distraia. A cozinha é pequena demais. Volte para seu canto como um bom garoto e termine sua bebida. Meu forno está estranho e preciso terminar de preparar as vagens. Diabos.

— Qual é o problema?

— Não sei se o termômetro está funcionando. O frango já está aí dentro há mais de uma hora e meia, mas não sei se ele está

pronto.

— Tente puxar uma das coxas. Se ela se mexer facilmente, estará pronto.

— Está se mexendo.

— Ótimo. Pode tirá-lo daí. Ele vai continuar a cozinhar. Basta cobrir com papel-alumínio.

— Ah, meu Deus... as batatas ainda não estão prontas.

— Elas vão precisar de muito mais tempo?

— Não sei. Mais uns quinze minutos, pelo menos.

— Bem, neste caso, importa-se se eu abrir o vinho? Dar tempo de ele respirar?

— O quê? Ah, desculpe. Eu ia fazer isso antes.

— Não se preocupe. Cuido disso. E vou servir mais um uísque para cada um de nós.

Quinze minutos depois, eles estão sentados à mesa. Harry cortou o frango.

— Está uma delícia — ele diz.

— Não, não está. Você é um doce, mas o frango passou do ponto, e as batatas ainda estão um pouco cruas.

— De maneira nenhuma — ele diz, mastigando o frango ressecado. — Está perfeito.

— Obrigada por mentir tão gentilmente. Desculpe-me por não estar melhor.

— E o vinho está excelente.

Ela sorri.

— Certo, pode parar agora — diz, deixando o garfo sobre a mesa. — Como está Johnny?

— Ele está bem. A noite de ontem foi divertida. Fomos patinar no Central Park.

Claire percebe que esse é outro assunto sobre o qual ele não quer conversar. Não há um convite para se juntar a eles. Talvez algum dia, mas não agora. Ainda é cedo demais, ele disse.

Esta noite faz parte de seu pedido de desculpas. Ele ficou furioso quando Claire lhe disse que foi à casa de Maddy.

— Eu lhe disse para não fazer isso — ele gritou antes de sair do apartamento, batendo a porta atrás de si. Mas ela correu atrás dele

naquela noite fria, sem se preocupar em vestir uma capa ou um casaco, e o alcançou ainda na rua.

— Desculpe — ela disse chorando. — Fiz o que fiz porque amo você.

— Você não tinha o direito de fazer isso.

— O amor me dá esse direito.

— Diabos, é mais complicado do que isso. Há Johnny também...

— Eu sei. Mas é tarde demais agora. Está feito.

Ele podia até imaginar o que aconteceu. Sentiu náuseas. Virou-se para ir embora.

— Não, não vá — ela pediu, agarrando-o, impedindo-o de continuar andando. — Desculpe-me. Vai ficar tudo bem. Eu juro. Volte para o apartamento, por favor.

Ele a seguiu. Ela sabia que conquistara uma vitória, mas também sabia que tinha de tomar cuidado. Assumira um risco, algo que não tinha qualquer garantia de sucesso. Tinha de reconquistar uma parte de sua confiança, uma parte de seu orgulho. Era algo que dizia respeito a mais do que apenas eles dois. A sua família. Ela entendia melhor agora. Teria agido de forma diferente? Não, creio que não.

Nas semanas que seguiram, eles passaram todas as noites juntos, exceto nas ocasiões em que ele ficava com Johnny. Durante esse tempo, ele não falou com Maddy uma única vez. Quando ligava para casa, Glória atendia e anotava os recados, que não recebiam resposta. Quando percebeu que Maddy não queria conversar com ele, Harry parou de deixar recados.

Depois do jantar, ele e Claire estão se preparando para deitar. Os pratos foram lavados e colocados para secar. Ele tem uma escova de dentes que deixa sobre a pia do apartamento dela.

— Estou cansado — ele comenta.

— Muito cansado?

— Não, não estou tão cansado assim. Apenas cansado, você sabe.

— Não precisamos fazer nada.

Ela não está sendo sincera. Por baixo dos lençóis, está nua. Quer senti-lo dentro de seu corpo e a paz que vem depois.

— Eu quero.

— Ótimo — ela diz. Claire desliza as mãos pelo corpo de Harry, soprando seu hálito na orelha dele, do jeito que sabe fazer.

— Viu, eu disse que não estava tão cansado — ele diz.

Mas, quando eles terminam, ele se vira de lado e dá as costas para ela. Ela está acostumada a dormir com a cabeça apoiada sobre o peito dele. Ela estende a mão, tocando levemente as costas dele. Ele se move em meio ao sono, mas não se vira.

Ela se levanta e deixa o quarto silenciosamente, tateando no escuro à procura de seu robe. Na sala de estar, senta-se em frente à janela, olhando para fora, com as luzes apagadas. Está ouvindo o som da respiração dele, vindo do outro cômodo. É assim que começa, ela pensa. Vai chegar uma noite em que eles não farão amor. Haverá alguma desculpa. Um deles está cansado demais ou bêbado demais. E, em seguida, tudo vai terminar — ou vai evoluir. Eles já estão escovando os dentes juntos antes de dormir. Logo, estarão sentados em restaurantes, estudando os cardápios sem nada de novo a dizer um ao outro. Era isso que ela queria? As coisas já estão muito diferentes de como eram no começo. Naquela época, tudo era novo e empolgante. Havia a casa, as pessoas, Maddy, eu, e, é claro, Harry.

É difícil não ficar encantado com a beleza da vida quando se está no gramado de uma casa de verão na região das Hamptons. Aquilo foi seguido por um período ainda mais animado. As primeiras semanas de seu caso. A sen-sação de irrealidade, as descobertas mútuas. As viagens, o mistério, os hotéis, os restaurantes. O perigo. Ela nunca se sentiu tão viva. E então, há algumas noites, ele repetiu uma história que já contara antes. Era uma história engraçada, e ela riu muito quando a ouviu pela primeira vez. Ouvi-la uma segunda vez a deixou aborrecida. Será que ele não se lembrava de já haver contado aquela história antes?

Será que seu repertório de histórias já estava se esgotando? Será que já havia chegado a um ponto em sua vida em que isso era tudo que lhe restava? Claro, era apenas uma questão de tempo até que aquilo acontecesse pela terceira ou quarta vez. Ela se encontrava em uma fase da vida em que ainda estava criando suas

próprias histórias. Foi isso que Maddy fez? Era isso o que todas as esposas faziam? Sentavam-se e ouviam as mesmas histórias, várias e várias vezes? Seria esse o destino do casamento? Ela se lembrava como se sentia durante aquelas tardes intermináveis no apartamento de seus avós. O senso de que tudo ainda estava lá, o tique-taque do velho relógio no corredor, a opressão da repetição.

Ela suspira, levanta-se e se espreguiça. Do lado de fora, na rua, um jovem casal está caminhando. É impossível saber o quanto eles se conhecem. Estão de mãos dadas. Podem ter se conhecido há poucos momentos, ou podem estar juntos há anos. Na esquina, eles param e se beijam. Claire sente uma pontada de inveja.

2

JÁ SE PASSARAM VÁRIAS SEMANAS desde aquela noite com Maddy. Acordei cedo em seu quarto e peguei minhas rou-pas sem fazer barulho. Ela dormia profundamente, com um leve ronco. Deixei-a ali no escuro, esgueirando-me para fora de seu quarto como um ladrão, esperando não acordar Johnny enquanto me vestia no corredor.

Nenhum de nós ligou para o outro naquele dia ou no dia seguinte. Eu não o fiz porque não sabia o que dizer. Não fazia ideia do que estava se passando na cabeça dela. Ela estava muito bêbada. Mais do que em qualquer outra situação que presenciei. Será que se lembrava do que acontecera? Eu me lembrava, e a lembrança era desconfortável. Foi doloroso. Não no sentido físico, mas no emocional. Mesmo assim, foi ela que ficou mais machucada. Percebi que ela não estava pensando em mim, se é que estava pensando em alguém. Eu era apenas um objeto, um coração que batia e bombeava sangue. Ela não disse uma única palavra durante todo o tempo. E eu também não.

Quando terminamos, ela simplesmente se cobriu e desmaiou. Eu não sabia se deveria ir ou ficar, então continuei ali, sem dormir, sem ousar me mover, olhando para o teto, escutando-a roncar, ponderando sobre aquela reviravolta inesperada, nu, atordoado e envergonhado, até que não consegui aguentar mais e saí.

Alguns dias depois liguei e lhe deixei um recado. Tentei parecer tão inofensivo quanto possível. Como ela estava? Como estava Johnny? Que tal um jantar neste fim de semana? Fiquei convencido de que ela estava ali o tempo todo, escutando enquanto eu deixava o recado em sua secretária eletrônica e me odiando. Ela não retornou minha ligação.

Tentei outra vez, algumas noites depois. Dessa vez ela atendeu.

— Ah, oi — ela diz. — Desculpe, não posso falar agora. Estou atrasada.

— Eu ligo amanhã, então.

— Ótimo — ela responde, mas já havia desligado o telefone antes que eu pudesse responder.

Fiquei surpreso ao saber que ela estava atrasada para algum compromisso. Ela raramente saía, e, quando isso acontecia, estava acompanhada por Harry ou por mim. Para onde iria? Com quem iria sair? Durante quase quarenta anos, conheci sua vida quase tão bem quanto a minha própria. Agora, sentia-me descartado. Ou não. Talvez eu estivesse exagerando. Eu não saberia até que conseguisse falar com ela.

Mas, quando liguei no dia seguinte, ela também não atendeu. Nem no dia seguinte àquele. Finalmente, cansei--me de deixar mensagens. Ia do meu apartamento para o escritório, procurando por distrações no trabalho, mas, invariavelmente, percebendo que meus olhos insistiam em apontar para a fotografia em que Maddy aparecia a meu lado, sobre minha escrivaninha. Fora tirada há vários anos. Por Harry, creio. Estávamos na praia. Eu tinha mais cabelos naquela época e uma cintura mais esbelta. Ela estava exatamente igual à pessoa que é hoje. Às vezes, querendo puxar conversa, os clientes me perguntam se ela é minha esposa. Sei que é estranho ter a fotografia da esposa de outro homem na minha escrivaninha. Assim, geralmente minto e digo que ela é minha irmã. É quase verdade, afinal de contas, mesmo que eu frequentemente fique tentado a mentir e dizer que, sim, ela é minha esposa.

As semanas seguintes estiveram entre as mais solitárias em toda minha vida. Minha única amiga verdadeira parecia ter me abandonado. Eu vivia uma vida muito circunscrita, e as estrelas fixas do meu universo pessoal sempre ficaram centradas em Maddy. Desde que ela estivesse por perto, do outro lado da mesa ou do outro lado do telefone, do que mais eu precisava? Mas, agora, eu estava completamente ciente do vazio. Sentia-me como um pianista que perdeu a mão.

Eu estava no meu clube certa noite, depois de terminar minha rotina dura de exercícios e uma sauna e prestes a tomar um merecido martíni quando outro membro veio até a minha mesa.

— Olá, Walt — ele disse. — Posso me sentar com você?

— É claro — respondi. Eu gostava de Dewey. Ele entrou na escola alguns anos depois de mim, mas nos conhecia-mos socialmente, constantemente entrando em contato na cidade e em Long Island. Diferentemente da maioria dos membros que ia até ali para escapar de sua esposa, eu ia ali em busca de companhia. Ele era simpático, e nós geralmente tínhamos opiniões parecidas sobre o declínio de tudo, desde a qualidade geral dos novos membros nos vários clubes dos quais éramos sócios até à inaptidão geral de nossos representantes eleitos em Albany e Washington.

Dewey se sentou, com uma expressão de desconforto no rosto.

— Escute, espero que não esteja sendo indelicado com o que estou prestes a pedir.

— O que você tem em mente?

— Bem, sei que você é amigo de Madeleine Winslow.

— Isso é verdade.

— Talvez não seja da minha conta, mas eu a vi há algumas noites.

— Não há nada de incomum nisso.

— Não, é claro que não. Mas o que quis dizer é que eu a vi com um homem. Vicki e eu contratamos uma babá e achamos que seria uma boa ideia ir ao centro até um pequeno restaurante italiano sobre o qual lemos a respeito. Não reconheci o homem que estava com ela, mas tenho certeza de que não era seu marido. Eu já vi Winslow uma ou duas vezes, e o homem que estava com ela não era nada parecido. Tinha cabelos mais escuros. Simplesmente achei que deveria mencionar o caso, se é que você me entende.

— Ah — disse. Não sabia ao certo como reagir a essa notícia. Outro homem? Quem seria ele? Qual pequeno restaurante italiano? Eu queria mais informações, mas a cautela me impediu. — Bem... os Winslow se separaram.

— É mesmo? Ah, lamento ouvir isso. Eles sempre fizeram um belo casal. Ela é uma mulher muito bonita, e me lembro dele do tempo em que jogava hóquei.

— Sim, é uma coisa muito triste.

— Bem, acho que isso explica as coisas. Lamento por me intrometer.

— Não há problemas. Fico feliz em poder esclarecer as coisas.
Ele se levantou para ir embora.

— Não se apresse tanto, Dewey — disse. — Deixe-me lhe pagar uma bebida.

— Claro — respondeu ele, sentando-se. — Vou tomar o que você estiver bebendo.

Acabei convencendo-o a continuar comigo para o jantar, também. Nossa conversa cobriu os tópicos habituais, mas, quando saímos da mesa, praticamente já havíamos esgotado os assuntos. Separamo-nos na rua com promessas vagas, mas feitas com boa intenção, de nos reunirmos para jogar tênis quando o tempo estivesse mais quente.

Enquanto caminhava de volta para casa sob a chuva, minha mente revirava as notícias de Dewey. Outro homem? Que diabos estava acontecendo? Normalmente eu telefonaria para Maddy para lhe contar as fofocas, mas, desta vez, além de não estar falando comigo, a fofoca era sobre ela. Fiquei um pouco tentado a ir até sua casa e chegar ao fundo da questão. Apesar da chuva, acho que pensei que isso pare-cia ser uma boa ideia, pois foi o que fiz. Meu raciocínio, sem dúvida, foi afetado pelo fato de que ter bebido vários martinis e metade de uma garrafa do Claret do clube.

As luzes da casa estavam acesas quando toquei a cam-painha. Eram cerca de nove e meia. Quando não houve resposta, toquei novamente. Depois de algum tempo, Glória veio até a porta, abrindo só uma fresta, com uma aparência aterrorizada, mas relaxou quando viu que era eu quem estava ali. Mesmo assim, não me convidou para entrar, mantendo a corrente do trinco da porta no ferrolho.

— Senhor Walter, *buenas noches*.

— Boa noite, Glória. Desculpe por chegar tão tarde. A senhora Winslow está?

— Não, a senhora Maddy não está em casa.

— Sabe a que horas ela vai voltar?

— Não, senhor Walter. Ela está saindo todas as noites. Fez a mesma coisa na semana passada, também.

— Com quem ela está?

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Não sei. Homens diferentes. Por favor. Vou para a cama agora.

— Entendo. Desculpe por incomodá-la. Por favor, pode dizer à senhora Winslow que estive aqui?

— Sim, senhor Walter.

— Bem, *buenas noches*.

— *Buenas noches* — ela respondeu, sorrindo e fechando a porta apressadamente. Por um momento pensei em ficar por ali e esperar até que Maddy voltasse para casa. Mas eu não fazia ideia de quando ela poderia voltar ou com quem. E estava ficando encharcado.

Eu não tinha nenhum lugar para ir além da minha própria casa. A quem mais eu poderia recorrer? Harry? Improvável. Ned e Cissy? Talvez, mas não sabia se eles poderiam ajudar. Claire? A ideia era absurda. Deitado na minha cama, percebi que tinha de fazer tudo sozinho. Eu sabia que tinha de encontrar Maddy e conversar com ela. Era a única maneira. Mas como?

Eu também sabia que seria quase impossível saber o que Maddy estava fazendo sem que ela mesma me contasse. A única outra maneira seria segui-la. Imaginei-me vestindo um sobretudo impermeável, escondendo-me nos arbustos e fingindo estar desinteressado, sabendo com certeza que isso era algo que eu nunca seria capaz de fazer. Sabia que a nossa empresa ocasionalmente usava os serviços de investigadores particulares. Assim, no dia seguinte, pedi a Marybeth que me desse o número de uma agência que frequentemente usávamos.

Naquela tarde um homem chamado Bernie veio a meu escritório. Era atarracado, tinha bigode, usava uma gravata florida e sapatos de sola grossa. Nunca tive motivos para usá-lo no passado, mas sabia que ele já fora policial e que uma boa quantidade de meus colegas de trabalho atestavam sua eficiência.

— Como posso ajudá-lo, senhor Gervais? — ele perguntou.

— Esta é uma questão pessoal — expliquei. — Quero que isso esteja esclarecido desde o começo. Assim, por favor, certifique-se de mandar a conta em meu nome, não no da empresa.

— Não faz diferença para mim, senhor. Qual é o trabalho?

— Quero que você fique de olho em alguém.

— E quem seria essa pessoa, senhor?

Entreguei-lhe a fotografia sobre a minha mesa, onde aparecia ao lado de Maddy.

— Sua esposa?

— Não, é uma amiga.

Ele olhou para a foto.

— É uma mulher muito bonita. Tem fotos mais recentes?

— Conseguirei algumas. Mas a aparência dela não mudou nada.

— Bem, vejamos. Qual é a situação? — ele perguntou. Estava com um caderno de notas aberto sobre o joelho e uma caneta na mão.

— Seu nome é Madeleine Winslow. Eu a conheço desde que éramos crianças, e ela é a minha amiga mais antiga. Recentemente se separou do marido depois de quase vinte anos de casamento, e isso a deixou bastante chocada. Várias semanas atrás ela parou de responder minhas ligações. Isso é estranho porque raramente passamos mais de três ou quatro dias sem conversar ou trocar e-mails. Um amigo me disse que a viu com um homem há algumas noites em um restaurante no centro da cidade. Falei com a babá de seu filho e ela me disse que a sra. Winslow tem saído todas as noites, geralmente com homens diferentes. Francamente, estou preocupado porque ela está agindo de maneira muito estranha, e preciso ter certeza de que ela está bem. Também estou preocupado com o bem-estar do filho dela, que é meu afilhado. O que gostaria que você fizesse é vigiá-la, descobrir aonde ela está indo, o que está fazendo e quem a está acompanhando.

— Claro. Sem problemas — ele disse, pousando a caneta. Pessoalmente, detesto quando as pessoas dizem “sem problemas”. É uma característica pessoal minha. Quando estão trabalhando para mim, não estamos nos referindo a seus problemas. É seu trabalho.

— E, é claro — acrescentei, depois de respirar fundo — tenho certeza de que não preciso lhe pedir que seja discreto. Ela não deve saber que está sendo seguida.

— Certamente.

Em seguida, discutimos o valor do trabalho e alguns outros detalhes. Prometi que lhe enviaria fotos mais recentes de Maddy e preenchi um cheque com um adiantamento. Fiquei impressionado com o profissionalismo dele. Aperta-mos as mãos e ele saiu. Sei que algumas pessoas podem pensar que eu estava indo longe demais, metendo meu nariz na vida pessoal de Maddy, mas não me importava com isso. A única coisa que eu queria era ter certeza de que ela estava bem. Nos dias seguintes esperei. Não tive notícias de Bernie ou de Maddy.

Após um fim de semana cheio de preocupações, Bernie entrou em contato comigo.

— Segui a pessoa durante três noites — ele disse ao telefone. Na primeira noite, ela saiu de casa às oito horas. Pegou um táxi até um restaurante em Tribeca. Lá, encontrou-se com um homem. Ele é grego, chama-se Yannis Papadakis. Trinta e oito anos, divorciado, trabalha com transportes. Estado civil, divorciado. Descrição física, aproximadamente um metro e oitenta e três, constituição atlética, cabelos castanhos, olhos castanhos, sem barba, nenhuma característica distintiva. Vou lhe enviar a foto dele por e-mail.

Nunca ouvira falar daquele homem.

— Prossiga — eu disse.

— A pessoa deixou o restaurante com Papadakis pouco depois das onze da noite. Os dois beberam muito. O senhor receberá uma cópia do recibo no arquivo que vou lhe enviar. Papadakis pagou a conta com um cartão Centurion. Havia um carro esperando por eles. Um Cadillac Escalade. O carro os levou por um percurso curto até o apartamento de Papadakis em Beach Street. A pessoa entrou no apartamento dele. Às três horas da manhã, a pessoa deixou o apartamento e o Escalade a levou para casa. Devo continuar?

— Por favor.

Bernie limpou a garganta.

— Na noite seguinte, sexta-feira, a pessoa saiu novamente de casa por volta das oito horas. Desta vez ela tomou um táxi até um restaurante italiano no Soho, onde encontrou-se com um homem chamado Steven Ambrosio. Idade, 42 anos. Profissão, especialista em investimentos. Estado civil, solteiro. Descrição física,

aproximadamente um metro e oitenta, corpo esguio, cabeça raspada, olhos castanhos, sem barba, nenhuma característica distintiva. A pessoa deixou o restaurante com Ambrosio por volta da meia-noite, e eles entraram num táxi que os levou até o apartamento de Ambrosio na rua 68. Novamente, a pessoa deixou o apartamento por volta das três horas da manhã e tomou um táxi para voltar para casa. Novamente, vou lhe enviar um e-mail com fotografias de Ambrosio e os recibos. Alguma pergunta até agora?

Mais uma vez, o homem de quem ele falava era desconhecido para mim.

— Ainda não. Por favor, prossiga.

— No sábado, a pessoa saiu de casa por volta das três horas da tarde, e entrou num Porsche 911 dirigido pelo próprio Papadakis. Eu os segui até Southampton, onde Papadakis tem uma casa para passar os fins de semana em Ox Pasture Road. Foi difícil estacionar por ali, então tive de me contentar em ficar dando voltas no quarteirão. Há muitas pessoas ricas morando naquele bairro, e a polícia faz patrulhas regulares na área. Ainda assim, consegui estabelecer com certeza que a pessoa e Papadakis foram a uma festa em uma casa em Sagaponack, em Daniels Lane. É provável que substâncias ilegais tenham sido consumidas. Aproximadamente à uma hora da manhã, a pessoa e Papa-dakis voltaram a Ox Pasture. No dia seguinte eles saíram para almoçar no Nello em Southampton por volta da uma hora da tarde, e depois voltaram a Manhattan. Novamente, Papadakis pagou as despesas, e posso lhe entregar uma cópia do recibo. A pessoa chegou em casa por volta das cinco horas da tarde. Não saiu ontem à noite.

— Obrigado, Bernie — disse. — Bastante minucioso.

— O senhor vai querer que continue a investigação?

— Quero — estava pensando. — Sim, precisarei que você continue seguindo a senhora Winslow. A única diferença é que, na próxima vez em que ela sair, quero que você me ligue e diga-me onde ela está.

Ouvi o silêncio do outro lado da linha. Em seguida ele disse.

— Compreendo, senhor Gervais. Preciso informá-lo que, se o senhor estiver pensando em agredir a pessoa ou violar seus

direitos, eu seria considerado cúmplice. Não tomarei parte nisso, senhor.

Ri, fazendo pouco caso daquele comentário.

— Ah, meu Deus, o quê? Não, não. Por favor, Bernie. Não se preocupe, pois nada disso irá acontecer. Não tenho qualquer intenção de agredir a sra. Winslow ou infringir a lei. Preciso só conversar com ela. E, como a montanha não vai a Maomé, Maomé deve ir à montanha.

— Certo, senhor Gervais. Tenho o número de seu celular. Vou segui-la novamente esta noite e, se ela sair, lhe telefono.

Não recebi nenhuma chamada de Bernie naquela noite. Na noite seguinte, entretanto, meu telefone toca pouco depois das oito.

— Boa noite, senhor — ele diz. — A pessoa saiu de casa. Liguei novamente assim que ela chegar a seu destino.

— Excelente. Obrigado.

Nos quinze minutos seguintes ando de um lado para o outro em meu apartamento, segurando o telefone celular com força, observando meu relógio, tateando e retateando meus bolsos para ter certeza de que estou com minha carteira, um lenço, pente, o cortador de unhas e uma caneta. Quando recebo a segunda chamada, entro no elevador segurando o telefone contra a orelha. Bernie me passa o nome e o endereço de um restaurante na região de West Village. Fico secretamente aliviado por não ser um lugar no meio do Brooklyn. Ainda me lembro de uma época em que passar da rua 42 à noite era tão incomum quanto visitar o lado escuro da lua. Hoje em dia, os bairros mais elegantes de Nova York são aqueles que, antigamente, eram os mais pobres. Saio do prédio e vou até onde um carro está à minha espera, e dou o endereço ao motorista.

— A pessoa está sentada em uma mesa na parte mais ao fundo do restaurante — relata Bernie. — Não está com Papadakis ou com Ambrosio. Ainda não consegui ter certeza do nome do homem. Aproximadamente cinquenta anos, cabelos grisalhos, terno caro.

— Obrigado, Bernie. Não será necessário ir além. Se tudo correr bem esta noite, você pode me enviar a conta pelo trabalho amanhã de manhã. Deseje-me sorte.

— Boa sorte.

Por volta das nove horas chego à fachada do bistrô amplamente iluminado. Olho em volta, procurando por Bernie, mas não o vejo. As ruas aqui ainda são calçadas com pedras. Mas os antigos abatedouros e prédios comerciais foram renovados agora e se transformaram em butikues, hotéis, restaurantes e danceterias.

Digo ao motorista para esperar e entro no bistrô. Está abarrotado, com uma amostra da Manhattan jovem e endinheirada. Tipos artísticos e desarrumados, usando camisetas pretas, se misturam com jovens banqueiros, e há garotas bonitas por toda parte. Percebo por que não há muitas pessoas mais velhas. É muito difícil escutar. Vou até o bar e me esforço para chegar até o balcão. Vestindo meu terno J. Press, estou deslocado, como alguém que entrou ali vindo do filme errado. Depois de algum tempo, o bartender vem até onde estou e peço um martíni.

Examino o restaurante, procurando por Maddy e rezando para que ela não me veja antes. Não é fácil, porque nem toda a área do restaurante é visível do bar. Finalmente, a vejo. Ela está sentada em um dos cantos com um homem de cabelos grisalhos, assim como Bernie descreveu. Está conversando animadamente, como sempre acontece depois de tomar algumas bebidas. Vejo que há uma garrafa aberta em um balde de gelo perto da mesa.

Imediatamente abaixo a cabeça para evitar que ela me veja. Viro-me de costas e tento, com alguma dificuldade, dar a impressão de que estou confortável. Mas, pouco tempo depois, sou afastado pelo cotovelo de um rapaz que não faz a barba há vários dias. Ele está usando um chapéu de copa baixa e abas estreitas e pede bebidas para um grupo de amigos, fazendo-me recuar, de maneira ignominiosa, até outro canto. Está claro que não posso simplesmente ficar parado aqui. Preciso agir ou ir embora.

Terminando meu martíni, coloco a taça com convicção sobre o balcão do bar, deixo uma nota de vinte dólares e começo a andar em direção à área do restaurante. Não vou diretamente para a mesa de Maddy, mas, em vez disso, finjo que estou tentando encontrar alguém em uma das mesas, com o queixo erguido,

cheirando o ar como um urso perdido. Não sou um ator muito bom, mas não preciso ser. Só preciso convencer uma pessoa.

— Maddy! — exclamo.

Ela olha para mim, surpresa, linda. Seus olhos azuis estão arregalados.

— Walter — ela diz.

— O que você está fazendo aqui? O Grisalho parece estar confuso, e está claro que ele não gosta da intromissão. Não posso dizer que o culpo por isso.

Inclino-me para beijá-la nas duas faces.

— Vim para jantar com um cliente — respondo. — Achei que seria divertido saber por que todo mundo fala tanto deste lugar. Mas acabei de receber um e-mail dizendo que ele vai se atrasar.

— Ah. Walter, deixe-me apresentá-lo a Richard — ela diz, indicando Grisalho, como se esbarrar comigo em um restaurante na região central, acompanhada por um homem estranho, fosse a coisa mais normal do mundo. Ele parece ser a típica imagem de um CEO de Hollywood. Um queixo feito de granito, ótimos dentes, uma cabeleira cheia e um relógio de ouro. Conforme me aproximo, percebo que ele provavelmente já deve ter passado dos sessenta anos.

— Como vai? — cumprimento, e, pegando uma cadeira vazia atrás de mim, pergunto: — Importa-se? — mas já estou me sentando, de modo que eles não podem reagir de qualquer outra maneira sem parecerem indelicados. Ainda estão com o cardápio na mão, o que significa que ainda não pediram o jantar.

— De maneira nenhuma — Grisalho diz, abrindo um sorriso magnânimo, típico de alguém que está acostumado a frequentar salas de reunião. — Qualquer amigo de Maddy é bem-vindo.

— E não só um amigo qualquer — completo. — Seu amigo mais antigo. Nós nos conhecemos desde que éramos crianças, não é, querida? E então — digo, em tom de brincadeira, virando-me e olhando para ela pela primeira vez desde que me sentei. — Por onde andou? Estive tentando entrar em contato com você, mas parece que você estava ocupada demais ultimamente.

Ela me olha com uma expressão dura.

— Tem razão, Walter. Estive mesmo. Desculpe por ter sido tão difícil de encontrar.

— Ah, bem... está claro que eu estive frequentando todos os lugares errados.

— Diga, Walter, posso lhe oferecer um drinque? — Grisalho pergunta. Obviamente ele é o tipo que acredita que a melhor maneira de controlar uma situação é pagando por ela.

— Ora, obrigado, Rich. É muito gentil de sua parte — comento, erguendo a mão para chamar um garçom, pedindo-lhe que me traga um martíni Beefeater sem gelo e com uma casca de limão. — Lamento muito por me intrometer dessa forma. Como vocês dois se conheceram?

Maddy não diz nada, mas me olha com raiva. Grisalho se interpõe com:

— Ah, nós nos conhecemos em uma festa em Sou-thampton na semana passada.

— Southampton. É mesmo? Uma bela parte do mundo. Faz tempo que você mora lá?

— Cerca de dez anos. Comprei uma velha casa em estilo rural e a substituí por algo mais moderno. Havia só um banheiro em toda a casa, pode imaginar? O corretor imobiliário me disse que uma família de sete pessoas morava ali. Imagine a fila que se formava logo de manhã — disse ele, com um riso ensaiado.

Eu o odeio, é claro, mas também percebo seu charme. Já me sentei à mesa com muitas pessoas como ele, colocando-as em seus devidos lugares, demolindo-as aos poucos. Poderia passar o dia todo fazendo isso. Ou a noite toda. É como tentar agarrar bolas de beisebol lançadas.

Abro um sorriso morno para Grisalho e olho para Maddy, ignorando-o por enquanto.

— Como está Johnny? Não o vejo há semanas.

— É verdade, você não o viu — responde ela com o mesmo tipo de sorriso. Ah, eu a conheço muito bem. — Ele está bem.

— Talvez eu possa ir até sua casa para visitá-lo, presumindo que você esteja por lá algum dia desses? — digo a ela. Em seguida, volto minhas atenções para Grisalho. — É meu afilhado. Tem nove

anos. Um belo garoto — acres-cento. Antes que ele possa entrar na conversa com alguma observação trivial sobre as virtudes dos meninos de nove anos, volto a olhar para Maddy. — Bem, descobri que temos alguns amigos em comum.

— Sempre tivemos, querido — ela retruca.

— Sim. Mas estes são novos amigos.

— É mesmo? Estou feliz em ver que você está fazendo novas amizades. Você realmente precisa ampliar seu círculo social.

— Bem, certamente não preciso lhe dar o mesmo conselho. Você tem feito muitas novas amizades também.

— Eu gosto de pessoas.

— Naturalmente. E, pelo que ouvi dizer, você tem sido incrivelmente popular. Aposto que está se sentindo ótima sendo tão popular com tantas pessoas. Pelo que me disse-ram, você está com um amigo novo a cada noite.

— Vá se foder, Walter — ela diz. Aparentemente, a hora de brincar já terminou.

— Ei, o que está acontecendo? — Grisolho pergunta, aparentando confusão.

— Nada, Rich — respondo. — Só uma conversa amistosa entre amigos.

— Foi muito bom conversar com você, Walter — Maddy diz. — Que coincidência incrível haveremos nos esbarrado aqui.

— Eu sei. Não foi mesmo? — digo, sorridente, olhando para meu telefone. — Opa. Parece que meu amigo precisa que eu o encontre em outro restaurante. Acho que é melhor eu ir até lá — digo, levantando-me. — Obrigado pelo drinque, Rich.

Inclino-me na direção de Maddy e sussurro em seu ouvido:

— Você ficou louca? — digo, enquanto lhe dou um beijo de boa noite. Depois, em uma voz mais alta. — Vamos conversar qualquer dia desses.

Sentada em sua cadeira, rígida, ela não diz nada. Está furiosa comigo. Ótimo. Esta é a reação que eu esperava provocar. Uma delas, de qualquer maneira.

— Bem, até mais. Espero que tenham uma noite divertida, crianças — digo.

Caminho casualmente pelo restaurante, até chegar à saída. Chegando à porta, me viro e aceno. Grisalho, que ficou me olhando durante todo o percurso, acena em resposta, feliz por se ver livre de mim. Maddy simplesmente fica sentada ali. Do lado de fora, no anonimato da rua, respiro fundo, suspirando aliviado. Percebo que estou suando e sinto o frio da transpiração contra meu corpo em meio ao ar frio da noite. Olho ao redor, procurando meu carro, e vou até ele.

— Obrigado por esperar — digo, ao entrar. O motorista, um sikh, tira os olhos de seu telefone celular. — Sem problemas, senhor. Para onde?

Sem problemas. Aquela frase detestável. Resmungo silenciosamente e digo:

— Para lugar nenhum, por enquanto.

Para minha alegria, nem dez minutos depois, vejo Maddy e Grisalho saindo do lugar. Não consigo ouvir o que estão dizendo, mas a linguagem corporal de Grisalho sugere surpresa, decepção e obsequiosidade. Ele está tentando compreender que diabos está acontecendo e tentando encontrar uma forma de salvar a noite. Maddy, alta e com a postura ereta, com um braço estendido para chamar um táxi, caminha resoluta, desdenhosamente, como a proa de um navio. Conseguir um táxi nesta região parece ser fácil. Aparentemente, há uma dúzia rodando por ali, procurando por passageiros. Um deles estaciona na frente de Maddy. Ela dá um beijo apressado em Grisalho e entra, deixando-o em pé na calçada, confuso e excitado.

Observo o rosto de Maddy no banco traseiro do táxi quando ela passa por mim.

— Tudo certo, podemos ir agora — digo ao motorista. — Leve-me para casa, por favor.

3

LEMBRO-ME DE QUANDO JOHNNY NASCEU. Maddy estava em trabalho de parto há quarenta horas. Então a dilatação ocorreu por volta das seis horas da tarde e ela fez força durante três horas. Harry estava de um lado, a enfermeira do outro, dizendo-lhe para respirar, para empurrar e empurrar nova-mente. A cabeça de Johnny aparecia quase durante o tempo todo. Ela empurrou com tanta força que as veias capilares de seus olhos estouraram. Finalmente, o médico teve de levá-la às pressas para uma episiotomia de emergência. Um enfermeiro enorme teve de impedir que Harry, desesperado, a seguisse. Finalmente Johnny nasceu, coberto pelo sangue de sua mãe, e ela foi capaz de segurá-lo apenas por um momento, porque ambos precisaram de cuidados médicos. Johnny foi levado imediatamente à unidade de terapia intensiva neonatal.

O médico, um homem baixo com sotaque alemão, falou a eles sobre o coração da criança. Havia um defeito congênito, algo que não foi identificado nos exames pré--natais. Eles iriam mantê-lo em observação, e um cardiologista pediátrico foi chamado. Havia a possibilidade de uma cirurgia ser necessária. Harry ficou furioso com o médico por haver deixado apenas a cabeça do bebê à mostra na hora do parto por tanto tempo, causando estresses desnecessários à mãe e ao filho, mas Maddy o acalmou com um toque de sua mão. Está tudo bem, ela lhe disse. E, olhando para ela, sabendo pelo que acabara de passar, ele não foi capaz de dizer mais nada. Simplesmente tomou-lhe a mão, beijou-a e olhou para ela com amor, maravilhado por sua coragem e força.

O tempo inteiro eu estava ali, aguardando ansiosamente na sala de espera, roendo as unhas, enjoado da CNN e tão nervoso quanto qualquer pai que estivesse esperando a esposa dar à luz. Sempre detestei hospitais, o cheiro do lugar, as doenças, a atitude dos médicos. Era tortura, mas, por Maddy, estava disposto a aguentar aquilo. Quando vi pela primeira vez a expressão sisuda de Harry,

mais tarde, fiquei aliviado ao saber que meus maiores temores não se concretizaram, mesmo que a notícia não fosse exatamente o que queríamos ouvir.

— Tem algo errado no coração dele — Harry me disse. — Vão ter de mantê-lo na UTI neonatal. Maddy está bem abalada, mas ficará bem. Eles lhe deram um sedativo para ajudá-la a dormir.

Ficamos em vigília a noite toda, alternando-nos entre o quarto de Maddy e a UTI neonatal. Sugeri até mesmo pro-cessar o médico e me ofereci para conduzir o processo. Mas Harry disse que não seria necessário, preocupado apenas com seu filho recém-nascido, que ainda não recebera um nome, e que ainda estava deitado em um berço em formato de bolha, com uma pequena máscara cobrindo-lhe o rosto, eletro-dos presos ao peito, monitores bipando, uma touca listrada cobrindo-lhe a cabeça e os olhos inchados com a nova vida abrupta. Eu não sabia qual deles parecia estar mais abatido, o pai ou o filho. Harry parecia estar exausto, também, depois de dormir a noite anterior em uma poltrona no quarto de Maddy enquanto ela sofria as contrações. Ele dormiria nova-mente no hospital esta noite, se conseguisse fechar os olhos.

No dia seguinte eles levaram Johnny até o quarto de Maddy e deixaram que ela o segurasse. Era um quarto diferente agora, em um andar mais alto e maior. Já havia vários buquês de flores. O maior de todos foi um que eu mesmo enviei, com um urso de pelúcia gigante. Com o bebê nos braços, Maddy parecia uma santa, mas, ao mesmo tempo, estava quase morta. Nunca a vi tão esgotada. Sua pele estava pálida e os olhos estavam enegrecidos.

— Ele é tão lindo — ela suspirou.

— Vai ficar tudo bem — eu disse. — Os médicos aqui são os melhores. Além disso, tenho um amigo que está no quadro de diretores do hospital. Não se preocupe. Estão fazendo tudo o que podem.

A enfermeira voltou e nos disse que tinha de levar Johnny embora. A expressão no rosto de Maddy poderia despedaçar um coração.

Também me levantei para sair.

— Um momento, Walt — pede Harry. — Há algo que Maddy e eu gostaríamos de perguntar a você.

Eles trocaram um olhar, deram-se as mãos e depois se voltaram para mim.

— Walter — Harry disse. — Espero que não seja um choque para você, mas gostaríamos que você fosse o padrinho.

— Eu ficaria honrado — respondi, olhando para Maddy. Esperava que meu olhar expressasse toda a extensão da minha gratidão.

— Se há alguém capaz de impedir que o diabo persiga o garoto, esse alguém é você — Harry disse com um sorriso, apertando minha mão. Maddy estendeu os braços e me inclinei para beijá-la. — Obrigada — sussurrou ela.

— Já escolheram um nome para ele?

— Já — respondeu Harry. — Estávamos conversando a respeito há algum tempo, mas chegamos a uma decisão esta manhã.

— Vamos chamá-lo John Walter Winslow.

Senti meu rosto corar. Não é todo dia que sua melhor amiga decide batizar o filho com seu nome, ou lhe pede, de uma forma acanhada, mas real, para se tornar um membro da família. Fiquei muito emocionado. Daquele momento em diante, Johnny se tornou tão importante para mim quanto sua mãe. Fiz até mesmo um fundo de poupança e aposentadoria para ele, e o nomeei meu único herdeiro. Algum dia, ele seria muito rico.

Naquela noite, para celebrar, pedi o jantar em um dos melhores restaurantes da cidade. Era julho e eles enviaram lagosta e Pouilly-Fumé frio em baldes de gelo. Enviaram também uma mesa, toalha, talheres de prata e até um garçom para nos servir. Tudo muito civilizado. Maddy estava faminta, mas exausta. Deu algumas garfadas e tomou um gole de vinho, mas logo pediu licença e disse que precisava dormir. Eu havia tentado levar Harry para fora dali para tomarmos um drinque, mas ele recusou, dizendo que queria ficar com Maddy e Johnny.

Os anos seguintes foram muito difíceis. Johnny era levado regularmente ao hospital, e precisou de várias cirurgias. O pior momento ocorreu quando ele tinha três anos; ele desmaiou no

quintal de sua casa em Nova York, e Harry teve de levá-lo nos braços por todo o caminho até o hospital.

Houve outra complicação, mas desta vez com Maddy, não com Johnny. O médico chamou Harry para uma conversa reservada no dia seguinte ao nascimento. O parto fora traumático para Maddy. Havia empurrado por tempo demais, e ter outro bebê poderia ser perigoso. Lamento, disse ele. Harry não me contou isso. Maddy o fez, anos depois. Sempre me perguntei o que teria acontecido se houvesse outro filho.

Mas eu sabia que ter uma criança doente afetara Maddy. Ser mãe acabou por transformá-la. Fez que se tornasse mais protetora e menos aventureira. Johnny tornou-se o centro de seu universo, e ela se recusava a sair da órbita que estabelecera ao redor dele. Mesmo assim, isso fez que ela ficasse mais determinada e desapegada do que jamais fora. E Harry estava a seu lado a cada passo do caminho. Estava trabalhando em seu livro na época, aquele que lhe traria fama. Às vezes, eles acabavam por se isolar durante várias semanas, vivendo alegremente apenas um com o outro. Eu era sempre bem-vindo, assim como o capitão do barco postal em relação ao operador do farol e sua família, uma mudança em sua rotina e também trazendo as notícias do mundo exterior, mas percebia que eles nunca ficavam tristes quando me viam navegando de volta ao continente.

Conforme a saúde de Johnny se estabilizava, eles ficaram cada vez menos reclusos. Em seguida veio o sucesso do livro de Harry, e, novamente, ele se permitiu aproveitar mais de sua natureza social. Sempre foi bom com multidões, autoconfiante, divertido e atencioso quando tinha de ser. Gostava de festas, tanto como anfitrião quanto como convidado. Maddy gostava menos de eventos sociais e raramente queria sair de perto de Johnny, então eles geralmente convidavam pessoas para ir até sua casa. Era algo que ela fazia por Harry e por si mesma, também. E, é claro, havia o fato de que ela era realmente uma boa cozinheira, bonita e inteligente. Assim, as pessoas sempre compareciam.

Mas manter Harry por perto, como fazia com Johnny, era o que a deixava mais feliz. Talvez, em algum lugar de seu coração, ela

temesse que, se não o fizesse, acabaria perdendo ambos. E isso iria destruí-la.

Foi por isso que fiquei tão incomodado quando percebi que ela estava abandonando Johnny daquele jeito. Aquela não era a Maddy que eu conhecia. Nada disso era típico dela. Johnny precisava voltar a tê-la por perto, e eu também.

Telefone para ela no dia seguinte à cena do restaurante. Dessa vez ela atende.

— Aquilo foi um golpe baixo — ela diz.

— Não sei do que você está falando.

— Ah, pare com isso. Você sabe exatamente do que estou falando.

— Lamento por ter acabado com seu pequeno encontro. Aquele rapaz parecia ser muito simpático.

— Você é um idiota.

— Sou mesmo?

— É, você é. Não sei como você me encontrou, mas não acredito naquela história de encontrar um cliente para jantar nem por um minuto. Você nunca encontraria um cliente em um lugar como aquele, assim como nunca votaria em um democrata.

É verdade. Eu não faria isso. Mas não estou disposto a confessar.

— Bem, acho que todos somos capazes de fazer coisas novas. Não é exatamente seu tipo de lugar, também.

Ouçoo o silêncio do outro lado da linha. Em seguida:

— Agora a minha vida é muito diferente do que costumava ser.

— Se a sua é, a minha também é.

— Eu não queria que fosse — ela diz, em voz baixa.

— Eu também não.

— O que há de errado em sair para um encontro? — ela pergunta, irritada agora. — Estou separada. E Harry está fodendo Claire. Por que tenho de ficar enfurnada em casa? Será que não posso me divertir um pouco, também?

— É claro que você deve sair para se divertir. Mas sei que você está saindo com muita frequência. Será que essa situação não é difícil para o Johnny? Ele está passando por um momento muito complicado. Precisa de você mais do que nunca.

Até agora, não houve nenhuma menção à noite que passamos juntos. Não estou disposto a tocar no assunto, e, aparentemente, ela também não. Quero só que as coisas voltem a ser como eram.

Ela suspira.

— Estou pensando em ir para algum lugar distante por algum tempo.

— Com Johnny?

— Não. Ele tem de ir à escola. Ele pode ficar com Harry. Será bom para ambos.

— Tem certeza de que essa é a melhor ideia?

— Não. Não tenho certeza de nada. Tudo que sei é que, se ficar em Nova York agora, vou acabar enlouquecendo.

— Vai viajar sozinha?

— Muito engraçado. Vou, sim. Não quero estar perto de ninguém, não quero ver ninguém. Só quero ficar sozinha. Ir para algum lugar, sentar-me numa praia e pensar em que diabos vou fazer depois. México ou algum lugar assim. Quero água salgada e esverdeada. Água salgada e esverdeada, tão pura e limpa, e a única coisa que separa a areia e o céu.

Fico aliviado.

— Parece uma ótima ideia.

— Não estou pedindo sua aprovação, diabos.

— Posso ajudar?

— Creio que pode. Veja como Johnny está de tempos em tempos para mim, por favor. Sei que Harry vai cuidar bem dele. Quero apenas que Johnny saiba que as outras pessoas em sua vida o amam também.

— É claro. Será um prazer. Quanto tempo pretende ficar fora?

— Não sei. Algumas semanas. Gostaria de desaparecer por um ano inteiro, mas sei que não posso fazer isso.

— Quando está pensando em partir?

— Se puder, estava pensando em sair na semana que vem. Quanto mais cedo, melhor. Quando voltar, podemos abrir a casa na praia. Sei o quanto Johnny ama ficar lá. Não acredito que já estamos quase no verão outra vez. Meu Deus, que ano movimentado — ela diz, com um riso.



Na noite anterior à viagem de Maddy, Harry vai até o apartamento pegar Johnny. Naturalmente, perguntei se ela queria que estivesse presente. Para minha surpresa, ela disse que não seria necessário, mas me conta sobre o que aconteceu na manhã seguinte, quando me liga do aeroporto para se despedir. Eu já havia lhe pedido para me passar seu contato. Não gosto da ideia de não saber onde ela está.

— Foi bom vê-lo. Fiquei surpresa — ela diz.

Estou igualmente surpreso ao ouvi-la dizer isso. É a primeira vez que ela fala de maneira civil em relação a Harry desde que todo o episódio veio à luz. Até o momento ela não havia expressado nada além de desprezo.

— Como assim?

— Ele estava agindo de maneira muito meiga. E me deu sua velha medalha de são Cristóvão. Aquela que ele sempre usa quando voa. Disse que queria que eu ficasse com ela.

— E você a aceitou?

— É claro. Ele sabe o quanto detesto voar.

— Sobre o que mais vocês conversaram?

— Sobre Johnny. Eu disse a ele que não queria que Johnny chegasse perto de Claire.

— Como ele reagiu?

— Ele concordou. Disse que entendia. Depois, tentou se desculpar outra vez.

— E o que você disse?

— Eu disse que não queria falar sobre isso.

— Conversaram sobre mais alguma coisa?

— Não muito. Você sabe, conversa fiada, México. Sabe, é um dos poucos lugares onde nunca estivemos juntos. Talvez seja por isso que quero ir até lá. De qualquer modo, tomamos uma bebida. Foi estranhamente aconchegante, sabe? Ele disse que seu livro estava progredindo. O engraçado é que isso até me fez rir. Você sabe como ele é quando começa a falar. Ninguém sabe contar uma piada como

Harry, e, embora eu tenha prometido a mim mesma que resistiria a seus encantos, ele me fez rir demais. Eu estava tão furiosa com ele que não pude acreditar que ele ainda seria capaz de fazer isso, mas foi o que aconteceu. Por um momento, quase me esqueci do que ele fez e do quanto estou irritada com ele, e foi quase como se nada disso houvesse acontecido. E Johnny parecia estar muito feliz, também. Percebi o que ele estava pensando.

Absorvo a notícia.

— Está pensando em mudar de ideia?

— O quê?

— Em mudar de ideia. Em relação ao divórcio.

— Ah, não sei. Isso não é normal? Eu estava lendo a res-peito e parece que isso acontece com frequência. No meio do processo você toma um choque de realidade e começa a pensar se isso é realmente a coisa certa a fazer. Nós agimos rápido demais quando jogamos nossa vida inteira pela janela. Afinal, meu pai tentava foder qualquer coisa que estivesse de saia, sendo casado ou não. Mas não foi essa a razão pela qual tantas esposas o abandonaram. A vida pode ser muito solitária, sabia?

Eu sei disso mais do que a maioria das pessoas.

— Você ainda o ama?

— Não sei. Passei os últimos vinte anos da minha vida com ele. É estranho não tê-lo por perto. Às vezes sinto saudades dele. De verdade. E, é claro, Johnny também sente. Ele ficou tão empolgado quando lhe disse que iria ficar com Harry que quase me arrependi da ideia. Perguntei a ele se iria sentir saudades de mim, e ele disse que sentiria, mas percebi que ele estava ansioso demais para ir embora com seu pai — ela diz, rindo.

— E então, o que vocês vão fazer?

— Por enquanto, nada. Vou para o México. Posso pensar nas coisas enquanto estiver lá, e, se tiver sorte, conseguirei encontrar alguma perspectiva. Voltarei em duas semanas, mais ou menos. Assim, se eu mudar de ideia, posso lidar com isso. Ou não.

— Certo. Bem, boa sorte e vaya con Dios.

— Obrigada, Walter. Obrigada por tudo. Você teve de aturar muitas coisas de mim. Realmente não acho que conseguiria chegar

até aqui sem você. Você sabe que eu o amo. Você é o único homem que nunca me decepcionou.

— Amo você também — respondo, mas com um sentido diferente daquele que ela expressa.



Posso imaginar o rosto de Claire quando recebe a notícia. Ele a levou para jantar no pequeno bistrô perto de seu apartamento. Provavelmente tomaram alguns martinis e pediram a salada frisée com lardons, seguidos por um filé assado coberto com manteiga. Uma garrafa de vinho tinto. Ela estaria feliz, desfrutando de uma noite fora de casa, algo cada vez mais raro. Pediu até mesmo que ele a encontrasse no restaurante, de modo que pudesse ir para casa e trocar as roupas com que foi ao trabalho.

— Preciso lhe dizer uma coisa, e espero que não se importe — ele diz. — Johnny vai precisar ficar comigo durante as próximas três semanas. Maddy vai viajar. Ela me ligou ontem e me falou a respeito. Não vai levar Johnny com ela.

— Não há nada de ruim nisso — diz Claire, sem entender completamente. — Eu adoraria ajudar a cuidar de Johnny. Ele é maravilhoso.

— Desculpe. Não tenho certeza de que fazê-la encontrar Johnny seja uma boa ideia neste momento. Maddy e eu discutimos a questão.

— Ah, discutiram, não é? E o que foi que você disse? Chegou ao menos a me defender?

Ele fica surpreso com a rapidez com que ela se irrita, mas talvez não devesse. — Não foi assim — ele diz, dando de ombros e cortando seu filé.

— Ah, é mesmo? Quer dizer que tudo que tenho de fazer é desaparecer por três semanas até que Maddy volte?

— Não é tanto tempo assim.

— Não é disso que estou falando.

— Certo, do que você está falando, então? Está sugerindo que devo colocar suas necessidades à frente das de meu filho? Você me

conhece bem o bastante para saber que eu nunca poderia fazer isso. De qualquer forma, que escolha eu tive? Preciso fazer tudo que puder para garantir que um juiz me conceda períodos iguais de tempo com Johnny se o divórcio se concretizar.

— “Se”? Você não quer que o divórcio se concretize? A pergunta o surpreende.

— É claro que não quero que ele se concretize.

Ela o olha fixamente.

— O quê?

Ele a encara com uma expressão de dúvida.

— Você me ouviu. Não quero me divorciar. Não quero perder minha família. Lamento se isso não é o que você quer ouvir, mas é a verdade.

— Quer dizer que isso transforma todo o resto em uma mentira?

— Não, de maneira nenhuma. Você não precisa distorcer minhas palavras desse jeito. Eu me importo muito com você. Espero que saiba disso. Mas também pensei que você entendia como me sinto.

Ela abaixa os olhos, mordendo o lábio. Finalmente, pergunta:

— E o que tem a dizer sobre mim? Estou cansada, Harry. Amo você, mas preciso saber que você me ama também.

— Já conversamos sobre isso. Você sabe que amo Maddy e Johnny. Eles são minha vida. Cometi um erro e Maddy me odeia por isso, mas eu faria tudo que pudesse para tê-los de volta. Achei que você soubesse disso. Desculpe-me se fiz você pensar de outra forma.

Ela desvia os olhos.

— Sou uma idiota — ela diz. — Meu Deus.

— Por que está dizendo isso?

— Por haver pensado que você escolheria a mim em vez de Maddy. Quando ela pediu o divórcio, achei que poderia ter uma chance, mas agora, mesmo que ela não o queira, você ainda a quer mais do que a mim.

Ele deixa as palavras dela morrerem no ar.

— Sim, eu quero.

O ódio surge nos olhos dela.

— Você é um egoísta, Harry. Você nunca pensa em nada além daquilo que quer. Você nunca pensa no que as outras pessoas querem ou como suas ações afetam as outras pessoas. Sei que você não pensou em mim nem por um minuto quando estava conversando com Maddy. Sabe como isso faz que eu me sinta? Faz que eu me sinta como se fosse um lixo.

— Lamento.

— “Lamento”? Isso é tudo que tem a dizer?

— Estamos falando da minha família. Éramos felizes quando estávamos juntos, até que... — ele se detém.

— Até o quê? Você ia dizer que tudo estava bem até o momento em que cheguei e estraguei tudo?

Ele abre a boca para falar, mas sabe que não haveria qualquer motivo para isso.

— Esqueça — ela diz, levantando-se. — Já que você quer tanto passar as próximas três semanas com Johnny, por que não começa agora?

— Talvez não seja uma má ideia.

— O quê?

Ele suspira.

— Talvez nós não devêssemos nos encontrar mais.

Estive pensando muito sobre isso nos últimos dias. Você é maravilhosa, mas ainda amo minha mulher. Preciso fazer tudo que puder para salvar meu casamento e minha família. Além disso, você é jovem demais. Vai dizer que realmente achou que nosso caso teria futuro?

Ela o observa, atordoada. Finalmente, diz com uma voz que mal é audível.

— Filho da puta.

— Claire...

Ela enfia um braço apressadamente pela manga de sua jaqueta, depois o outro, e pega sua bolsa.

— Lamento — ele diz outra vez, mas não faz nada para impedir que ela vá embora. Eles se entreolham como dois estranhos.

Ele a observa sair pela porta. Os restos do jantar ainda estão à sua frente. Ainda há vinho na taça dela. A refeição de Claire

continua no prato, pela metade, e a faca e o garfo ainda estão onde ela os deixou. O guardanapo está atirado sobre a cadeira. Ele quase se levanta para segui-la, mas, em vez de fazer isso, faz um sinal para que o garçom traga a conta. Os outros clientes que jantam nas mesas ao redor, os mesmos que haviam parado de falar, voltam a se ocupar com sua refeição.

Ele termina de beber o vinho e deixa o dinheiro. Harry tem o hábito de deixar gorjetas generosas, contando as preciosas notas.

Ao sair do restaurante, ele começa a caminhar em direção ao apartamento de Claire, em parte devido ao hábito. Ela ainda não lhe deu a chave. Ele supõe que poderia tocar o interfone. Dizer-lhe que mudou de ideia e esperar pelo clique que abre a porta, um sinal de que tudo está perdoado e que ele pode ir até ela mais uma vez. Mas, quando chega em frente ao prédio onde ela mora, Harry ainda não sabe ao certo o que deve fazer. Suas pernas parecem ser feitas de chumbo. Ele aperta o botão ao lado do nome de Claire uma vez, e depois outra. Fica aliviado quando ela não atende. Volta para a calçada e olha na direção da janela. Não há nenhuma luz acesa. Ela não está em casa.

Ele caminha pela rua até um bar na esquina. Estreito e com pouca iluminação. Ele entra e pede um uísque ao bartender. Olha para sua imagem no espelho. A raiva toma conta dele. Raiva de si mesmo. Que diabos ele fez? Que diabos estava pensando? Por que, afinal de contas, ele está aqui? Há algum tempo ele recebia muito amor, mas desperdiçou tudo. Talvez Claire tivesse razão. Ele foi muito egoísta, tomou muitas coisas para si, e talvez nunca conseguisse todo aquele amor de volta. Mas tinha de tentar.

Ele termina a bebida e sai, virando-se novamente na direção do prédio de Claire. Olhando para cima, vê que a luz ainda está apagada. O apartamento onde mora fica a vários quarteirões de distância e o ar ainda está frio, mas ele ainda não está pronto para dormir. Ele se vira e caminha na direção oposta, imaginando se algum dia voltará ali.

4

QUANDO MEU PAI MORREU, as coisas aconteceram de uma maneira súbita, e depois gradualmente, ao contrário do que geralmente acontece. Foi na véspera do dia de Ação de Graças, e minha mãe ligou para meu escritório.

— Seu pai não está bem — ela disse, com seu tom de voz preciso e elegante. — A ambulância acabou de sair. Eles o estão levando para o hospital de Southampton. Acho que seria melhor se você fosse até lá.

Eu sabia que o caso devia ser sério. Naquela época, ninguém ia ao hospital em Southampton.

— Qual é o problema? O que houve?

— Ele teve uma convulsão. Estava se sentindo estranho ultimamente. Eu o encontrei no chão da cozinha e liguei para a emergência.

— Estou a caminho.

Eu já estava fazendo planos para pegar a estrada e visitá-los na manhã seguinte e desfrutar do jantar do dia de Ação de Graças com eles. Era uma tradição familiar. Alguns amigos de meus pais chegariam para tomar bebidas por volta das duas horas da tarde, e depois nos sentaríamos para comer um peru preparado por Genevieve e servido por Robert. Entre o peru e a sobremesa, que geralmente era composta por um conjunto de tortas que também eram preparadas por Genevieve, vestíamos nosso agasalho e dávamos um passeio a pé até a praia para reabrir o apetite. Depois, no dia seguinte, meus pais partiam para a Flórida e deixavam a casa fechada até abril.

Naquela época, Maddy; seu irmão, Johnny; seu pai e qualquer das esposas com quem estivesse casado no momento se juntavam a nós, mas isso geralmente só acontecia porque eu insistia. Minha mãe não se importava muito com o sr. Wakefield, e imagino que ela sabia que ele bebia, mas era muito educada para dizer alguma

coisa, pelo menos na minha frente. Quando eles vinham, minha mãe sempre arrumava a mesa com as menores taças de vinho e mandava buscar apenas uma garrafa na adega. Tenho certeza de que o pai de Maddy sabia o que estava acontecendo. Ele era muito esperto. Em relação a meu pai, ele tinha o dom de encontrar boas qualidades em todas as pessoas, e, como os dois homens eram vizinhos desde a infância, embora meu pai fosse quase dez anos mais velho, eles tinham muitos assuntos em comum para conversar. E o sr. Wakefield podia ser muito divertido, desde que não bebesse demais. Se isso acontecesse, ele se tornaria cruel como uma víbora. Eles pararam de com-parecer à celebração do dia de Ação de Graças no ano em que venderam a casa grande, que foi o ano seguinte à morte da avó de Maddy, mas, naquela época, eu e Maddy já estávamos em Yale.

Depois da ligação de minha mãe desliguei o telefone e fui procurar meu chefe, um advogado esforçado, precocemente envelhecido, que recentemente havia sido alçado à condição de sócio da empresa e que vinha todos os dias de sua casa em Manhasset. Eu era um jovem advogado associado na época, sem muita autonomia. Estávamos trabalhando em um contrato importante e ficávamos no escritório até depois da meia-noite há várias semanas. Expliquei o que havia acontecido. Ele suspirou e, relutantemente, disse que seria melhor que eu fosse ver meu pai. A morte ainda é uma das únicas coisas que a carreira jurídica respeita mais do que as necessidades do cliente.

Eu tinha um velho Audi verde, e dirigi o mais rápido que pude até o hospital. O êxodo do feriado já havia começado, e demorei mais para chegar ao fim da viagem do que gostaria, embora conhecesse todas as estradas vicinais. Isso era antes de muitas pessoas terem telefone celular — eu certamente não tinha, embora tivesse um bip fornecido pela empresa — e não sabia qual era a situação quando cheguei ao estacionamento.

Minha mãe estava na sala de espera, parecendo incrivelmente tranquila. Nem um fio de cabelo fora do lugar. Depois que me ligou, tenho certeza de que escolheu cuidadosamente o blazer e a saia certas para a ocasião, os brincos apropriados, a bolsa e os sapatos,

e sentou-se em sua escrivaninha para escrever instruções que Genevieve deveria seguir em sua ausência. Só depois disso tudo ela pediria que Robert a levasse ao hospital no velho e enorme Cadillac.

— Como ele está? — perguntei, depois de dar um beijo superficial em sua bochecha velha e flácida. Como de costume, ela exalava um toque sutil de Chanel nº 5.

— Está em observação — respondeu, com voz firme. — O chefe do departamento médico está cuidando dele.

Nada mais apropriado. Meus pais faziam doações generosas ao hospital.

Minha mãe abordou uma enfermeira que passava e pediu a ela que chamasse um médico para me explicar o que estava acontecendo. Era algo mais difícil de fazer do que parece, mas ela sempre teve um certo talento. Enfermeiras, garçons, comissários, taxistas e funcionários públicos. Havia algo na maneira com que ela falava e se portava que atraía a atenção, mesmo das pessoas que, na maioria dos casos, estariam entre as menos dispostas a parar. Talvez o fato de seu pai ter sido um general tenha contribuído, mas acho que foi algo com que ela nasceu.

Meu pai era uma alma mais gentil. Alto, sério e de bom coração. Na cornija em minha casa eu tenho uma fotografia onde ele aparece como estudante universitário no fim dos anos 1940. Ninguém diria que ele era um homem bonito, mas tinha um rosto que transmitia solidez e segurança, além dos ombros largos de um remador.

Quando meus pais se casaram e eu nasci, eles eram mais velhos do que a maioria de seus contemporâneos. Imagino que foi um casamento feliz. Ela jogava bridge e administrava a vida de ambos. Ele trabalhava em um dos grandes bancos de Wall Street, onde aparentemente era bastante respeitado por sua competência fiduciária e sua integridade. Ele viajava bastante a trabalho, em geral acompanhado por minha mãe. Por algum tempo, chegou até mesmo a servir como subsecretário do Tesouro Nacional durante a administração Nixon. Um dos sócios majoritários da minha

empresa, que o conhecia havia anos, comentou brevemente depois de ser contratado:

— Sempre admirei seu pai. Ele era um homem indispensável para várias pessoas dispensáveis.

Foi difícil vê-lo no leito do hospital inconsciente, com uma máscara de oxigênio lhe cobrindo o rosto, sondas intravenosas em seus braços que agora eram franzinos e pálidos, um cateter e uma infinidade de máquinas com luzes piscando ao fundo. Sempre consciente de sua dignidade, ele era um homem que usava gravata até mesmo aos sábados, sempre colocava a fralda da camisa para dentro das calças e não me lembro de ouvi-lo proferir qualquer impropério, mesmo quando outro motorista lhe cortava a frente na estrada. Ele detestaria a ideia de ser espetado e perfurado por um grupo de estranhos, e secretamente fiquei grato por ele estar sedado.

— Ainda não sabemos exatamente o que causou a convulsão — disse o chefe do departamento médico. — Estamos fazendo uma série de testes, raios X e exames de tomografia computadorizada. Até o momento, não há nada conclusivo. Sua mãe nos descreveu os detalhes da sua dieta, ciclos de sono e exercício. Pedimos a seu médico particular em Manhattan que enviasse o histórico médico de seu pai por fax, mas ainda não conseguimos identificar nada de concreto.

— Mas vocês certamente sabem o que está acontecendo, não é?

— Vamos continuar a fazer os testes. Por ora, é melhor mantê-lo sob sedação. Nós o manteremos informado.

Minha mãe e eu jantamos em casa naquela noite, assistidos por Genevieve e Robert, ambos preocupados. Minha mãe foi direto ao telefone depois de voltar para casa, ligando para os convidados que eram esperados para o jantar no dia seguinte.

— Oh, lamento tanto — a ouvi dizer de seu escritório perto da sala de jantar. — Mas receio que terei de cancelar o jantar de Ação de Graças amanhã. Sei que é horrível dizer isso de última hora, mas o pobre Hugh não está nada bem, e tivemos de levá-lo ao hospital de Southampton esta manhã. Claro. Obrigada por compreender.

Não, não, por favor, não é preciso enviar nada. Tenho certeza de que ele logo estará de volta conosco.

E desligou o telefone.

— Como você está, querido? — perguntou minha mãe do outro lado da mesa, enfatizando o pronome. — Alguma novidade?

Fiquei surpreso com a pergunta. O homem com quem ela estava casada há três décadas estava hospitalizado, muito provavelmente às portas da morte, e ela estava tentando manter as aparências. Eu queria lhe dizer o que realmente estava pensando, mas, ao invés disso, simplesmente respondi:

— Nada de novo, mãe. Estou trabalhando bastante, mas isso é de esperar.

— Alguma garota?

— Faça-me o favor. — Ela suspirou, e eu disse: — Você mencionou ao telefone hoje pela manhã que já fazia alguns dias que meu pai não se sentia bem. Você tem alguma ideia do que há de errado com ele, ou se é algo que está ligado com a convulsão?

— O dr. Marshall me disse que os testes não foram conclusivos, como acredito que ele lhe disse. Não tenho certeza se faz bem especular a respeito. Nenhum de nós é um profissional de saúde.

Ela deu de ombros e deu mais uma garfada em seu jantar.

— Disse aos médicos o que sei. Tenho certeza de que você não gosta quando um leigo tenta lhe dizer como fazer seu trabalho. Com os médicos acontece a mesma coisa.

Meu pai resistiu por vários dias. O dia de Ação de Graças foi um feriado sem nenhuma alegria. Depois do jantar saí para nossa tradicional caminhada até a praia, mas estava sozinho. Estava frio. Eu estava com um cachecol ao redor do pescoço e minha jaqueta de lã para me proteger do vento. Fiquei lá observando as ondas por um longo tempo, rezando silenciosamente para que meu pai se recuperasse. Já havia feito mais orações naquela manhã com minha mãe quando fomos à missa de Ação de Graças na igreja de St. Luke. A notícia já se espalhara pela congregação, muitos dos quais eram amigos de meus pais no clube que frequentavam. O pároco ficou ao lado da porta com sua longa batina branca e segurou as

minhas mãos e as de minha mãe com carinho, proferindo seus pensamentos e orações mais sinceros.

Os amigos de minha mãe lhe deram toda atenção que podiam.

— Ah, Elizabeth — diziam eles, amontoando-se à nossa volta. As mulheres mais velhas estavam vestidas como minha mãe, eram magras e tinham cabelos artificiais; os homens usando blazers, casacos de tweed e gravatas elegantes, em sua maioria andando com a ajuda de bengalas e com aparelhos de surdez na orelha. Os homens procuravam se manter a distância enquanto a esposa deles se esforçava para chegar onde estávamos. Eu não os culpava. Devia ser muito deprimente ver que um dos seus havia caído, fazendo que cada um deles imaginasse quem seria o próximo.

Na sexta-feira uma equipe de especialistas veio de Manhattan. Nefrologistas, neurologistas, cardiologistas e até mesmo especialistas em doenças tropicais.

— Seu pai esteve no Brasil nos últimos seis meses? — me perguntou um deles, sorrindo.

No dia seguinte meu pai acordou, atordoado e confuso. Eu estava lá quando ele abriu os olhos, depois de passar todas as noites a seu lado, como sabia que ele faria se eu estivesse na mesma situação, dormindo em uma cadeira.

— Walt — ele disse, com uma expressão de pânico nos olhos. — Que diabos está acontecendo?

— Você está no hospital de Southampton, pai. Você teve uma convulsão em casa. Eles o estão mantendo sob sedativos.

Percebi que ele não entendeu direito o que eu disse, então repeti tudo.

— Você está aqui desde quarta-feira.

— Desde quarta? Que dia é hoje?

— Sábado.

Ele desviou os olhos.

— Meu Deus — ele exclamou. A realidade da situação começava a pesar. — E sua mãe? Como ela está?

— Ela está bem, pai.

Ele procurou minha mão. Parecia estar muito pequeno e debilitado. Não meu pai, mas uma sombra pálida do que ele era.

— Walt, pode pedir à enfermeira que me traga um pouco d'água? Estou com uma sede horrível — disse. Em seguida, passou a mão pelo rosto. — Preciso fazer a barba, também. Devo estar parecendo um mendigo.

Nos vários dias que se seguiram ele tinha momentos de lucidez, mas os médicos geralmente tentavam mantê-lo bastante sedado. Eu ia para casa todas as manhãs para tomar banho e tomar o desjejum, e, em seguida, a menos que minha mãe precisasse que eu cuidasse de alguns afazeres, voltava ao hospital. Claro, comecei a detestar o lugar, o início da minha apostasia à profissão médica em geral. Era deprimente demais, o cheiro de merda, desinfetantes e morte. As pessoas solitárias ancoradas naqueles quartos impessoais, televisores ligados, tosses e gemidos por trás de cortinas fechadas, médicos e enfermeiras indo e vindo em grupos pelos corredores fluorescentes. A falta de informação, o ar de superioridade, e, mesmo assim, com todo seu treinamento e experiência, ainda não eram capazes de descobrir o que havia de errado com meu pai.

Sempre tive a impressão de que os testes estavam deixando sua saúde pior. Eles insistiam em tentar medicações diferentes, ou enchiam meu pai de soluções de contraste para que as máquinas de diagnóstico pudessem fazer seu trabalho. O pior de tudo, pelo menos para mim, era o fato de que sempre havia novos médicos surgindo de todos os lados, muitos deles absurdamente jovens, examinando os prontuários e fazendo sempre as mesmas perguntas, sem parar. Quanto ele bebia? (Não muito). Fumava? (Parou há alguns anos.) Fazia exercícios? (Várias vezes por semana.) Havia algum histórico familiar de doença cardíaca? (Não que soubéssemos.) Esteve no Brasil nos últimos seis meses?

As coisas ocorriam sempre da mesma forma. Era exasperante. Eu não parava de imaginar o verdadeiro significado dos rabiscos e dos hieróglifos naqueles prontuários. Por que os médicos não conversavam uns com os outros? Se os advogados trabalhassem daquela maneira, sem nenhuma comunicação entre os diferentes profissionais que estavam atuando nos contratos e repetindo as mesmas perguntas a seus clientes reiteradamente, o resultado

seria um caos incontrollável. Aquilo era uma piada. Mas, quando tinham de enfrentar uma crise, esses médicos pareciam menos competentes do que o homem no escritório que conserta a máquina de fotocópias.

Meu pai era um homem estoico. Nascido e criado durante a época da Grande Depressão, sabendo das privações que a maioria de seus compatriotas sofreu, embora a riqueza de sua família o tenha blindado da maior parte do impacto. Alistara-se no Exército depois de terminar seu curso em Yale na época do pós-guerra, e seu conhecimento de línguas, o legado de uma governanta francesa e uma Fräulein alemã, assim como vários anos que passou viajando a outros países na companhia de seus pais e irmãos durante a década de 1930, conferiram-lhe uma posição como auxiliar do almirante Sherman, que, na época, era o comandante-chefe das operações navais. Depois de dar baixa na Marinha, entrou no mercado financeiro. Em todos os anos que o conheci, não me lembro de meu pai reclamar ou levantar a voz para nada, exceto a política e o time dos New York Yankees.

Assim, foi um choque ainda maior quando, certa tarde, eu estava sentado ali, tentando trabalhar — meu escritório me enviou os papéis que eu deveria examinar — e meu pai disse meu nome.

— Walt — ele disse. — Venha aqui.

Eu me aproximei dele, e ele me olhou com uma expressão assustada, algo que eu nunca vira antes.

— Você tem de me tirar daqui — implorou ele. — Você tem de me tirar daqui. Vou morrer aqui se você não me ajudar.

Olhei para ele, tentando descobrir se aquele homem que conversava comigo era meu verdadeiro pai ou só alguém que ainda estava delirando sob o efeito do coquetel de medicamentos que lhe aplicaram. Será que ele havia acordado de um pesadelo? Ou estava genuinamente aterrorizado? A expressão em seus olhos indicava que ele falava sério. Eu não sabia o que fazer. Olhei para as agulhas e para os tubos enfiados em seu corpo e mal fui capaz de imaginar o que aconteceria se eu os removesse. E como ele esperava que eu o tirasse de lá? Teria de carregá-lo? Imaginei nós dois cambaleando pelo corredor, desviando dos guardas de segurança, agarrados a um

suporte de bolsas intravenosas. Será que me deixariam usar uma cadeira de rodas, ou eu deveria simplesmente colocá-lo em uma maca com rodinhas e empurrá-lo para fora do hospital? E depois, o que eu faria? Iria levá-lo para casa? Como? No Cadillac? No meu Audi? Será que nos deixariam usar uma ambulância? Eu sabia que o simples fato de cogitar uma ação tão imprudente era irracional, mas o fiz mesmo assim. Faria qualquer coisa por meu pai, mas não podia fazer isso. Deus sabe que não queria que ele ficasse aqui mais do que ele mesmo, mas tirá-lo do hospital agora parecia o máximo da irresponsabilidade.

— Pai, me desculpe. Não posso tirá-lo daqui. Você tem de ficar. Os médicos estão fazendo tudo que podem.

— Não acredito em você. Eles vão me matar. Você tem de me tirar daqui.

— Pai, eles não estão tentando matá-lo.

Ele agarrou meu braço.

— Por favor.

— Lamento.

— Vá para o inferno — ele disse, e começou a se levantar. Era velho e frágil, mas ainda tinha suas forças. Tive de colocar minhas mãos em seus ombros para impedi-lo de sair da cama.

— Pai, você tem de ficar na cama.

— Você não é meu filho. Solte-me.

Eu o ignorei e chamei a enfermeira. Ela chegou e injetou um sedativo em seu braço enquanto ele se debatia contra nós dois. Em poucos segundos ele estava dormindo outra vez.

No dia seguinte ele parecia ter voltado ao normal. Estava sentado na cama, lúcido, e barbeando-se quando voltei. Os restos de uma bandeja com o café da manhã estavam sobre a mesa, sua primeira refeição sólida desde que fora internado.

— Bom dia, Walt — ele disse, evidentemente contente consigo mesmo. — Pode me fazer um favor? Tenho uma reunião com a diretoria na semana que vem, e preciso que você envie alguns documentos para eles. Pode cuidar disso para mim?

Fiquei aliviado com essa mudança na situação. Os médicos ainda não tinham determinado o que havia de errado com ele ou o

que causara a convulsão, mas estavam tão aliviados quanto eu. Fui informado de que, se ele continuasse a fazer progressos, conseguiriam transferi-lo da UTI para um quarto normal. Passei o dia com ele assistindo ao jogo de futebol americano na TV. Ocasionalmente ele adormecia, mas, de maneira geral, ficava interessado em saber o que havia acontecido no mundo naqueles dias. Guardei comigo as edições do Wall Street Journal dos dias anteriores e trouxe-as para ele. Isso o deixou muito contente, e disse que eu não precisaria passar a noite com ele. Feliz por poder dormir na minha própria cama, ou em qualquer cama, fiquei a seu lado até às oito da noite. Pela primeira vez desde que eu era criança, dei-lhe um beijo de boa noite.

Meu pai insistiu que eu voltasse ao trabalho no dia seguinte. Conversamos ao telefone naquela tarde. Ele me disse que, se tudo corresse bem, receberia alta dentro de alguns dias. Ele disse que minha mãe já havia feito reservas em um voo para a Flórida e telefonado à zeladora para lhe passar uma lista de compras. Foi a última vez que conversamos.

Às quatro horas daquela madrugada, o telefone tocou em meu apartamento. Eu tinha trabalhado até tarde nova-mente, mas pulei da cama ao primeiro toque. Ouvi a voz da minha mãe do outro lado da linha.

— Seu pai morreu — ouvi-a dizer. Fiquei no meu quarto, sem entender. — Ele teve um ataque cardíaco.

Lutei contra o impulso de gritar ou chorar. Em vez disso, disse:

— Lamento muito, mãe.

— A enfermeira disse que não houve dor — ela respondeu. — Receio que você terá de voltar para cá novamente.

O funeral ocorreu naquele sábado, e o grupo habitual de conhecidos estava presente. Maddy não pôde comparecer porque Harry fora transferido para a Califórnia naquela época, mas me telefonou naquela noite. Eu lhe falei sobre meu pai e a ocasião em que ele me pediu para tirá-lo do hospital, e que eu não conseguia evitar de me sentir culpado por tê-lo decepcionado, ou que, se fosse possível arrancá-lo de lá, talvez ele ainda estivesse vivo. Maddy me disse que eu não deveria pensar assim, que a pessoa

que pediu aquilo não era meu pai. Era outro homem. Seu pai já havia entrado e saído de vários sanatórios naquele momento, e ela tinha experiência com pessoas sob o efeito de medicamentos psicotrópicos.

Ouvir isso fez que me sentisse melhor, mas não amorteceu tanto a dor. Eu amava muito meu pai e fiquei furioso com seus médicos por, em minha opinião, não descobrirem o que havia de errado e por deixarem que ele morresse. Não que os médicos não tivessem se esforçado ao máximo. Eles fizeram isso. Mas todo o esforço que fizeram, ainda assim, não fora o suficiente.

Minha mãe faleceu dois anos depois. Também sofreu um ataque cardíaco, mas em circunstâncias menos dramáticas do que meu pai. Em uma manhã, na Flórida, Genevieve foi levar-lhe o café da manhã e ela simplesmente não despertou. Sempre pensei que foi a maneira perfeita para ela partir.

Eu tinha trinta anos na época, e herdei a casa e muitas outras coisas. Disse a Genevieve e Robert que eles poderiam continuar ali recebendo seu salário integralmente se assim o desejassem, mas que não precisaria dos mesmos serviços que eles prestavam a meus pais. Ele continuaram por mais alguns meses, especialmente para me ajudar a limpar e a organizar o apartamento de meus pais e deixar a casa de Long Island em ordem. Mas também estavam sofrendo os efeitos da idade e, graças a uma herança polpuda deixada por meus pais, decidiram voltar a seu vilarejo de origem, nas redondezas de Lausanne, e se aposentar confortavelmente. Eles representaram uma parte enorme da minha vida e fiquei entristecido ao vê-los partir. Visitei-os uma vez há alguns anos, e ainda trocamos cartões e presentes na época do Natal.

A morte de meu pai, em vez de me deixar mais ciente da minha própria mortalidade, fez que eu começasse a evitar os médicos. Até então, sempre fui responsável com o fato de ir ao médico todos os anos. Mesmo naquela época meu colesterol estava um pouco acima do limite, e eu poderia ter perdido um pouco de peso, mas, apesar disso, tinha uma boa saúde. Mas, de certa forma, médicos são um pouco parecidos com sacerdotes — eles alegam ter um conhecimento secreto que os imbuí de um ar de superioridade

inquestionável, e a maioria de nós só recorre a eles quando todos os outros recursos já se esgotaram.

5

RECEBI ESTA CARTA DE MADDY:

Querido Walter,

não consigo acreditar que nunca estive aqui antes, mas sinto como se conhecesse este lugar desde que me entendo por gente. É muito bonito. O Golfo do México se estende, verde e preguiçoso, até o horizonte. A areia é limpa e branca. Pequenos barcos de pesca partem ao amanhecer e voltam à tarde. Nuvens finas às vezes marcam o céu azul brilhante, e, à noite, há milhões de estrelas. Estou hospedada em um pequeno hotel na península de Yucatán. No primeiro dia que cheguei, fui até o resort cinco estrelas onde havia reservado um quarto, dei uma espiada nas pessoas, no gramado perfeito e nos chafarizes desnecessários, a arquitetura imitando o estilo maia e os funcionários discretos e bem arrumados, e percebi que tinha de sair correndo dali. Assim, perguntei ao motorista se havia um lugar menos formal, e ele me levou por uma estrada de terra até uma pequena hacienda à beira-mar onde havia um cachorro preso a um poste no jardim que latiu no minuto em que paramos. Havia também galinhas e cabras, e o lugar parecia perfeito. A mulher que administra a pousada me deu um belo quarto com uma sacada com vista para o mar e um banheiro no fim do corredor. Não há ar condicionado nem serviço de quarto, mas há um pequeno bar e um restaurante que serve os melhores camarões que já provei na vida. Esses camarões foram literalmente tirados do mar agora há pouco e depois cozidos com alho, coentro, limão e jalapeño. Uma delícia. Com um copo de Tecate gelada, poderia comê-los durante o dia inteiro.

Mesmo assim, nem tudo é perfeito. As baratas são do tamanho de gatos, há alguns odores que não são tão agradáveis, meu quarto não é impecavelmente limpo e faz um calor inacreditável durante o dia. Estou convencida de que vou ter um ataque de diarreia a qualquer momento. Todos os homens me olham como se fossem

estupradores em potencial, não há um cofre onde possa guardar meus pertences e há uma boa chance de que minha carteira e meu passaporte sejam roubados a qualquer momento. A dona do hotel, uma mulher animada chamada Sonia, que também é a cozinheira, diz que não preciso me preocupar, mas, quando saio para um passeio na praia, geralmente atraio um bom número de admiradores.

Mesmo assim, isso não me impede de andar pela praia. Não há muitas coisas para fazer, e isso é bom. Pensei em alugar um barco de pesca, mas Sonia me disse que o capitão de quem contrata serviços está viajando. Quando ele vai voltar? Ela não sabia ao certo. Talvez no fim de semana. Talvez não. Percebi que devia ter alugado um carro, mas isso me pareceu uma despesa desnecessária quando fiz minhas reservas para a viagem. Houve um dia em que contratei um motorista para me levar até Chichén Itzá, as enormes ruínas maias perto daqui. Que lugar maravilhoso. Nunca estive nas "ruínas" de uma civilização morta há vários anos. Na Europa eles continuam a construir por cima de tudo que já existiu, e, nos Estados Unidos, nada é tão antigo. Mas Chichén Itzá é velha e está morta. Sua cultura e suas pessoas não existem mais do que os sumérios ou os hititas. É incrível pensar que essa civilização floresceu durante milhares de anos e construiu uma cidade maravilhosa, até que um pequeno grupo de espanhóis com armas e armaduras apareceu de repente e puff — tudo se acabou em menos de cem anos. É triste pensar nas pessoas que já viveram aqui, as crianças, as famílias, os guerreiros e os sacerdotes — sim, até mesmo aqueles que faziam sacrifícios humanos — e perderam tudo. Sua vida, suas casas, sua cultura, sua língua. Desaparecidos. Obliterados. Tudo que resta são ruínas como essas e alguns poucos descendentes cujos ancestrais escaparam para as selvas há vários séculos e se esconderam para salvar sua vida, até que tudo estivesse esquecido, com exceção de seu medo.

Foi uma boa ideia vir até aqui. Eu sabia que tinha de sair de Nova York. Você tinha razão. Estava ficando um pouco louca. Não sou uma pessoa autodestrutiva, nunca fui. Cresci cercada por autodestruição; meu pai a elevou até que se tornasse uma forma

de arte, mas sempre lutei contra isso. Ainda assim, sabia que isso sempre existiu dentro de mim, o impulso para perder o controle, ceder à raiva e ao desespero. Jogar no lixo tudo que é importante para mim simplesmente porque podia fazê-lo, e porque, um dia, acordei e percebi que tudo era uma mentira.

De certa forma, sinto-me como os maias. Estava contente no centro do meu pequeno mundo, imaginando que estava protegida e era poderosa — até que algo ainda mais implacável chegou e destruiu minhas defesas. Quem não se tornaria autodestrutivo neste ponto? O que mais havia pelo qual valesse a pena lutar? Não é isso que acontece quando as civilizações implodem? Os saques começam. A minha cultura estava em ruínas também, e parecia não haver mais esperança. Em meio ao grande plano que envolve todas as coisas, que importância tinha o que acontecia comigo? Será que eu pensava que estava acima de tudo isso? Que, de alguma forma, poderia passar pela vida acreditando que continuaria incólume? A história está cheia de ilusões como essa. Veja os maias; veja os franceses durante a Segunda Guerra Mundial. Pensavam que poderiam se esconder atrás da Linha Maginot, mas os alemães simplesmente deram a volta ao redor dela.

Mas isso matou os franceses? Não. A França perseverou. Sua língua, sua cultura, seu povo, suas tradições reagiram, apesar da presença dos nazistas, de seus colaboradores e da crença muito humana de que, às vezes, pode ser melhor se render do que resistir. Claro, muitos franceses se renderam, mas uma quantidade maior deles não o fez. A qual grupo você gostaria de pertencer? Eu gostaria de pensar que estaria entre os combatentes, e é por isso que estou tão decepcionada com minha vida e comigo mesma pelo fato de, até agora, ter me deixado abalar pelo que aconteceu. Em vez de lutar, fugi. Achei que estava sendo corajosa, mas talvez eu estivesse apenas sendo covarde. Se realmente amasse o que amava, se realmente acreditasse, então deveria ter ficado e enfrentado meus problemas. Poderia não ter sucesso, mas, pelo menos, saberia que havia me esforçado para fazer o melhor que eu pudesse.

Estou cansada de fugir. É hora de lutar.

Espero que você esteja bem. Desculpe-me por não ter agido como eu mesma nas últimas semanas. Espero que você saiba o quanto você significa para mim e a importância que seu amor e amizade têm para mim. Obrigada por tudo. Veremo-nos em breve.

Beijos,

Maddy

P. S.: Os franceses não agiram sozinhos. Receberam ajuda. Estou contando com você para ter essa ajuda. Sei que posso fazer isso.

P. P. S.: Harry me enviou uma carta linda.

6

HARRY ESTÁ CORRENDO AO LONGO DA ORLA DO RIO. Todas as manhãs ele leva Johnny à escola e depois volta para casa correndo, para se exercitar. As manhãs ainda estão frias. Ele está usando suas velhas calças de moletom cinza e um gorro de lã na cabeça. A distância a percorrer é de mais de cinquenta quarteirões, o que soma pouco mais de 3 quilômetros. Ele corre na direção de East River e atravessa, passando por outros corredores, pessoas que passeiam com seus cachorros, e mães empurrando carrinhos de bebê. Está fora de forma. Seus pulmões ardem e seus músculos rangem. O suor lhe encharca o rosto. O corpo é mau e deve ser castigado. Quando volta a seu apartamento, faz abdominais e flexões de braço até ficar exausto. Depois, toma um banho e senta-se para escrever até a hora de sair para pegar Johnny. O trabalho no livro finalmente está indo bem. O bloqueio foi quebrado. As palavras fluem.

Maddy enviou-lhes um cartão-postal. Mandou-o com amor para ambos. As semanas passaram rapidamente. Rápido demais, pelo que Harry sente. Ver seu filho apenas duas noites por semana não é o bastante. Nunca poderia ser. A intensidade de seu amor, às vezes, chega a deixá-lo emocionado. Sempre fica maravilhado com o filho. Quer saber o que ele pensa. Gostaria de ser capaz de ver o mundo por seus olhos, experimentar suas alegrias e tristezas. Quer correr seus dedos pelos cabelos de Johnny, fazê-lo rir, sentir a pele lisa e quente da face do garoto contra a sua. Suas mãos são as mesmas. Não há ninguém no mundo que possa estar tão próximo dele. Não é o caso com Claire. Nem mesmo com Maddy.

Eles saem para fazer longos passeios a pé. Às vezes no parque, outras vezes simplesmente andando pela cidade. Johnny é um ótimo andarilho, também. Eles conversam sobre a escola de Johnny, sobre as outras crianças. Jeremy acha que ele é muito legal, Sean o irrita demais e Jack fez Willa chorar escondida no telhado. Eles falam sobre as chances cada vez menores dos Rangers de

chegarem aos playoffs da Stanley Cup. Fazem um jogo constante de perguntas e respostas, em que Harry pergunta-lhe o nome de presidentes e da capital dos estados e Johnny responde todas corretamente. Estão começando a estudar os reis ingleses. — Qual rei teve sua cabeça cortada? — ele pergunta. Harry jogava o mesmo jogo com seu pai. Certa noite, conversam até mesmo sobre a Teoria da Evolução proposta por Darwin.

— Não entendo por que as pessoas brigam tanto por causa disso, papai — diz Johnny. — Acho que é legal ser descendente dos macacos.

À noite, eles pedem pizza por telefone, ou Harry cozinha. Geralmente, prepara filés ou espaguete. Ele ajuda Johnny com sua lição de casa. Na hora de dormir, Harry lhe conta uma história ou lê um livro para ele. O Rei Pin-guim ainda é uma das histórias favoritas, e o fim sempre tem de ser feliz. Depois, Harry volta a se sentar à sua mesa, serve-se da sua primeira bebida da noite e começa a escrever novamente, mais feliz do que esteve nos últimos meses.

Sei disso porque Harry me conta. Alguns dias depois de Maddy ter partido em sua viagem, ele me telefona no escritório.

— Oi, Walt — ele cumprimenta, alegremente, com a voz mais bem animada do que ouvi nos últimos meses. — Achei que seria bom conversar com você e lhe fazer um relatório sobre como Johnny está, caso Maddy entre em contato.

— Está tudo bem?

Ele ri.

— Tudo está muito bem, Walt — ele responde. —

Johnny e eu queremos saber se você gostaria de vir ao Palazzo Winslow algum dia para um jantar ruim. Você não conhece o lugar, e pensamos que você estaria curioso para saber como a outra metade vive.

A voz de Johnny surge pelo fone. — Por favor, tio Walt. Não consigo dizer não. Além disso, não foi Maddy que me pediu expressamente para verificar como ele estava? — Vou ver o que posso fazer — respondo. — Que noite vocês têm em mente?

— Que tal amanhã? Traga o vinho. Algo velho e caro, e lhe prepararei algo jovem e barato.

Na noite seguinte chego em seu apartamento e subo as escadas até o último andar. Percebo que o dinheiro está curto para Harry.

O apartamento é pequeno e esparsamente mobiliado, em um prédio antigo perto do túnel de Midtown. A rua abaixo é uma procissão infundável de carros e caminhões que entram e saem da cidade, buzinas gritando e moto-res vomitando monóxido de carbono. Por entre as janelas sujas, a vista mostra só mais prédios como este e escadas de incêndio. Harry diz que a velha mulher hispânica que mora mais adiante no corredor deixa a TV ligada com o volume alto demais. Às vezes ele ouve brigas e gritos. Imagina que é seu namorado ou filho que vem para pegar dinheiro emprestado. O cheiro de óleo de cozinha impregnou o corredor. Sirenes que vão na direção de Bellevue pontuam a noite.

Harry colocou uma cama de solteiro no quarto para Johnny, e está dormindo no sofá da sala de estar. Um pôster enorme de um jogador de hóquei está pendurado na parede. Há uma mesa onde ele trabalha e come. Livros estão empilhados no chão. Há uma pequena televisão com um dos aparelhos de Johnny ligados a ela. Diferentemente dos apartamentos de muitos homens solteiros, este é organizado, graças ao treinamento militar de Harry. As roupas estão dobradas e não há pratos sujos na pia. Ele mata baratas com o sapato. É um lugar para trocar de roupa, para trabalhar, e tão impessoal quanto um quarto de hotel.

Apesar de tudo, os dois parecem estar muito bem. Harry e eu nos cumprimentamos como se os últimos meses nunca tivessem acontecido, e Johnny me dá um forte abraço, algo que é extremamente gratificante. Um filé está marinando sobre o balcão. A pequena cozinha é conjugada à sala. Harry me serve um uísque e senta-se à mesa. Sento no sofá ao lado de Johnny.

— Obrigado por vir, Walter. Não é uma parte da cidade que você costuma frequentar.

— Já vi lugares piores.

— Bem, se tudo der certo, não ficarei aqui por muito tempo. Meu contrato é de apenas seis meses. Se tiver sorte, e se Hollywood me

fizer uma boa oferta, terei condições de alugar um lugar melhor.

— Ou talvez a gente possa morar em Los Angeles — diz Johnny. Guardo minhas opiniões para mim.

— Ei, amigão — diz Harry, rindo. — Não vamos nos empolgar tanto.

Falamos sobre a escola de Johnny. O que ele está estudando. Uma vez por semana ele aprende estratégias do jogo de xadrez depois das aulas, e, em outro dia, tem lições de piano. A escola de Johnny fica perto de seu velho apartamento, mas distante da residência atual de Harry.

Depois, ele me diz que já concluiu quase dois terços de seu livro, e acha que é a melhor coisa que já escreveu. As palavras estão praticamente transbordando. Mas ele não me dá detalhes sobre o enredo.

— É uma surpresa — ele diz, com uma piscadela. — Mas pode-se dizer que é uma carta de amor para minha esposa.

Harry me diz que acorda todas as manhãs às cinco horas e escreve até as sete, quando chega a hora de acordar Johnny. Depois, volta para casa e trabalha até a hora de ir buscá-lo na escola.

O jantar é agradável, como nos velhos tempos. Embora Maddy não esteja aqui e o local seja diferente, me sinto levado à órbita de Harry, como a atração gravitacional de um planeta em relação a uma lua menor. Por uma noite, tenho a impressão de que é impossível não gostar dele. Johnny se esforça para ficar acordado, e, quando Harry diz:

— Vamos lá, companheiro. Hora de dormir — me levanto e tento me despedir, mas Harry pede que eu fique com um gesto. — Não vá embora ainda. Deixe-me levar Johnny para a cama e depois poderemos conversar mais seriamente.

E, novamente, como nos velhos tempos, fico sob o batente da porta ouvindo enquanto Harry coloca Johnny na cama. Com os dentes escovados, ele faz suas orações, e depois Harry lhe conta uma história.

— Obrigado por ficar, Walt — diz Harry, cuidadosamente fechando a porta do quarto atrás de si. — Posso lhe servir mais

alguma coisa?

O vinho já foi todo bebido, e ele prepara uísque misturado com refrigerante para nós dois. Voltamos a nos sentar ao redor da mesa.

— Bem — ele diz. — Quero dizer uma coisa, e, se você puder repassar a mensagem a Maddy, eu agradeceria.

— O que é?

— Que eu ainda a amo. E agora, talvez mais do que já tenha amado. E não quero que nos divorciemos. Diga que cometi um erro horrível, e que passarei o resto da minha vida tentando consertar as coisas, mas nós... ela, eu e Johnny não conseguiremos realmente ser felizes a menos que estejamos todos juntos, como uma família. Pode dizer isso a ela, por favor?

— Você já disse isso a ela?

— Escrevi uma carta para ela na semana passada.

Deve ser essa a carta à qual ela se referiu.

— Bem, boa sorte. Acho que depende do estado de espírito em que ela estiver quando voltar. Vou dizer isso a ela, se parecer apropriado.

— Obrigado, Walt. Sei o quanto ela gosta de você.

Pego meu casaco e me dirijo para a porta. Ainda não é tão tarde, mas é hora de ir embora.

Quando estou saindo ele pergunta:

— Mais uma coisa, Walt. Sabe se há alguém interessado em comprar um avião?

— Como assim?

— Decidi vender meu avião. Está me dando muitas despesas, e não o uso com tanta frequência para justificar os custos. E, francamente, poderia fazer um bom uso do dinheiro da venda. Talvez um de seus clientes ricos possa estar interessado.

— Vou perguntar a algumas pessoas — respondo. Aquele maldito avião.



No sábado, Harry e Johnny saem para passar o dia na região das Hamptons. Maddy voltará na noite seguinte. É o último dia que

passarão juntos. Eles saem cedo. Ainda está escuro. Johnny dorme no banco traseiro enquanto Harry dirige, tomando café. Conforme o sol se ergue, a manhã se faz bela, como ele esperava. Ele passou os últimos dias verificando o Serviço Climático Nacional e as previsões indicam que o tempo será bom.

Já há folhas nas árvores conforme eles se afastam da cidade. Ele não voltou lá desde o outono, quando viajou com Claire. Aquilo parece ter acontecido há uma eternidade. Ele nota as novas lojas e os restaurantes, as fachadas recém--pintadas, todos esperando pela bonança do verão. Os quiosques que vendem os produtos das fazendas ao longo da estrada ainda estão fechados. Os campos estão vazios, esperando a época do plantio.

Eles chegam ao aeroporto pouco antes das nove. Há apenas algumas pessoas naquele pequeno terminal. Enquanto Johnny está sentado em uma das cadeiras, sonolento, Harry pega mais café e verifica os relatórios sobre o tempo.

— Oi, Marty — ele diz ao homem atrás do balcão. — Como vai?

— Harry! Quanto tempo, cara. Onde você estava se escondendo?

— Passei o outono e o inverno em Roma.

— Que beleza.

Harry dá de ombros.

— Jimmy está por aí?

— Nos fundos.

— Obrigado. Pedi a ele que preparasse e enchesse o tanque do avião. O inverno foi longo.

— Também achei.

— Até mais.

— Cuide-se.

Harry e Johnny saem para o asfalto da pista do aeroporto. Harry está com a mão sobre o ombro do filho. A biruta do vento pende, preguiçosa, e o sol já está brilhando. Ele avista o pequeno Cessna. Jimmy tirou a lona que cobriu a aeronave durante todo o inverno. A bateria foi carregada e as ventoinhas pitot e estáticas foram limpas para remover os insetos. Ele examina a cobertura do motor e verifica se os flaps e os rolamentos estão adequadamente lubrificados.

— Está tudo bem?

Harry se vira e vê Jimmy, e os dois homens se cumprimentam com um aperto de mão.

— Você se lembra de meu filho Johnny, não é? Dê um aperto de mão ao senhor Bennett, companheiro.

— Como vai, senhor Bennett?

— É bom vê-lo de novo, Johnny. Você está crescendo bastante, hein?

— Sou o mais alto da minha sala na escola.

— Que bom para você — ele diz. Em seguida, Jimmy volta a falar com Harry. — Encontrei uma família de ratos no motor, mas tirei todos dali, limpei o lugar e substituí alguns cabos que eles haviam roído. Deixe-me lhe mostrar.

Os dois homens se aproximam do avião e Jimmy ergue a cobertura do motor.

— Está vendo? Novinho em folha.

— Parece ótimo, Jimmy. Obrigado.

— Esse avião é uma beleza.

— Realmente é. Estou pensando em colocá-lo à venda. — É mesmo?

— É. Sabe de alguém que possa estar interessado?

— Claro. Conheço um monte de caras que gostariam de ter um 182.

— Ótimo. Bem, conversarei com você mais tarde. Vou levá-lo para fazer um último voo.

— O dia está ótimo para voar.

— Não podia estar melhor.

— Bem, Harry, é ótimo vê-lo. Depois me diga como o avião ficou.

— Pode deixar. Obrigado novamente. Me mande a conta.

Harry anda ao redor do avião, completando os procedimentos de pré-voo, lembrando a Johnny novamente que precisa verificar a parte traseira, os elevadores e o leme. Ele desliza as mãos por cima dos flaps e ailerons, inspeciona a hélice e as junções entre as várias partes da fuselagem, removendo as amarras e os calços sob os pneus conforme anda ao redor do avião em sentido horário. Depois, volta ao terminal para registrar seu plano de voo com a torre de

controle. Ele e Johnny vêm planejando fazer isso há vários dias. Eles irão até Cape Cod e depois descerão para almoçar em Nantucket. Não há uma nuvem no céu.

Aquecida pelo sol, a cabine está abafada. Tirando o casaco, Harry abre as janelas e certifica-se de que Johnny está com o cinto de segurança afivelado corretamente. Liga o motor e a aeronave tosse até ganhar vida. A lâmina da hélice subitamente se transforma em um borrão. Com um olhar treinado, ele examina os controles para ter certeza de que todos estão funcionando adequadamente. Entra em contato com a torre e pede permissão para decolar.

— Torre de East Hampton, aqui é Tango Golfe Nove Nove requisitando decolagem.

O rádio chia.

— Tango Golfe Nove Nove, você tem permissão para decolar.

Não há ninguém à sua frente. Ele taxia o pequeno Cessna desde a área próxima aos hangares e o aponta para pista principal. E sorri para Johnny.

— Está pronto? — ele grita sobre o ruído do motor.

O garoto sorri e lhe faz um sinal com o polegar erguido. Harry avança a alavanca do motor lentamente, até chegar ao ponto de máxima potência. A pressão e a temperatura do óleo estão corretas. Quando chegam a 35 nós, o indicador da velocidade do ar ganha vida. Ele puxa lentamente o manche quando o avião atinge 64 nós, e eles finalmente estão no ar. O avião está subindo às alturas, curvando-se à esquerda sobre o aeródromo.

— Olhe, papai, é nossa casa.

Harry olha para baixo. Vê o grande lago, depois a casa enorme, e depois a casa menor por trás daquela, sempre maravilhado com o quanto ela parece ser pequena. Ele a observou inúmeras vezes no decorrer dos anos desta altura, a primeira coisa que sempre verifica. Seu coração salta ao pensar na possibilidade de ver uma minúscula Maddy, talvez regando suas flores no jardim ou brincando na grama com Johnny, seus cabelos dourados brilhando à luz do sol.

Agora ele percebe que, se as coisas não puderem ser resolvidas com Maddy, talvez nunca mais possa voltar a ver nada daquilo de

perto. Faz que ele se sinta como um fantasma olhando para os entes queridos que deixou para trás.

Ele se lembra da primeira vez que viu Maddy. Ela estava atravessando o gramado. Era o início do seu primeiro ano na faculdade, e ele já fora adotado pelos membros da fraternidade DKE, muitos dos quais já o conheciam do tempo em que ainda estava no colégio interno e sabiam que ele era um excelente jogador de hóquei. Eles o levaram para conhecer New Haven: onde beber, onde comer, quais aulas assistir. Levaram-no a festas às quais os calouros raramente eram convidados. Ele estava andando na direção oposta quando um de seus amigos, estudante do terceiro ano que jogava no time de hóquei, abriu um sorriso torto e disse:

— Dê uma espiada na carne fresca.

A primeira coisa que ele percebeu foi seu cabelo. Nunca vira cabelos como aqueles. Dourados com toques de ruivo, cascadeando até o meio das costas. Depois, viu seu rosto. Era um rosto orgulhoso, com o queixo forte e um nariz afilado. Ela caminhava como um homem, pensou ele. Forte e resoluto. Percebeu que ela não tinha medo de nada. Ela também se vestia como homem, com a fralda da camisa deixada para fora de seu jeans. Naquela época, a camisa o intimidou. Achou que pertencia a algum namorado. Um homem mais velho. Sugeriu níveis impensáveis de sofisticação. Transmítia a impressão de que ela havia conhecido mais do mundo do que ele. Sua beleza, sua segurança, sua atitude despreocupada, todos combinados para criar uma aura ao redor de si que fazia que ela se destacasse de todas as outras garotas que, até agora, ele vira em Yale.

Diferentemente das outras, ela não era fácil de categorizar. Não fazia o tipo "menina rica", não era gótica, não era hippie, lésbica, atlética ou nerd. Parecia genuinamente única. Harry nunca viu alguém como ela, ou alguém que tivesse tanta beleza. Nenhum dos outros rapazes disse nada quando ela passou por eles. Eles também estavam impressionados. E ela os ignorou, seu brilho deixando tudo à sua volta opaco. Quando ela saiu de vista, um deles finalmente disse:

— Quero levar essa aí para a cama.

Harry não disse nada, mas manteve os olhos transfixados na porta pela qual ela entrou. Sentiu um aperto no peito. Sentia vontade de socar o garoto que fizera aquele comentário, mas sabia que seria excessivo.

— Cale a boca — ele disse. Mas suas palavras acabaram se perdendo, pois, ao mesmo tempo, um dos outros garotos deu um safanão em tom de brincadeira no garoto que havia falado. “Pare de sonhar. Nunca vai acontecer, cara”, disseram. O resto dos rapazes riu, reafirmando sua masculinidade, mas Harry franziu a testa, pensando só na garota.

O primeiro ano foi um triunfo para Harry. Ele chegou facilmente ao time de hóquei da faculdade, o primeiro calouro a realizar tal proeza em duas décadas. Com seu conjunto de heróis da escola preparatória e prodígios da classe trabalhadora, a equipe era uma das melhores que Yale levou ao gelo em vários anos, vencendo o título da Ivy League e avançando até as semifinais do torneio anual da NCAA. Ele chegou até mesmo a namorar uma criatura bonita e pneumática de Greenwich, uma das garotas que jogavam hóquei de campo, se bem me lembro. Ou do time de lacrosse. Não é importante. Mas, durante todo o tempo, ele estava pensando em Maddy. Não frequentavam as mes-mas aulas e também não estudavam no mesmo campus. Ocasionalmente ele a vislumbrava, às vezes atravessando a rua, entrando em um prédio ou passando em seu carro. Era como um anjo de boas intenções, pairando no ar, fora de seu alcance. Mesmo assim, toda vez que ele a via seu coração se acelerava, e, por alguns segundos, uma onda de alegria corria em suas veias. Ela ainda estava lá; não era um produto de sua imaginação, e continuava tão linda quanto ele se lembrava.

Inevitavelmente, aquele momento de êxtase era seguido por um desânimo esmagador que o afetava pelo restante do dia. Ele desejava simplesmente poder chamá-la, “Ei! Você aí, pare!”. Mas, mesmo que o fizesse, o que diria a ela? Certa vez ele a viu andando em sua direção e entrou em pânico, esquivando-se rapidamente. Normalmente ele não tinha dificuldades quando estava ao lado de mulheres, mas a beleza de Maddy era tão extrema que fazia que

ele se sentisse tolo. Não sabia nada sobre ela, de onde vinha, que tipo de pessoa era, o que estava estudando. Não sabia nem mesmo seu nome. Tudo que ele sabia era que ela era bonita, e, por algum motivo, ela o aterrorizava.

Até que, certa noite, durante a primavera, em uma festa oferecida pela filha de um rico industrial alemão, que havia reformado um prédio inteiro em New Haven para celebrar seu vigésimo primeiro aniversário, eles se conheceram. Centenas de pessoas foram convidadas, incluindo Maddy, Harry e eu. Os convites em alto-relevo diziam que os trajés seriam formais, um eufemismo para dizer que não deveríamos nos vestir como vagabundos. Assim, Maddy se esforçou para ficar apresentável naquela noite, diferentemente do que fazia na maioria das noites.

No fim de semana anterior à festa, ela e eu visitamos várias butikues em Manhattan, e ela escolheu um vestido verde cintilante, que era justo, decotado e lhe cobria as coxas até pouco acima dos joelhos. É desnecessário dizer que ficou maravilhosa, e fiquei muito orgulhoso por ser seu acompanhante naquela noite. Os olhares embasbacados de admiração dos outros homens confirmaram o que eu já sabia. Maddy não era só a mulher mais bonita na festa, mas era também a mulher mais linda que qualquer um deles já vira na vida. Havia muitos sussurros sendo troca-dos às nossas costas e, sem dúvida, algumas das mulheres fizeram insinuações maliciosas, mas nada disso importava.

Em certo momento, reconheci um antigo colega do tempo da escola preparatória que não vira muito durante o ano, e fui até onde ele estava com Maddy para apresentá-los. Tenho de confessar que isso foi um ato bastante egoísta da minha parte; queria fazer que o máximo de pessoas naquela sala soubesse que eu estava com Maddy. Era o meu melhor momento.

Meu antigo colega de classe estava conversando com um rapaz enorme, que estava de costas para nós, usando um smoking justo demais, que ele obviamente pegara emprestado com alguém, mas, mesmo assim, me intrometi na conversa deles.

— Oi, Frank — disse. — Onde andou se escondendo? Frank se virou e me deu um aperto de mão, e parou quando percebeu

Maddy.

— Frank, permita-me apresentar Madeleine Wakefield. Frank recuperou a compostura e sorriu.

— Como vocês estão? Posso lhes apresentar Harry Winslow?

Reconheci o nome que fora publicado no Yale Daily News. Ele aparecia com frequência na primeira página, tornando-se alvo de admiração.

— Você é Winslow, o Vencedor? — perguntei. Era um apelido que ele recebera devido às suas conquistas no hóquei.

— Apenas Harry — ele respondeu, com um sorriso tímido.

— Bem, Harry, sou Walter Gervais, e esta é Madeleine Wakefield. Ele não olhou para ela. Não foi capaz de olhar para ela.

— Como está? — balbuciou.

— Walt, sabe quem está aqui? Rocky. Ele veio de Princeton para participar da festa. Está no bar. Quer vê-lo?

— Maddy, volto logo. De qualquer modo, precisamos encher os copos. Harry, posso pedir que cuide de Maddy? Não vou demorar um minuto. Está bem?

Maddy assentiu.

E, então, o momento com o qual Harry passou o ano inteiro sonhando, e ao mesmo tempo temendo, se transformou em realidade. Sua boca estava seca. Seu cérebro parou de funcionar. Era pura agonia. Ele olhou fixamente para Maddy, lutando para encontrar algo que pudesse dizer de modo que não ficasse ali simplesmente olhando para ela feito um idiota.

— Bela festa — tentou. — Está se divertindo?

Maddy se virou e olhou para ele. Harry nunca chegara tão perto dela. Seus olhos eram feitos de um gelo azul, resplandecente. — Não durmo com jogadores de hóquei — ela respondeu, dando-lhe as costas e vindo atrás de mim, deixando Harry boquiaberto como uma truta.

Isso acabou se transformando em uma história que eles contaram várias vezes depois do fato, e sempre arrancava risos dos ouvintes em seus jantares e festas. Mas Harry não voltou a conversar com Maddy até o fim do semestre. Quando o avistávamos, ela geralmente desviava os olhos ou fazia um

comentário de desprezo. No fim do ano acaba-mos por nos dispersar. Alguns conseguiram um emprego ou um estágio; outros foram para clubes de campo e praias. Maddy trabalhou durante aquele verão em Washington para um congressista e teve um caso breve com um de seus assistentes. Ela escreveu para mim contando todos os detalhes, de maneira excruciante. Cartas que eu lia à noite enquanto morava no apartamento vazio que pertencera a meus pais, ocupado com meu estágio em um dos escritórios de advocacia mais antigos da cidade. Era a primeira vez que passávamos o verão separados. Ela veio me visitar apenas duas vezes. Passamos uma semana juntos no fim das férias, entretanto, e, por sorte, naquele momento ela já havia encerrado o caso que tivera. Fomos à praia todos os dias e aproveitamos as noites, indo a festas, ao cinema ou simplesmente ficando em casa. Harry, nesse meio tempo, fora para Oklahoma, onde trabalhou na construção de plataformas de petróleo.

O destino quis que eles se encontrassem novamente. Tudo aconteceu no outono de nosso segundo ano. Por ironia, fui o responsável pelo seu reencontro. Eles não se falavam desde a festa durante a primavera. Eu fora con-vidado para fazer parte de uma das sociedades literárias de elite da universidade, o que eu considerava uma grande honra. No jantar da minha iniciação, na casa Leverett--Griswold, fiquei surpreso ao ver Harry em minha mesa. Anteriormente eu pensava que ele não era mais do que um atleta talentoso. Nunca imaginaria que ele se interessaria por literatura. De acordo com minha experiência anterior, ambos os interesses eram mutuamente excludentes. Mas ali estava ele.

Eu ainda não sabia que o pai de Harry era professor de inglês, e que ele cresceu lendo Shakespeare e Milton. Sempre me orgulhei de meu conhecimento sobre Shakespeare, mas o de Harry era ainda maior que o meu. Não só seu talento para recitar muitas passagens obscuras com relativa facilidade, mas também sua apreciação sensível das emoções humanas que faziam que os espetáculos teatrais fossem maravilhosos. Com sua aparência e memória, se não fosse um ótimo jogador de hóquei, tenho certeza

de que teria sido um grande ator. De qualquer maneira, logo ficamos amigos.

Certa noite organizei um jantar em New Haven, para o qual convidei uma boa número de pessoas. Maddy veio, é claro, assim como meu novo amigo, Harry. O jantar foi num restaurante tailandês e havia oito de nós ao redor de uma mesa grande e redonda. Os garçons trouxeram vários pratos: sopa de coco, camarões ao curry, pato assado, macarrão de arroz, peixe em molho curry vermelho acre. Maddy sentou à minha direita, e Harry acabou por se sentar à direita dela. Estávamos bebendo cerveja tailandesa e algumas doses de vodca de gengibre. Em certo momento, percebi que os dois não haviam conversado durante a noite inteira. Era como se houvesse uma parede de vidro entre eles. Comigo e com o restante da festa, Maddy estava mais animada do que de costume — rindo, fazendo perguntas em voz alta para as pessoas do outro lado da mesa e con-tando piadas. Harry, por outro lado, parecia estar em um velório. Falava ocasionalmente com a mulher que estava à sua direita, mas passou a maior parte da noite sentado em silêncio, quase sem tocar em sua comida.

Depois do jantar, todos caminhamos até a casa de Maddy, que ficava fora do campus, na rua Elm, e ela convidou todos a subirem para tomar uma taça de vinho. Quase todos aceitaram o convite, com exceção de Harry.

— Obrigado — ele disse. — Tenho um treino amanhã cedo. Vários dias depois, Maddy me telefonou.

— Você não vai acreditar.

— O que foi?

— Harry Winslow me convidou para sair. — É mesmo? E o que você disse?

— Aceitei, é claro. Há alguma razão pela qual eu não deveria aceitar?

Eu era capaz de pensar em várias razões, mas tudo que disse foi:

— Nenhuma que eu saiba.

O mais impressionante nisso tudo não foi o fato de alguém convidar Maddy para sair — embora isso acontecesse com menos frequência do que as pessoas pensavam — mas o fato de ela ter

aceitado o pedido. Eu estava com ela em várias ocasiões — em Long Island, em Manhattan e em New Haven — quando outros homens a abordaram. Eles geralmente eram mais velhos, mais autoconfiantes. Ela nunca reagia de maneira rude. Nunca mandou ninguém sair de perto dela ou lhes mostrou o dedo médio, nem nada que fosse tão vulgar. Ela apenas dizia educadamente: “Não, obrigada”. Às vezes os mais persistentes, se estivéssemos em um bar ou em um restaurante, lhe enviavam uma bebida; outros chegavam até mesmo a mandar flores, se soubessem onde ela morava. Se a pressão fosse demais, simplesmente íamos embora. Mas, em quase todos os casos, ela simplesmente recusava.

Com Harry, não só ela aceitou, mas claramente havia pensado no caso, e, ao fazer aquilo, gostou da ideia. É possível que até mesmo estivesse esperando o convite desde aquele primeiro momento na festa que ocorreu na primavera. Não era uma pessoa muito espontânea. Nós tínhamos muito em comum, mas não aquilo. Aquilo pertencia só a ela. Era uma parte de sua vida que estava fechada para mim. Eu me ressentia daquele segredo, é claro, e senti ciúmes, mas também sabia que não havia muito a fazer em relação àquilo. Se ela queria que fosse assim, eu também queria. Ela era o tubarão, e eu era apenas uma rêmora.

O primeiro encontro entre os dois foi num restaurante italiano, um lugar à moda antiga perto de Wooster Square que fechou há vários anos. Harry não tinha um carro, então Maddy foi buscá-lo, e levou-o até o restaurante apertado no assento do passageiro de seu MG vermelho. Depois do jantar, eles foram a um bar e depois voltaram ao quarto de Maddy. Lá, como ela me contou mais tarde, os dois passaram a noite inteira acordados, conversando e olhando seus álbuns de fotografias. Velhas Kodaks com as bordas serrilhadas e cores esmaecidas. Imagens de sua infância, sendo criada por sua avó, quando bebê e alguns anos depois, usando um maiô à beira da praia. Festas de aniversário, competições de natação. Fotos de seu pai, jovem e musculoso com o peito nu, seu cabelo ainda farto e loiro, no casamento de um amigo, jogando golfe, no Natal. Um Mercedes amarelo conversível que, tempos depois, acabou amassado ao redor de uma árvore. Homens usando

blusas de gola rolê com fartas costeletas, mulheres vestidas à Lilly Pulitzer e com cabelos bufantes. Todos fumavam. Eu conheço bem aquelas imagens. Eram a minha vida, também.

Levou um mês até que os dois dormissem juntos, ela me disse. Durante aquele mês, mal a vi. De repente, os dois se tornaram inseparáveis. Encontravam-se depois das aulas, jantavam juntos no Mory's ou no apartamento de Maddy, onde, ironicamente, era Harry quem cozinhava, porque Maddy, sendo uma criança privilegiada de uma família rica, nunca aprendeu a navegar por uma cozinha. Em vez de vir a Nova York comigo, ela acompanhava Harry agora. A cidade ainda era nova para ele, e ela se deliciava quando a apresentava a ele. Ela o levou a todos os nossos lugares favoritos: Bemelmans, o White Horse, Vazac's, o Oak Bar. Passavam horas no Frick e no Met, depois iam ao Luger's no Brooklyn e dançavam no Xenon. Ela o levou ao "21" pela primeira vez e mandou cobrarem a refeição na conta de seu pai.

Depois daquele primeiro mês houve outro, e depois mais outro, até que tudo se mesclou em um ano inteiro. Ficou claro para mim, assim como para eles, que os dois estavam apaixonados. Nunca vi Maddy tão feliz. Ela reluzia. E eu sabia que o único curso de ação disponível para mim era a aceitação completa e incondicional. Eu não poderia mais tê-la para mim, e, se lutasse contra isso, estaria me arriscando a perdê-la totalmente. Em vez disso, tornei-me um acólito, acendendo as velas, carregando a cruz e balançando o turíbulo. Inicialmente hesitei, imaginando se aquilo iria durar, esperando que a relação terminasse sob seu próprio peso. Mas isso nunca chegou a acontecer.

No verão, depois do fim do segundo ano da faculdade, eles viajaram juntos pela Europa, hospedando-se com amigos na Inglaterra, caminhando sob a chuva pela região de Lake District, indo até a Côte d'Azur, parando em vinhedos ao longo do caminho e visitando velhos amigos de sua avó. Depois, foram a Santorini, onde dormiram na praia e ficaram com a pele tão escura quanto duas castanhas, passando por Marrakech e Barcelona antes de voltarem para casa.

Não fui com eles, mas recebia cartões-postais entusiasmados de Maddy a cada poucos dias. Eu sentia um ciúme incrível, mas o que podia fazer a respeito? Estava ocupado com outro estágio, concentrado em minha futura carreira advocatícia. Quando chegamos ao último ano e Maddy me disse que eles se casariam logo depois da formatura, fiquei genuinamente feliz. Percebia que Harry a amava. Não por sua beleza, mas pela pessoa que era. Ele havia penetrado por baixo de sua armadura e conseguiu ver a alma que havia ali dentro. Sabia que encontrara ouro. Eu estava ciente daquilo o tempo todo, é claro, e tive uma certa satisfação em saber que fui o primeiro a descobrir aquilo, e que, pelo menos nesse aspecto, ele sempre estaria atrás de mim.



O avião de Harry toca o solo no Aeroporto Nantucket Memorial. Ainda é época de baixa temporada e o aeroporto está relativamente vazio. Já passa um pouco das onze horas. Johnny precisa usar o banheiro, e eles tomam um café da manhã tardio no pequeno restaurante do terminal. Johnny pede panquecas com bacon. Harry pede café e ovos mexidos. O restaurante está cheio de pilotos, alguns usando uniforme, mas a maioria é composta de aviadores entusiastas como Harry. Eles voam até ali durante o dia, almoçam e decolam para voltar a seu aeródromo de origem depois. São médicos, pequenos empresários, aposentados. É uma pequena confederação. Do que mais gostam é de se sentar e conversar sobre voar. Normalmente Harry participaria daquelas conversas, mas não hoje. Hoje ele está dando atenção a Johnny. Ele quer que o dia seja exclusivamente de seu filho.

— Como sua mãe estava antes de viajar, amigão? — ele pergunta.

— Bem, acho — Johnny responde, balançando as pernas distraidamente. — Às vezes parecia estar um pouco triste.

Harry faz um movimento afirmativo com a cabeça. Nem sequer consegue olhar nos olhos de seu filho. São os olhos de Maddy. Ele é o culpado pela tristeza que ela sente. Ele é o único responsável.

— Como você está, papai?

Harry fica surpreso com a pergunta. Pode ser a primeira vez que Johnny pergunta algo assim, revelando uma maturidade, uma noção do estado de espírito das outras pessoas que, frequentemente, é um dos últimos traços de personalidade que uma criança desenvolve, se é que chega a fazê-lo.

— Bem, acho que estou um pouco triste, também.

— Por quê?

— Porque sinto saudades de sua mãe, e sinto saudades de você.

— Talvez se você voltasse para casa, você e a mamãe poderiam ser felizes de novo.

Harry desvia os olhos e toca a mão de seu filho.

— Eu gostaria muito disso. Vamos lá, companheiro. É hora de voar.

7

ELES REATARAM O RELACIONAMENTO e estão novamente na casa em Long Island, com o som do riso, da música e das vozes emanando da casa. É verão. Do lado de fora o sol está brilhando e o céu está azul. Eles estão no gramado, planejando uma excursão, uma festa, um jantar ou simplesmente sentados em sua cadeira, lendo. Velejando na lagoa, onde, nas tardes de sábado, outros velejadores disputam regatas. Maddy está cozinhando, ou no jardim Johnny está brincando com um amigo. Está mais velho agora. Mais alto, esguio como sua mãe. Herdou a beleza dela.

Seu problema no coração desapareceu. É como se nunca tivesse existido. Agora ele joga tênis. Eu o deixo usar minha quadra. Há até mesmo algumas garotas por perto, um prenúncio de como as coisas serão dentro de alguns anos. Ele será devastador. As mulheres cairão a seus pés. Harry sai da casa, com uma ótima aparência. Ele terminou seu livro. Foi outro best-seller. Seu último livro está sendo transformado em um filme. Quem mais está ali? Bem, estou com eles, é claro — feliz por ter a minha família postíça unida novamente, satisfeito em meio ao carinho e amor que eles compartilham, contente em ser um tio favorito. Ned e Cissy também estão lá. Ela está com seu primeiro filho nos braços.

Como tudo isso aconteceu? Como uma coisa dessas acontece? Eles perceberam que se amavam demais. E, assim como todos os casais verdadeiramente felizes, sentiam-se completos só quando estavam juntos. A dor é transitória, mas o amor é eterno. Harry e Johnny pousaram e Maddy voltou do México. Quando Harry trouxe Johnny de volta à casa, Maddy o convidou para entrar. Inspirada pela via-gem, ela havia acabado de voltar do supermercado e estava assando um pernil de porco. Preparando chile ancho relleno. Será que ele gostaria de ficar para jantar? Havia cerveja gelada na geladeira. Eles se sentaram à mesa como fizeram tantas vezes antes, desfrutando do conforto de estarem juntos, da

nostalgia. Havia risos. Maddy falou sobre o México. Sobre a cor que o mar adquiria ao refletir a luz do sol, sobre os papagaios e as araras na selva. Ela comprou cobertores indígenas e um sombrero para Johnny. Eles descreveram o passeio de avião. Johnny exibiu seu conhecimento sobre os reis ingleses. Foi o rei George I, disse ele. Veio logo depois da rainha Anne. Ele era alemão. Eles aplaudiram e ele sorriu, agradecendo os aplausos, mas ainda mais feliz porque sua mãe e seu pai estavam juntos outra vez.

Depois do jantar, eles colocaram Johnny na cama como sempre fizeram, com histórias e um beijo na testa. Em seguida, conversaram noite adentro, absorvendo os pensamentos um do outro, rindo com alegria naquela presença compartilhada. Houve lágrimas, mas nada de recriminações, raiva ou medo. Não havia necessidade. Era como se a vida deles nunca tivesse sido alterada. Quando chegou a hora de se recolherem, não foi preciso perguntar se Harry iria ficar. Ele simplesmente a seguiu pelas escadas até o quarto, e ela não esperava nada menos do que isso. Lá, fizeram amor, de maneira lenta, segura e feliz, como faziam antigamente, da única maneira que duas pessoas verdadeiramente apaixonadas podem fazê-lo.

E Harry nunca mais foi embora. O amor perdurou. Eles envelheceram. Tiveram cães. Johnny foi à escola que Harry frequentara, e depois a Yale. Nunca chegou a jogar hóquei, mas isso não tinha importância para ninguém, especialmente para Harry. Em vez disso ele tinha talento para idiomas, e passou um ano em Paris, hospedado com amigos da família. Todos nós fomos até lá e o visitamos uma vez, fazendo passeios de bicicleta pelo vale do Loire. Johnny sabia falar italiano, espanhol e francês, e estava aprendendo mandarim. Estava interessado em relações internacionais. Talvez até mesmo na área do direito.

Nós dois saíamos para almoçar algumas vezes por ano. Eu ia até New Haven e comíamos no Mory's, ou, quando ele vinha até Nova York, nos encontrávamos em um de meus clubes para o almoço. Todos os anos, na época de Natal, íamos assistir a um espetáculo ou a um musical na Broadway, como fazíamos quando ele era um garoto. Eu adorava ouvir sobre sua vida, seus interesses. Além da

beleza de sua mãe, ele também tem as paixões dela e a mesma natureza sensível, com o senso de humor de seu pai e o talento para fazer que tudo pareça ser fácil. É uma combinação perfeita de ambos. Eu não poderia ficar mais orgulhoso dele.

Na primavera, todos passávamos uma semana inteira em Breckenridge, esquiando. Passávamos os verões em Long Island e Johnny vinha nos visitar sempre que possível, trazendo com ele uma sucessão de várias garotas bonitas e bronzeadas, com dentes brancos e cabelos cor de mel. Elas se reuniam a nós em passeios até a praia, com seios firmes que mal ficavam ocultos por seus biquínis. Johnny, esguio e musculoso, com a cicatriz em seu peito pouco visível quando tirava a camisa, remava uma das canoas. Ainda havia competições de nado. Maddy ainda vencia na maioria das vezes, mas, certa vez, vi que Johnny estava diminuindo o ritmo e deixando que ela vencesse. Era agora muito mais alto do que os dois. Maddy ainda tinha um belo corpo, mas Harry havia ganhado peso.

Depois da formatura, Johnny não se alistou nos fuzileiros como seu pai fizera, mas passou um ano no Camboja, trabalhando como professor em um vilarejo afastado. Ele me mandava e-mails, descrevendo o lugar, as pessoas, seus costumes e sua gentileza. Também mandou fotos onde aparecia ajudando a construir um poço, conduzindo um búfalo d'água, ou montado em uma motocicleta. Depois, voltou e entrou na faculdade de direito. Passou a trabalhar em meu escritório, depois que o convidei, é claro. Ele era benquisto e logo estava a caminho de se tornar um dos sócios da empresa. Mas eu sabia que ele era ousado demais para permanecer conosco por muito tempo. Guiado por instintos mais nobres, se mudou para Washington e começou a trabalhar no Departamento de Justiça. Foi lá que conheceu Caroline, que viria a se tornar sua esposa. Ela era inglesa e trabalhava na embaixada britânica.

Os pais da moça vieram aos Estados Unidos para conhecer Maddy e Harry, e passaram um fim de semana em Long Island. Todos se deram muito bem. O pai dela, Gerald, trabalhava no mercado de ações em Londres. A mãe de Carol, Jilly, era dona de

casa. Tinha uma ligação familiar com E. M. Forster e demonstrava interesse pela literatura. Lera os livros de Harry — ele já havia publicado quatro obras — e estava muito empolgada com a possibilidade de conhecê-lo. Carol tinha dois irmãos; um deles era oficial no regimento de cavalaria Blues and Royals, e o outro ainda estava estudando em Cambridge. O apartamento em que moravam ficava perto de Eaton Square. Tinham uma casa em Gloucestershire onde passavam os fins de semana. Era uma típica casa da região das colinas de Cotswold, construída com pedras calcárias douradas e com uma bela vista para um vale verdejante. Todo ano, no mês de agosto, eles iam à região da Toscana passar as férias de verão. No inverno, saíam para caçar raposas.

Johnny e Carol se casaram em Cotswold. Centenas de convidados vieram à cerimônia. Muitos dos amigos de Johnny voaram até a Inglaterra. Alguns dos amigos de Maddy e Harry também o fizeram. Ned e Cissy. Eu. Havia uma enorme marquise armada no gramado. O champanhe jorrava. Os homens usavam paletó para festejos diurnos, e as mulheres usavam chapéu. Maddy estava linda em um vestido verde-claro que realçava o azul de seus olhos. Era um vilarejo elegante. A recepção ocorreu ao lado da igreja, que fora erguida antes das invasões dos normandos. Havia cisnes no rio. Harry foi o padrinho.

Começamos a ver Johnny com menos frequência, mas isso já era esperado. Em seu segundo ano de casamento, Carol anunciou no dia de Ação de Graças que estava grávida. Harry, com um enorme sorriso, deu um tapinha amistoso nas costas de seu filho. Maddy beijou Carol. O bebê nasceu em maio. Foi batizado como Walter Wakefield Winslow. Outros dois vieram logo em seguida, Madeleine e Gerry. Dei a todos colheres de ouro com seu nome gravado no cabo. Eram três crianças bonitas e saudáveis.

Durante um ano, Johnny e Carol viveram em Xangai, e, no ano seguinte, em Londres. Ele deixou o Departamento de Justiça e voltou a trabalhar na empresa (onde eu agora fazia parte do conselho) como sócio. Voltaram a morar em Nova York. Eu lhes comprei um pequeno edifício. Sei que foi algo absurdamente caro, mas o que mais eu iria fazer com meu dinheiro? Além disso, como

disse a Johnny, algum dia, de qualquer maneira, ele herdaria tudo aquilo. As crianças entraram na escola. Obedientemente, assisti às peças de teatro, recitais de música e jogos esportivos, assim como fiz com ele.

Maddy e Harry também estavam lá sempre. Ainda se comportavam como amantes, e raramente ficavam longe do alcance um do outro. A cabeleira de Harry, ainda espessa, estava branca, e ele ainda caminhava com um leve balançar, típico de um atleta idoso. Passou por uma cirurgia para reparar um dos joelhos. Os cabelos de Maddy estavam brancos também. Ela o cortara, e ele não lhe caía mais até o meio das costas, mas seus olhos ainda tinham o mesmo brilho. Ela tinha aquela beleza delicada, similar a um pergaminho, que só umas poucas mulheres mais velhas têm. Ela e Harry viajavam de tempos em tempos. Pediram a Harry que apresentasse um seminário em Yale e que participasse como bolsista em um grupo de estudos em Roterdã. Fez discursos em formaturas. Nunca mais passaram uma única noite separados.

Durante os primeiros anos, Johnny e Carol vinham até Long Island e passavam seus fins de semana na casa de Maddy e Harry, mas, como tinham mais filhos e as crianças estavam crescendo, a casa acabou ficando pequena demais para abrigar toda a família. Eu devia ter pensado nisso antes, mas, depois de discutir a questão com Harry e Maddy, disse a Johnny e Carol que iria lhes dar a minha casa também, com um pequeno fundo de investimentos que deveria ser usado para sua manutenção. Outra vez eles protestaram, mas mostrei que seria inútil discutir aquela questão. Não fazia sentido que um homem perambulasse sozinho por uma casa velha e enorme. Do que o lugar realmente precisava era de uma família com filhos para morar ali.

Assim, fui morar com Maddy e Harry, instalando-me no velho quarto de Johnny. Fiquei bastante confortável, e, francamente, sentia-me mais seguro. Se caísse nas escadas de minha casa, poderia levar um dia ou dois até que alguém me encontrasse.

Estou velho agora. Quase totalmente calvo. Preciso limpar os ombros constantemente para remover a caspa. Não ouço tão bem quanto antigamente, assim como outras coisas que não funcionam

tão bem como antes. Tornei-me um daqueles homens idosos que ocupam seus dias com consul-tas médicas. Vou até meu escritório todas as manhãs, mas há cada vez menos coisas para eu fazer. Ainda tomo um martíni todas as noites, embora já tenha sido informado de que isso faz mal à minha saúde. Maddy e eu saímos para fazer longos passeios. Não tão longos quanto antigamente, mas é o bastante. Ela usa uma bengala agora, elegante e com o castão de ouro, que pertenceu a seu bisavô, um grande proprietário de terras. Seja no campo ou na cidade, todas as noites me deito na cama para dormir com o coração leve. Não me arrependo de nada. Conheci o amor e ele me abençoou durante quase todos os dias da minha vida. Não poderia estar mais feliz.

Exceto pelo fato de que nada disso é verdade.

8

ELES ENCONTRAM OS DESTROÇOS DO AVIÃO no fim daquela tarde. Só é possível identificar o que restou do trem de aterrissagem acima da linha da água. O dia está claro, o vento sopra do sudoeste. Quase não há turbulência. A torre recebeu um chamado de emergência de Harry por volta das duas horas da tarde, relatando que estava perdendo altitude e requisitando pouso. O chamado foi seguido por um pouco de estática que o controlador aéreo não conseguiu identificar, e depois silêncio.

Uma testemunha que estava pescando na praia diz que viu um avião monomotor voando baixo, tentando pousar na água. Ao tocar a superfície, ele girou várias vezes e se despedaçou. Os mergulhadores encontram o corpo de um garoto jovem. Foi decapitado. A água está fria, a correnteza está forte e a visibilidade é limitada. Eles não encontram o corpo de Harry até a manhã seguinte.

Recebo as informações sobre o acidente como a maioria das outras pessoas — lendo a respeito na internet. É sábado e estou passando uma tarde tranquila em Nova York. ESCRITOR E FILHO PODEM TER MORRIDO EM ACIDENTE, diz uma das manchetes. Eu não sabia que Harry e Johnny tinham saído para voar naquele dia. Clico na manchete distraidamente, e, com um horror cada vez mais intenso, leio a história, atordoado e descrente até que os telefonemas começam. Amigos e conhecidos que-rem saber se aquilo é verdade. Não sei, mas temo pelo pior.

Então, recebo um telefonema oficial do chefe de polícia local, um homem que conheço há muitos anos. Seu pai era o açougueiro de quem comprávamos carne. Lembro--me do filho trabalhando no estabelecimento quando era adolescente, alguns anos mais novo do que eu, o avental manchado com sangue ressecado. Mãos grossas, cabelos loiros e curtos. Meu nome estava indicado como uma pessoa a contatar em caso de emergência.

— Senhor Gervais, lamento informá-lo que...

Era tudo que eu precisava ouvir. Maddy ainda está no exterior, e só deve chegar no dia seguinte. Tenho de notificá-la. Tento encontrar o telefone do hotel onde ela está hospedada, e finalmente o encontro na internet. Ninguém atende. Ligo para o consulado mexicano em Manhattan, mas a secretária eletrônica me diz para voltar a ligar na segunda-feira. Não sei nem mesmo em qual voo ela chegará. Depois, ligo para a casa do homem que comanda a filial da minha empresa na Cidade do México e conto a ele o que aconteceu. Digo-lhe que Maddy está hospedada em um hotel no vale de Yucatán, e, depois de muito resmungar, ele concorda em entrar em contato com a polícia para localizá-la e informá-la.

É a única maneira. Não posso permitir que ela chegue ao aeroporto e descubra o que aconteceu quando vir a notícia estampada nos jornais. Seria cruel demais.

Já tarde da noite, Maddy me telefona, ainda no México. Estive esperando por este momento, e temendo-o também. Atendo o telefone antes do fim do primeiro toque. Ela está histérica.

— Que diabos está acontecendo, Walter? Por acaso isso é algum tipo de brincadeira de mau gosto? Acabei de ser acordada por dois policiais mexicanos dizendo que eu tinha de ligar para você.

Conto a ela o que aconteceu. O grito que vem do outro lado da linha é desumano. É uma mistura de raiva e dor que nunca ouvi antes.

— Lamento muito — repito. — Lamento demais. Não há mais nada a dizer, então fico ali escutando Maddy soluçar, desejando poder estar a seu lado para poder reconfortá-la. Depois de quinze minutos, pergunto a ela a que horas seu voo pousará aqui. Tenho de perguntar várias vezes. Cada vez que ela tenta responder, começa a chorar outra vez. Depois de algum tempo, ela consegue gaguejar o horário.

— Não... desligue... o telefone — ela implora, inspirando o ar com dificuldade, lutando para manter o controle.

Ficamos ao telefone por mais uma hora. Ocasionalmente conversamos, mas, de maneira geral, ficamos em silêncio ou Maddy

chora.

Pela manhã ela tem de viajar cedo para a Cidade do México, e depois para o aeroporto internacional de Nova York. Ela chegará só no início da noite. Quando a hora chega, estou esperando-a. Ela está em uma cadeira de rodas. Apesar do bronzeado, ela parece estar pálida, com o rosto marcado. Eu me aproximo, mas não sei se ela consegue me identificar. Suas pálpebras vibram rapidamente. Vem escoltada por uma funcionária da empresa aérea e por um carregador que traz sua bagagem.

Faço um sinal com a cabeça quando a bela garota de cabelos escuros pergunta:

— O senhor está aqui para receber a sra. Winslow? Ela recebeu um sedativo. Dormiu durante todo o trajeto do México até aqui. O senhor tem um carro à espera?

Desta vez não há uma limusine. Levo Maddy até meu apartamento, coloco-a na minha cama e deixo que durma.

Durante alguns dias, a notícia aparece em todos os jornais. Todos usam a mesma fotografia de Harry, aquela que estava na orelha de seu livro. Um dos tabloides chega até mesmo a encontrar um retrato da turma da escola, em meio a outros rapazes com jaquetas e gravatas; eles a publicam com um círculo ao redor de Harry. Outro traz um diagrama que mostra o que acontece com um avião quando ele atinge a água. Não consigo olhar para ele.

Há especulações sobre a causa do acidente. Foi um erro do piloto? Um problema técnico? Harry sofreu um AVC enquanto pilotava? Johnny estava voando e tentou pousar sob supervisão de seu pai? A Diretoria Nacional de Segurança em Transportes leva os restos do avião até a base aérea da Guarda Nacional em Westhampton Beach para determinar o que aconteceu. Autópsia é feita nos dois corpos.

Maddy quer que os dois sejam cremados. Está um pouco melhor agora, mas ainda perambula pelo meu apartamento como se fosse uma sonâmbula. Fico responsável pelos preparativos. Falo com a funerária em Pantigo Road. Preencho os formulários necessários. O New York Times entra em contato para pegar as informações para seu obituário, assim como o East Hampton Star e o Southampton

Press. Tenho muitas coisas para fazer e detesto deixar Maddy sozinha. Estou seriamente preocupado com a possibilidade de que ela simplesmente vá até a janela e se jogue. Chego em casa e a encontro ainda sentada à mesa do café da manhã, olhando fixamente para uma xícara fria de café, fumando e dedilhando a medalha de São Cristóvão de Harry. A pilha de pontas de cigarro amassadas é a única indicação de que o tempo passou.

Levo-a até minha casa. É lá que o velório será realizado. Ela diz que não será capaz de voltar à sua própria casa. Coloco-a no quarto vitoriano, e, em vez de usar meu próprio quarto, durmo no aposento ao lado do dela, na cela monástica de meu bisavô. Em todos esses anos de convivência, ela nunca passou uma noite na minha casa. Faço o jantar, mas ela não está com fome. Não comeu nada nos últimos dias. Tudo que parece consumir é vodka e nicotina. Insisto com ela que deve comer alguma coisa, dizendo que não faz sentido passar fome assim. Corto sua carne como se ela fosse uma criança. Chego até mesmo a colocá-la em seu garfo. Ela simplesmente olha para mim.

Pela manhã, os cozinheiros e garçons chegam. Não sei quantos convidados virão à minha casa depois. Posso contar com Cissy e Ned, o agente de Harry, seu editor, alguns outros amigos. O irmão de Maddy, Johnny, está vindo do Oregon, onde trabalha como conselheiro para casos de narcodependência e instrutor de ioga. São as pessoas que eu sabia que devia convidar. Algum deles não vejo há anos, mas imagino que tenham mantido contato com Harry e Maddy.

Pouco antes das onze levo-a até a igreja de St. Luke, a mesma onde fizemos a cerimônia fúnebre de meu pai. Ainda frequento a missa regularmente, seja aqui ou na igreja de St. James em Nova York, mas sei que Harry e Maddy só vinham para celebrar o Natal e a Páscoa. A nova diretora é uma mulher que trabalhou ali durante os últimos anos. Ela me cumprimenta carinhosamente e com grande sensibilidade, deixando-me passar por ela já que estou com o braço ao redor de Maddy, sedada. Tive de ajudá-la a se vestir.

Alguns convidados já chegaram, mas os ignoro, escoltando Maddy até os primeiros bancos da igreja. Há muitas flores ao redor

do altar e duas enormes fotografias de Harry e Johnny. Sinto meus olhos se encherem de lágrimas, e mal consigo imaginar como Maddy deve estar se sentindo, se está percebendo alguma coisa, e a abraço firmemente. Algumas pessoas se aproximam de Maddy, mas, educadamente, tento mandar a maioria delas embora.

Olho ao redor e vejo o pai de Harry sentado sozinho em um banco, do outro lado. Viúvo agora, ele veio de New Hampshire, onde passou a morar depois que se aposentou. Mais uma vez fico chocado com a semelhança física entre os dois. É como olhar para Harry trinta anos no futuro. Seu pai está olhando fixamente para as fotografias de seu filho e de seu neto. Todo o seu legado destruído em um único instante. Eu me levantaria para ir cumprimentá-lo, mas não quero abandonar Maddy.

Ned e Cissy aparecem. Cissy senta-se ao lado de Maddy, sem dizer uma palavra, com o queixo erguido e segurando a mão de Maddy. Ned parece estar bastante abalado. Mais algumas pessoas chegam, mas mantenho minha atenção concentrada em Maddy. O funeral começa. As palavras familiares: “Eu sou a ressurreição e a vida”. Não há discursos, não há lembranças. Maddy não aguentaria. Tudo termina rapidamente.

Levo Maddy de volta ao carro, estacionado na frente da igreja. Mal percebo os convidados quando saio, mas vislumbro alguns rostos familiares. Há mais pessoas do que eu esperava. Funerais sempre atraem curiosos, especial-mente se o falecido for algum tipo de celebridade. Mesmo assim, só cerca de dez carros nos seguem de volta.

Trouxe botas para Maddy e para mim, e ajudo-a a calçá-las. Caminhamos lentamente pelo barro em direção ao lago, seguidos pelos outros. Ned pega uma das canoas e a leva até o ancoradouro. Vou logo atrás com Maddy. Ned e eu a ajudamos a embarcar, e ela se senta, virada para trás. Depois entro, sentando ao leme, como sempre. Cissy me entrega a urna. Ninguém diz uma palavra.

Os outros convidados estão reunidos no ancoradouro, todos ainda usando seu terno e vestido escuro. Estão em silêncio. Os únicos sons vêm do meu remo, da minha respiração e do estrondo que meu coração faz em meu peito. O céu está nublado, uma

luminosidade leitosa. A água está escura, tranquila e opaca. Algumas gaivotas circulam no ar sobre nós. A maioria das propriedades ao redor da lagoa está fechada por causa do inverno. As árvores estão envolvidas em lona. Os móveis para o gramado estão guardados. Piscinas estão cobertas por lonas plásticas e cobertas com folhas escuras.

Remo até o meio da lagoa e abro a urna. Há só uma. Ela quis que as cinzas fossem misturadas. Hesitando um pouco, pega-a das minhas mãos. Enfiando os dedos, Maddy remove um punhado de cinzas e o joga sobre a água. Começa a soluçar. Ou, na verdade, continua a soluçar, porque realmente não para de chorar há vários dias. Várias e várias vezes ela enche a mão com as cinzas e as espalha sobre a água, até que não haja mais nada. Ela olha para mim e compreendo que é hora de voltar. Seus olhos estão vermelhos e inchados, um reflexo das lágrimas que escorrem pelo meu próprio rosto.

Voltamos para a doca e Ned e Cissy nos ajudam a desembarcar. Novamente, guio Maddy de volta à minha casa. Levo-a até seu quarto, onde ela desaba sobre a cama. Cubro-a com o edredom e apago as luzes. — Por favor, diga às pessoas que peço desculpas por não descer. Não estou em condições de ver ninguém.

No térreo, o clima é sombrio. Todos se reuniram no salão verde. Já faz anos desde que o salão recebeu tantas pessoas. Um bartender de paletó branco está preparando bebidas. Um garçom passa servindo canapés. Cumprimento alguns dos convidados. O agente de Harry, Reuben, vem até mim, colocando a mão sobre meu braço de maneira confidencial.

— Como ela está?

— Foi um choque terrível — respondo.

— O choque foi terrível para todos nós. Não acredito que Harry morreu. Ou Johnny. Que tragédia.

Circulo por entre os outros convidados, mas minha mente ainda está focada na mulher enlutada que deixei no andar de cima. Tento ser um bom anfitrião, conto-lhes o que sei, comisero-me com eles e balanço minha cabeça negativamente. Procuro o pai de Harry e o encontro no terraço, olhando para a água.

— Posso lhe oferecer alguma coisa, senhor Winslow? Assustado, o velho senhor olha para mim, foca os olhos e balança a cabeça.

— Não, obrigado, Walter — responde. Em seguida pergunta: — O que você acha que aconteceu? Lá em cima, quero dizer — diz ele, indicando o céu com o queixo.

— Realmente não sei. O resultado das autópsias ainda não chegou. Nem os laudos do departamento de aviação.

— Para o diabo com isso. Não vai encontrar respostas ali.

— Como assim?

— Foi a hamartia.

O termo é familiar para mim, mas não me lembro de seu significado. — Hamartia?

— Da Poética de Aristóteles. A falha fatal. Sei o que meu filho fez. Sei que ele pecou. Ele me falou sobre Maddy e aquela outra garota. É sempre assim. Quando o herói faz algo estúpido ou errado, o destino não deixa que ele se esqueça. Sim, meu filho era o típico herói. Sempre foi. Mas ser um herói não impede que alguém cometa erros inacreditáveis. Ou que sofra as consequências.

Escuto em silêncio. Ele é um velho professor de inglês. É assim que pensa. Se fosse um engenheiro, teria uma explicação diferente. Não há dúvida de que ele formulou essa teoria, baseada em uma vida inteira de palestras, enquanto dirigia de New Hampshire a Long Island, um trajeto longo e solitário. Não havia falhas técnicas em Hamlet, e Édipo não cometeu erros de pilotagem. O mundo do pai de Harry é governado por certas regras invioláveis. Causa e efeito. O erro trágico só pode resultar em mais tragédia. É a única coisa que faz sentido para ele.

— Harry era um piloto dos fuzileiros — ele acrescenta.

— Era capaz de pilotar qualquer coisa, em qualquer condição. Aviões não caem do céu à toa.

Eu o observo. Claramente, está tomado pela dor, tentando racionalizar o irracional.

— Gostaria realmente de saber o que houve — respondo, depois de algum tempo. — Se me der licença, preciso ver como estão os outros.

Eu o deixo ali, ainda olhando para a água. Talvez nem tenha notado que me afastei.

Todos nós precisamos encontrar sentido em nossa perda da maneira que melhor compreendermos. Não quis ser indelicado, mas não o vi outra vez antes que fosse embora. Pelo que sei, talvez tenha ido diretamente para seu carro depois de nossa conversa. Por volta das duas horas, as pessoas já foram embora, e os garçons e cozinheiros estão recolhendo suas coisas. Pedi comida demais. Há embalagens de plástico com várias dúzias de ovos recheados enfiadas na minha geladeira. Uma lasanha inteira em uma forma de papel-alumínio. Metade de uma peça de presunto. Vários e vários litros de uísque, vodca e vinho branco. Pão. Limões. Antiácidos. Eu poderia passar semanas comendo aquelas sobras. Ned e Cissy são os últimos a partir.

— Ligue-me se precisar de ajuda com Maddy, sim? — diz Cissy. Digo que espero que eles possam voltar para cá em breve.

— Obrigado, Walter — diz Ned. — Faz algum tempo que quero dizer isso a você. Compramos a casa em Bridgehampton, perto do oceano.

A notícia chega como uma surpresa.

— Parabéns.

— Foi há cerca de um mês. Harry sabia, mas não tive chance de contar a você. Eu disse a ele que já era tempo de pararmos de abusar da hospitalidade alheia — ele acrescenta, com um sorriso fraco. Percebo que ele está prestes a chorar.

— Não seja tolo. Vou sentir saudades, mas estou muito feliz por vocês — digo. Na realidade, não estou feliz. É mais uma perda. Nossa velha vida está despedaçada, e nunca mais poderá ser reconstituída.

9

ACOMPANHO NED E CISSY ATÉ SEU CARRO, triste por vê-los par-tir, sentindo-me mais vazio do que jamais estive. Pago os garçons e os cozinheiros e subo as escadas para ver como Maddy está. Novamente, estamos sozinhos na casa. Os sons de sua respiração no quarto escuro indicam que ela está dormindo. Voltarei para verificar seu estado mais tarde. Desço para o térreo. A cozinha está limpa. É cedo demais para ficar bêbado, mas percebo que não há nada mais a fazer. Sirvo-me de uma dose enorme de uísque e ligo a televisão na biblioteca, mas não há nada que eu queira assistir.

Em vez disso, vou em direção às estantes. Há mais de um século meu bisavô começou a colecionar e encadernar exemplares da Punch, uma revista britânica de humor que costumava ser excelente. Meu avô e meu pai mantiveram a tradição. Temos todas as edições, desde a década de 1840. Puxo um volume do início do século XX e folheio distraidamente as páginas amareladas do próprio Punch, do kaiser, de párocos de vilarejos, nobres heróis militares britânicos com seus bigodes, mulheres bonitas, esguias e de pescoço alongado que personificam tudo que há de bom e nobre no mundo. Provavelmente foi em meio a essas páginas que comecei a desenvolver meu senso de feminilidade ideal. Não é surpresa o fato de que as mulheres nos desenhos sejam tão parecidas com Maddy. Adoro folhear aqueles exemplares desde que era criança, mas não tenho a menor vontade de fazê-lo hoje.

Agitado, decido sair para um passeio. Visto um casaco e saio da casa em silêncio, tomando cuidado para não bater a porta. Detesto pensar na possibilidade de Maddy acordar sozinha na casa, naquela cama estranha, provavelmente bastante desorientada, tentando chamar alguém, mas sem ninguém por perto para ouvi-la.

Apesar da melancolia do dia, ou, mais provavelmente por causa dela, é bom passear em meio ao ar de abril. O chão está macio e já há sinais de vida nos canteiros de narcisos. Lírios estriados já estão

brotando. Ainda está frio, mas a primavera chegou. Logo, todas as árvores e plantas irão florescer, o gramado estará com cheiro de grama recém-cortada, e, na lagoa, os filhotes dos cisnes irão nadar atrás de seus pais. Dou uma volta ao redor da casa, inspecionando as calhas e os ralos. Mandei enterrar os cabos de energia elétrica há alguns anos. Guaxinins e esquilos tinham o hábito de saltar dos galhos para o telhado e roê-lo para chegar ao sótão, e frequentemente acabavam presos nos dutos de calefação. Por essa mesma razão, as árvores precisam ser podadas regularmente. Preciso me lembrar de entrar em contato com o zelador para podar a sebe viva, consertar a cerca que mantém os animais maiores longe da casa e instalar a rede na quadra de tênis.

Em seguida, vou até a lagoa. Para minha surpresa, há alguém em pé na beirada do ancoradouro, observando a água. É uma mulher, vestida com uma capa de chuva cáqui e botas de borracha. Todos os convidados do funeral já se foram há muito tempo. Não é Maddy.

Reconheço-a assim que a vejo.

Claire.

— Olá, Walter — ela cumprimenta, virando-se para olhar para mim. Eu já me esquecera do quanto era linda. Ela estava na igreja. Lembro-me de sua capa, mas seu rosto e a cabeça estavam disfarçados por óculos escuros e um lenço.

Eu hesito.

— Claire — digo. — Que surpresa.

— É mesmo? — ela pergunta, com um sorriso pesaroso.

— É.

— Eu tinha de me despedir. Sabia que não seria bem-vinda, mas tinha de vir.

Não digo nada, mas me aproximo e fico atrás dela. A doca é estreita demais para ficarmos lado a lado.

— Maddy está na casa, como você deve saber.

— Imaginei que ela estaria aqui. Como ela está?

— Inconsolável.

Ela suspira.

— Entendo — ela responde, com uma voz suave. — Como você está?

Levo um momento para responder. Não pensei muito em mim mesmo.

— Incrivelmente triste — respondo, finalmente.

— Lamento muito. Sobre isso. Sobre tudo.

— Todos lamentamos. É uma perda terrível.

— Eu sei. Não consigo parar de pensar em Johnny.

— Nenhum de nós consegue. Não há nada mais triste do que a morte de uma criança.

— Maddy tem sorte de ter você.

Assinto com a cabeça. É surreal estar neste lugar, conversando com ela.

— Obrigado. Sabe, Claire, entendo suas razões e agradeço por vir até aqui, mas receio que terei de pedir que vá embora. Não posso correr o risco de que Maddy acorde e a veja aqui. Seria demais para ela no estado em que se encontra.

Ela inspira profundamente e sorri para mim.

— É claro. Entendo. Eu esperava poder simplesmente entrar discretamente, sem ser notada, e me despedir. Eu realmente o amava, você sabe. Muito. Estou chorando há vários dias.

— Todos nós sentiremos saudades dele.

— Sabe, ele não me amava de verdade. Agora sei disso. Mas nunca houve qualquer dúvida em seu coração. Ele amava Maddy demais, e Johnny também, é claro. Se quiser saber, eu não o via há várias semanas. Desde que Johnny ficou hospedado no apartamento dele. Brigamos.

— Por que você está me contando isso?

— Para que você possa contar a Maddy. Não sei se ela sabe disso. Ele nunca falava sobre ela, sobre a família. Mantinha aquele assunto para si mesmo. Acho que isso é importante. Sei que seria, se eu estivesse no lugar dela.

— Obrigado. Vou dizer a ela.

— E não pense que não sofri ou que não vou sofrer. Sempre vou trazer uma parte de Harry comigo.

Olho para ela, sem saber o que dizer. Lembro-me da primeira vez em que conversamos. O quanto ela parecia ser uma pessoa nova e revigorante.

— Adeus, Walter — ela diz, estendendo a mão. — Espero que não nos tornemos inimigos.

— Claro que não. Mas pode ser difícil sermos amigos.

— Entendo.

Eu a observo ir embora, e depois ouço o som baixo de suas botas pisando sobre os cascalhos que levam até a rua. Ela deve ter estacionado mais adiante. Sinto-me mal por ela. Não é uma pessoa ruim. Acredito nisso com todo o meu coração. E não posso culpá-la por se apaixonar por Harry. Era difícil não amá-lo. E ela, como tantos outros jovens, estava procurando um atalho, uma vantagem sobre a concorrência, sempre apressada, sem perceber que não há nenhum benefício em apressar a jornada, que o destino não é o objetivo, mas meramente parte de um processo. Eles também não percebem completamente que suas ações têm repercussões. Que sua vida pode ser arruinada. Claro, os jovens não têm monopólio sobre o egoísmo. Queremos aquilo que queremos. A amarga verdade é que raramente ficamos felizes quando conseguimos o que queremos.

Eu me viro e volto a entrar na casa. Não quero deixar Maddy sozinha por muito tempo.

Epílogo

MADDY NUNCA CONSEGUIU SE RECUPERAR da morte de Harry e de Johnny. Depois de algum tempo ela voltou a ter algo que se parecia com uma vida. Foi impossível voltar às suas duas casas, então ela continuou a morar comigo. Sei que ela pensou várias vezes em se matar, então eu a vigiava como um gavião.

— Eu só quero morrer — dizia. — Pode me ajudar?

E eu, que faria qualquer coisa por ela com exceção disso, sempre lhe disse não. Às vezes me perguntava se estava fazendo a coisa certa, que talvez fosse melhor deixá-la ir. Sua dor era insuportável. Às vezes ela desabava em lágrimas no meio de uma refeição. Nunca saímos, raramente víamos outras pessoas.

Quando Harry estava vivo e eles estavam juntos, éramos tão felizes com o mundo que foi construído ao redor de seu casamento que raramente tínhamos contato com pessoas de fora dele. Não precisávamos. As pessoas nos encontravam. Mas não mais. Ela permanecia sob o efeito de fortes medicamentos. Cheguei até mesmo a parar de frequentar meus clubes, temendo deixá-la sozinha, ou, pelo menos, para garantir que ela comesse um pouco do jantar ou que não deixasse um cigarro aceso acidentalmente perto de uma cortina. Durante o dia eu contratei uma enfermeira para cuidar dela de modo que pudesse ir ao escritório, mas, à noite, éramos só nós dois.

Ela vivia atormentada por pesadelos. Eu a ouvia gritando na cama e corria até sua porta, esperando e escutando. Às vezes batia na porta, mas, em geral, simplesmente deixava que ela dormisse. Mas ela sempre sabia que eu estava lá.

— Walter — ela perguntava, chorosa. — Você está aí?

— Estou — eu respondia. — Quer que eu entre?

— Não. Foi só outro sonho ruim.

Geralmente, depois de um desses episódios, eu ficava por perto até que ela se acalmasse. Outras vezes eu não conseguia voltar a

dormir, então simplesmente lia ou andava de um lado para o outro até o amanhecer. Certo dia tive de correr cedo para casa depois de receber um telefonema da enfermeira em pânico, dizendo-me que Maddy havia se trancado no banheiro e que não saía de lá, nem respondia quando ela a chamava. Quando cheguei, bati na porta do banheiro e perguntei desesperadamente a Maddy se ela estava bem. Para meu alívio havia sinais de vida e nenhum som de água correndo. Eu estava a poucos segundos de chamar a polícia quando ouvi a fechadura se mover, e Maddy passou andando por nós dois. Ela havia cortado todo o seu cabelo, aqueles cabelos gloriosos que agora estavam espalhados pela pia e pelo chão do banheiro. Mandei remover as trancas de todas as portas do apartamento no dia seguinte, mas não disse nada para Maddy, e aumentei o salário da enfermeira, depois de implorar a ela que continuasse a trabalhar.

Gradualmente, levamos os pertences de Maddy para minha casa na praia ou para o apartamento da cidade, mas deixamos muitas coisas para trás. Agimos da mesma forma que alguém que prepara as malas para viajar. Leve apenas o essencial, deixe o resto para trás. Ela não queria muito. Um casaco quente, roupas íntimas, botas para dias chuvosos, um suéter velho de seu pai e um urso de pelúcia do tempo em que era criança. Alguns velhos álbuns de família, medalhas de seu tempo de nadadora. Algumas joias de sua avó que não estavam sob a guarda do banco. Deixou para trás seus livros de receitas, suas panelas e facas. Era como se estivesse deixando para trás as duas últimas décadas de sua vida. Não pegou nada que pertencia a Johnny ou a Harry. Mandei que as coisas deles fossem encaixotadas e armazenadas por uma empresa especializada.

Quando ficou claro que ela nunca voltaria a nenhuma das casas, mencionei a possibilidade de vendê-las, ou, pelo menos, alugá-las a inquilinos interessados.

— Não me importo com o que você faça — ela disse. — Não posso voltar.

Não tive problemas em vender o apartamento de Manhattan. Não guardava lembranças que fossem muito significativas. A casa

em Long Beach, por outro lado, era uma questão diferente. Não só ela tinha um lugar especial em meu coração, como também fiquei preocupado com a possibilidade de que algum investidor do mercado de capitais a comprasse para demoli-la e erguer em seu lugar uma daquelas horríveis mansões modernas que eu seria forçado a vislumbrar todos os dias. Assim, em vez de vendê-la, a comprei e, atendendo ao pedido de Maddy, demoli o imóvel. Hoje, naquele lugar, há um campo vazio, onde flores do campo brotam durante o verão.

Mesmo assim, colocamos uma pedra enorme, praticamente um rochedo, na beira da lagoa, perto do lugar onde ela havia espalhado as cinzas. O rochedo pesava várias toneladas e teve de ser colocado ali por um guindaste. Um escultor entalhou o nome completo de Johnny e de Harry, a datas de nascimento e morte deles, e um epitáfio que Maddy escreveu, dizendo "VOU AMÁ-LOS PARA SEMPRE". Também colocamos um pequeno banco de pedra a seu lado, e ela plantou flores ao redor da base. Todos os dias ela ia até lá e passava várias horas sentada.

Nós nos casamos no ano seguinte. Pode parecer uma surpresa, mas não deveria ser assim. Ela estava se curando, e, pelo menos para mim, pareceu a coisa certa a fazer. A única coisa a fazer, realmente. Eu a pedi em casamento várias vezes, e ela sempre me dizia que não estava pronta. Ela me agradecia por ajudá-la e perguntava que importância aquilo teria. Estávamos sempre juntos, e poderíamos, por favor, não falar sobre isso? Mesmo assim, eu insistia em continuar propondo. Tinha minhas próprias razões, é claro. Em parte, acreditava que, se ela se casasse comigo, teria mais chances de conseguir curar suas feridas. Mas, além disso, era algo que eu queria muito.

Havia razões práticas também. Como marido, eu poderia visitá-la no hospital. Poderia fazer coisas por ela no plano jurídico que não teria condições de fazer apenas como amigo. Além disso, você pode dizer que sou antiquado, mas acredito que as coisas têm de ser feitas da maneira certa, e, se fôssemos viver juntos na mesma casa, deveríamos fazê-lo como marido e mulher. Depois de algum tempo, ela cedeu.

Contamos apenas a algumas poucas pessoas. Ned e Cissy, mas só depois do casamento. Não houve festa. A cerimônia ocorreu na prefeitura, e as únicas testemunhas foram meu zelador e o instrutor de golfe do clube. Troca-mos alianças. Entreguei o cheque. Depois, nós dois fomos ao cinema. Maddy adora ir ao cinema.

Ainda dormimos em quartos separados. Nunca houve sexo. Seria impossível para nós dois, depois de tudo que aconteceu. Filhos também não eram uma opção. Mesmo que Maddy fosse velha demais, poderíamos ter adotado uma criança. Mas isso não vinha ao caso. Para mim, bastava o fato de que Maddy era minha esposa agora. Sei que ela concordou com isso apenas devido a uma combinação de apatia, gratidão e medo. Enquanto estava se recuperando, passou a ter muito medo de ser deixada sozinha. A ideia de passar a noite desacompanhada era aterrorizante. Sempre deixávamos uma luz acesa.

Felizmente, eu tinha um cargo alto o suficiente no meu escritório, que me permitia organizar minha agenda diária de acordo com as necessidades dela, já que Maddy, além de ser incapaz de ficar sozinha à noite, também se recusava a viajar de avião. Assim, houve várias negociações inter-nacionais que fui forçado a delegar a outros membros da empresa. Não a culpo por isso, mas era apenas mais uma restrição com a qual fomos forçados a viver.

Mesmo assim, as coisas não eram ruins. Havia dias bons. Maddy voltou a jogar golfe, um esporte que não praticava desde que era criança, quando ela e seu pai, que era um excelente golfista, venciam o torneio com equipes formadas por pais e filhas no clube com tanta frequência que a instituição acabou por lhes entregar o troféu em caráter permanente. Harry nunca se interessou pelo jogo, achando-o vagaroso demais, então ela simplesmente parou. Sua postura era perfeita, e ela era capaz de lançar a bola tão longe quanto qualquer homem com uma tacada. Ela teria um dia muito feliz jogando uma partida de 36 buracos todos os dias, começando no início da manhã e jogando sem parar até o cair da noite, independentemente do clima. Sou um golfista indiferente, na melhor das hipóteses, apesar de ter aulas desde que era criança,

mas ficava feliz em jogar se isso fizesse que Maddy se sentisse melhor.

Ela não se importava de jogar melhor do que eu. Era suficiente para ela se concentrar na bola, no vento, na grama. Até mesmo gostava da companhia dos outros golfistas, e frequentemente disputávamos partidas entre quatro jogadores. Às vezes, ela até mesmo iria até o clube sozinha se eu não estivesse disponível. Sua beleza, compleição atlética e o ar de mistério ao seu redor a transformaram em uma figura atraente no clube, é claro, e, no início, recebemos inúmeros convites para coquetéis, festas, bailes e jantares. Educadamente, recusávamos cada um desses convites. Conversar no campo de golfe era uma coisa. Ir à casa de alguém era outra, completamente diferente.

Uma das piores épocas do ano para ela começava quando o clube fechava o campo, depois do fim da temporada. Para ajudá-la a se sentir melhor, acabei comprando uma casa na Flórida, no mesmo clube ao norte de Palm Beach onde meus pais já tiveram uma casa. Ainda havia algumas mulheres idosas que se lembravam deles. A casa, em estilo colonial espanhol e com acabamento em estuque cor-de-rosa, um quarto para cada um de nós e um pequeno apartamento sobre a garagem, ficava logo em frente ao campo de golfe.

Começamos a passar mais tempo na Flórida, fazendo o trajeto de 25 horas por trem até West Palm logo depois do dia de Ação de Graças e permanecendo ali até abril. Foi ali que Maddy começou a socializar novamente e ficar mais animada. Agora seu cabelo já voltara a crescer, mas não era tão longo ou tão dourado quanto antigamente. Ela ainda não cozinhava, mas começamos a aceitar alguns convites, e ela começou a gostar de ir ao clube de golfe ou ao clube principal à noite para jantar. Essas pessoas eram novos amigos, gente que não estava associada com sua vida anterior. Poucos se interessavam por literatura. Os livros em suas estantes, se é que tinham algum, eram romances de espionagem para ler na praia, manuais sobre como jogar golfe de maneira mais eficiente e algumas biografias volumosas que talvez nunca tenham sido folheadas. Também tinham os costumeiros livros ilustrados para

deixar sobre a mesa de centro, com fotografias impressionantes de projetos arquitetônicos ou jardim. Para esses banqueiros, advogados e executivos aposentados não importava muito o fato de que Maddy fora casada com Harry Winslow, o escritor. Isso lhe deu não só um anonimato bem-vindo, como também uma chance de recomeçar sua vida. Neste mundo, ela era simplesmente Maddy Gervais, não Wakefield, não Winslow. Não posso afirmar que ela estava feliz, mas sua dor era menor, e, por isso, fiquei extremamente grato.

Gradualmente, ela começou a voltar à vida. Tudo começou com o golfe e continuou com aquela outra ótima atividade dominical, frequentar a igreja. Depois que Maddy veio morar comigo, tive cada vez menos oportunidades de participar das missas dominicais. Gentilmente perguntava a ela se tinha algum desejo de ir comigo, mas ela recusava, dizendo amargamente:

— Não acho que Deus vai querer ouvir o que tenho a Lhe dizer.

Até que, em uma noite de Natal, ela concordou em ir comigo. Fazia anos que não participávamos de uma missa de Natal juntos. Estávamos na Flórida, e a Christ Memorial Chapel estava lindamente decorada para os festejos, enfeitada com guirlandas e coroas de flores, uma manjedoura no canto, o coral com suas túnicas e velas vermelhas queimando em todos os nichos da parede. Era a missa da “meia-noite”, que, na verdade, ocorria às onze horas, e a igreja estava cheia de pessoas vestidas com a maior elegância, com muitas gravatas verdes e vermelhas, e a alegria da ocasião era elevada por um bom jantar, sem dúvida. Crianças sonolentas dormiam apoiadas nos ombros de seus pais, e velhas senhoras sentavam-se lado a lado.

O padre nos recebeu carinhosamente à porta. Ele leu a tradicional missa da véspera de Natal com um sotaque escocês, enquanto crianças representavam os papéis de José, Maria, os pastores e os três reis magos em uma encenação da história. Cantamos os hinos e fiquei muito contente por haver um dos meus velhos favoritos, “The Holly and the Ivy”.

Depois, a caminho de casa, Maddy disse:

— Eu me esqueci do quanto gostava de ir à igreja. Podemos ir novamente no domingo?

Assim, voltamos na semana seguinte, e depois em todas as semanas seguintes. Quando estávamos em Long Island, também íamos à igreja. E, embora eu continuasse frequentando a missa apenas aos domingos, Maddy começou a fazer um curso de estudos bíblicos. Não demorou muito até que ela estivesse graduada para começar a trabalhar com programas comunitários. Ela trabalhou em atividades de arrecadação de roupas, servindo sopa em albergues, visitou pessoas no hospital e entregou comida para idosos. Algum tempo depois, ela se tornou membro do conselho paroquial.

Nessa época, já tinha quase me aposentado do escritório, uma decisão que esteve entre as mais fáceis da minha vida. Continuei tendo uma sala ali e aparecia de tempos em tempos, mas fazia isso principalmente pela distração, e porque tinha muito pouco a fazer além de assinar um ou outro documento e folhear o Wall Street Journal. Maddy e eu não precisávamos daquele salário, é claro. Além do meu dinheiro, Maddy também tinha seus próprios fundos, que agora eu administrava. Ela também tinha o dinheiro da venda de suas casas e dos livros de Harry, e, pela primeira vez em sua vida, ela havia realmente enriquecido.

A venda dos livros de Harry aumentaram muito depois de sua morte, e, depois de uma longa espera, um filme baseado em sua segunda publicação chegou aos cinemas. Graças à inclusão de uma das estrelas mais populares de Hollywood, o filme teve um desempenho relativamente bom nas bilheterias. Claro, fomos convidados para assistir à estreia. Maddy não tinha qualquer desejo de ver o filme. Escapuli para vê-lo certa tarde, e achei-o ligeiramente divertido, mas não era nada parecido com o livro. Mesmo assim, não consegui deixar de pensar o quanto Harry gostaria de ver seu livro transformado em filme, mesmo que o resultado final pudesse decepcioná-lo. Sei que ele certamente gostaria do dinheiro. Seu agente, Reuben, passou anos tentando convencer Maddy a lhe entregar os rascunhos de seu último livro, caso houvesse algo que pudesse ser recuperado. Mas Maddy se certificou de que ninguém nunca o leria.

Bem, isso não é inteiramente verdade. Eu o li sem que ela soubesse. Uma das minhas responsabilidades no período posterior ao acidente foi cuidar das propriedades e da herança deixadas por Harry, o que incluía tirar seus pertences do apartamento que ele alugara. Não havia muitas coisas, mas seu notebook estava lá. Todo o resto enviei para a mesma empresa que guardou as outras coisas, mas guardei o notebook comigo. Não foi muito difícil descobrir a senha — “Maddy” — e isso permitiu que eu encontrasse e acessasse seu livro. Havia várias centenas de páginas no arquivo mais recente. Entreguei o computador a Maddy, mas, secretamente, fiz uma cópia do livro para mim, movido pela curiosidade. Maddy ainda estava tão fragilizada que eu não queria fazer ou dizer nada que pudesse irritá-la.

Era um bom livro. Em vários aspectos, melhor do que o livro anterior. Era sobre todos nós, embora não fosse realmente sobre nós. Imagino que é assim que os escritores trabalham. Havia uma família que vivia num casamento feliz, um marido encantador, uma bela esposa e um garoto meigo. Eram amados e admirados. Havia até mesmo um amigo da família. Uma mulher jovem, bonita e sensual entra nesse paraíso idílico. Ela é inteligente, cheia de vida e ansiosa por amor. Há um caso amoroso, seguido por decepção e remorso. As descrições de sua primeira noite juntos, Paris, todas as viagens que fizeram, o tempo que passaram juntos — coisas que só os dois saberiam que aconteceram. É por isso que conheço a história tão bem. Harry registrou tudo por escrito. A diferença é que sua história terminou bem. O marido e a mulher reataram seu relacionamento. Era uma história cujo mote era o perdão. Alguns leitores poderiam achar que essa conclusão não é muito realista, ou até mesmo piegas, mas, para mim, fez sentido. Como ele mesmo me disse na última vez em que conversamos, era uma “carta de amor” para Maddy.

Nunca contei a Maddy que li o último livro de Harry com medo de que isso fizesse que ferimentos curados superficialmente voltassem a se abrir. Eu não suportaria se isso acontecesse. Mas o livro despertou minha curiosidade. Havia muitas coisas que eu não sabia, que nenhum de nós, com exceção de Harry e Claire, sabiam

sobre o caso deles. Mas, todos os anos, sem o conhecimento de Maddy, eu relia o manuscrito, esperando vislumbrar algo novo em relação aos sentimentos de Harry por Maddy, e aos sentimentos que ele tinha por Claire. Havia um certo prazer masoquista naquilo, é claro. Embora eu fosse só um personagem secundário, era estranho ler sobre mim mesmo, ainda que o relato fosse supostamente uma obra de ficção. Essa pessoa realmente sou eu? É assim que eu falo? É assim que Harry — ou qualquer outro autor — acha que as coisas são? A pessoa retratada não sabe se deve se sentir insultada ou lisonjeada, ou ambos, ao mesmo tempo. O que parece importante para uma pessoa é secundário para outra. Ainda assim, eu voltava ao livro todos os anos, imergindo mais uma vez naqueles dias que antecede-ram a queda, assim como em seu desfecho inevitável.

Muito do que ele escreveu também era muito bonito. Pelo menos foi essa a impressão que tive, porque ele capturou a vida que eles tinham, a nossa vida, tornando-a fácil de reconhecer, e fazendo que fosse muito além. Havia certas palavras, certas passagens, que me causavam calafrios sempre que eu as lia. Mas, como todos os segredos, depois de algum tempo aquilo se tor-nou um fardo pesado demais para carregar sozinho. Eu tinha de compartilhá-lo com alguém. Obviamente, nunca poderia discutir a respeito do livro com Maddy. Nossos amigos golfistas seriam incapazes de falar a respeito, e mesmo velhos amigos como Ned e Cissy, com quem não conversávamos mais com tanta frequência e que também eram personagens secundários no livro, não teriam muito a dizer. Eu precisava dividir aquilo com alguém, mas, acima de tudo, eu precisava saber mais.

Só havia uma coisa a fazer. Entrei em contato com Claire. Quase uma década já havia se passado, e não foi fácil encontrá-la, mas, depois de algum tempo, consegui descobrir seu paradeiro. Ela estava morando em Old Greenwich agora, e perguntou se podíamos nos encontrar em algum lugar perto da Grand Central Station, porque ela precisaria tomar o trem para voltar para casa. O único lugar que eu conhecia naquela área era o Yale Club, e acabei por sugeri-lo.



Quando o dia chega eu me certifico de esconder o que estou fazendo de Maddy, dizendo a ela que tenho um almoço com um cliente importante, com os quais atualmente me encontro cada vez com menos frequência. Entro no clube pela primeira vez em vários meses e sou recebido por Louis na porta da frente.

— Bem-vindo de volta, senhor Gervais — ele diz. — Espero que tenha passado bem durante o inverno.

Chego cedo, e espero por ela no térreo, no saguão. Seu trem deveria chegar pouco depois do meio-dia e meia. Alguns minutos antes da uma da tarde, ela entra pela porta. Seu cabelo está mais longo, e seu rosto não é tão jovem quanto já foi, mas ainda é bonito, com olhos cor de amêndoa e lábios carnudos, levemente entreabertos. Estamos no fim de abril, e ela está usando um elegante casaco cinza sobre um vestido discreto, mas bem modelado, de um tecido alaranjado claro. Ela ganhou um pouco de peso, mas suas pernas ainda parecem estar boas. Vejo uma aliança de casamento e um diamante de bom tamanho.

Levanto-me para cumprimentá-la.

— Olá, Walter — ela diz, estendendo a mão. — Já faz um bom tempo.

— Faz. Obrigado por vir até aqui, apesar da distância.

— Imagine. Aproveito qualquer oportunidade que eu tenha para vir a Nova York.

— Há quanto tempo você mora em Old Greenwich?

— Quatro anos.

Vamos até o salão de jantar na cobertura do prédio. É mais reservado e tranquilo do que a Tap Room, agitada demais. Reconheço vários membros que estão sentados ali e os cumprimento com gestos discretos. O maître, Manuel, também está contente em me ver. Eu o cumprimento carinhosamente e ele nos leva até nossa mesa. Gostaríamos de algo para beber? Ele pergunta.

— Martíni? — pergunto a Claire.

— Não — ela responde, sorrindo. — Nada mais de martinis para mim. Só uma água mineral com gás, por favor.

— Bem, tomarei um se você não se importa, mesmo que meu médico recomende que eu não o faça. Um Beefeater com uma casca de laranja, bem batido, por favor.

Manuel se afasta com o pedido das bebidas e me viro para Claire, observando-a por inteiro desta vez.

— É ótimo vê-la outra vez — digo. — Você parece estar ótima. O ar do campo combina com você.

Gostaria de ser capaz de dizer o mesmo em relação a mim. Embora eu tenha acabado de voltar da Flórida e esteja com um belo bronzeado, meu médico vive me lembrando de meu colesterol, dizendo que preciso perder uns dez ou doze quilos.

Ela ri. O mesmo riso. Sinos prateados.

— Ah, não faço ideia. Acho que não tenho do que reclamar, mas às vezes realmente sinto falta de Nova York.

— Por que você se mudou para lá?

— Bem, David, meu marido, veio de lá, e achamos que seria o melhor lugar para estabelecer uma família. Ele vem para cá todos os dias, e fico em casa e cuido das crianças.

— Quantos filhos você tem?

— Dois garotos até o momento, mas estou grávida de cinco meses, esperando o terceiro.

— Parabéns. Quantos anos têm seus filhos?

— Nove e três.

— Parece ser uma bela vida.

— É, sim. Um pouco entediante às vezes, mas temos bons amigos em Old Greenwich, e David e eu sempre pas-samos um fim de semana por mês a sós em Nova York. Ficamos em um hotel, vamos ao teatro, visitamos amigos, experimentamos novos restaurantes. Assim, consigo ter o melhor dos dois mundos.

— E onde David trabalha?

Ela me conta. Opera no mercado financeiro. Em um dos grandes bancos, mas talvez monte sua própria empresa dentro de alguns anos. Fez um MBA, tempos depois, em Harvard. Conheceram-se em uma festa. Foram para Galápagos em sua lua de mel.

Conversamos um pouco mais sobre sua vida.

— Como você está, Walter? E Maddy?

Conto a ela. Sobre Maddy, sobre o que aconteceu nos anos seguintes ao acidente. Como nossa vida mudou. Nosso casamento. Flórida. Mas não sobre o livro.

O almoço chega. Pedi a sopa Baker seguida por um filé malpassado. Quando posso, acabo me rendendo aos prazeres da gula. Claire pede apenas salmão, e deixa a maior parte do peixe no prato.

— E então, por que você me chamou aqui? — pergunta. — Não acredito que você simplesmente descobriu onde eu estava depois de todo esse tempo e de tudo o que aconteceu apenas para falar sobre amenidades.

Agora lhe conto sobre o manuscrito, além do fato de que sou a única pessoa que chegou a lê-lo. Sobre o quanto a história é boa e o fato de relê-lo todos os anos. Também digo que o livro me deixou com mais perguntas do que respostas. As coisas foram realmente assim? Foi daquele jeito que tudo aconteceu? Havia muitas lacunas. Será que ela pode me ajudar a preenchê-las?

— Faz muito tempo que isso aconteceu, Walter — ela diz. — Eu era muito jovem.

Mas eu a pressiono, e, no fim, ela cede. Falamos sobre o caso que eles tiveram, sobre Paris, sobre a emoção do início e a agonia no fim. Lágrimas se formam em seus olhos conforme faço perguntas mais incisivas. Quero detalhes que frequentemente são dolorosos.

— Não penso em nada disso há muito tempo — ela diz. — Tentei evitar.

Ela se levanta e pede licença para ir ao banheiro. Quando volta, parece ter recuperado a compostura. Sua maquiagem está retocada.

— Desculpe — ela diz. Pedimos café para viagem. — Chegaram a descobrir o que aconteceu? Por que o avião caiu? — pergunta.

— Os relatórios foram inconclusivos.

Ela assente com um movimento de cabeça.

— O que você acha que aconteceu?

Essa é uma pergunta que fiz a mim mesmo várias vezes. Cheguei até mesmo a contratar investigadores particulares para analisar os registros médicos e os relatórios do departamento de aviação.

— Não sei — respondo, finalmente. — Vou lhe dizer o que sei. Ao contrário do que alguns jornais publicaram na época, não acredito que Harry arreventou o avião de propósito. O livro estava progredindo bem. Ele amava Johnny e nunca faria nada que pudesse feri-lo. E ele ainda amava Maddy. Disse que ia tentar reconquistá-la. Além disso, acho que ela iria aceitá-lo de volta. Pelo que sei, não havia motivos para querer matar a si mesmo ou a Johnny.

— Então, o que resta?

— Bem, é possível que tenha havido algum erro de pilotagem, mas é improvável. Harry era um piloto excelente. Pode ter entrado algum objeto no motor. Ou eles podem ter atingido um pássaro. O departamento de aviação não encontrou nenhum indício de problema técnico, mas o avião estava tão danificado que era impossível dizer com certeza. Como de costume, o fabricante enviou seus advogados para atestar que o problema não poderia estar no avião e brandiu uma resma de relatórios justificando a segurança do avião e de seu projeto. É um mistério.

— Pensei nisso várias vezes também — ela diz. — Nunca consegui encontrar uma boa razão. No início, achei que fosse um castigo de Deus por eu ter dormido com um homem casado, mas depois percebi que não era eu quem estava sendo punida — ela diz, com um riso estrangulado.

— Não é sempre assim? Quando somos jovens, pensamos que tudo gira ao nosso redor.

Atravessamos a avenida Vanderbilt e me despeço dela na entrada da estação.

— Sabe, essa semana faz dez anos que o acidente aconteceu. Achei que essa fosse a razão de seu telefonema.

— É, acho que é. Dez anos é muito tempo.

— Mas é engraçado como as coisas acontecem, não é? Afinal, você conseguiu o que sempre quis, não foi?

— Não vejo as coisas exatamente dessa maneira.

— Não?

— Não. Eu preferiria que Harry e Johnny ainda estivessem vivos.

— Mas, se fosse assim, você não estaria casado com Maddy. Não a teria totalmente para você.

— Eu nunca a quis totalmente para mim. Eu a amo. Sempre amei. Mas ela não me ama. Pelo menos, não como amava Harry.

— Bem, ela tem muita sorte de ter você ao lado dela. Sinto que essa atitude é irritante, e chega até mesmo a me ofender.

— E você não se acha nem um pouco culpável?

— Culpável? Eu? Por quê?

— Pelo que aconteceu. Pela dor que você causou.

— Que eu causei? Não, acho que você não entendeu.

— O que foi que não entendi?

— Não tenho culpa de nada. Eu era jovem e estava apaixonada.

— Então a culpa é de Harry?

— Sim. Foi algo que ele decidiu fazer. Eu não sabia o que estava fazendo. Eu me lembro daquela época, lembro do quanto era ingênua, e parece que tudo aconteceu há muito tempo. A ironia é que, no fim, eu venci. Pelo menos, de certa maneira. Mas houve momentos em que eu não pensava assim.

— O que quer dizer com isso?

Ela sorri e coloca a mão no meu braço.

— Eu o amava, como você sabe. Nunca saberei se ele realmente me amava ou não, mas sei que o amor que ele tinha por sua família era maior. Agora que sou mãe, entendi por que ele fez as escolhas que fez, mas, naquela época, não fui capaz de compreender. E, é claro, nunca tivemos a oportunidade de descobrir o que poderia acontecer. Mas tentei compensar as coisas. E tive sorte de, apesar de tudo, encontrar alguém que me ama da maneira que eu sou.

Ela olha para relógio e diz:

— Lamento, mas tenho de ir. Meu trem está para sair — e me dá um beijo carinhoso no rosto. — Obrigada pelo almoço. Foi ótimo vê-lo novamente.

Ela se vira e para, tirando um envelope de sua bolsa.

— Eu não sabia se iria dar isso a você. Já faz muito tempo. Eu não sabia como as coisas seriam. Mas acho que está tudo bem.

Espero que entenda. Você pode contar a Maddy se achar que é uma boa ideia.

Ela me entrega o envelope. É um envelope de carta, amarelo claro. Meu nome está escrito na frente.

— Adeus, Walter — ela diz, apertando minha mão. Olho profundamente em seus olhos castanhos e, por um momento, lembro-me da garota que ela era e por que todos ficaram tão encantados com ela.

Observo-a descer pela bela escadaria de mármore e caminhar apressadamente por entre a multidão até sua plataforma.

Volto para o clube e vou até a sala de leitura no segundo andar. Depois do almoço, o espaço está quase vazio. Alguns membros mais velhos como eu estão tirando uma soneca em sua poltrona. Os membros mais jovens, em boa forma física e esforçados, já voltaram para seu escritório. Sento-me em frente à janela. Um garçom surge e pergunta se eu quero alguma coisa. Penso em pedir um uísque com refrigerante, mas, em vez disso, decido-me por um café. Preciso dirigir de volta a Long Island para ver Maddy.

Tiro o envelope do bolso interno de meu paletó e enfio o polegar por baixo da aba. Ela se abre facilmente; fora lambido levemente. O papel é pesado, caro. O interior é marmorizado. Dentro, há três fotografias. Todas têm diferentes idades e tamanhos. Observo-as rapidamente, em sucessão. A primeira mostra nós sete: Claire, eu, Maddy, Harry, Johnny, Ned e Cissy. Foi tirada na Praia. Harry está no meio, com o braço ao redor de Maddy. Os dois estão rindo. Seus cabelos estão emaranhados pelo vento. Johnny está do outro lado. Estou ao lado de Maddy. Claire, usando um biquíni, está a meu lado. Não acredito no quanto estamos jovens nessa foto. Até mesmo eu, que nunca me senti realmente jovem, fico espantado com a firmeza com-parativa de meus músculos e na pele lisa do meu rosto.

Lembro-me daquele dia. Pedimos a alguém que estava passando que tirasse nossa fotografia. É um choque. Não vejo uma fotografia onde todos aparecemos juntos há vários anos. Eu havia guardado todas as que tínhamos com medo de que elas afetassem Maddy.

Passo vários minutos observando a foto, embasbacado com as lembranças. Desejando poder estar lá outra vez.

O garçom volta com meu café, interrompendo meu devaneio. Assino o recibo e volto a olhar para o envelope. Há uma data e as palavras Georgica Beach escritas com uma caneta de ponta porosa, mas nada além disso.

Pego a segunda fotografia. Mostra Harry e Claire. Parecem estar em Paris, e me parabenizo silenciosamente quando a viro e vejo as palavras basílica Sacré-Coeur escritas no verso. Eles estão lado a lado como um casal em lua de mel. O advogado dentro de mim se agita. Essa é a prova, a arma do crime, se quiser encarar as coisas dessa maneira. Não que tivesse qualquer dúvida, mas, finalmente, aqui está a evidência física de que tudo realmente aconteceu.

A última fotografia, na verdade, é um cartão de Natal. Nele há um retrato de uma família feliz. Claire e seu marido estão sentados em um gramado verde com dois meninos e um golden retriever. O marido é moreno, assim como Claire, bonito, magro e com dentes brancos. Parece puro, como uma pessoa que pratica triatlo. Suas mãos estão nos ombros do garoto menor, uma cópia do pai em miniatura. O outro garoto, consideravelmente mais velho, está do outro lado da sua mãe. Diferentemente de seu irmão, ele é loiro e tem olhos azuis. Há algo familiar nele.

Quantos anos Claire disse que seu filho tinha? Faço um cálculo mental rápido. O resultado bate. Será que sabia que podia estar grávida no dia em que o funeral ocorreu? E, mesmo assim, no decorrer dos anos, ela não disse nada, não pediu nada. Volto a guardar as fotografias no envelope e o recoloco em meu bolso.

Dirijo de volta a Long Island no fim da tarde, chegando antes do jantar. Maddy está na biblioteca olhando para a televisão quando chego. Um copo de vodca com refrigerante está à sua frente, a condensação do gelo formando uma pequena poça embaixo do copo. Há velhas mar-cas circulares agora por cima de todo o tampo da mesa. Acendo as luzes e coloco um porta-copos por baixo da bebida dela. As noites ainda estão frias, e acendo a lareira. Ela não diz nada.

Esta época do ano é ruim para ela. Raramente falamos a respeito, mas sei que o aniversário do acidente é algo difícil de suportar. Além de certificar-me de que temos bastante vodca, cigarros, Prozac e Ambien na casa, não há muito mais que eu possa fazer por ela. Apesar da dor que sente, ela se recusa a ir a qualquer outro lugar. Todos os anos sugiro que poderíamos ficar na Flórida, mas ela não aceita a ideia. Para ela, é importante estar aqui, estar o mais perto possível do último lugar onde eles estiveram durante seus últimos momentos.

Como acontece quando não saímos ou pedimos comida a um restaurante, cozinheiro, algo para o qual nunca tive muito talento. Mas Maddy não se importa. Eu poderia lhe servir qualquer coisa — um filé do Lobel's ou comida para gatos — e ela comeria com o mesmo ar de desinteresse.

— Como foi seu almoço? — ela pergunta, cortando um pernil de carneiro que passou do ponto.

Gosto quando ela pergunta. Ela está se esforçando. Seu médico a estimula. Sei que ela não se importa nem um pouco com o que aconteceu no meu dia. É claro, neste caso específico, se eu contasse o que realmente fiz ou com quem estive, ela se importaria bastante.

— Bem. Um caso antigo. Amarrando algumas pontas soltas.

— Ah, sim — ela diz. Já perdeu o interesse. Comemos em silêncio na velha mesa da cozinha com a toalha amarela, onde Genevieve e Robert costumavam se sentar há vários anos. Decidimos que a sala de jantar, com o papel de parede Zuber, era formal demais.

Observo-a. Ela está mais velha agora, com mais sinais da idade, mas ainda é capaz de me tirar o fôlego. Como sempre, quero dizer que a amo, mas não posso. Isso simplesmente a irritaria. É doloroso para ela pensar em amor. Assim, simplesmente murmuro as palavras para mim mesmo, oferecendo-as ao céu como uma prece silenciosa.

Depois do jantar, Maddy se recolhe, como de costume, e eu lavo a louça. Em seguida, sirvo-me de um copo de conhaque, abro as janelas e coloco Verdi para tocar. Usando um casaco contra a noite

fria de abril, vou até o gramado atrás da casa, levando minha taça comigo, para me sentar em uma das cadeiras Adirondack que ficam de frente para a água resplandecente da lagoa. A noite está bonita. Há milhões de estrelas no céu.

As notas de "La Traviatta" acariciam o ar. Este é um dos meus horários favoritos. Minha mente fica livre para explorar e comungar com minhas lembranças. Meus olhos brincam por sobre a vista familiar. O brilho noturno e etéreo da lagoa. As formas escuras das árvores se erguem como velhas amigas, farfalhando gentilmente em meio à brisa. Adoro essa fuga sombria das cores, todos os roxos, os pratas e os pretos. A árvore mais próxima de onde estou, talvez há uns cinco metros de distância, está bem iluminada pelas luzes da casa. Ela se ergue acima de mim, inclinando-se levemente como se também estivesse escutando a música. Observo como os galhos compõem a copa de folhas novas. Fico maravilhado com o quanto os ramos estão emaranhados, mas, ao mesmo tempo, com o quanto são bonitos, filigranas impossíveis de seguir com os olhos, tão complexas, e ao mesmo tempo tão simples quanto uma chuva de diamantes. O quanto são altas, graciosas e nobres essas árvores, quanto tempo demoraram para crescer e ficar tão altas, e, ainda assim, o quanto é fácil derrubá-las.

Um vento forte, um machado. A mão do homem ou da natureza. Não importa. Eu poderia ligar para o meu jardineiro amanhã e mandar que todas fossem cortadas e transformadas em lenha. Todos somos vulneráveis. Por um longo tempo penso nas fotografias, no que Claire queria que eu soubesse. É mais do que posso fazer.

Levo meu copo de volta para dentro da casa e tiro o envelope do bolso do meu paletó que deixei por cima do encosto de uma das cadeiras da cozinha. Vou para a biblioteca. O fogo ainda está aceso e vivo na lareira, e o atijo com uma vara de metal. Verdi enche a sala. As chamas se erguem ainda mais. Pego as fotografias e o envelope e jogo tudo no fogo. Fico ali, aguardando até que cada vestígio delas desapareça, desculpando-me silenciosamente.



Isso aconteceu há vários anos. Ainda penso em Claire. Em Maddy. Em Harry e Johnny. Eles nunca estão longe de meus pensamentos. Maddy e eu estamos velhos agora. Ela está morrendo lentamente no quarto ao lado, respirando com a ajuda de um aparelho, uma figura murcha encolhida na cama, assistida por enfermeiras durante as 24 horas do dia, com as cortinas fechadas. Nunca foi capaz de parar de fumar. Não havia motivos para discutir. Ela pediu para voltar da Flórida até aqui para que pudesse morrer, e consenti. Foi a última coisa que eu podia fazer por ela. Assim, contratei uma ambulância para fazer todo o percurso enquanto eu seguia num outro carro logo atrás.

— Obrigada por tudo — ela se esforça para dizer. Sento--me a seu lado, segurando sua mão em meio à escuridão do quarto, tentando ser forte por nós dois, mas sabendo que ela está se sentindo secretamente aliviada por poder finalmente partir. Não fiz nada por ela, mas ela foi tudo para mim. — Está tudo bem, meu amor — sussurro. — Descanse. Tudo vai acabar logo. Você estará com eles em breve, prometo.

E sei que, de várias formas, ela já está. Em seus lábios vejo o contorno suave de um sorriso, dando boas-vindas à paz que lhe foi negada durante tanto tempo. Estas últimas décadas de sua vida foram um inferno para ela, e não foi a primeira vez que me perguntei como Deus foi capaz de criar algo tão belo, puro e perfeito como Maddy apenas para torturá-la. Era cruel. Não fazia sentido. Era como os artistas que morreram nas câmaras de gás dos campos de concentração nazistas. Todos aqueles poetas, músicos, dançarinos, pessoas que, depois de anos de estudo, anos de sacrifício para que pudessem espalhar a esperança e enriquecer a vida, foram mortas, ceifadas, e sua voz foi perdida para sempre. Por quê? Por que alguém recebe dons especiais se não poderá usá-los?

Maddy não fizera nada de errado, mas foi a escolhida para sofrer. Sei que, no fundo de seu coração, ela colocava uma parcela da

culpa em si mesma. — Se não tivesse ido ao México — ela gritou incontáveis vezes. Disse a ela que ela não teve culpa, que o que houve não tinha nada a ver com ela, mas ela nunca conseguiu acreditar em mim. Seus médicos tentaram fazer a mesma coisa, mas os resultados foram similares. O coração humano precisa encontrar fardos para carregar, assumir a responsabilidade por suas perdas. Caso contrário, explodirá.



Jogo as cinzas de Maddy sobre as águas da lagoa tam-bém. Há apenas algumas pessoas como testemunha. Ned e Cissy estão comigo, mas Ned não consegue mais carregar a canoa sozinho. Contrato alguns rapazes para ajudar com isso, netos de amigos. Eles remam e me levam até o meio da lagoa, e choro em silêncio enquanto gentilmente espalho o pó que restou dela sobre a água. Fico surpreso com o quanto aquelas cinzas parecem leves e insubstanciais. Essas cinzas já foram a pessoa que eu mais amei, sua pele, seus olhos, seus cabelos. Tudo foi reduzido a pó. A nada. Dissolvendo-se na água. Desaparecendo. E, ainda assim, sei que é aqui que ela gostaria de estar mais do que em qualquer outro lugar. Fico feliz por finalmente poder reuni-los depois de sua morte.

No dia seguinte mando que seu nome e datas sejam adicionados à pedra, ao lado do nome do marido e do filho. Conforto-me ao pensar que, se existe um céu, eles estão reunidos agora. É por isso que, de qualquer maneira, rezo.

Vivi em meio a fantasmas durante vários anos. Os fantasmas de Harry e Johnny, o fantasma de meu pai, e, mesmo enquanto ainda estava viva, o fantasma de Maddy. Eles me assombram, incapazes de morrer completamente porque ainda vivem em minha memória. São meus heróis, minha estrela-guia, e passei a minha vida inteira tentando segui-los. No fim, o que me resta é a dor representada por aquilo que poderia ter acontecido. Tomamos muitas decisões certas na vida, mas são as decisões erradas que nunca podem ser perdoadas.

Agradecimentos

GOSTARIA DE AGRADECER A MUITAS PESSOAS pela ajuda que me prestaram na criação deste livro, de maneira direta ou indireta. Em primeiro lugar, quero agradecer a Sharyn Rosenblum, que foi uma boa alma e concordou em ler o original inacabado, devido mais ao senso de decência do que ao senso comum, e que, posteriormente, me abriu muitas portas. Também gostaria de agradecer, sem estabelecer uma ordem em particular, a Chris Herrmann, Joseph Lorino, Charlie Miller, Brendan Dillon, David Churbuck, Chris Buckley e Bill Duryea por sua amizade, assim como todo o feedback positivo que me deram. Agradeço também a Margaret Douglas-Hamilton, que abriu as portas de sua bela casa em Lakeville, onde escrevi boa parte deste livro. Também tive a sorte de conhecer as pessoas que trabalharam comigo para transformar este livro em realidade, especialmente a meus agentes, Britton Schey e Eric Simonoff da William Morris Endeavor, e, é claro, a meu sábio, esforçado, paciente, bem-humorado e culto editor, Henry Ferris da William Morrow.

Por último, quero agradecer a minha mãe, Isabella Breckindirge; a minha irmã, Alexandra; a minha madrasta, Barbara; a meu falecido pai, Arthur; a meu filho, William; a minha filha, Lally; e a minha bela esposa, Melinda, por todo seu amor e apoio.

Este livro foi publicado em 2013 pela Companhia Editora Nacional. Impresso pela IBEP Gráfica, São Paulo.



INDISCRETO

charles dubow

 Companhia
Editora Nacional